

U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA



FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Re-Habitar *as Ruínas e os Vazios* do Barreiro

Mariana Saraiva da Conceição Santiago

Dissertação de Natureza Científica elaborada para a Obtenção do
Grau de Mestre em Arquitetura

Orientação Científica:

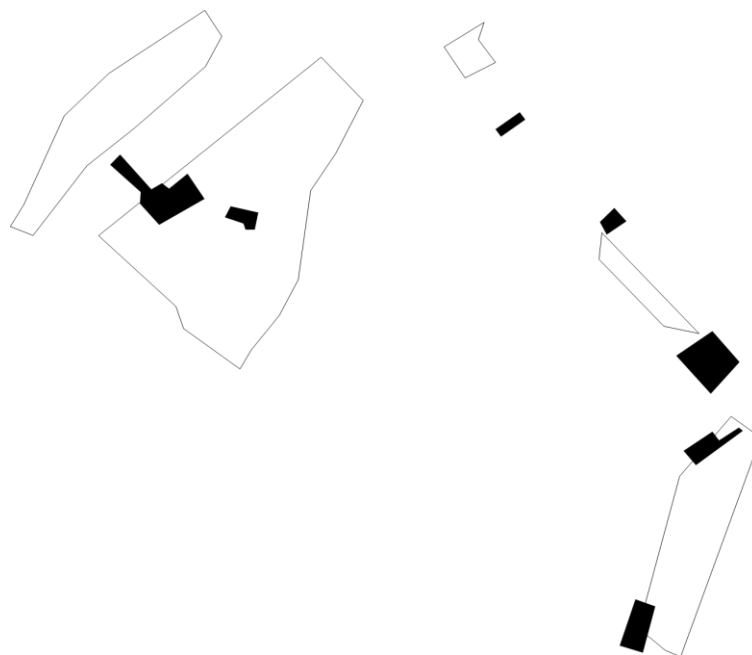
Professora Doutora Maria Teresa Salgueiro Vasconcelos e Sá
Professor Doutor José Luís Mourato Crespo

Júri:

Presidente: Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues
Vogal: Professora Doutora Cristina Soares Gomes Ribeiro Cavaco

Documento Definitivo

Lisboa, FA ULisboa, Dezembro, 2017



*"A cidade marca-nos e nós
marcamos as cidades e devíamos
gostar mais delas para que elas
gostassem (ainda) mais de nós."*

Manuel Graça Dias, 2007

Figura 1
Esquema, Ruínas e Vazios no
Barreiro, 2017

Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero agradecer aos meus orientadores, professora Teresa Sá e professor José Luís Crespo, pelo interesse e disponibilidade que sempre revelaram, e sem os quais, este trabalho não teria sido possível.

Agradeço aos meus pais e a toda a minha família pela oportunidade e persistentes palavras de força. Deixo um especial agradecimento à minha tia, que me possibilitou um conjunto de conversas com arquitetos locais, que representaram um grande contributo face a esta pesquisa.

Por fim, agradeço ao Diogo, aos meus amigos e aos meus colegas, pela paciência durante todo o processo, e acima de tudo, por nunca duvidarem de mim.

Re-Habitar as Ruínas e os Vazios do Barreiro

Mariana Saraiva da Conceição Santiago

Orientação:

Professora Doutora Maria Teresa Salgueiro Vasconcelos e Sá

Professor Doutor José Luís Mourato Crespo

Mestrado em Arquitetura

Dezembro, 2017

Resumo

Esta pesquisa iniciou-se com um questionamento acerca da cidade do Barreiro na sua condição de cidade periférica e pós-industrial. Sendo notória a falta de coesão, e a forte existência de fragmentos distribuídos pela cidade, partiu-se do seu centro a fim de desenvolver a investigação. Concluiu-se que estes fragmentos compõem pequenas partes da sua história, tornando o peso da memória um dos principais motes deste estudo. Numa segunda fase, visou-se a compreensão de tentativas de resolução a nível de planeamento urbano, aferindo que por vezes, que foi o próprio planeamento que reforçou os fragmentos. Deste modo, numa ótica de união dos diferentes pontos da cidade, desenvolveu-se por fim uma estratégia. Tendo por base conceitos de grande e pequena escala, respetivamente, a Acupuntura Urbana e a Re-habitação, uniram-se os pedaços soltos de história urbana que se representam por Ruínas e Vazios. É no “Percurso da Memória” que se cose estes pontos, integrando-os de novo na malha, através de gestos acupunturais que visam a melhoria do espaço público da cidade, a par da sua devolução habitantes, para que estes possam Re-Habitar a sua cidade.

Palavras-Chave: Ruínas; Vazios Urbanos; Acupuntura Urbana; Re-habitar; Barreiro

Re-Habitar as Ruínas e os Vazios do Barreiro

Mariana Saraiva da Conceição Santiago

Supervision:

Professora Doutora Maria Teresa Salgueiro Vasconcelos e Sá

Professor Doutor José Luís Mourato Crespo

Master in Architecture

December, 2017

Abstract

This research began within a questioning about the city of Barreiro in its contemporary, suburban and post industrial condition. It was notorious its lack of cohesion and the existence of fragments distributed in the course of the city. The center of the city served as the main point of the investigation, in order to understand its desfragmentation. The pieces that make the city constitute little parts of its own history, that being, the weight of memory was one of the main *mottos* of the study. It was aimed to understand the various attempts of resolution that already took place, in terms of urban planning, and it was concluded that sometimes it was the urban planning by itself that reinforced the fragments. Therefore, in order to attach the different points in the city, it was ultimately developed a strategy. Based on large and small scale concepts, respectively: urban acupuncture and re-habitation, the urban pieces of history were united, represented by *ruins* and *urban voids*.

Key Words: Ruins; Urban Voids; Public Space; Re-habitation; Urban Acupuncture; Barreiro

Índice

Agradecimentos.....	IV
Resumo	VI
<i>Abstract</i>	VIII
Índice	X
Índice de Figuras.....	XII
Lista de Siglas.....	XXVII
I. Introdução.....	1
II. Acerca de Ruínas e Vazios.....	7
1. Sobre Ruínas: Um Entendimento Histórico e Simbólico.....	11
2. Sobre Vazios: um convite à possibilidade.....	33
3. Síntese Conclusiva.....	49
III. O Barreiro: uma compreensão histórica, urbanística e social.....	51
1. Enquadramento e Localização	55
2. Caracterização Histórica.....	59
4. Vida Cultural e Associativa.....	89
5. Património Histórico e Associativo.....	99
6. Instrumentos de Planeamento e Projetos.....	106
7. Síntese Conclusiva.....	147
IV. Propostas de Estratégias de Intervenção no Barreiro.....	151
1. Observação: uma viagem sensitiva.....	154
2. Duas estratégias: Acupuntura Urbana e Re-habitar	160
3. Re-Habitar as Ruínas e os Vazios do Barreiro	188
V. Conclusão e Considerações Finais.....	197
Bibliografia	201
Anexos.....	213



Figura 2
Fotografia, Vista Barreiro Sueste, da autora, 2017

Índice de Figuras

- Figura 1** Esquema, *Ruínas e Vazios no Barreiro*, fonte: da autora, 2017 III
- Figura 2** Fotografia, Vista Barreiro Sueste, 2017, fonte: da autora.....XI
- Figura 3** Fotografia Aérea, Barreiro e Área Envolvente, 2016, fonte: Bing Maps.....2
- Figura 4** Fotografia, Splitting, Gordon Matta-Clark, 1974, fonte: <https://www.sfmoma.org/artwork/2001.411.H> 8
- Figura 5** Fotografia, *Quinta Braamcamp*, Barreiro, 2006, fonte: da autora..... 15
- Figura 6** Aguarela em papel, *Ruins on the Palatine Hill*, Roma, J.M. William Turner, 1794 fonte: <http://www.tate.org.uk/art/artworks/turner-girtin-rome-ruins-on-the-palatine-hill-d36428>..... 17
- Figura 7** Gravura, *Avanzi d'un portico coperto, o criptoportico, in una villa di Domiziano*, Giovanni Battista Piranesi, 1766, fonte: http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details/collection_image_gallery.aspx?assetId=279028001&objectId=3001400&partId=1 17
- Figura 8** Gravura, *Carceri*, Giovanni Battista Piranesi, 1745-1750, fonte: <http://www.italianways.com/piranesis-imaginary-prisons> 18
- Figura 9** Fotografia, *Pompeii With Vesuvius*, Pompeia, 2010, fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pompeii%26/> 18
- Figura 10** Fotografia, *Plano para a Ville Radieuse*, Le Corbusier, 1924, fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/787030/classicos-da-arquitetura-ville-radieuse-le-corbusier/51fae821e8e44ea2b0000016-ad-classics-ville-radieuse-le-corbusier-image> 22

Figura 11 Fotografia, <i>Plano para a Ville Radieuse</i> , Le Corbusier, 1924, fonte: https://www.archdaily.com.br/br/787030/classicos-da-arquitetura-ville-radieuse-le-corbusier/52001cc3e8e44e6db0000007-ad-classics-ville-radieuse-le-corbusier-image	22
Figura 12 Fotografia, <i>Demolição do Complexo Pruitt Igoe</i> , St. Louis, Missouri, 1973, fonte: http://www.revistapunkto.com/2012/03/black-archive-04-implooes-projecto-e.html	24
Figura 13 Fotografia, <i>Azeville</i> , Jane e Louise Wilson, 2006, fonte: http://www.tate.org.uk/art/artworks/wilson-azeville-p80083	25
Figura 14 Colagem, <i>Advertisements for Architecture</i> , Bernard Tshumi, 1976-1977, fonte: http://www.tschumi.com/projects	28
Figura 15 Fotografia, <i>Hotel Palenque</i> , New Jersey, Robert Smithson, 1969-1972, fonte: https://www.guggenheim.org/artwork/5321	28
Figura 16 Fotografia, <i>Museu Kolumba</i> , Cologne, Alemanha, Jose Fernando Vasquez, 2012, fonte: https://www.archdaily.com.br/br/01-58125/museu-kolumba-peter-zumthor/1281116925-6-custom/ /19/	32
Figura 17 (à direita) Fotografia, <i>Museu Kolumba</i> , Cologne, Alemanha, Jaime Silva, 2016, fonte: https://www.inexhibit.com/mymuseum/kolumba-art-museum-cologne-peter-zumthor/	32
Figura 18 Fotografia, <i>Bunker 599</i> , Holanda, RAAAF, 2010, fonte: https://www.archdaily.com/256984/bunker-599-rietveld-landscape/500de49f28ba0d60a200002a-bunker-599-rietveld-landscape-atelier-de-lyon-photo	32
Figura 19 Fotografia, <i>Castelo de Astley</i> , RIBA, 2013, fonte: https://www.archdaily.com/434184/critical-round-up-stirling-prize-2013/524b4445e8e44ecb1700038a-critical-round-up-stirling-prize-2013-photo	32
Figura 20 Fotografia, <i>Renovação do Castelo de Astley</i> , 2012, fonte: http://www.arteblog.com/2013/10/renovacao-do-castelo-de-astley.html/	32

Figura 21 Fotografia, <i>Vazio Expectante</i> , Barreiro, 2016, fonte: da autora	34
Figura 22 (à esquerda) Fotografia, <i>Non-Stop City</i> , Archizoom, 1968, fonte: http://www.mediaartnet.org/artist/archizoom/biography/	37
Figura 23 Fotomontagem, <i>SuperSurface</i> , Superstudio, 1974, fonte: http://rndrd.com/n/1690	37
Figura 24 Desenho, <i>Study for Nighthawks</i> , Edward Hopper, 194, fonte: https://aphelis.net/studies-nighthawks-edward-hopper/	39
Figura 25 <i>Frame</i> do filme <i>As Asas do Desejo</i> , 1987, fonte: https://thefunambulist.net/cinema/cinema-der-erzahler-the-storyteller-in-wim-wenders-wings-of-desire	39
Figura 26 Fotografia, <i>Bonjour Tristesse</i> , Berlim, Marta Caruso, 2010, fonte: https://www.flickr.com/photos/tra_ma/4901491011	40
Figura 27 Fotografia, <i>Vazio Infraestrutural / Intersticial/Residual</i> , Barreiro, 2016, fonte: da autora.....	43
Figura 28 Fotografia, <i>Vazio Expectante</i> , Barreiro, 2016, fonte: da autora	44
Figura 29 Fotografia, <i>High Line</i> , Nova Iorque, Iwan Baan, 2009, fonte: https://www.archdaily.com/24362/the-new-york-high-line-officially-open/929622306_dsr-highline-09-06-5510	46
Figura 30 Fotografia, <i>High Line</i> , Nova Iorque, Iwan Baan, 2009, fonte: https://www.archdaily.com/24362/the-new-york-high-line-officially-open/708494975_dsr-highline-09-06-5038	46
Figura 31 Fotografia, <i>City Square Developing</i> , Roger Wagner, fonte: https://www.archdaily.com/186202/city-square-developing-alleswirdgut/5016c7c328ba0d1416001107-city-square-developing-alleswirdgut-photo	46
Figura 32 Fotografia, <i>Place Léon</i> , Aucoc, Bordeaux, Lacaton & Vassal, fonte: http://www.lacatonvassal.com/index.php?idp=37&idi=1287 >	48
Figura 33 Mapa, <i>Carta Militar n° 442</i> , 1961, fonte: Arquivo Municipal do Barreiro	52

Figura 34 Mapas, <i>Processo de Crescimento Urbano do Barreiro</i> , Câmara Municipal do Barreiro, fonte: Arquivo Municipal do Barreiro.....	54
Figura 35 Fotografia, <i>Fragata no Rio Tejo</i> , Barreiro, Augusto Cabrita, 1940, fonte: Arquivo Municipal de Lisboa	56
Figura 36 Mapa, <i>Extrato da Carta dos Arredores de Lisboa</i> , IPCC, 1816, fonte: Arquivo Municipal do Barreiro.....	58
Figura 37 Fotografia, <i>Pescadores no Barreiro</i> , Augusto Cabrita, 1940-1960, fonte: Aguiar, J., Gomes, G., Calado, J. (1999) <i>Na Outra Margem –o Barreiro nos Anos 40-60</i> , Companhia União Fabril, Lisboa.....	60
Figura 38 Ilustração, <i>Igreja de Santa Cruz, repartição de fazenda e tribunal</i> , Barreiro, 1898, fonte: <i>Um Olhar Sobre o Barreiro, Final do Século XIX Princípios do Século XX</i> , 1987	61
Figura 39 Fotografia, <i>Quinta da Cerca/ Travessa do Prior</i> , CMB, fonte: http://www.cm-barreiro.pt/pages/850	62
Figura 40 Fotografia, <i>Largo Rompana</i> , fonte: https://i.pinimg.com/originals/94/f4/d7/94f4d71039b641158a9f4c1e4df52cef.jpg	62
Figura 41 Fotografia, <i>Família de Pescadores na Praia de Alburrica (...)</i> , Barreiro, João Bento Pereira dos Santos, fonte: <i>Um Olhar Sobre o Barreiro -Número Especial História dos Moinhos do Barreiro, nº2 – III série</i> , 1993.....	65
Figura 42 Fotografia, <i>Bebedouro no Largo do Moinho Pequeno</i> , Barreiro, 1940, fonte: Arquivo Municipal de Lisboa	65
Figura 43 Fotografia, <i>Prova de Natação dos J.J.B. (...) Partida do Moinho Grande</i> , Barreiro, José Trindade, fonte: <i>Um Olhar Sobre o Barreiro -Número Especial História dos Moinhos do Barreiro, nº2 – III série</i> , 1993.....	65
Figura 44 Fotografia, <i>Balbino Martins Jr.-Maquinista dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste</i> , Barreiro, fonte: http://memoriaefuturo.cm-barreiro.pt/pt/portal/espaco-memoria/rota-do-trabalho-e-da-industria/industrializacao-e-movimento-operario/movimento-operario.html	69

- Figura 45** Fotografia, *Estação Ferroviária Sul e Sueste*, Barreiro, Augusto Cabrita fonte: Aguiar, J., Gomes, G., Calado, J. (1999) *Na Outra Margem –o Barreiro nos Anos 40-60*, Companhia União Fabril, Lisboa **69**
- Figura 46** Cabeçalho de Jornal, *O Sul e Sueste*, fonte: *Um Olhar Sobre o Barreiro*..... **70**
- Figura 47** Fotografia, Transportando cortiça na Sociedade Granuladora de Cortiça, Barreiro, Arnaldo Madureira 1940, fonte:
<http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=293914&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1> **73**
- Figura 48** Fotografia, *Operárias nas instalações da Sociedade Granuladora de Cortiça*, Barreiro, Arnaldo Madureira 1940, fonte:
<http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=293913&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1> **73**
- Figura 49** Fotografia, *Fábrica de Cortiça O. Herrold, Lda*, Barreiro, início do Século XX, José Frágoso, fonte: Viegas, A. *Um Olhar Sobre o Barreiro*, 1987, nº5 **75**
- Figura 50** Fotografia, Sociedade Nacional de Cortiça, Barreiro, Arnaldo Madureira, 1940, fonte: <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=294075&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1> **76**
- Figura 51** Fotografia, Depósito da Sociedade Nacional de Cortiça, Barreiro, Arnaldo Madureira, 1940, fonte: <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9526e778874e0001e240&Pos=1&Tipo=PCD una=1> **76**
- Figura 52** Fotografia aérea, *Zona Industrial CUF*, Barreiro, Augusto Cabrita, fonte: Aguiar, J., Gomes, G., Calado, J. (1999) *Na Outra Margem –o Barreiro nos Anos 40-60*, Companhia União Fabril, Lisboa **78**
- Figura 53** Fotografia aérea, *Zona Industrial CUF*, Barreiro, Augusto Cabrita, fonte: Aguiar, J., Gomes, G., Calado, J. (1999) *Na Outra Margem –o Barreiro nos Anos 40-60*, Companhia União Fabril, Lisboa **78**

Figura 54 Gráfico, <i>Evolução Populacional do ano 1878 ao ano 1940, 2017</i> , fonte: da autora, 2017	78
Figura 55 Fotografia, <i>Supermercado CUF</i> , fonte: Arquivo Municipal do Barreiro	80
Figura 56 Fotografia, <i>Bairro de Santa Bárbara</i> , fonte: Arquivo Municipal do Barreiro	80
Figura 57 Fotografia, <i>Greve dos operários da Companhia União Fabril, Alcântara, 1911</i> , fonte: https://patrimoniobarreiro.wordpress.com/publicacoes/artigos/lutas-operarias-na-cuf-barreiro/	81
Figura 58 Fotografia, <i>1º de Maio, Avenida Alfredo da Silva, Barreiro, 1974</i> , fonte: http://barreiroweb.com/25abril/?p=364	81
Figura 59 Fotografia, <i>Avenida da Bélgica, 1940</i> , fonte: http://memoriaefuturo.cm-barreiro.pt/pt/portal/espaco-memoria/rota-do-trabalho-e-da-industria/industrializacao-e-movimento-operario/movimento-operario.html	83
Figura 60 Fotografia, <i>Baile nos Penicheiros, Augusto Cabrita, Barreiro</i> , fonte: Aguiar, J., Gomes, G., Calado, J. (1999) <i>Na Outra Margem – o Barreiro nos Anos 40-60</i> , Companhia União Fabril, Lisboa.....	89
Figura 61 Fotografia, <i>Edifício dos Franceses</i> , fonte: https://aquelequeamansaocavalodeferro.files.wordpress.com/2015/07/bnp_n61_cx117_jf020.jpg	91
Figura 62 Fotografia, <i>Futebol Clube Barreirense- Entrada no campo de jogos, Barreiro, Artur João Goulart, 1962</i> , fonte: http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/sala/online/ui/searchbasic.aspx?filter=AH;AI;AC;AF	91
Figura 63 Fotografia, <i>CineClube, Barreiro, 2009</i> , fonte: http://www.panoramio.com/photo/25161594	92
Figura 64 Fotografia aérea, <i>Localização das Associações no Barreiro</i> , da autora, 2017, fonte: Bing Maps	94

Figura 65 Logotipo, <i>ADAO</i> , fonte: http://www.associacaodao.org	95
Figura 66 Fotografia, <i>Outfest na ADAO</i> , Barreiro, Virgílio Santos, 2017, fonte: http://www.thresholdmagazine.pt/2017/10/reportagem-outfest-2017-7-de-outubro.html	95
Figura 67 Fotografia, <i>ADAO</i> , Barreiro, 2016, fonte: da autora.....	95
Figura 68 Logotipo, <i>Hey! Patchuco Records</i> , fonte: https://www.discogs.com/label/232229-Hey-Pachuco!	96
Figura 69 Logotipo, <i>Out.ra</i> , fonte: http://www.outra.pt/pt/a-associacao/	97
Figura 70 Planta, <i>Localização do Património Moageiro do Barreiro</i> , 2017, fonte: da autora.....	100
Figura 71 Fotografia, <i>Moinho Pequeno</i> , Barreiro, 2016, fonte: da autora	100
Figura 72 Fotografia, <i>Moinho do Cabo</i> , Barreiro, 2016, fonte: da autora	100
Figura 73 Fotografia, <i>Moinho Grande Barreiro</i> , 2016, fonte: da autora	100
Figura 74 Fotografia, <i>Moinhos de Vento de Alburrica</i> , Barreiro, fonte: http://www.cm-barreiro.pt/frontoffice/pages/792?news_id=5142	100
Figura 75 Planta, <i>Localização do Património Ferroviário do Barreiro</i> , 2017, fonte: da autora.....	102
Figura 76 Fotografia, <i>Rotunda das Máquinas</i> , Barreiro, Nuno Marques, 2013, fonte: http://nmm606.blogspot.pt/2013/01/antiga-oficina-da-cp-no-barreiro.html	102
Figura 77 Fotografia, <i>Armazém dos Despachos</i> , Barreiro, 2016, fonte: da autora	102
Figura 78 Fotografia, <i>Estação Ferro-Fluvial</i> , Barreiro, 2016, fonte: da autora.....	102
Figura 79 Fotografia, <i>Oficinas Gerais Sul e Sueste</i> , Barreiro, 2016, fonte: da autora.....	102

Figura 80 Fotografia, Quinta Braamcamp-Sociedade Nacional de Cortiça, fonte: cedida por José Encarnação.....	103
Figura 81 Fotografia, Maquinaria Quinta Braamcamp-Sociedade Nacional de Cortiça, fonte: cedida por José Encarnação.....	103
Figura 82 Fotografia, Maquinaria Quinta Braamcamp-Sociedade Nacional de Cortiça, fonte: cedida por José Encarnação.....	103
Figura 83 Fotografia, <i>Silo Sulfato de Amónio</i> , Barreiro, fonte: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/itinerarios/arquitetura/15/	104
Figura 84 Fotografia, <i>Bairro Operário Santa Bárbara</i> , Barreiro, fonte: http://www.cm-barreiro.pt/pages/851	104
Figura 85 Fotografia, <i>Teatro-Cine Barreirense</i> , fonte: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/cache/04/52/045226bf84e7c81481155f1d925980dc.jpg	104
Figura 86 Fotografia, <i>Mausoleu Alfredo da Silva</i> , fonte: https://www.cm-barreiro.pt/pages/621	104
Figura 87 Planta, <i>Localização do Património Associativo do Barreiro</i> , 2017, fonte: da autora.....	105
Figura 88 Fotografia, <i>Edifício dos Franceses</i> , fonte: https://aquelequeamansaocavalodeferro.files.wordpress.com/2015/07/bnp_n61_cx117_jf020.jpg	105
Figura 89 Fotografia, <i>Praiese</i> , Barreiro, 2015, fonte: http://www.cm-barreiro.pt/frontoffice/pages/694?event_id=78	105
Figura 90 Fotografia, <i>Fachada Penicheiros</i> , Barreiro, fonte: http://sirb-os-penicheiros.weebly.com/oacutergatildeos-sociais.html	105
Figura 91 Fotografia Aérea, <i>Localização da Área de Intervenção do PU</i> , 2017, da autora, fonte: Bing Maps.....	112
Figura 92 Planta, <i>Plano Urbano</i> , Atelier Risco, 2010, fonte: Proposta do PU.....	117
Figura 93 Fotografia Aérea, <i>Área de Intervenção do European</i> , 2017, fonte: da autora.....	120

Figura 94	Esboço, <i>Programa Between the Lines</i> , 2015, fonte: European	121
Figura 95	Fotomontagem, <i>Between the Lines</i> , 2015, fonte: European...	121
Figura 96	Fotomontagem, <i>Between the Lines</i> , 2015, fonte: European...	121
Figura 97	Axonometria, <i>Insert Coína</i> , 2015, fonte: European.....	122
Figura 98	Fotomontagem, <i>Sewing Spaces in Between</i> , 2015, fonte: European	123
Figura 99	Fotografia Aérea, <i>Área de Alburrica e Ponta do Mexilhoeiro</i> , da autora, 2017, fonte: Bing Maps.....	128
Figura 100	Esboço, <i>Passadiços de Alburrica</i> , Manuel Alves, 2012, fonte: memória descritiva dos passadiços de Alburrica	130
Figura 101	Esboço, <i>Passadiços de Alburrica</i> , Manuel Alves, 2012, fonte: memória descritiva dos passadiços de Alburrica	130
Figura 102	Fotomontagem, <i>Projeto para a Avenida Miguel Pais</i> , Workshop Estejo, 2012.....	134
Figura 103	Esboço, Fotomontagem, <i>Projeto para a Avenida de Sapadores</i> , Workshop Estejo, 2012.....	134
Figura 104	Fotomontagem, <i>Moinho Braamcamp</i> , 2012, fonte: <i>Workshop Estejo</i>	134
Figura 105	Fotografia, <i>Fórum Barreiro</i> , 2008, fonte: http://www.forumbarreiro.pt/informacoes.aspx	142
Figura 106	Fotografia, <i>Mercado 1º de Maio</i> , fonte: http://pavigres.com/fr/projets-de-reference/mercado-municipal-dobarreiro	143
Figura 107	Logotipo, <i>Rede Ciclável</i> , Barreiro, 2015, fonte: http://www.cm-barreiro.pt/frontoffice/pages/792?news_id=5328	146

Figura 108 Esquema, <i>Proposta de Troços Cicláveis</i> , Câmara Municipal do Barreiro, 2015, fonte: http://www.cm-barreiro.pt/uploads/writer_file/document/7472/7265-Rede_ciclavel-proposta_de_trocos_ciclaveis.pdf	146
Figura 109 Fotografia, Cais das Colunas, Lisboa, 2014, fonte: http://pt.trekearth.com/gallery/Europe/Portugal/South/Lisboa/Lisboa/photo1456187.html	153
Figura 110 Fotografia, <i>Chegada ao Cais Fluvial do Barreiro</i> , Barreiro, 2016, fonte: da autora.....	153
Figura 111 Fotografia, Cais Fluvial Barreiro, 2013, fonte: http://www.adn-agenciadenoticias.com/2013/11/greve-para-barcos-entre-barreiro-e.html	153
Figura 112 Fotografia, <i>Estação Ferro-Fluvial Sul e Sueste</i> , Barreiro, 2016, fonte: da autora.....	158
Figura 113 Fotografia, <i>Vazio na Avenida de Sapadores</i> , Barreiro, 2016, fonte: da autora.....	158
Figura 114 Fotografia, <i>Cais na Avenida de Sapadores</i> , Barreiro, 2016, fonte: da autora.....	158
Figura 115 Fotografia, <i>Armazém dos Despachos</i> , Barreiro, 2016, fonte: da autora	158
Figura 116 Fotografia, <i>Doca da Reparação</i> , Barreiro, 2016, fonte: da autora.....	158
Figura 117 Fotografia, <i>Vazio Miguel Pais</i> , Barreiro, 2016, fonte: da autora.....	158
Figura 118 Fotografia, <i>Vazio Miguel Pais</i> , Barreiro,2016, fonte: da autora.....	158
Figura 119 Fotografia, <i>Muralha Miguel Pais</i> , Barreiro, 2016, fonte: da autora.....	158
Figura 120 Fotografia, <i>Ruína Moinho Pequeno</i> , Barreiro, 2016, fonte: da autora	158

Figura 121 Fotografia, <i>Ruínas Armazém do Moinhos</i> , Barreiro, 2016, fonte: da autora.....	158
Figura 122 Fotografia, <i>Ruínas Armazém do Moinhos</i> , Barreiro, 2016, fonte: da autora.....	158
Figura 123 Fotografia, <i>Vazio Miguel Pais</i> , Barreiro, 2016, fonte: da autora.....	158
Figura 124 Fotografia, <i>Entrada na Quinta Braamcamp</i> , Barreiro, 2016, fonte: da autora.....	158
Figura 125 Fotografia, <i>Entrada na Quinta Braamcamp</i> , Barreiro, 2016, fonte: da autora.....	158
Figura 126 Fotografia, <i>Ruínas Quinta Braamcamp</i> , Barreiro, 2016, fonte: da autora.....	158
Figura 127 Fotografia, <i>Evento Oliva Sessions</i> , Oliva Creative Factory, 2012, fonte: http://olivacreativefactory.com/wp/?page_id=319	171
Figura 128 Fotografia, <i>Exterior da Oliva Creative Factory</i> , 2012, fonte: http://olivacreativefactory.com/wp/?page_id=77	171
Figura 129 Fotografia, <i>Exterior do GNRation</i> , Braga, Hugo Carvalho Araujo, fonte: http://www.carvalhoaraujo.com/pt/pro/gnracion-p/	172
Figura 130 Fotografia, <i>Exterior do GNRation</i> , Braga, 2015, fonte: https://www.flickr.com/photos/josecarlosmelodias/10916611454	172
Figura 131 Fotografia, LX Factory, Lisboa, fonte: https://www.insidelisbon.com/pt/package/guia-de-lisboa-parques-e-atracoes-lx-factory/	173
Figura 132 Fotografia, LX Factory, Lisboa, fonte: https://www.lisbonlux.com/lisbon/lx-factory.html	173
Figura 133 Fotografia, Livraria Ler Devagar no LX Factory, Lisboa, fonte: http://liveportugal.pt/ler-devagar/	173
Figura 134 Logotipo, <i>Matadero Madrid</i> , fonte: http://www.mataderomadrid.org/	174

Figura 135	Fotografia, Exterior <i>Matadero</i> , Madrid,	fonte: https://www.esmadrid.com/pt/informacao-turistica/matadero-madrid?utm_referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.pt%2F	175
Figura 136	Fotografia, <i>Matadero</i> , Madrid, 2009,	fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Matadero_Madrid	175
Figura 137	Fotografia, <i>Fachada da Fábrica Braço de Prata</i> , Lisboa,	fonte: http://www.agendax.pt/evento/fabrica-braco-de-prata#.Wi8vBUpl_Dc176	
Figura 138	Fotografia, <i>Exterior da Village Underground</i> , Lisboa,	fonte: http://www.lisbonne-idee.pt/p3254-nao-tem-planos-para-proximo-domingo-village-underground-lisboa.html	177
Figura 139	Fotografia, <i>Pop Brixton</i> , Londres,	fonte: http://thisisfunky.com/venues/pop-brixton/underground-lisboa.html ...	177
Figura 140	Fotografia, <i>The Silver Factory</i> , Andy Wharol Studio,	fonte: http://www.kirbykendrick.com/blog/inside-the-artists-studio/00-andy-warhol-silver-factory-4/	178
Figura 141	Fotografia, <i>Park(ing) a Day</i> ,	fonte: http://meadowblog.net/2015/05/pop-up-parks-take-over-big-city-parking-spaces/parking_day_studios_swa-537x358/	184
Figura 142	Fotografia, <i>Park(ing) a Day</i> ,	fonte: Movimento <i>Parking a Day</i>	184
Figura 143	Fotografia, <i>Park(ing) a day</i> ,	fonte: https://wearehelvetica.wordpress.com/tag/parking-day/	184
Figura 144	Fotografia, <i>Pavement to Parks</i> , São Francisco, 2012,	fonte: http://landscapeinvocation.com/parking-space-turned-public-space-san-francisco-pavement-to-parks-program/ ..	185
Figura 145	Fotografia Aérea, <i>Demarcação da Área de Estudo</i> , Barreiro,	da autora, 2017, fonte: Bing Maps.....	189
Figura 146	Fotografia Aérea, <i>Demarcação do Percurso da Memória, das Ruínas e dos Vazios</i> , Barreiro,	da autora, 2017, fonte: Bing Maps.....	190
Figura 147	Esboço, <i>Percurso da Memória</i> , 2017,	fonte: da autora	191

Figura 148 Fotografia, <i>Interior da Nave Da Estação Ferro-Fluvial</i> , Barreiro, 2016, fonte: da autora.....	193
Figura 149 Fotografia, <i>Pormenor da Estação Ferro-Fluvial</i> , Barreiro, 2016, fonte: da autora.....	193
Figura 150 Fotografia, <i>Pormenor da Estação Ferro-Fluvial</i> , Barreiro, 2016, fonte: da autora.....	193
Figura 151 Fotografia, <i>Fachada Oeste da Estação Ferro-Fluvial</i> , Barreiro, 2016, fonte: da autora.....	193
Figura 152 Fotografia, <i>Estação Ferro-Fluvial e Vazio</i> , Barreiro, 2016, fonte: da autora.....	193
Figura 153 Fotografia, <i>Vazio Entre Estações e Armazém dos Despachos</i> Barreiro, 2016, fonte: da autora.....	193
Figura 154 Fotografia, <i>Vazio Entre Estações e Armazém dos Despachos</i> , Barreiro, 2016, fonte: da autora.....	193
Figura 155 Fotografia, <i>Vazio Miguel Pais</i> , 2016, fonte: da autora.....	195
Figura 156 Fotografia, <i>Ruína Miguel Pais</i> , Barreiro, 2016, fonte: da autora.....	195
Figura 157 Fotografia, <i>Ruína Miguel Pais</i> , Barreiro, Barreiro, 2016, fonte: da autora.....	195
Figura 158 Fotografia, <i>Ruína Miguel Pais</i> , Barreiro, Barreiro, 2016, fonte: da autora.....	195
Figura 159 Fotografia, <i>Ruínas Quinta Braamcamp</i> , Barreiro, 2016, fonte: da autora.....	196
Figura 160 Fotografia, <i>Ruínas Quinta Braamcamp</i> , Barreiro, 2016, fonte: da autora.....	196
Figura 161 Fotografia, <i>Ruínas Quinta Braamcamp</i> , Barreiro, 2016, fonte: da autora.....	196
Figura 162 Fotografia, <i>Caldeira Quinta Braamcamp</i> , Barreiro, 2016, fonte: da autora.....	196

- Figura 163** Fotografia, *Entrada do Moinho Quinta Braamcamp*, Barreiro, 2016, fonte: da autora..... 196
- Figura 164** Fotografia, *Caldeira Quinta Braamcamp pelo vão do Moinho*, Barreiro, 2016, fonte: da autora..... 196
- Figura 165** Fotografia, *Moinho Quinta Braamcamp*, Barreiro, 2016, fonte: da autora..... 196

Lista de Siglas

- ADAO (Associação de Desenvolvimento de Artes e Ofícios)
- AML (Área Metropolitana de Lisboa)
- APL (Administração do Porto de Lisboa)
- ARX (Atelier Portugal Arquitetos, Lda)
- BPI (Banco Português de Investimento)
- CEDRU (Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional e Urbano, Lda.)
- CIAM (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna)
- CMB (Câmara Municipal Barreiro)
- CP (Caminhos de Portugal)
- CUF (Companhia União Fabril)
- DGPC (Direção Geral do Património Cultural)
- DGOTDU (Direcção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano)
- DPGU (Departamento de Planeamento e Gestão Urbanística)
- DRC (Direção Regional de Cultura do Alentejo)
- GNR (Guarda Nacional Republicana)
- IIP (Imóvel de Interesse Público)
- IIM (Imóvel de Interesse Municipal)
- IP (Infraestruturas de Portugal)
- MIM (Monumentos de Interesse Municipal)
- NPK (Arquitetos Paisagistas Associados)
- PARU (Plano de Ação de Regeneração Urbana)
- PDM (Plano Diretor Municipal)
- PEDEPES (Plano Estratégico para o Desenvolvimento da Península de Setúbal)

PERLOVT (Plano Estratégico da Região de Lisboa, Oeste e Vale do Tejo)

PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado)

PNPOT (Programa Nacional de Política do Ordenamento do Território)

POLIS (Programa de Requalificação Urbana e Valorização Ambiental de Cidades)

PROURB (Programa de Reabilitação Urbana do Barreiro Antigo)

PSP (Polícia de Segurança Pública)

PU (Plano de Urbanização)

REPARA (Regeneração Programada da Área Ribeirinha de Alburrica)

RLVT (Região de Lisboa e Vale do Tejo)

SDUB (Sociedade Democrática União Barreirense)

SFB (Sociedade Filarmónica Barreirense)

SIRB (Sociedade Instrução e Recreio Barreirense)

SWOT (Strengths/Weaknesses/Opportunities/Threats)

TCB (Transportes Coletivos do Barreiro)

TTT (Terceira Travessia do Tejo)

UIA (União Internacional de Arquitetos)

UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura)

I. Introdução

*"O mundo inteiro e a memória
inteira do mundo continuamente
desenham a cidade."*

(Álvaro Siza Vieira)



Figura 3

Fotografia Aérea, *Barreiro e Área Envolvente*,
2016

Introdução

É num questionamento acerca das intervenções espaciais nas cidades contemporâneas que nasce o mote da investigação. Parte-se assim de um tema global à volta de dois conceitos chave: a Cidade e a Arquitetura. A fim de delinear e determinar uma pesquisa mais concreta, o trabalho tomou como objeto de estudo o Barreiro, uma cidade à margem de Lisboa. Neste âmbito visou-se a compreensão deste local, contemplando a sua evolução desde os tempos modernos, na qual se privilegiou o entendimento do seu urbanismo, da sua arquitetura e da sua população. A ação do tempo sobre as cidades traduz-se no envelhecimento e inerente esquecimento dos seus edifícios, tornando-os obsoletos marcos arquitetónicos e sociais, mas por vezes cheios de significado na vida coletiva.

Assim os conceitos que se afloraram foram desenvolvidos a fim de explorar respostas teóricas e arquitetónicas já estudadas ou aplicadas em contextos urbanos. Serviram para formular respostas, que poderiam posteriormente, ser empregues na prática. A investigação pressupôs uma orientação teórica assente numa constante interação com o seu objeto empírico, algo que se intentou preservar ao longo de todo o trabalho. No decurso da leitura, são compreendidas algumas visões já formuladas acerca da cidade, nomeadamente qual a sua importância e a consequente influência destes na arquitetura. Importa sublinhar, que embora não exista um capítulo restritamente destinado a esta matéria, em todos os subtemas delineados se descobre esta relação intrínseca.

Num primeiro momento, compreenderam-se os principais aspetos que caracterizam o Barreiro, decorrentes de uma observação detalhada desta cidade. Assim, tomaram-se as Ruínas e os Vazios urbanos como dois conceitos de pertinente análise. Na abordagem destas noções surgem ancoradas outras discussões, como é o caso do património, da memória e da preservação, temas que se destacam na investigação desenvolvida por Françoise Choay através dos autores que cita, tais como Ruskin, Viollet Le Duc e Giovannoni. Numa busca pela clarificação do efeito das Ruínas e dos Vazios, foi necessária uma revisão teórica em busca do peso, do

significado e do sentido destas manifestações nas cidades contemporâneas. Caracterizados pelo sentimento utópico e nostálgico, ambos os fenómenos urbanos são pontos-chave na cidade do Barreiro, os quais têm sido alvo de diferentes reflexões e abordagens.

Seguidamente estudou-se o objeto empírico de uma forma aprofundada – o Barreiro. Explorou-se por meio de pesquisa documental e de observação no local, os seus momentos históricos, a importância do seu associativismo, das iniciativas que até à data aconteceram, e dos instrumentos de planeamento programados. Este capítulo tomou-se como alicerce para o entendimento dos vários eventos em foco: a cidade, e a ocorrência dos vazios e das ruínas. Nesta fase, as formas abstratas que se recolheram das bases teóricas começaram a ganhar forma, as ruínas e os vazios, materializam e simbolizam para o Barreiro, pedaços da sua história, da sua população e da sua memória coletiva. A fim de concluir a análise, foram também realizadas entrevistas semi-directivas, a atores intervenientes no espaço assim como assistido a conferências de modo a compreender as necessidades da população.

Por fim, procuraram-se estratégias que fossem ao encontro da preservação do património existente na cidade, tendo em conta as várias tipologias que este património contempla e privilegiando a Revitalização da cidade: o termo que melhor reflete a linha interventiva que se defende. Procedeu-se à análise e definição de três conceitos chave: Acupuntura Urbana, retratada pelos arquitetos Jaime Lerner e Manuel de Sòla-Morales, consistindo numa ação integrada da intervenção em pontos específicos da cidade, à semelhança da acupuntura medicinal; Urbanismo Tático, um conceito emergente que considera intervenções de menor escala a fim de revitalizar determinadas áreas da cidade, e Re-Habitar, uma conceção criada por um conjunto de arquitetos, liderados por Xavier Monteys que contempla o ato de voltar a habitar através de um novo uso. Estas definições combinaram uma análise teórica, assim como o estudo de casos de referência relativos a cada um dos conceitos. Ambas se oferecem como estratégias que combinam urbanismo, arquitetura e ciências sociais, fundamentando a indissociabilidade dos dois. O culminar da investigação resulta numa estratégia concetual que assenta na viabilidade

e aplicabilidade dos três conceitos de forma a integrar as *Ruínas* e os *Vazios*, na cidade do Barreiro. É assim, em torno desta questão que se centra esta dissertação, numa busca e procura de abordagens experimentais de intervenção na cidade, nas suas Ruínas e nos seus Vazios.

Objetivos

O principal objetivo desta investigação foca-se na procura de propostas para a Re-Habitação do Barreiro, resultando em ideias que podem ser sintetizadas nas palavras, Revitalizar, Preservar, Dignificar a Reafirmar. Assim, a fim de cumprir esta Re-habitação, pretende-se também:

1. Contribuir para a discussão existente em relação à transformação de espaços da cidade que se tomam atualmente como fragmentos, tomando as ruínas e os vazios como casos paradigmáticos deste fenómeno, assumindo o potencial de que se dotam estes espaços.
2. Reafirmar a importância de intervenção numa cidade como o Barreiro, a fim de quebrar o estigma existente em relação à outra margem. Esta afirmação refletir-se-á numa procura pelas histórias e tradição deste local, enraizada nas suas pegadas urbanísticas, arquitetónicas e populacionais.
3. Por fim, tenciona-se encontrar respostas face à desfragmentação do espaço, por meio do estudo de estratégias que observem um aumento da qualidade de vida dos habitantes, através do seu espaço público, fomentando assim a Re-Habitação do espaço urbano.

Metodologia e Desenho da Investigação

De forma a cumprir os objetivos deste trabalho procedeu-se à análise documental qualitativa que aborda os temas assomados. Deste modo, foi feita uma revisão literária (por meio de livros, artigos de revista, mapas, documentos de arquivo, entre outros), com o propósito de entender as demais questões que foram já referidas e problematizadas em relação aos temas do trabalho. Assim sendo, esta pesquisa expressa-se numa análise histórica e necessariamente teórica. A revisão histórica focou-se na percepção da evolução da cidade tendo em conta as Ruínas e Vazios, englobando outros debates de igual importância em relação ao Património, ou ao Espaço Público, numa tentativa de identificar a importância destas noções na contemporaneidade.

Considerando que um dos temas centrais do trabalho se toma por uma cidade concreta: um objeto empírico, por oposição a uma forma abstrata. Foi utilizada a técnica da observação direta, a fim de perceber os comportamentos e fluxos quotidianos da cidade, do qual resultou essencialmente uma série de registos fotográficos, em diferentes dias da semana e horas do dia. De igual modo, e a fim de aprofundar e afinar algumas questões do trabalho, foram realizados diversos contactos com as populações, assim como entrevistas semidiretivas, beneficiando da liberdade que este género de entrevistas pode ditar.

A fim de determinar as soluções arquitetónicas plausíveis de concretizar a Re-Habitação do Barreiro, estudaram-se casos de referência nos vários capítulos, apontando o foco àqueles que se ofereciam, até certo ponto, contempladores de situações de preservação patrimonial e estética, das ruínas, dos vazios e da memória coletiva.

II. Acerca de Ruínas e Vazios

"Contudo, ao cair da tarde ou à luz do amanhecer, essas ruínas não careciam de dignidade, sentinelas envelhecidas que montavam uma desusada guarda em frente ao horizonte vazio (...)."

(Marc Augé, 2003, p.22)



Figura 4
Fotografia, *Splitting*,
Gordon Matta-Clark, 1974

Introdução

Semelhantes entre si, as ruínas e os vazios são ambos fenômenos das cidades contemporâneas que têm vindo a ser analisados ao longo dos anos. A sua proximidade revela-se através da discussão que deixam em aberto: destruir ou preservar, construir ou desconstruir. Nesta dissertação as ruínas e os vazios serão avaliados separadamente, uma vez que as suas linhas temporais não são paralelas, embora existam, entre eles, pontos históricos concordantes: mudanças de paradigmas, guerras, ou conflitos, questionamentos interiores globalizados (como os da época romântica), entre outros. Face à cidade tomada como caso de estudo, o Barreiro, a análise do quadro teórico em relação aos dois objetos tomou-se como indispensável.

Assim, o capítulo inicia-se com uma preocupação pela procura do sentido simbólico e histórico de que se encarregam as ruínas, compreendendo as visões de diversos autores: de Georg Simmel, em relação à força da natureza que recai sobre os edifícios envelhecidos; passando pelas inquietações de Ruskin face às bruscas intervenções que haviam sido realizadas nos edifícios do passado, resultando no silenciamento das vozes metafóricas doutros tempos; contemplando a inquietação de Françoise Choay perante a preservação do património; transversalmente citando a poética de Marc Augé face o espetáculo luminoso e temporal a que nos dão direito as ruínas; refletindo acerca da nostalgia que se forma nesta observação de diversos tempos, descrita pelas palavras de Svetlana Boym. A ruína funciona como um elo de ligação constante entre a arte e a arquitetura, o qual se fundamenta pela base teórica recolhida por Brian Dillon. A ruína, que tem sido alvo de diversas críticas, será descrita através da jornada que tem tomado nos demais campos. É sob o prisma da arquitetura que se analisam as intervenções que a tomam como ponto de partida, nas quais a preservação estética e simbólica foi contemplada. Estas intervenções marcam-se pelos casos de referência do Castelo de Astley, dos arquitetos Whiteford Watson Mann, o Bunker 599, do *atelier* RAAAF, e o Museu Kolumba do arquiteto Peter Zumthor.

Num segundo momento seguir-se-á o entendimento da fenomenologia dos vazios nas cidades, partindo do pioneiro artigo de Ignasi de Sòla-Morales, *Terrain Vague*, o qual se lança face uma nova discussão acerca dos Vazios Urbanos, criando um novo prisma perante estes espaços, contemplando as suas qualidades subliminares, oníricas, devaneadoras e acima de tudo expectantes. Intentando, também ao entendimento destes espaços, procedeu-se à sua definição e classificação, tomando como pontos de partida as conceções formuladas por Cristina Cavaco, Sofia Morgado e Cristina Meneguelo. As intervenções que acabam por tomar lugar nos vazios, e nas quais se focou a Trienal de Arquitetura de 2007, resultam muitas vezes na melhoria do espaço público, e por consequente, na vida das cidades e da sua população. Estes aspetos são fundamentais na nossa conceção da cidade contemporânea, e por isso, serão referidos alguns casos paradigmáticos destas situações.

1. Sobre Ruínas: Um Entendimento Histórico e Simbólico

Nas páginas seguintes visou-se a compreensão da ruína enquanto elemento simbólico, histórico e arquitetónico. Face ao local de estudo, o qual se marca pela consistência da existência de ruínas, concluiu-se fundamental um aprofundamento em torno deste tópico. A passagem pelo subtema desenvolver-se-á em torno da teoria existente em relação à ruína, assim como, por um entendimento da sua contextualização histórica ao longo dos anos. As cidades contemporâneas conservam incontáveis ruínas, desde as românticas, às modernas, passando pelas industriais, entre outras. O seu impacto destaca-se pelas noções de tempo, fascínio, nostalgia, saudade e memória. Desta forma, importa assimilar o seu fundamento na época atual.

A ruína: ora vive no ideário dos sonhos e esperanças do passado ora nas ansiedades distópicas contemporâneas. São vestígios destruídos da guerra, do tempo ou de outras forças maiores, que deixam a sua memória nas cidades do presente, onde sobrevivem como uma contingência controversa. O seu valor tem vindo a ser dissertado há largos anos, inscrevendo-se no limiar do desprezo e da valorização, classificando-se por dois polos, negativo e positivo. Esta ambiguidade, cuja preocupação foi expressa por Álvaro Domingues (2014), transmite-se em duas opiniões díspares, que se resumem no seu carácter alegórico do passado em oposição à sua vertente destrutiva, transmissora de falhanços, decadentes e disfuncionais na cidade moderna.

Embora a discussão que existe em torno da ruína não se comprometa, o carácter desfavorável do termo no seu sentido linguístico impera, veja-se: *"ato ou efeito de ruir"; "restos ou parte mais ou menos informe de um ou mais prédios desmoronados ou destruídos pelo tempo, explosão, incêndio etc.; escombros, destroços, ruína"; "para pior; aniquilamento, extermínio"; "decadência total; derrocada"; "causa de males ou destruição"; "que já não é como era, que perdeu os seus atributos ou*

encantos; sombra."Apreende-se a dificuldade de lhe tentar identificar uma aceção positiva, deduzindo primordialmente as dificuldades que isto pode acarretar no diz respeito à resolução do seu futuro.

"As ideias que as ruínas evocam em mim são grandiosas. Tudo passa, apenas o mundo permanece, apenas o tempo resiste." ²(Diderot, 1767 cit. Prodger, 2014). É assente na visão simbólica que descreve Diderot e numa busca de um outro olhar sobre a ruína, que se dedicam os parágrafos seguintes. A ruína urbana deve ser compreendida através da libertação da percepção de que o seu atributo é somente estético, sem conjugar outros igualmente importantes como o funcional, filosófico, poético e sociocultural. Assente numa visão que se oferece mais simbólica, a ruína evidencia o peso do tempo, refletindo por analogia, a carga que este tem no ser humano. A metáfora da mortalidade sente-se ao admirar as pedras envelhecidas que formam as ruínas: "(...)O que é a minha existência efêmera em comparação com a rocha a ser desgastada, um vale a ser formado, uma floresta a morrer, destas massas arruinadas em cima da minha cabeça? Eu vejo túmulos de mármore a desintegrar-se em pó e não quero morrer!"³ (Diderot, 2011, p.22). Afigura-se nesta etapa, um dos conceitos fundamentais para o entendimento da ruína: o tempo. A ruína transporta-nos para a época da sua criação, mas não a transmite por inteiro. À semelhança das obras de arte, estas pequenas máquinas do tempo representam os valores antigos na época contemporânea, valores esses, e por valores compreendem-se os estéticos e cosmológicos, que já não são os mesmos, tornando impossível a jornada até outra data. Apenas quem presenciou o nascimento da obra original a conseguiu sentir na sua plenitude. Assim, quem de seu privilégio a observa hoje, será incapaz de atentar com os mesmos olhos de quem já o fez, por questões contextuais.

¹ Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2003, tomo VI, p.3214, col.3

² Tradução livre da autora do original "*The ideas ruins evoke in me are grand. Everything comes to nothing, everything perishes, everything passes, only the world remains, only time endures.*"

³ Tradução livre da autora do original "*What is my ephemeral existence in comparison with that of a rock being worn down, of a valley being formed, of a forest that's dying, of these deteriorating masses suspended above my head? I see the marble of tombs crumble into poder, and I don't want to die!*"

Deste modo, ao contemplar as ruínas olha-se intrinsecamente para um vazio, distinguido pela distância a que se encontra o observador da sua origem. Este vazio, segundo Marc Augé, crê-se que seja a percepção genuína e frágil do tempo: percepção esta que se destrói assim que estas são postas em palco e transformadas em espetáculo da vida quotidiana. "*Contemplar umas ruínas não é fazer uma viagem na história, senão viver a experiência do tempo, do tempo puro.*"⁴ (Augé, 2003, p.45). Este estado purificado compõe-se pelos múltiplos passados que se inscrevem nos antigos edifícios, dotando as ruínas de uma natureza inerentemente temporal, ou intemporal: um tempo sem história, perdido de funcionalidade. A História, essa carrega-a o indivíduo que as contempla (Augé, 2009) e é, através da capacidade de evocação que possuem as ruínas, que este é motivado a uma espécie de "*experiência de "passagem", uma experiência não apenas estética mas existencial.*" (Pereira, 2001, p.6).

Augé valoriza a ruína no seu estado puro, a par de John Ruskin, que marcou a sua posição através da defesa da arte antiga, mais concretamente pela arquitetura gótica. O autor de "*As Sete Lâmpadas da Arquitetura*" opunha-se à restauração, em nome da manutenção dos edifícios, uma vez que o edifício restaurado perderia o seu espírito do passado. "*A maior glória de um edifício reside na sua idade e na sua força com a qual a sua voz se dirige a nós.*" (Ruskin, 1849, cit. Choay, 2015, pp.160-161). Ruskin acredita que os edifícios do passado marcam o nosso tempo precisamente por não lhe pertencerem, e que por essa razão, qualquer intervenção descaracterizará esse propósito. Através da arquitetura, a sociedade do presente liga-se à que lhe antecedeu, conseguindo, deste modo, recordá-la. O autor considera que existe uma relação de afeto com os edifícios, antes de qualquer simbologia histórica que este acarrete. Esta relação é marcada pela comunicação que estes nos oferecem com o passado, refletindo o peso daqueles que os viram nascer e permitindo-nos tocar e sentir o que sentiram. Assim, tem-se, também, o

⁴ Tradução livre da autora do original "*Contemplar unas ruinas no es hacer un viaje en la historia, sino vivir la experiencia del tiempo, del tiempo puro.*"

valor de memória como fundamental ao entendimento da ruína: "(...)a arquitetura é o único meio de que dispomos para conservar vivo um laço com um passado ao qual devemos a nossa identidade e que é constitutivo do nosso ser." (Ruskin, 1849, cit. Choay, 2000, p.121).

A atitude conservadora do autor leva-o a contestar a arquitetura nova, na medida em que esta se encontrava padronizada, não tinha a força que se encontrava na arquitetura tradicional, marcada pelos homens que a ergueram e pela sua fé. Opõe-se contra a inóspita nova arquitetura do ferro e o vidro, cuja superfície do tempo não estava autorizada a marcar. Para o autor, a arquitetura vernacular tinha tanto peso como os ditos monumentos, sendo este o primeiro a considerar conjuntos urbanos como herança histórica a preservar, à semelhança de edifícios individuais (Choay, 2000).

Segundo Ruskin, os edifícios do passado falam connosco, envolvendo-nos num diálogo, e é, entre vozes, que se relembram outros tempos: é-se submerso em nostalgia. Nestes edifícios é sabido que o espírito do Homem se vingou da natureza, impondo a sua construção através de matéria que desta retirou. No entanto, contrariamente a outras artes como a poesia, a pintura ou a música, na arquitetura existe um equilíbrio entre natureza e espírito: embora a arquitetura siga um plano definido, "(...) a matéria acaba por se conseguir conduzir pelos meios da sua própria natureza: carregando este plano pelas suas forças."⁵ (Simmel, 2003, p.379). Deste modo, a ruína que se observa transfigura-se numa tragédia, caracterizada pelo lugar que a vida abandonou, conduzindo novamente a matéria à natureza que a originou. De certa forma, a ruína é uma obra de arte criada duas vezes, a primeira pela vontade do espírito, e numa segunda fase pela mão fatídica da natureza: a ruína de um edifício representa a obra de arte a morrer. É nesta fatalidade que jaz a saudade, a vontade de pertencer a outro tempo e lugar, a conformidade com a inevitabilidade do mesmo e a impossibilidade de tal. A vontade de repetir o irrepetível e materializar o imaterial, caracteriza a ambivalência que

⁵ Tradução livre da autora do original: "(...)the matter works by means of its own nature –carrying the plan out, as it were, with its own forces."

denota a carga nostálgica das ruínas, sentimento no qual os românticos se deixaram perder, e até hoje se mantem.

*"As ruínas, é estranho, têm sempre algo natural. Tal como sucede no céu estrelado, constituem uma quintessência da paisagem: com efeito, o que oferecem á vista é o espetáculo do tempo, nas suas diversas profundidades. Não é um tempo que se mede em anos-luz, mas acrescenta ao imemorial tempo geológico os tempos múltiplos da experiência humana e dos tempos emaranhados da reprodução vegetal."*⁶ (Augé, 2003, p.84). A nostalgia produzida pelas ruínas tem vindo a ser abordada por vários autores como o fator essencial da sua atração, uma vez que no seu significado primário se prende com a inatingibilidade de algo do passado que já não está acessível: *"A ruína arquitetónica é um exemplo da combinação indissolúvel de desejos espaciais e temporais que ativam a nostalgia. No corpo da ruína o passado é também presente nos seus resíduos mas já não é acessível, fazendo com que a ruína seja um gatilho poderoso para a nostalgia"*⁷ (Huyssen, 2006, p.7).



Figura 5
Fotografia, Quinta Braamcamp, Barreiro, da autora, 2016

⁶ Tradução livre da autora do original: *"Las ruinas, es extraño, tienen siempre algo natural. Tal como sucede con el cielo estrelado, constituyen una quintaesencia del paisaje: en efecto, lo que ofrecen a la vista es el espectáculo del tiempo en sus diversas profundidades. No es un tiempo que se mida en años luz, pero añade al inmemorial tiempo geológico los tiempos múltiples de la experiencia humana y los enmarañados tiempos de la reproducción vegetal."*

⁷ Tradução livre da autora do original: *"The architectural ruin is an example of the insissoluble combination of spatial and temporal desires that trigger nostalgia. In the body of the ruin the past is both presente in its residues and yet no longer accessible, making the ruin na especially powerful trigger for nostalgia."*

É no século XVIII que a valorização histórica e o fascínio estético pelas ruínas emergem na sociedade ocidental, confrontando ideais como a obra de arte e a obra do homem. Os elementos de decadência, erosão e retorno à natureza tornam-se centrais, convocando uma obsessão nostálgica por uma época anterior, numa altura em que ainda subsistia o poder de imaginar outros futuros (Huyssen, 2006). Assim, na era romântica, prevalecem a arte, o sonho, a natureza e a saudade, conduzidos tendencialmente por um desejo de escapar, para outro tempo e outro espaço, através do idealismo artístico. Neste século, a ruína desponta como categoria simbólica, carregando uma transformação da perceção do tempo (Canogar, 2006).

Assim sendo, as ruínas clássicas começam a ser introduzidas nas obras de arte de forma a criar uma associação entre o presente e o passado: "*O objeto da nostalgia romântica deve estar para além do espaço presente da experiência, algures no crepúsculo do passado ou na ilha da utopia onde o tempo parou alegremente, como num relógio antigo*"⁸ (Boym, 2001, p.13). As ruínas são colocadas em plano de fundo de forma a ser alcançada uma distância entre os dois tempos. A admiração pelo passado seria encarada como uma forma de resolução de contradições internas do ser humano, uma vez que esta se considera "*(...) inerentemente bipolar, oscila entre o privado e o público, interior e exterior, natureza e cultura.*"⁹ (Canogar, 2006, p.26). Foi no casamento entre a tragédia e a vida que os artistas românticos desvendaram o sublime, "*(...) a estética ruínosa do sublime procura despertar o ser da letargia, para que lhe faça sentir sensações profundas e comoventes que explorem os cantos mais secretos do seu espírito.*"¹⁰ (Canogar, 2006, p.30). Deste modo, as construções arruinadas passam a ser, nesta década, ícones representantes simultâneos do pavor e do prazer. Contando com os antecedentes barrocos como

⁸ Tradução livre da autora do original: "*The object of romantic nostalgia must be beyond the present space of experience, somewhere in the twilight of the past or on the Island of utopia where time has happily stopped, as on an antique clock.*"

⁹ Tradução livre da autora do original: "*(...) inerentemente bipolar; oscila entre lo privado y lo público, interior y exterior, naturaleza y cultura.*"

¹⁰ Tradução livre da autora do original: "*La estética ruínosa de lo sublime busca despertar al ser de su letargo para hacerle sentir sensaciones profundas y conmovedoras que exploren los rincones más secretos de su espíritu.*"

Claude Lorraine, Nicolas Pousin ou Francisco Collantes, também Caspar David Friedrich e John Turner marcaram a sua arte por encontrar refúgio nas ruínas góticas, em que as formas sinuosas imitavam a natureza (Canogar, 2006). Da mesma forma, vários poetas procuravam na ruína vestígios de um passado em que a vida era mais simples, uma vida que se preparava para entrar na era proto industrial¹¹.



Figura 6

(à esquerda) Aquarela em papel, *Ruins on the Palatine Hill, Roma*, J.M. William Turner, 1794

Figura 7

Gravura, *Avanzi d'un portico coperto, o criptoportico, in una villa di Domiziano*, Giovanni Battista Piranesi, 1766

A ruína transporta-se do ideário da pintura para a conceção arquitetónica através dos jardins Ingleses do século XVIII (como os de William Kent), nos quais o fascínio pela ruína se transfigura e materializa. Estes carregavam consigo ruínas construídas à imagem das dos tempos clássicos, dando início ao fenómeno nostálgico, "retro", que até hoje se manifesta. Combinando o efeito de sublime e natural, as ruínas eram misteriosamente colocadas no jardim pitoresco, provocando um efeito surpresa. Todavia, não eram ruínas genuínas, a força do tempo fora falsificada de forma a provocar tais sensibilidades: a nostalgia começa a ser explorada como elemento disputador de sensações, "(...) onde não existiam ruínas nativas, ruínas artificiais eram construídas, já semidestruídas com o máximo de precisão (...)"¹² (Boym, 2001, pp.11-12). Por definição, a nostalgia não existe sem melancolia, ambas são sentimentos constituintes do pensamento romântico e inscrevem-se nas ruínas (autênticas ou não), numa busca interior de sentido.

¹¹ Época precedente da era industrial.

¹² Tradução livre da autora do original: "Where native ruins were not available artificial ruins were built, already half-destroyed with utmost precision (...)"

No século XVIII as ruínas dotam-se de admiração por parte dos românticos, que lhes apreciavam a honestidade absoluta. Este magnetismo compõe-se pela beleza devastada cujo tempo se encarregava de comprovar. É no mesmo século que, através do confronto com a própria mortalidade, o encantamento pela ruína se comprova através das pinturas de Hubert Robert. Segundo Conogar, este cria aquilo a que se pode chamar de ruína antecipada, transpondo a possibilidade de uma catástrofe na consciência coletiva dos europeus. Por oposição às ruínas recorrentes até à data, as de Robert carregavam uma visão distópica do futuro. Deste modo, o observador das suas obras transportava consigo uma nova visão de sobrevivência, e de imortalidade. Já nas gravuras de Geovanni Battista Piranesi, a ruína deixa de estar no plano de fundo para outras peripécias e encarrega-se de dar lugar ao fanatismo que transportam. Dotadas de um realismo e precisão quase científica, as ruínas de Piranesi desenham-se como se tivessem crescido de forma orgânica a partir do centro da terra, de certa forma, numa analogia inversa às visões de Simmel em relação à ruína. Na sua obra, *Carceri* (figura 8), a espacialidade e temporalidade são indefinidas, levando à perda da fronteira entre o passado, o presente e o futuro (Canogar, 2006).

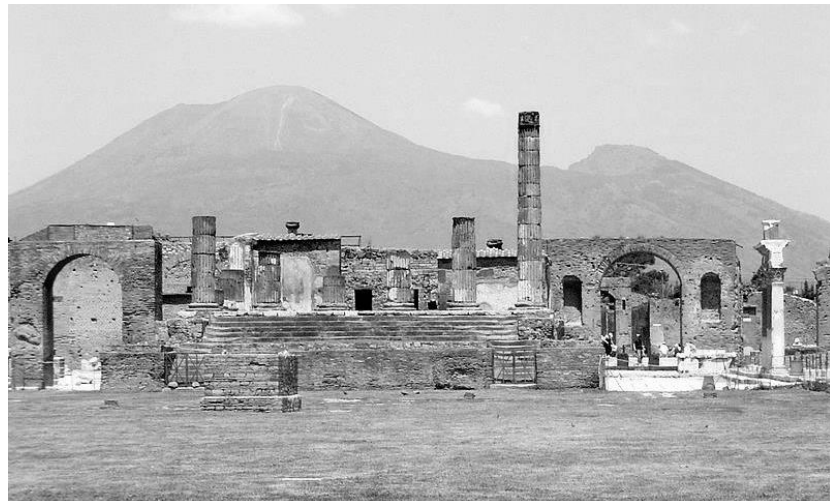
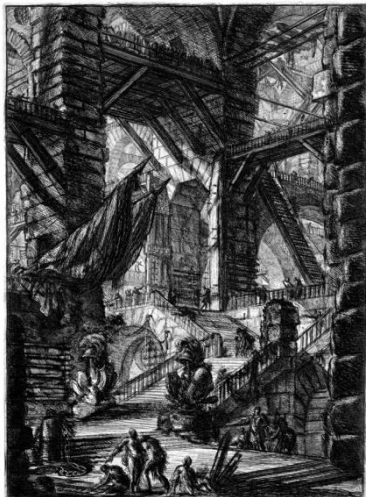


Figura 8

Gravura, *Carceri*, Giovanni Battista Piranesi, 1745-1750

Figura 9

(à direita) Fotografia, *Pompeii With Vesuvius*, Pompeia, 2010

No século XIX a ciência da arqueologia emerge, acabando por alterar a forma de olhar as ruínas procurando nelas as origens da vida, tema que preocupava então a Europa. Disto foram exemplos cidades como Pompeia e Herculano¹³ (figura 9).

O arqueólogo passa a contemplar as ruínas como vestígios precisos de um tempo, retirando o significado e a simbologia atribuídos pelo artista. Deste modo, as ruínas que são parte integrante de lugares historicamente significativos passam a fazer parte da *Grand Tour* Europeia, resultando num desejo transversal para conhecer estes locais, e representando o nascimento do turismo como hoje se conhece na sociedade ocidental, um turismo de conhecimento do passado. O aparecimento da fotografia acaba por substituir a pintura e a gravura na imortalização da ruína, criando uma nova acessibilidade visual às mesmas, e fazendo com que a aura que rodeava as ruínas clássicas fosse desvanecendo.

Segundo Françoise Choay, a fotografia é um monumento adaptado, um monumento que pertence à esfera privada, ajustado ao individualismo da nossa época, " (...) *que permite a cada um obter em segredo o regresso dos mortos, privados ou públicos, que fundam a sua identidade. (...)*" (Choay, 2015, p.19). Assim, numa época que começa a soltar-se da consciência coletiva, e o indivíduo começa a ganhar na sociedade maior protagonismo, a noção de tempo em si começa a alterar-se, assim como a sua representação. É neste século que o passado se começa a olhar como herança e os antigos monumentos começam a ser restaurados à sua imagem inicial (Boym, 2001). O conceito de monumento estava até então associado a um património, era erguido de forma a tornar-se num edifício de adoração e memória construído com o propósito de o ser, de

¹³ Ambas eram antigas cidades do Império Romano que se localizavam em Nápoles. As cidades ficaram soterradas após a erupção do vulcão Vesúvio em 79 d.C. Os seus habitantes morreram mas as cinzas moldaram os seus corpos no momento das suas mortes, imortalizando as suas formas. As escavações tiveram início em 1738 e nestas foram descobertos múltiplos vestígios da civilização. As duas cidades são hoje consideradas património mundial da UNESCO.

forma a eternizar a recordação e magnificar a beleza das cidades (Choay, 2015). No entanto, a palavra tem vindo a dissipar o seu significado, diferindo-se o *monumento* do *monumento histórico*. O segundo nasce no ocidente, na segunda metade do século XIX, e a sua construção deixa de ter como intuito a relembração: característica basilar do *monumento*. Deste modo, a designação de *monumento histórico*, é por sua vez, atribuída à *posteriori*, por historiadores. Deste modo, edifícios vernaculares, conjuntos urbanos ou rurais, passam a ser considerados edifícios de importância histórica, sob os vários tipos de denominação, como arquitetura menor, arquitetura industrial, entre outros. Assim surge o conceito de património, assente na discussão no final do século sobre a qual Ruskin marcou a sua posição: dá-se início ao debate acerca do restauro dos edifícios. Numa primeira posição, defendida por Ruskin, distingue-se a possibilidade da experiência e reflexão do tempo puro à qual Augé se refere, associado à atmosfera criada. Nesta discussão, as ruínas surgem como lembrança memorial: "*A memória está sempre incompleta, sempre imperfeita, sempre a cair em ruína; mas as ruínas, além de outras características, são tesouros: as nossas ligações para o que veio antes, o nosso guia para nos situar na paisagem do tempo. Apagar as ruínas é apagar os gatilhos públicos visíveis da memória; uma cidade sem ruínas e traços de idade é como uma mente sem memórias.*"¹⁴ (Solnit, 2011, p.151). Deste modo importa refletir, até que ponto se torna pertinente a restauração total dos edifícios, tendo em conta que isso irá silenciar as vozes do seu passado. Esta opinião reforça-se por Gustavo Giovannoni, que defendia que as cidades deviam continuar a evoluir de forma a manter vivo o seu passado, através da conservação da cidade antiga, "*(...) mantendo viva a memória que prende os seus habitantes ao passado.*" (Choay, 2015, p.196).

¹⁴ Tradução livre da autora do original: "*Memory is always incomplete, always imperfect, always falling into ruin; but the ruins themselves, like other traces, are treasures: our links to what came before, our guide to situating ourselves in a landscape of time. To erase the ruins is to erase the visible public triggers of memory; a city without ruins and traces of age is like a mind without memories.*"

Esta cidade antiga, a que se referem os autores, opunha-se às novas cidades da era industrial, cujo desenvolvimento partiu de Inglaterra, marcado pelas cidades de Manchester e Liverpool (Goitia, 2010). De acordo com Marc Augé, o século XX caracteriza-se pelas devastações, destruições e reconstituições. Ao passo que a ruína do passado era progressivamente devorada pela natureza, nesta época foi a trépida industrialização que se apropriou dos bens naturais, arruinando-os por completo (Conogar, 2006). Dá-se uma mudança geral dos paradigmas de cidade até então identificados, as pegadas da indústria revolucionam a sociedade aos seus diversos níveis: agricultura, transportes, comunicação e sobretudo em relação aos ideais económicos e sociais, fazendo com que algumas das preocupações do passado se tornassem obsoletas. As cidades erguidas vêm traduzir em ruína as paisagens de onde emergem (Solnit, 2011) e as fábricas "*tornam [se] donas e senhoras do solo urbano e suburbano*" (Goitia, 2010, p.148). Carecendo de um plano urbanístico, os caminhos de ferro, as docas, os armazéns, entre outros, foram estabelecidos seguindo a lei do mínimo esforço, numa violenta apropriação do espaço, que tinha em vista o progresso¹⁵ das nações (Goitia, 2010). No entanto, a rapidez desta industrialização acaba por aumentar a intensidade da saudade por um ritmo passado, pela continuidade, pela tradição e pela coesão social (Boym, 2001).

"(...) A revolução industrial enquanto rutura com os modelos tradicionais de produção abria uma fratura irreductível entre os dois períodos da criação humana. Quaisquer que tenham sido as suas datas, variáveis de acordo com os países, o corte resultante da industrialização permaneceu, durante toda esta fase, a intransponível linha de divisão entre um antes, em que se encontra acantonado o monumento histórico e um depois, com o qual começa a modernidade. (...) " (Choay, 2015, pp.111-112). A industrialização segue-se da modernização, no campo da arquitetura a função definia a forma, num modelo que presumia que todos os antigos estavam errados, abolindo por completo a ornamentação, num grito de guerra que se caracterizava por "*Less is More*" (Ballard, 2011). É neste contexto que nascem duas utopias

¹⁵ Qualquer ideal nostálgico acaba por se opor de certa forma às noções de progresso.

sintomáticas da cidade moderna, que precediam o modelo da cidade jardim de Ebenezer Howard: uma resposta à tépida industrialização e sobrepopulação das cidades que se organizava numa forma concêntrica, que servia de módulo de repetição. Presumia-se a autossuficiência desta cidade, e assim que a população atingisse o número máximo predestinado, seria construída outra nas proximidades. As cidades ligar-se-iam entre elas através de estradas e linhas férreas. Assim, foi assente neste modelo que nasceram as utopias dos vanguardistas Frank Lloyd Wright –Broadacre City, e de Le Corbusier –a *Ville Radieuse* (Goitia, 2010).

Ao desenhar a *Ville Radieuse*, Le Corbusier propunha a destruição da cidade antiga de Paris, considerando esta insalubre¹⁶, e construindo uma nova no seu lugar. A nova cidade distribuir-se-ia conforme as funções, e a sua ênfase passava a centrar-se em torno dos transportes e na ampliação das áreas verdes; seriam também criados blocos de habitação lineares (Choay, 2000). A questão dos transportes passa a ser fulcral na cidade moderna, que acaba por se entregar à tirania do tráfego: para alguns urbanistas e administradores, o tráfego estava acima de tudo (Goitia, 2010).



Figura 10

Fotografia, *Plano para a Ville Radieuse*, Le Corbusier, 1924

Figura 11

Fotografia, *Plano para a Ville Radieuse*, Le Corbusier, 1924

¹⁶ Giovannonni considera que o verdadeiro inimigo da saúde pública não eram os edifícios antigos, mas sim os monstruosos aquartelamentos onde se concentram centenas de habitantes.

O projeto da *Ville Radieuse* vem agrupar um conjunto de visões que se opõem às anteriormente descritas, em relação à preservação e proteção dos monumentos defendidas por Ruskin e Giovannoni. Estas visões comprovam-se, a par do plano para Paris, através dos CIAM (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna). Liderados por Le Corbusier, os CIAM nascem, recusando a noção de cidade histórica ou cidade museu (Choay, 2000). Estes organizavam um conjunto de eventos que reunia nomes da arquitetura moderna de forma a gerar um debate acerca do novo movimento arquitetónico. Foram os responsáveis pelo *estilo internacional*, que se caracterizava pelas linhas funcionais e racionais. Para os CIAM, a arquitetura considerava-se um forte instrumento político. O seu documento mais influente foi a Carta de Atenas, redigido em 1933, na qual, surgem os cinco pontos em que assenta a arquitetura moderna¹⁷: pilotis, terraço jardim, planta livre, janela em banda e fachada livre. Cidades como Brasília e outras do pós segunda guerra seguiram-se pelas diretrizes da carta¹⁸.

As cidades modernas são erguidas de acordo com cálculos e regras, a máquina associa-se ao desenvolvimento urbano, deixando para trás o fazer manual. Morris e Ruskin combatem pela sobrevivência de uma cidade ocidental pré-industrial, em que o prazer estético ainda subsistia. No entanto, os autores reconheciam que ao viver nesta época, se encontravam encurralados entre dois tempos, as cidades do passado estavam condenadas à destruição ou à musealização, e uma vez tornadas figuras museológicas, as cidades são colocadas fora do circuito da vida, perdendo a sua historicidade (Choay, 2000).

A partir dos anos 70 o movimento moderno dos CIAM começa a ser arduamente criticado pela dureza das suas paisagens, que criavam essencialmente espaços vazios entre o público e o privado, abertos a uma apropriação que não acontecia. A arquitetura modernista atinge o seu

¹⁷ Também as questões relativas ao património histórico são inseridas na carta.

¹⁸ Em 1998 assinala-se a elaboração de uma Nova Carta de Atenas, mais adequada à época contemporânea, que assume que o desenvolvimento das cidades não se deve deter apenas de um plano urbanístico, mas também da combinação de forças sociais e representantes da vida cívica.

ápice com a demolição do conjunto residencial em St. Louis, nos Estados Unidos da América. O conjunto constituía-se por 33 torres residenciais modulares de 11 andares, e foi construído em 1950 de forma a travar a pobreza e decadência urbana. O projeto ficou ao encargo do arquiteto Minoru Yamasaki apoiou-se fortemente nos projetos de habitação de Le Corbusier.¹⁹ A falta de manutenção a que os edifícios foram sujeitos iniciou o seu processo de degradação que num efeito bola de neve foi piorando ao longo do tempo: a ausência de manutenção leva ao abandono dos residentes, e o aluguer dos inquilinos que restavam não era suficiente para cobrir as despesas necessárias. É neste ambiente que as torres se tornam rapidamente num local de crime com um espaço público se dominado por gangues. Mergulhado numa miséria social e económica incontornável, é em 1972 que o governo determina a demolição do complexo. Após a sua implosão, o espaço tornou-se num deserto. Mais do que representante do fracasso de um projeto habitacional, esta data, 1972, simboliza, para o teórico de arquitetura Charles Jencks como o dia em que a arquitetura moderna morreu: o colapso de uma anacrónica ruína com menos de duas décadas de existência (Baptista, 2014).



Figura 12
Fotografia, *Demolição do*
Complexo Pruitt Igoe, St. Louis,
Missouri, 1973

¹⁹<http://www.archdaily.com.br/br/871669/classicos-da-arquitetura-projeto-habitacional-pruitt-igoe-minoru-yamasaki>

É neste contexto que, a partir da segunda metade do século XX, que a reflexão acerca da ruína se volta a debater²⁰. Partindo de dois tipos de ruína: as *Ruínas da Modernidade* e as *Ruínas da Guerra*. Embora diferentes das ruínas que fascinaram os românticos no século XVIII, estas ruínas provocam sensações semelhantes ao indivíduo deste século: a nostalgia, a melancolia e a saudade perseveram, uma vez que todas expressam o passado. No entanto, estas tornam-se mais complexas, uma vez que as ruínas da guerra relembram as cidades bombardeadas, os conflitos produzem destroços e escombros, e isto, de certa forma impede a igualdade de qualificação àquelas cujo tempo danificou. Por outro lado, são cada vez mais as divulgações de imagens brilhantes das ruínas da Segunda Guerra Mundial: neste caso, os destroços são transformados em ruína. Estas imagens retratam bem a condição da ruína na época contemporânea: uma obsessão que assenta na memória e no trauma. Estas filhas da destruição, relembram as tensões humanas e como estas são capazes de destruir cidades inteiras, como é o caso dos vestígios deixados em Guernica, Hiroshima e Chernobyl. Estas cicatrizes edificadas inspiraram vários artistas como Jane e Louise Wilson (figura 13), que se atraíam por espaços em que o poder o controlo desapareceram.



Figura 13
Fotografia, Azeville, Jane e Louise
Wilson, 2006

²⁰ Segundo Giuliana Bruno (2003, p.97), foi o colapso dos ideais modernistas que determinou o interesse dos artistas contemporâneos pelas ruínas.

Enquanto os antepassados viviam num fascínio sublime em relação à intemporalidade das ruínas, na condição moderna o medo e obsessão pela passagem do tempo constituem o seu núcleo central (Huysen, 2006). Na natureza, o corte no tronco de uma árvore consegue revelar a sua própria idade, a sua própria história...corta-se e contam-se os anéis concêntricos: esta árvore viveu X anos, cresceu Y em altura, e morreu no ano Z, e neste momento na história (Schwab e Besthy, 2011). Por sua vez, a ruína da modernidade contrapõe esta passagem do tempo, impondo-se firme. Ao contrário da pedra dos edifícios antigos, o betão armado não se decompõe: corrói-se mas não se pode desintegrar monumentalmente. De certa forma, a arquitetura moderna, que brilha quando acabada de pintar de branco, não absorve a passagem do tempo, evitando envelhecer. Com o betão, não existem linhas espontâneas, nem linhas que formam um mapa do seu passado. As ruínas modernas criam uma quebra na história, lendo uma cidade como um livro, como sugere Italo Calvino em *Cidades Invisíveis*, estas são páginas em branco, que identificam a sua época mas não colaboram com as anteriores. "*As ruínas são símbolos e marcos visíveis das nossas sociedades e das suas transformações, pequenos pedaços de história em suspensão*" (Marchan e Meffre, 2014, p.24).

Ilustrada pela demolição de Pruitt Igoe, constata-se uma aceleração do tempo, à imagem da História que nos corre atrás dos calcanhares, seguindo-nos como a nossa sombra, presumivelmente, também o tempo o faz. Hoje, a ruína não tem tempo para ser ruína²¹, a arquitetura quer-se efêmera, e a sua perenidade destrói-se, a *sobremodernidade* (que Marc Augé define como um aumento na velocidade do progresso, composta por três excessos: do tempo, das imagens e do indivíduo) traduz-se na demolição de edifícios que pertencem a um passado recente, a fim de construir outros no seu lugar. As ruínas da modernidade surgem-nos como destroços causados pelo delírio do capitalismo, a aceleração do tempo deixa de si marcas na cidade pós-moderna: ruínas, edifícios devolutos, edifícios inacabados, e vazios.

²¹ Miguel Bastista Bastos na conferência Ruínas e Temporalidades, realizada pela Faculdade de Arquitetura de Lisboa, em 2016.

"A melancolia de um presente onde tudo se joga e a nostalgia de um passado perdido para sempre expressa-se nas ruínas, lugar onde a fratura histórica se resolve sob a forma de experiência estética" (Baptista, 2014, p.22). A poética contemporânea das ruínas nasce nos anos 60 e 70, a ruínofilia ou ruínismo (Domingues, 2014), assente na nostalgia inerente aos dois espaços. Aquilo que foi, o que foi e já não é e o que nunca foi, os estados idílicos destes espaços, que inspiram artistas da sociedade ocidental pós queda industrial até aos dias de hoje. Nesta década iniciam o seu projeto fotográfico de registo de estruturas abandonadas industriais, marcando o começo de uma admiração a que dá continuidade a "Desarquiteturação" de Robert Smithson e a "Anarquitectura" de Gordon Matta Clark, cujas ações eram deliberadamente contra a arquitetura. Os artistas posicionam-se de forma diferente dos arquitetos em relação às ruínas, sendo que os segundos recorrem às ruínas com intenções programáticas, de forma a integrar programas rígidos nos antigos edifícios. Como arte, a presença problemática da ruína passa a ser usada como instrumento de confronto disciplinar. Robert Smithson cria um conceito acerca dos edifícios cuja função nunca ocupou lugar, chama-lhe ruínas no inverso: construções novas que por diversas razões acabam por ficar estagnadas no tempo. Ao contrário das ruínas românticas, nas quais o tempo se desenrola após o edifício ter cumprido a sua longevidade (Smithson, 2011). Estes edifícios acabam por se tornar naquilo que nunca foram, são espaços na cidade que inspiram uma memória utópica: são evidências de vários cenários de futuro abandonados (distópicos). Hotel Palenque (um edifício inacabado no México) foi um espaço no qual Smithson não viu necessidade de tomar ação, uma vez que o epitomo da irreversível força da entropia estava já visível (Lingwood, 2011). Era esta a intenção de Smithson com o seu trabalho, que este emulasse este processo, "(...) queria brincar com o tempo, lutar com ele, acelera-lo ou desacelera-lo até um ponto de desintegração, apressar o colapso da crença em sistemas e estruturas que sustentaram este tempo 'histórico' "²² (Lingwood, 2002, p.117).

²² Tradução livre da autora do original: "(...)wanted to play with time, to wrestle with it, to accelerate or decelerate it to a point of desintegration, to Quicken the colapse of

A ligação entre arte e ruína é algo inevitavelmente constante, e foi a partir desta altura que vários artistas seguem as pegadas de Smithson e Gordon Matta Clark e se apropriam de espaços em torno do imaginário da decadência e destruição. Várias exposições começaram a tomar lugar num vasto património imobiliário em processo de degradação. A adaptação destas estruturas levou a cabo "(...) um significado político, de criação de alternativas à conceção fechada de "lugares de arte" e paralelamente estético, na medida em que os evidentes sinais de degradação e abandono dos seus ambientes escuros e crus vieram a revelar-se uma constante fonte de inspiração para os artistas que souberam integrar as características arquitetónicas gerais dos espaços (...) aproveitando a performatividade e informalidade através das atmosferas que estes espaços criam." (Jurgens, 2014, p.122).

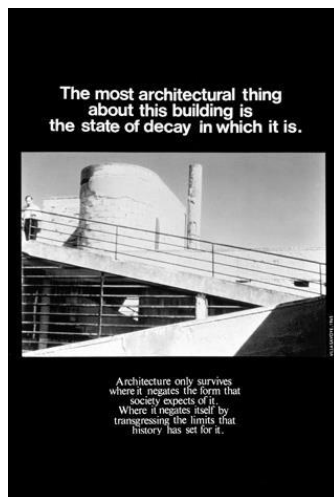


Figura 14

Colagem, *Advertisements for Architecture*, Bernard Tshumi, 1976-1977

Figura 15

Fotografia, *Hotel Palenque*, New Jersey, Robert Smithson, 1969-1972

Tem havido uma proliferação de trabalhos artísticos que exploram as ruínas da modernidade, as infraestruturas da guerra fria, territórios derrotados pela era industrial ou espaços devastados por desastres naturais. Em Portugal registam-se as exposições *Espectáculo*, *Exílio*, *Deriva* e *Disseminação* de Guy de Bord. Também o artista Edgar Martins se apropria da ruína, criando ruínas artificiais de forma a fazer comentários de teor político (Bruno, 2003) à semelhança de Bernard Tschumi que utiliza a ruína como instrumento de confronto disciplinar na sua obra *Advertisements for Architecture* (1976-77) (Baptista, 2014,

the belief systems and structures which underpinned this 'historic' time."

p.22) que também tem a sua continuidade pelas fotografias de Xavier Delory nas quais imagina a Villa Savoye em processo de degradação.

Esta criação de ruínas como forma de protesto, contextualiza-se num paralelismo à moda *retro* que tem avassalado a Europa, hoje é quase indistinguível aquilo que é autêntico daquilo que não o é, à semelhança das ruínas dos jardins Ingleses do passado, hoje os edifícios *pastiche* representam uma porção considerável na sociedade de espetáculo que se vive nas cidades. A ruína constitui-se hoje: "*Na versão heroica é o memorial de ideais passados-presentes. Na versão Hollywood, são mistérios, tesouros e aventuras. Na versão turística, uma coisa linda para fotografar e iluminar á noite. Na versão melancólica, um luto sem perda definida porque de múltiplas perdas..., para flambert, a poesia de qualquer paisagem*" (Domingues, 2014, p.112). A vontade de preservar a ruína fez com que muitas se tornassem património da UNESCO pelo peso arqueológico e antropológico de que se detêm, no entanto, hoje as "ruínas autênticas" como as do século XVIII e XIX já não têm lugar na memória e comodidade da cultura capitalista. Na contemporaneidade, a ruína ou está em muito mau estado (quase que não é ruína, mas apenas um vestígio), ou é restaurada. Quando é restaurada sofre uma espécie de "*face lifting* ao contrário", o novo é feito para parecer antigo. O medo da inautenticidade, falta de significado existencial, e ausência de originalidade individual reflete o estado atual da sociedade, no entanto, é também defendido que a autenticidade das coisas ficou no passado, numa altura em que o mundo era mais transparente, e não distorcido pela sombra da representação causada pelos *media* em massa (Huysen, 2006).

A ruína continua a representar campos de força das manifestações e efeitos dos processos territoriais de urbanização. São testemunhos da realidade que se vive. Uma das formas de resistência e combate à degradação das mesmas é a sua ocupação. Hoje torna-se necessário repensar em novos modos de intervir e reativar a ruína, os espaços onde predomina o abandono, a deterioração, e o desmantelamento, deve ser entendido como um novo estado de espacialidade e materialidade (Moreira, 2014). A ruína constata-se como o bem material fruto da

intervenção no passado, mas é legado da sociedade do presente, não deve cair no esquecimento o facto de que os edifícios atuais num tempo futuro podem, também eles, encontrar-se em ruína: é a ação dissolvente que o tempo exerce sobre todas as coisas naturais e artificiais (Choay, 2000). Num tempo em que a efemeridade impera, estas passagens no tempo que nos oferecem a ruína devem ser valorizadas e cabe à arquitetura dota-la de função novamente. Esta função deve resistir à fabricação que se rege apenas para um fim de consumo (Choay, 2000). Hoje as ações que rodeiam os antigos edifícios são tantas (iluminação, som, interpretações históricas, etc.) que se torna cada vez mais difícil para o visitante conseguir evitar essas interferências e poder dialogar com os monumentos. A reutilização, como forma a valorizar o património não deve fundar-se apenas numa semelhança com o destino original (Choay, 2000).

As ruínas (à semelhança de antigos núcleos ou edifícios antigos) devem devolver-se à cidade com o intuito de lhe pertencerem. Deve resistir-se à ideia que continua a refletir em relação à ruína um fundo de negatividade, reflexo da condição existencial contemporânea. A ruína em aberto permite uma contemplação poética que trabalha sobre a ansiedade dos tempos. Ignasi de Sola-Morales cria, nos anos 90, uma nova perspetiva em relação à ruína urbana. Considerando estes espaços expectantes e imprecisos como parte integrante da chave urbana, uma resposta às nossas estranhezas perante o mundo, perante a cidade e perante nós mesmos. *"Tal como a ruína, o arquiteto é, por natureza disciplinar, impelido a atuar contra eles. Apaga-lo combatendo o seu estado fragmentado e incompleto, inversamente, um dos grandes desafios da arquitetura contemporânea estará no resgatar do seu potencial oculto"* (Baptista, 2014, p.23).

É assente nesta posição que a ruína se tem como elemento simbólico, estético e memorial. São estas as características que se realçam neste trabalho como fundamentais ao entendimento da ruína e igualmente à sua preservação. Nesta ótica, serão de seguida apresentados exemplos de projetos cuja intervenção passa por integrar as ruínas no seu diálogo. Entendendo a ruína como fragmento potenciador de histórias, nestes

projetos, os arquitetos jogam o presente e o passado, despertando os sonhos do futuro e impulsionando a criatividade²³.

Tem-se como primeiro exemplo o projeto de Peter Zumthor em Colonia na Alemanha, construído em 2007. O Museu Kolumba assenta sobre as ruínas de uma igreja que foi quase destruída por bombardeamentos da Segunda Guerra Mundial. A preservação da sua essência, carrega um grande significado para a história e memória da cidade. O museu organiza um novo edifício dentro de um antigo, enquanto joga em harmonia com as estruturas pré-existentes. À vista, o arquiteto deixa janelas de arcos quebrados, que se misturam com as novas paredes de pedra perfurada. Nos dois pisos localizam-se as áreas de exposição, albergando um espólio artístico de vários períodos²⁴. Neste projeto as ruínas são conjugadas com a nova arquitetura, assumindo a velha edificação, o mesmo acontece no Castelo de Astley, um projeto de Witherford Watson Mann Architects, onde a ruína é utilizada como ponto de partida formal. Os arquitetos partem da ruína como um início, como sugere Solà-Morales. O castelo contava já com oito séculos de existência e tinha sofrido um incêndio que destruiu as coberturas. Desta forma, a opção projetual que tomaram fica num limbo entre o restauro e o não-restauro, deixando apenas um vestígio romântico. Atuam na estabilização e unificação a estrutura, deixando um sentimento de incompletude e porosidade, como se permanecesse descoberta, unida pela nova cobertura. A nova função do castelo passa por aluguer de férias, que se complementa pela envolvente virtuosa que o rodeia. A abordagem é minimal, optando por materiais como o tijolo, betão armado e madeira.

É assente numa abordagem mais artística que os dois *Ateliers* de Lyon e RAAAF intervêm sobre um *bunker* aparentemente indestrutível, no qual traça uma linha de corte, abrindo o edifício ao meio e criando uma passagem pedonal para o rio e a sua reserva natural. A intervenção cria uma nova perspetiva acerca da herança cultural, enquanto altera a configuração do espaço envolvente. O ato da divisão através do corte

²³ Conferência Ruínas e Temporalidades, Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa, 2016

²⁴ <http://www.archdaily.com.br/br/01-58125/museu-kolumba-peter-zumthor>

torna-se também simbólico, dando continuidade e materialidade aquilo que já Gordon Matta-Clark fazia como apropriação artística, no seu trabalho *Building Cuts*. "*Thoughts can cut through anything. The mind is free.*"²⁵

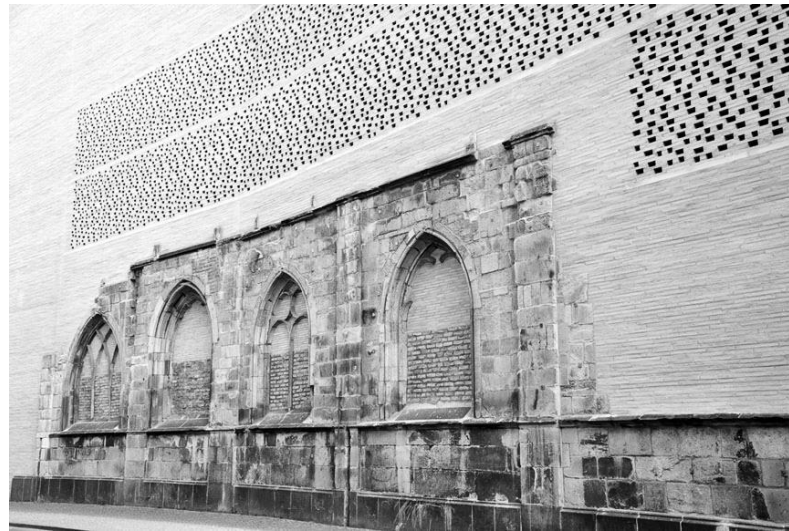


Figura 16
Fotografia, *Museu Kolumba*,
Cologne, Alemanha, Jose
Fernando Vasquez, 2012

Figura 17
(à direita) Fotografia, *Museu
Kolumba*, Cologne,
Alemanha, Jaime Silva, 2016



Figura 18
Fotografia, *Bunker 599*,
Holanda, RAAAF, 2010

Figura 19
(no meio) Fotografia, *Castelo de
Astley*, RIBA, 2013

Figura 20
(à direita) Fotografia, *Renovação
do Castelo de Astley*, 2012

²⁵Filme, *Bunker 599*, disponível em http://www.raaaf.nl/en/projects/7_bunker_599/581

2. Sobre Vazios: um convite à possibilidade

Após uma aproximação teórica em relação à condição de ruína, será de seguida afluído o tema dos *Vazios Urbanos*. Estes espaços desenrolam-se pelo Barreiro como uma trama complexa de acontecimentos históricos e enquadramentos urbanísticos sem fim. Na esfera teórica, um espaço assume a identidade concetual de vazio por oposição ao cheio ou pela ausência de construção. O modo como se representam nas cidades foi alvo de compreensão nas páginas que se seguem.

Além do seu entendimento puramente arquitetónico, atentou-se também, a contemplação do conceito como fundamento de apropriações artísticas, de que têm sido alvo os demais vazios urbanos nas cidades: como consequência do movimento moderno, de guerras, ou de desativação de usos. Embora divergentes na sua razão de ser, todos os vazios partilham do conceito de ausência, e é nele que se prendem as expressões fotográficas e cinematográficas que os abordam. Assim, à semelhança da ruína, a esfera poética destes pedaços de cidade será também abordada.

Considerando os vazios urbanos nas cidades contemporâneas como um fenómeno plural, teve-se em conta as várias tipologias que este pode tomar. Foi sob a visão de diferentes autores que se tentou nomear as classificações que as representações urbanas dos vazios podem tomar.

Por fim, o vazio é sinalizado como um leque de oportunidades, disposto a ser vítima de intervenções de carácter espontâneo e efêmero. Assente nesta premissa visou-se o entendimento de algumas explorações destes espaços levadas a cabo por arquitetos, nomeadamente a fim de melhorar as condições da vida no espaço público.

Os vazios surgem nas cidades contemporâneas como o seu objeto expectante. Inspiram fotógrafos e cineastas pela falta de vida em pontos onde a cidade não vive e nos quais, em certos casos, nunca viveu. O fenómeno materializa-se na cidade sob diversas formas: a antiga zona industrial que se encontra desativada, caminho-de-ferro cuja trajetória

deixou de fazer parte do seu percurso, edifícios desaparecidos (antigas ruínas) e outros que nunca chegaram a suceder²⁶.

Ao contrário da problemática da *ruína*, a questão dos vazios urbanos teve uma maior incidência a partir do século XX, dado que foi neste século que o urbanismo moderno começou a emergir. Independentemente da razão do seu aparecimento, todos os vazios partilham dos mesmos valores: algo que não contém nada; que está desabitado dentro de uma zona habitada; partes não preenchidas ou não ocupadas de algo parcialmente preenchido; despovoado, desocupado; que não produz efeito; inútil; que é ou se encontra falto, privado ou carente de algo; que não há ocupantes ou frequentadores, ou que os há em pequena quantidade.



Figura 21
Fotografia, *Vazio Expectante*,
Barreiro, da autora, 2016

O vazio é um lugar obsoleto que se afasta da atividade da cidade onde vive. O esquecimento é o seu sentimento predominante, reforçado pelo conceito de ausência: um conceito que se torna fundamental no seu entendimento. Os espaços desocupados e as suas formas acabam por conferir a distinção das cidades (Morgado, 2005). Nestes espaços a memória do passado vence à do presente (Solà-Morales, 1995). Mas apesar do seu carácter pesado se contrapor ao inspirador, Mark Wigley (2007) defende o vazio como o não vazio, sustenta que o vazio é um início, e não sinónimo de *nada*, um convite à possibilidade de uma experiência.

²⁶ À semelhança da questão abordada por Smithson no capítulo anterior.

O papel do arquiteto relativamente ao vazio pode corresponder a três posições. O arquiteto pode ser de forma indireta e/ou direta o seu criador, ou o seu "restaurador". Por vezes o vazio resulta de dinâmicas urbanísticas que não conseguiram alcançar o seu fim, o território é colonizado mas a sua construção fica estagnada, justificando-se em grande medida pela falta de orçamento. Este é o primeiro papel do arquiteto sobre o vazio.

O arquiteto torna-se no criador direto do vazio quando os espaços são projetados e construídos mas ainda assim se transformam em espaços "inabitados em zonas habitadas" da cidade moderna e pós-moderna. É um fenómeno que acontece devido à falta de proximidade que os arquitetos têm hoje com o terreno, com as populações que o habitam, e em demasia com o desenho. Ou seja, os espaços são projetados sem conhecimento dos hábitos da população para os quais estão a ser desenhados, provocando uma estranheza tal em que os habitantes não se identificam com as qualidades e condições dos espaços que lhes foram atribuídos e resultando no seu desprezo e abandono.

Cabe ao arquiteto a função restauradora quando a este lhe é proposto a intervenção no vazio. Criando *algo* no *nada*, sendo proposto a transformação daquele espaço num elo conector da cidade desfragmentada. Rem Koolhaas identifica os vazios urbanos como o grande potencial metropolitano da Europa, uma vez que a sua intervenção permite uma maior liberdade, contrariando a construção dentro do edificado já existente (Koolhaas, 2007). "*Onde não existe nada, tudo é possível. Onde existe arquitetura, nada (mais) é possível*" (Koolhaas, cit. Baptista, 2007, p.10).

No passado não existiam espaços desocupados. Vazias eram, segundo Andrea Borde (2013), áreas para onde a cidade ainda se poderia expandir. Havia os espaços naturais e rurais por oposição às cidades bem circunscritas nos seus limites amuralhados. Mais tarde, esta demarcação simboliza-se pelas inovadoras infraestruturas da linha férrea. Foi o desenvolvimento urbano que criou texturas de espaços cheios e vazios, repensando novas morfologias e usos (Morgado, 2005). Nas novas

idades os vazios e cheios passam a ritmar a cidade. O entendimento do vazio assume um caráter teórico através desta dialética entre cheios e vazios: duas realidades antagónicas em que o vazio é a substância do espaço público (Baptista, 2007).

Para Cristina Cavaco (2007), o significado de vazio nasce assim como filho bastardo de um movimento moderno, o que faz urgir a necessidade de uma nova teoria da cidade, que possibilite escapar a uma forma pré definida e fechada da urbanística tradicional que de certo modo nunca se abandonou (Cavaco, 2007). Na cidade normativa o vazio submete-se à circulação e conexão, medido pela velocidade e pelos fluxos de comunicação e informação: um espaço de *não-lugares*²⁷. Surge o vazio como espaço de contacto e continuidade, um espaço de articulação que se foi alterando e moldando às aspirações coletivas ao longo do tempo: na época medieval os vazios da cidade certificam-se de acolher eventos públicos como festas e mercados, na época clássica e barroca, o vazio transforma-se em palco de espetáculos, convertido num cenário teatral programado. Hoje o vazio tem-se como um espaço de rotura: habilmente estrutura e conecta os sistemas mas é incapaz de articular os diferentes lugares (Cavaco, 2007).

É em oposição à convicção de que o vazio é público e o cheio privado que nascem dois ideais de cidades utópicas: a *Supersurface* pelo grupo Superstudio²⁸, e a *Non-Stop City* pelos Archizoom²⁹. A primeira destaca-se pela abolição do cheio construído –um espaço exterior infinito. Por sua vez a segunda marca-se pela arquitetura sem expressão e catatónica,

²⁷ Para Marc Augé, o mundo atual divide-se em dois tipos de espaço: os não lugares de refúgio (os dos acampamentos os da migração, os de voo) e os lugares da imagem (da imagem que substitui a imaginação através dos simulacros e das cópias).

^{28,29} *Superstudio* e *Archizoom* dois grupos compostos por arquitetos, fundados em 1966. Ambos, pertenciam ao movimento vanguardista do *design* e da arquitetura dos anos 60. Criavam novas formas de ver os espaços.

em contraponto à arquitetura moderna do estilo internacional. A cidade anulária o espaço público através de um espaço interior cerrado. Ambas surgem como instrumentos de emancipação e anunciam a emergência por uma nova conceção do vazio (Baptista, 2007).



Figura 22
(à esquerda) Fotografia, *Non-Stop City*, Archizoom, 1968

Figura 23
Fotomontagem, *SuperSurface*, Superstudio, 1974

As propostas surgem na frente guerreira da oposição à arquitetura moderna, cuja crítica existente foi já revista no capítulo anterior. Reforça-se no entanto a ideia de que é nesta época que emerge o vazio como categoria concetual: maximiza-se o espaço vazio e a concentração do espaço cheio. É neste contexto que nascem ensaios como os de Colin Rowe e Freud: a *Collage City*, que em meados da década de 60 comparam os vazios da cidade moderna e os da tradicional. (Baptista, 2007) Apesar de se destacarem pela sua presença no passado, algumas práticas da "tábula rasa" continuam a ser exercidas na arquitetura contemporânea. Os vazios continuam a ser entendidos como falhas ou ausências que aguardam posterior complemento ou construção: numa dinâmica de cheios e vazios. Ignasi de Solà-Morales dá uma nova interpretação a estes espaços urbanos, e por consequência, para uma nova forma de intervenção na cidade.

"Se entendermos a cidade como um texto, os vazios urbanos são vocábulos em falta ou que, temporariamente, parecem desajustados com o texto global (...) Na cidade, cabe ao arquiteto a interpretação do potencial infinito desses vazios e, com a sua capacidade transformadora, tem o poder "transcendente" de decidir o destino do texto global"

(Mateus, 2007, pp.13-14). Este potencial infinito do vazio cativa fotógrafos desde a década de 70, dos quais se distinguem, entre outros, os nomes John Davies, David Plowden e Manolo Laguillo (Sòla-Morales, 1995). Anos antes, já o pintor Edward Hopper se inspirava em espaços urbanos insólitos, que dominados pelo silêncio, eram selecionados pelo artista como pedaços de realidade em paisagens vazias que refletiam a solidão contemporânea. Os artistas capturam a condição de vazio nas cidades, manifestando uma imaginação romântica que sobrevive ainda na sensibilidade atual, alimentada pela expectativa e pela memória: duas características enraizadas nos vazios, ou, pelas palavras de Sòla-Morales, nos *Terrain Vagues* (*terrain*, de terreno pouco definido, e *vague* de livre, vazio, desocupado, disponível e descomprometido). Estes espaços traduzem a velocidade da mudança, que trespassa, a nível individual, numa estranheza persistente das quais os registos fotográficos são indicações (Sòla-Morales, 1995).

*“Estranhos na nossa própria terra, estranhos na nossa cidade, nós modadores da metropolis sentimos os espaços não-dominados pela arquitetura como reflexões da nossa própria segurança, dos nossos devaneios vagos por espaços ilimitados que, na nossa externa posição perante o sistema urbano, perante o poder e perante a atividade, constituem uma expressão física dos nossos medos, inseguranças e expectativas do outro, da alternativa, do utópico, do futuro.”*³⁰ (Sòla-Morales, 1995, p.121).

A fotografia vem dar um novo significado ao vazio, transporta uma nova materialidade para um espaço que quebra a malha urbana: um espaço de constrangimentos esquecidos. Esta falta de significado não deve ser confundida com uma falta de história. Por sua vez, estes espaços distinguem-se por características muito próprias, de configurações

³⁰ Tradução livre da autora do original: *“Strangers in our own land, strangers in our city, we inhabitants of the metropolis feel spaces not dominated by architecture as reflections of our own insecurity, of our vague wanderings through limitless paces that, in our position external to the urban system, to power, to activity, constitute both a physical expression of our fear and insecurity and our expectation of the other, the alternative, the utopian, the future.”*

distintas a níveis morfológicos: como o comprovam os registos fotográficos. Assim sendo, além da imortalização da imagem³¹, a fotografia passa a ser um instrumento de confronto em relação às dinâmicas urbanísticas que tomam lugar nas cidades. As câmaras fotográficas dotam-se da capacidade de ressaltar o contraste entre o branco e o preto, o novo e o existente, o previsto e o inesperado (Busquets, 1996). Comprovam-no, além dos já acima descritos, os fotógrafos Las Oorthuys, Freek van Arkel e Rachel Whiteread que pelas suas fotografias demonstram as transformações urbanas que foram atingindo as cidades.



Figura 24
(à esquerda) Desenho, *Study for Nighthawks*, Edward Hopper, 1940

Figura 25
Frame do filme *As Asas do Desejo*, 1987

O vazio conduz-se da fotografia para o movimento cinematográfico através de obras como *Stranger Than Paradise* de Jim Jarmush, *As Asas do Desejo* o de Wim Wenders³². Ambos os realizadores enquadram o vazio no espaço cenográfico, sendo que o segundo nos oferece uma leitura do espaço urbano de Berlim, ainda a cicatrizar da Segunda Guerra Mundial, criando uma radiografia da cidade, pelos seus espaços intersticiais, pelos seus vazios e pelas suas pausas (Busquets, 1996). A devastada época do pós-guerra cria vários espaços de rotura, que ao mesmo tempo traz uma grande vontade de construir de novo, repor os vazios ao seu estado anterior, apagando este fragmento da memória coletiva. O projeto de

³¹ Segundo Cristina Maneguelo, para lembrar é preciso esquecer e é nesse sentido que a fotografia surge como um forte instrumento.

³² Dos mesmos realizadores enquadram-se no contexto: *Paris Texas* e *Alice in the Cities* de Wenders e *Always in Vacation* de Jarmush. Também as obras *Stalker* de Tarkosky e *O Deserto Vermelho* de Michelangelo Antonioni se destacam pela representação de vazios industriais. Numa visão mais concetual tem-se *DogVille* de Lars Von Trier, no qual o vazio cenográfico é símbolo da pobreza americana.

Siza Vieira, *Bonjour Tristesse*³³, ativa concetualmente o vazio como instrumento de homenagem memorial (Baptista, 2007), neste vazio-bélico no qual tinha que intervir, o arquiteto não o apaga, mas utiliza-o.



Figura 26
Fotografia, *Bonjour Tristesse*,
Berlim Marta Caruso, 2010

Nas cidades os vazios encarregam-se das suas cicatrizes, à semelhança da ruína contam as suas trágicas histórias e provocam um estranhamento perante o silêncio que se inaugura perante o burburinho recorrente dos fluxos da cidade: criam a sensação de afastamento, enquanto fazem idealizar sonhos de novas estruturas urbanas (Borde, 2013). É na década de 80 que Barcelona aposta na reestruturação urbana, apoiada numa estratégia de articulação e valorização de dezenas de espaços desta natureza, que se dedicam hoje a parques, equipamentos e serviços (Busquets, 1996). Numa ótica mais recente tem-se o atentado do World Trade Center, que derruba as Torres Gémeas, e cujo posterior projeto memorial assentou na afirmação das pegadas vazias. Esta condição multifacetada torna difícil a sua quantificação, tendo em conta de que se está perante um fenómeno recentemente problematizado. No entanto, a recuperação destes espaços nas cidades pode significar a possibilidade da sua recuperação, como foi o caso das Docklands em Londres (Busquets, 1996, p.283).

³³ Projeto de Álvaro Siza Vieira de 1987, no Bairro de Kreuzberg em Berlim, em que o arquiteto é convidado a intervir sobre um vazio Bélico.

Os projetos acima descritos são testemunhos da idealização do vazio como oportunidade, uma característica também explorada por Cristina Cavaco (2007), caracterizando os vazios urbanos como interstícios, intervalos de espaço onde nada acontece mas onde tudo pode acontecer. Quer estes se situem no centro das cidades tradicionais, como nas suas periferias difusas (Veríssimo e Burnay, 2007), o seu aparecimento relaciona-se frequentemente com uma série de processos de crescimento e transformação urbanística, evidente nas cidades ocidentais (Busquets, 1996). São territórios que surgem em consequência urbanizações instantâneas, descontínuas, pouco heterogêneas e criativas sobre o território: desconstroem-se em estruturas decadentes, industriais ou não, passadas e esquecidas, de áreas em ruínas anteriormente produtivas (Veríssimo e Burnay, 2007).

É assim que o fenómeno plural dos vazios urbanos se transforma num campo de possibilidades programáticas: *"Enquanto existem, os vazios convidam-nos a imaginar que tudo podia ser completamente diferente. A promessa de um futuro em aberto foi sempre o que definiu a cultura urbana."* (Confeurius, 2007 p.170). Todavia, perante o vazio é fácil fazer alguma coisa, o que se torna difícil é não fazer nada, fazer o vazio, produzir o vazio. A dualidade perante o conceito examina-se na frase anterior: construir ou não construir, intervir ou não intervir. Os espaços vazios têm paulatinamente entrado nas estratégias de transformação da cidade contemporânea, possuindo em si a capacidade de regenerar tecidos em localizações privilegiadas na cidade (Alves, 2007, p.290). Álvaro Domingues (2014) acredita que as regenerações de ordem urbanística passam por estes espaços, com a criação de um novo significado e uma nova continuidade, a fim de lhes retirar o carácter de retalho. Desta forma, o vazio pode ser introduzido como uma discussão de duas visões opostas, uma primeira que o contesta e àquilo que representa na cidade: um modelo socioeconómico expirado, o abandono e a ausência de vontade; e numa segunda na qual assenta o "Terrain Vague", na qual o vazio se descreve como um espaço aberto para apropriações criativas e espontâneas, assim como para usos informais, que teriam dificuldades em encontrar espaço em espaços públicos ditos

"normais". Os "Terrain Vague" proporcionam formas alternativas de experienciar a cidade, embora esta visão otimista e idealista possa ser comprometida pela tomada de posse da marginalidade.

Hoje, estas manchas de não cidade, lugares ausentes, ignorados ou cobiçados, têm vindo a proliferar-se, o que gera a sua subdivisão em diferentes tipologias (Veríssimo e Burnay, 2007). Etimologicamente, a palavra denota algo que se encontra "entre" coisas, assim como um intervalo. Os autores Adriana Fausto e Jesús Rábago destacam ainda que na literatura europeia os vazios se referem tanto a imóveis subutilizados quanto a terrenos vazios (Rosa, 2008). No presente estudo, o vazio desprende-se da construção propriamente dita, criando uma distinção entre vazios e ruínas, sendo que as ruínas se encarregam de representar arquiteturas desativadas, desabitadas e abandonadas e os vazios, embora possam representar espaços que já foram ruína, são sobretudo espaços ausentes de estrutura.

"Nas últimas décadas têm vindo a ser adotados um conjunto de termos acerca dos vazios urbanos, que acabam por evidenciar a multiplicidade do fenómeno: "Vacios Urbanos, Terrenos Baldios, Wastelands, Dereclit Land, Expectant Land, etc." (Borde, 2013, p.4).

Atualmente, os termos mais correntemente associados à subutilização ou subocupação de áreas urbanas consolidadas são: lotes ou terrenos baldios, centros de quarteirões, edifícios antigos ou vazios. A própria diversidade de nomenclaturas que tem vindo a tomar, evidência a multiplicidade de escalas e sentidos que podem tomar os vazios (Beltrame, 2013, p.113). A fim de conceber o modo de intervenção deve-se, numa primeira fase, compreender a sua origem: *"O terreno vago só pode ser explicado pelas circunstâncias nas quais se insere"* (Ebner, 1997, cit, Rosa, 2008, p.127). Além de *Terrain Vague* tem-se como termo derivado: *Friches Urbaines*, cujo enfoque gira em torno das zonas industriais desativadas. Segundo Adalton Mendonça, a revitalização destes espaços pode ter início na reanimação de atividades económicas já em declínio, e pelo reaproveitamento de espaços construídos cujas infraestruturas se encontram disponíveis: *"A recuperação ou revitalização das friches pode*

encarar novas atividades, equipamentos urbanos ou espaços verdes, ao mesmo tempo que resolve um conjunto de problemas, tais como a falta de vida económica ou espaços de lazer. O novo tecido urbano pode instaurar-se a partir daqui" (Mendonça, 2001).

Além das qualificações de abordagem de sentido mais lato, Cristina Cavaco propõe uma série de definições para as diferentes categorias de vazios. Enumerando-os, o primeiro passa pelo *Vazio Paisagem*, um vazio caracterizado por constituir um híbrido entre espaço urbano e espaço rural: "É um sintoma territorial de como "(...) a velocidade da informação e das conexões desfocou a noção de espaço, em que o antigo contraste entre cidade e campo se dissolveu num espaço contínuo entre cidade e campo"³⁴ (Sieverts, 1999, cit, Cavaco, 2007, p.6). Este vazio, marcado pela velocidade da informação, desdobra-se, então, noutro: O *Vazio Infraestrutural*, que se apresenta por configurar as ligações da cidade: pontes, viadutos, estradas, autoestradas, caminhos de ferro, entre outro. Estes são os vazios que conectam e simultaneamente fragmentam a malha urbana: alguns lugares e outros não-lugares.



Figura 27
Fotografia, *Vazio Infraestrutural / Intersticial/Residual*, Barreiro, da autora, 2016

Igualmente semelhante ao *Vazio Paisagem* sobrevém o *Vazio Verde*: um vazio que é comumente preenchido com equipamentos públicos como parques infantis entre outros, uma vez que nasce no seio do *Vazio de Cedência*: um vazio que resulta da distância entre edificado, entre

³⁴ Tradução livre da autora do original "(...) the speed of information and travel connections has blurred the notion of space, in which the old contrast between city and contry has dissolved into a city-country continuum"

infraestruturas, ou de grandes taludes ou inclinações. Associam-se à ideia de desperdício obrigatório. Neste tópico pode ser acrescentado o *Vazio Intersticial* ou *Residual*, a que se refere Sofia Morgado (2002), como vazios decorrentes da sobreposição de infraestruturas e tecidos urbanos.

Numa quarta classificação, Cavaco (2007) sugere um espaço de *Vazio Interior Coletivo*, como é o caso de centros comerciais que vêm alterar o estatuto de propriedade entre público e privado. Constituem-se por serem vazios híbridos que procuram recriar a ambiência exterior sem perder o sentido de resguardo (que apenas um espaço interior pode garantir).

Por fim, retoma-se o *Terrain Vague*, mais definido e delineado, substituindo esta expressão por outra análoga em termos linguísticos: o *Vazio Expectante*. Possivelmente as propostas acima se possam resumir todas a este termo, grandes áreas vazias, com grande oportunidade e potencial de virem a ser projetos de intervenção urbana: um espaço que está provisoriamente desocupado. Ou seja, são áreas em estado de obsolescência que se contrapõem a uma promessa de oportunidade em potencial. Também Sofia Morgado (2002) se refere ao *Vazio Expectante* como uma das possíveis classificações destes espaços, determinando-os como decorrentes da absorção de zonas por diferentes modos de crescimento das periferias, quer por consequência da especulação imobiliária ou pela má gestão do espaço urbano.



Figura 28
Fotografia, *Vazio Expectante*,
Barreiro, da autora, 2016

Voltar-se-á à classificação dos Vazios, a fim de determinar o seu sentido no objeto empírico do estudo. A sua definição utilizada continuará a ser *Vazios Urbanos*, uma vez que esta se confere como a mais geral, agrupando todas as classificações acima numeradas. No entanto, importa reforçar que a resolução dos diferentes espaços, dependerá intrinsecamente do tipo de vazio em causa: das suas especificidades históricas e locais (Fiavola, cit. Borde, 2013). Em espaços que constituem *lócus* de identidade, liberdade e memória para os seus habitantes (Sòla-Morales, 1995), resta compreender de que formas se tem vindo a intervir sobre estes espaços ao longo do tempo, para Nuno Portas (2007, p.142), *"Reconstruir esta paisagem significa (com)sentir e afirmar a resiliência e estabilidade dos processos naturais, incorporando a espessura do tempo. Lugares com espaços e tempo para a espontaneidade se instalar. Espaços vazios que aguardam possibilidades para que outras dinâmicas e estruturas se manifestem (...)"*.

Com a mudança do sistema de transporte, antigas estações ferroviárias viram-se a mudar e a tornar-se obsoletas, a opção em muitos casos passa pela reconversão de antigas estações em pontos de intercâmbio entre diferentes modos de transporte (Busquets, 1996). A obsolescência das linhas férreas conduziu a um conjunto de projetos sobre estes espaços dos quais se pode ter em conta o projeto *High Line*, em Manhattan. Um projeto dedicado à reconversão de um carril com 2,7 KM de comprimento, abandonada desde 1980. A reutilização do vazio tem a capacidade de ser a chave de resolução face aos comportamentos marginais que por vezes se apropriam destes espaços. Nesse sentido as utilizações podem tomar um carácter mais pontual, nomeadamente de melhoramento do espaço público. A reapropriação do vazio permite uma releitura da cidade, numa ótica de lhe conferir uma nova continuidade e reposicionar o vazio no espaço urbano (Cavaco, 2007). É nesta direção que Lévesque (2002) sugere a cidade aberta como um laboratório para uma experiência intensificada, ideia que se reforça por João Nunes e Carlos Ribas (2007, p.144), quando afirmam: *"Condição preciosa clareira de espaço e de tempo na teia de compromentimentos que a cidade constitui, momento de pausa que permita espaço para funções mais*

efêmeras que também constroem cidade, tempo para a inscrição nas gerações futuras".

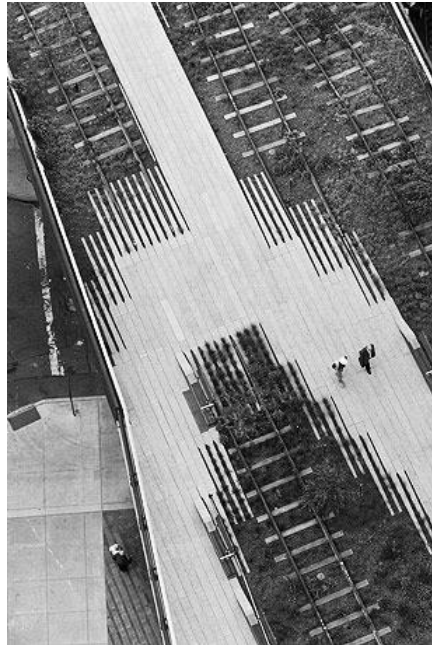


Figura 29
(à esquerda) Fotografia, *High Line*, Nova Iorque, Iwan Baan, 2009

Figura 30
Fotografia, *High Line*, Nova Iorque, Iwan Baan, 2009

Figura 31
Fotografia, *City Square Developing*, Roger Wagner



Luc Lévesque (2002) encontra riqueza no inesperado, e sublinha que o que considera como importante numa intervenção urbana é a sua capacidade de começar por aquilo que existe, de forma a criar novas noções de realidade e novas formas de imaginar a cidade. Vão ao encontro desta ótica as iniciativas Arte/Cidade, em São Paulo, nas quais vários artistas e arquitetos intervêm no espaço urbano por intermédio de práticas artísticas. Os espaços de eleição foram áreas vazias constituídas por espaços intersticiais ou infraestruturais, nos quais foi procurado responder às novas condições urbanas. Também o *atelier* AllesWirdGut atua sobre espaços vazios numa procura de melhoramento do espaço público. É o caso do projeto Lux-City Square Development, em San Candido, no qual o *atelier* se depara com uma praça numa antiga base siderúrgica cuja atmosfera se marca pelo desuso industrial. Assim neste novo vazio surgem novos conjuntos arborizados e a possibilidade da re-habitação do espaço através da utilização de materiais com capacidade de envelhecimento como a madeira, de forma a combinar o presente com o passado industrial.

Noutra ótica, é assumida uma posição de não intervenção sobre o vazio pelas mãos dos arquitetos Lacaton & Vassal³⁵, que ao lhes ser proposto um projeto de embelezamento de uma praça em Bordeaux (1996), decidem não alterar nada, uma vez que a praça era já, por si, harmoniosa. A memória descritiva do projeto (ou não projeto) será citada em baixo:

"Este projeto enquadra-se na estrutura de um plano de "embelezamento" para várias praças de cidades instigado pela Câmara Municipal de Bordeaux em 1996. A praça é triangular na sua forma, limitada por árvores, com bancos e espaços para jogar "pentanca", como uma praça de vila.

À sua volta, as casas com as suas sóbrias, mas bem desenhadas fachadas, formam um excelente exemplo da arquitetura do estado e de residências coletivas públicas.

Na nossa primeira visita tivemos a sensação de que a praça é já bela devido à sua falta de sofisticação autêntica, possui a beleza do que é obvio, necessário e certo. O seu sentido emerge diretamente. As pessoas sentem-se em casa numa atmosfera de harmonia e tranquilidade, formada ao longo de vários anos.

Passamos algum tempo a observar o que acontecia aqui. Conversámos com uns quantos habitantes locais.

Depois questionamo-nos acerca do desenvolvimento do projeto na praça, visualizando o seu embelezamento.

Ao que se resume a ideia de embelezamento?

Envolve substituir o pavimento com outro? Um banco de madeira por um banco de pedra mais moderno? Ou um candeeiro standard por outro mais elegante?

Nada demanda um grande conjunto de alterações.

O embelezamento não tem lugar aqui.

Qualidade, charme e vida existem. A praça já é bela.

³⁵ <https://lacatonvassal.com/index.php?idp=37>

Como projeto nós propusemos fazer nada, à exceção de alguns trabalhos de manutenção simples e rápidos: substituir a gravilha, limpar a praça mais vezes, tratar dos limoeiros e algumas mudanças de trânsito- de forma a melhorar o uso da praça e a satisfazer os moradores.³⁶



Figura 32
Fotografia, Place Léon Aucoc,
Bordeaux, Lacaton & Vassal

³⁶ Tradução livre da autora do original: “This project fits within the framework of an “embellishment” plan for many town squares instigated by Bordeaux City Council in 1996. The square is triangular in shape, bordered by trees, with benches and a space for playing pétanque, like a village square. Around it, the houses with their sober but well-designed façades form an excellent example of estate architecture and of collective public housing. //On our first visit we get the feeling that this square is already beautiful because of it’s authentic, lacking in sophistication. it possesses the beauty of what is obvious, necessary, right. Its meaning emerges directly. People seems at home here in an atmosphere of harmony and tranquillity formed over many years.//We’ve spent some time watching what happened there. We’ve conversed with a few of the local inhabitants.//Then we asked ourselves about a development project on this square with a view to its embellishment.//What does the idea of “embellishment” boil down to?//Does it involve replacing one groundcover with another? A wooden bench with a more-up-to-date design in stone? Or a lamp standard with another, more fashionable, one? Nothing calls for too great a set of changes.//Embellishment has no place here.//Quality, charm, life exist. The square is already beautiful.//As a project we’ve proposed doing nothing apart from some simple and rapid maintenance works - replacing the gravel, cleaning the square more often, treating the lime trees, slightly modifying the traffic- of a kind to improve use of the square and to satisfy the locals.”

3. Síntese Conclusiva

Vestígios das ações humanas, derivadas de conflitos ou não, as ruínas e os vazios representam o tempo passado na condição moderna. A ruína trás consigo qualidades funcionais, filosóficas, poéticas e socioculturais, provocando sensações como a nostalgia e a saudade. Ao passo que os vazios transportam os sonhos idílicos, utópicos e expectantes que assomaram os arquitetos ao longo dos tempos. Estes vestígios de passado evidenciam o peso do tempo, e de forma análoga, a condição humana perante a força esmagadora e devastadora deste, como bem ilustram as pinturas e gravuras da época romântica, referentes à ruína. O tempo passado transporta-se para a condição moderna e mais tarde para a contemporânea, criando uma oportunidade de comunicação com o passado: uma pequena máquina do tempo, que nos apresenta períodos mais simples e pré-industriais.

A ruína emerge como elemento simbólico no renascimento e perpetua o seu sentido até aos nossos dias, alterando o seu estado consoante a época em que vive, assim como o vazio, que embora tenha surgido como uma preocupação recente, reflete o desejo sublime que se sentia nas ruínas. A atitude dos arquitetos perante estes fenómenos tem vindo a sofrer alterações, existindo hoje uma maior preocupação em relação à sua coexistência nas novas arquiteturas. A ruína permite que o passado seja compartilhado no presente, no momento que é proposta a reabilitação de uma ruína esta deixa de ser um achado arqueológico e passa a ser o ponto de partida do projeto (Meneguello, 2008 *cit.* Nemer). É um resgate da história e a possibilidade de reavivar o edifício, e todas as sensações que este nos oferece: *"O movimento constante produz o lirismo das coisas que ficam para trás. As ruínas são retratadas ao pôr-do-sol. A luz dourada, banhando diagonalmente as construções destruídas, só dura um efêmero instante, durante o qual todas as coisas parecem dotadas de magia. Elas são datadas, captadas num momento preciso, numa hora do dia, no tempo. Cenas carregadas de história e nostalgia. A inclinação da luz pronuncia que tudo vai logo cair na escuridão, desaparecendo para sempre. É a iluminação própria desse mundo em ruína"* (Peixoto, 2010,

p.163). É ao encontro da preservação desta nostalgia, que carregam tanto as ruínas como os vazios, que se centra a posição defendida neste trabalho. Fomentar a Re-habitação destes espaços, de modo a experienciar as diferentes sensações que provocam.

O papel do arquiteto torna-se fulcral nas decisões a tomar em relação às heranças do passado, cabe-lhe reanimar estas vozes, impedindo a ruína de alcançar a sua condição deliberada de *nada*. A menos que exista algum tipo de interferência, o futuro da ruína é incontornavelmente o *vazio*. E o *vazio*, assim como a ruína, posiciona-se na cidade como um elemento de solução ainda a decifrar. Numa oposição a sistemas urbanos normativos, o mistério por desvendar revela-se positivo, sugerindo intervenções mais efêmeras, por oposição ao carácter duradouro de novas arquiteturas. No silêncio que mancha a cidade nestes espaços, as pausas são indícios de oportunidade, um laboratório de experiências. Enquanto o *vazio* prevalece *vazio*, e a ruína permanece ruína, as manifestações artísticas continuarão a ter lugar, e numa ótica interventiva da qual dependerá este trabalho, as propostas nunca tentarão resistir a essa identidade.

É com esta compreensão acerca das Ruínas e dos Vazios, que se procederá ao estudo da cidade do Barreiro, da qual nasce a preocupação pelos dois fenómenos. No Barreiro as Ruínas não se igualam às estruturas românticas do passado, no entanto, o peso que toma a história da cidade, inscreve-se nos antigos edifícios, dotando-os da capacidade de evocar outros tempos, a par dos vazios, que deixam as pegadas da urbanidade expectante deste local, dos projetos que poderiam ter sido e não foram, numa terra que se distingue pelos sonhos e visões do futuro.

II. O Barreiro:

uma compreensão histórica, urbanística e social

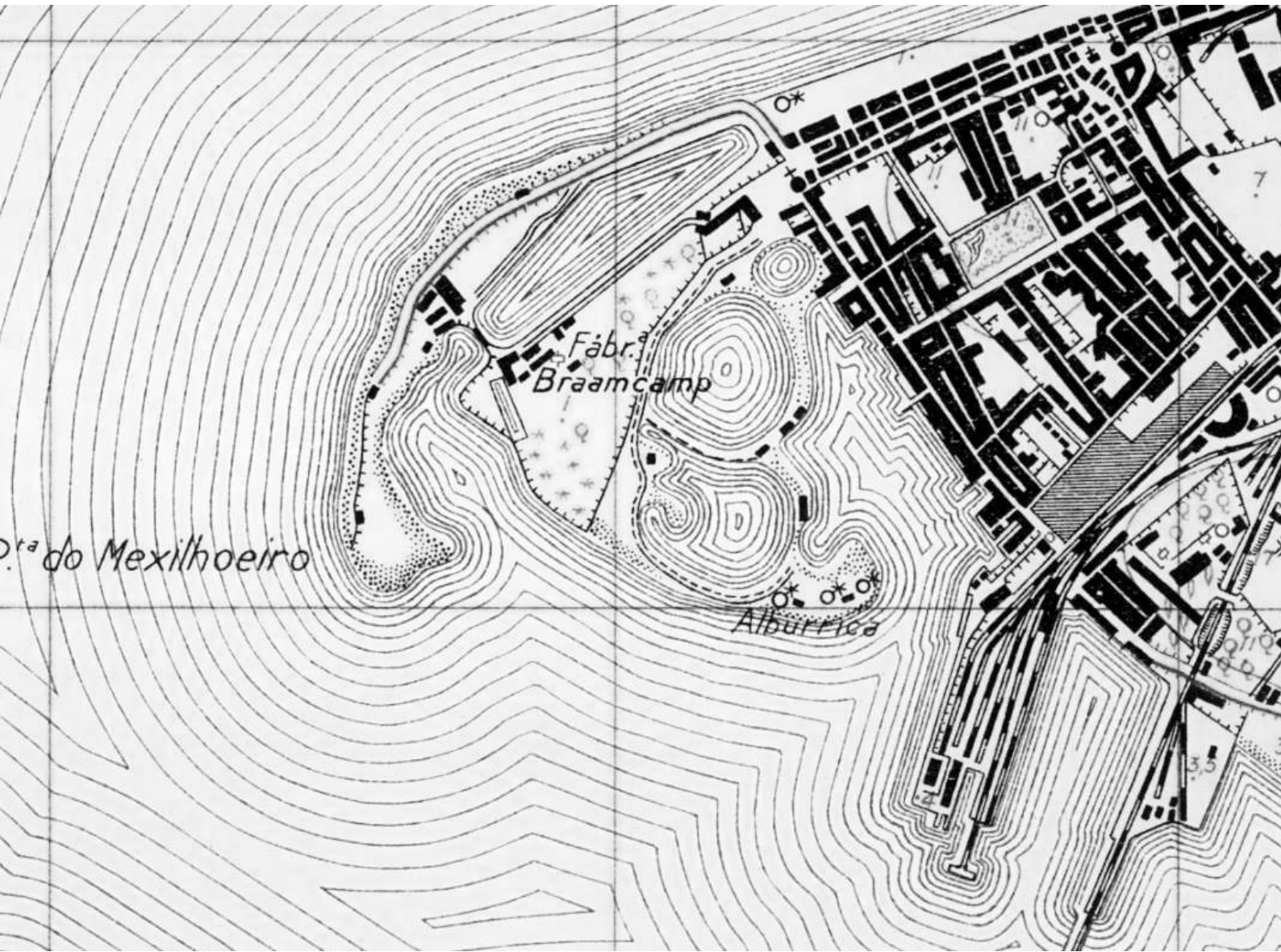


Figura 33
Mapa, Carta Militar nº 442,1961

Introdução

Com o propósito de apreender aprofundadamente o objeto empírico deste estudo, desenvolver-se-á nas seguintes páginas uma análise do concelho do Barreiro. Partindo de uma análise diacrónica, proceder-se-á a uma descrição histórica daquilo que foram os seus momentos mais marcantes. Tendo tido início numa pequena vila, o seu desenvolvimento até ser considerada cidade destaca-se por várias identidades que foram deixando o seu rasto. Deste modo, numa primeira fase o Barreiro tem-se como uma vila piscatória e agrícola, que muda radicalmente assim que a linha férrea perfura os seus terrenos. A vila, fortemente retratada por Armando Silva Pais, transforma-se mais tarde num pólo industrial, através da implantação da CUF por Alfredo da Silva.

Serão estudados os impactes do faseamento de diversas atividades na cidade e o envolvimento da sua população nas mesmas. Abordar-se-á a primeira implantação populacional do Barreiro, e a sua configuração espacial, e consecutivamente serão descritas as demais atividades que foram tomando lugar: a Moagem, caracterizada pelos moinhos de vento e maré, junto ao rio Tejo e Coina, a Indústria Corticeira, de maior escala do que se imagina, e a vida Ferroviária, que teve início com a construção da Estação Ferro-Fluvial Sul e Sueste.

Numa cidade marcada pelas suas histórias, o associativismo tem-se como um forte representante da população, e continua hoje a ser um ativo fundamental na vida, cidadania e cultura barreirenses. Deste modo, é num quarto momento que se apreende a construção desta vida participativa na cidade, constatando que se inicia com o associativismo de classe e as lutas operárias.

Após a compreensão da abordagem de teor histórico e social, serão analisados os métodos e instrumentos de planeamento que se aplicaram na cidade, com o propósito de colmatar o seu mais evidente problema: a desfragmentação. Os planos existentes tomam diferentes escalas, do urbanismo à arquitetura, e serão explorados a fim de compreender as dinâmicas urbanas de que tem sido alvo a cidade.



Figura 34
Mapas, *Processo de Crescimento Urbano do Barreiro*, Câmara Municipal do Barreiro

1. Enquadramento e Localização

O concelho do Barreiro constitui-se por 78.764 habitantes³⁷, possuindo uma área de 36,41km². A cidade é banhada pelo rio Tejo e pelo rio Coina, formando assim uma península. Esta composição transforma a água num elemento marcante em toda a paisagem, além de criar uma extensa área de frente ribeirinha. Do Barreiro observa-se a serra da Arrábida; a antiga Siderurgia Nacional, que se prolonga pelo rio Coina e separa o Barreiro do Seixal; a cidade de Almada e o Cristo Rei; Lisboa, marcada pelas suas colinas; Monsanto e, por fim, a serra de Sintra onde, em dias de sol, se descobre o Palácio da Pena.

O Barreiro localiza-se a 40 Km de Lisboa, ainda que a distância do olhar seja bem menor, porque é feita pelo rio. Assim, no horizonte, avistam-se também as duas pontes sobre o Tejo, 25 de Abril e Vasco da Gama, e vários recortes emblemáticos da capital, como o Terreiro do Paço, a igreja de Santa Engrácia ou as torres das Amoreiras. A ligação da cidade suburbana a Lisboa é então possível de três formas, através das travessias sobre o rio ou através da ligação fluvial, cujo serviço é assegurado pela Transtejo e Soflusa. A sua localização constitui-se um ponto fulcral para seu desenvolvimento, pela proximidade com o rio e com Lisboa.

O rio Coina (ou Ribeira de Coina), nasce na serra da Arrábida, contando com cerca de 25 km de comprimento, encontra-se com o Tejo, desaguando na bacia do seu estuário, na Ponta do Mexilhoeiro. O estuário constitui um dos maiores da Europa, é aqui que o rio chega à sua foz, já cansado da viagem de 1.009 km, com nascente em Espanha, para avistar por fim o Atlântico, onde desagua. Por estas águas já navegaram infindas embarcações, inevitavelmente esplendorosas, sob a luz brilhante de Lisboa, enquanto deslizam na longa bacia do antigo rio *Tagus*.

³⁷ Censos 2011.



Figura 35
Fotografia, *Fragata no Rio
Tejo*, Barreiro, Augusto
Cabrita, 1940

*(...) O Tejo tem grandes navios
E navega nele ainda,
Para aqueles que veem em tudo o que lá
não está,
A memória das naus.*

*O Tejo desce de Espanha
E o Tejo encontra o mar em Portugal.
Toda a gente sabe isso.
Mas poucos sabem qual é o rio da minha
aldeia
E para onde ele vai
E donde ele vem.
E por isso, porque pertence a menos gente,
É mais livre e maior o rio da minha aldeia.*

*Pelo Tejo vai-se para o mundo.
Para além do Tejo há a América
E a fortuna daqueles que a encontram. (...)*

Alberto Caeiro, 1914

As zonas estuarinas caracterizam-se pela abundância e diversidade biológica, desenhada por braços de rio e areia, sapais e pântanos. É junto a uma zona de morfologia semelhante que nasce a grande mancha florestal do Barreiro, a denominada Mata da Machada. Este espaço, que ocupa 385,7 hectares é constituído por duas antigas propriedades privadas – o pinhal de Vale de Zebro e a Quinta da Machada – antiga propriedade do Convento de Nossa Senhora da Luz da Ordem de Cristo. Ambas foram adquiridas pelo Estado em 1834, na sequência da extinção das ordens religiosas. Hoje em dia, é considerada o pulmão da cidade, uma vez que representa a pegada verde de maiores dimensões do concelho. A mata encontra-se junto à localidade de Palhais e, embora distante do centro da cidade, é muito frequentada pelos seus habitantes para fins recreativos e desportivos³⁸. A ligação a esta zona, e também a toda a freguesia, é assegurada pelos transportes coletivos do Barreiro (TCB). Existem ainda outros dois pontos verdes relevantes, mas de menores dimensões: o Parque Catarina Eufémia, localizado no centro da cidade, e o Parque da Cidade, rasgado entre as localidades de Santo André e de Casquilhos.

A estrutura funcional do concelho do Barreiro é parte integrante do distrito de Setúbal, incorporando também a Área Metropolitana de Lisboa (AML) e a Região de Lisboa e Vale do Tejo (RLVT). O distrito de Setúbal tem uma área de 5,064km² e dele fazem parte treze concelhos. Assim, entre outros, o Barreiro tem como concelhos vizinhos os concelhos da Moita, na frente leste; de Palmela, a sueste; de Setúbal e de Sesimbra, a sul; e do Seixal, a oeste. *“O concelho é composto por quatro freguesias, resultado da reorganização territorial em consequência da aplicação da lei nº22/2012, de 30 de maio, relativa à organização administrativa territorial da autarquia.”* (CEDRU, 2016, p.20). O concelho alberga então: a freguesia do Barreiro (onde se encontra o centro da cidade, sobre o qual o estudo se debruça) e do Lavradio, a união das antigas freguesias do Alto do Seixalinho, Santo André e Verderena; a união das freguesias de Palhais e Coina e a freguesia de Santo António da Charneca.

³⁸ <http://www.cm-barreiro.pt/pages/734>



Figura 36
Mapa, Extrato da Carta dos
Arredores de Lisboa, IPCC,
1816,

2. Caracterização Histórica

O Barreiro vive ainda marcado pela indústria, tendo vivido em esplendor a época que o distingue. A cidade vive ainda marcada pelo seu polo industrial, a Companhia União Fabril (CUF) – que lançou não só o Barreiro como Portugal para a Europa. Antes desta implantação, encontrava-se no Barreiro uma vila modesta, cujo carácter se ia alterando consoante as atividades económicas que lá se instalavam.

Estas identidades marcam a história barreirense, criando diferentes culturas ao longo do tempo e transformando a população do Barreiro em conjunto com a sua cidade. Através da caracterização histórica pretende-se compreender a multiplicidade de identidades que foram deixando a sua pegada no território.

O Barreiro começa por ser uma povoação cuja vivência dependia da pesca, da moagem e da agricultura. A indústria (em todas as suas vertentes) vem alterar esta paisagem por completo. A ferrovia rasga-se pela vila, dando início à sua transformação e modernização. A indústria corticeira apoia-se nesta implantação para dar início à sua exploração. Por fim estabelece-se a indústria pesada, convertendo o Barreiro num caso paradigmático a nível nacional. O aproveitamento da localização geográfica e ribeirinha considerou-se um fator transversal a todas as fases.

A história da cidade divide-se em várias etapas. Por essa razão, a sua descrição será apresentada por "camadas", seguindo a ordem cronológica do início de cada uma das atividades económicas que marcam as diferentes épocas. Embora a existência de povoações, neste território, remonte a uma data anterior ao século XIV, é a partir desta data que persistem ainda hoje provas visíveis das vivências passadas, representadas pelos edifícios e ruas que ainda se erguem. Por esta razão, o estudo debruça-se a partir da época relativa ao início da exploração do rio, através das marinhas de sal, uma vez que é a partir deste período que se encontram, ainda hoje, testemunhos edificados.



Figura 37

Fotografia, *Pescadores no Barreiro*,
Augusto Cabrita, 1940-1960

A exploração de marinhas de sal na foz do rio Coina, no Barreiro (ou Quinta do Barreiro) e Verderena, tem início por volta do ano de 1322. Em 1487, assinala-se a construção de salinas na zona de Alburrica, sendo esta uma atividade que se expandia por toda a baía do Tejo. A exploração do sal foi uma atividade importante e útil, uma vez que, durante os séculos XIV e XV³⁹, em períodos de crise, esta matéria-prima era utilizada como moeda de troca (Carmona, 2009).

No século XIV, além da exploração de sal, o sustento dos habitantes do Barreiro fazia-se também através da lavoura e da pesca: estas três atividades proporcionam a fixação de população neste local. Data igualmente deste século um dos primeiros documentos referentes ao Barreiro. Nesta altura a povoação ribeirinha organizava-se em comunidades de casais e quintas, sendo que uma delas era a Quinta de Dona Sancha Pires, uma abastada proprietária que, após a sua morte deixa a morte deixa a sua quinta do Barreiro à Sé de Lisboa, em 1376⁴⁰ (Carmona, 2009).

³⁹ Contando com um longo hiato após a sua extinção, a atividade volta a surgir no Barreiro no século XIX.

⁴⁰ Esta data é registada através do testamento, que possibilita a confirmação da existência de quintas no Barreiro desde então.

No século XV, no contexto do desenvolvimento das atividades marítimas e fluviais, a paróquia do Barreiro, que neste período correspondia ao que se denomina atualmente de freguesia, já se servia da Igreja de Santa Cruz, construída pelos seus habitantes. Neste período os residentes do Barreiro erigiam as suas moradias junto da sua igreja., *"A génese das Paróquias encontra-se na primitiva era cristã, e a sua organização assentava em base territorial, congregando os fiéis de um determinado lugar, em torno da sua própria igreja."* (Carmona, 2009, p. 30). Em frente à igreja de Santa Cruz descobre-se, numa parede, uma aguarela que representa a praça homónima, que faz adivinhar uma população modesta.



Figura 38
Ilustração, Igreja de Santa Cruz,
repartição de fazenda e tribunal,
Barreiro, 1898

A carta de freguesia é assinada em 1487 pelo Rei D. João II (Carmona, 2009). Através desta carta o Barreiro é elevado a vila⁴¹. A Vila Nova do Barreiro nasce em 1487, devido ao seu crescimento demográfico, que começa a gerar uma elite na vila: *"É notória a presença de uma classe abastada, constituída por cavaleiros, homens letrados e altos funcionários, que administrava e geria as propriedades e interesses de coroa e concomitantemente" estimulava e animava a economia local, através dos seus investimentos em infraestruturas produtivas como moinhos de maré, azenhas, salinas e ainda construindo igrejas, quintas e palácios."* (Carmona, 2009, p. 38). Esta população usou a sua influência junto do monarca para que o município do Barreiro fosse criado. Nessa altura, a vila possuía 28 fogos e, por volta dessa época, começam a surgir os

⁴¹ Vila: povoação de categoria inferior a uma cidade, mas superior a uma aldeia; conjunto de casas em bloco com uma única saída para a rua, dispostas ao redor de uma pequena praça; qualquer conjunto de casas agrupadas.

moinhos de maré na paisagem da vila. A delimitação da antiga vila continua, na sua grande parte, a corresponder ao perímetro da cidade de hoje, sendo que a maioria dos edifícios do antigo núcleo datam dos séculos XV e XVI.



Figura 39
Fotografia, Quinta da Cerca/
Travesa do Prior, CMB

Figura 40
Fotografia, Largo Rompana

O conjunto edificado da vila quinhentista implantou-se numa pequena elevação entre as travessas do Prior (figura 37) e do Loureiro. A sua articulação era feita no sentido norte-sul contando com a praça de Santa Cruz e o Largo Rompana (figura 38). Este conjunto formava um intrincado de ruas e de becos estreitos. A nascente, o núcleo termina no Largo das Obras e na Rua direita de Palhais; na frente poente é cerrado pela Ermida de São Roque (Carmona, 2009). Estas ruas são caracterizadas por uma mistura de edifícios de arquiteturas "*vernaculares e modestas*", disto são exemplo as mós de moinhos usadas como degraus de entrada (Carmona, 2009, p.60). "*O núcleo habitacional de traçado antigo, apresenta características arquitetónicas (...) ainda visíveis em telhados de duplo beiral ou telhados múltiplos de quatro águas, comuns nos sécs. XVI e XVII, nas sacadas de ferro forjado e nas janelas de sistema de guilhotina, nos nossos dias bem raras.*"⁴². Na sequência do grande terramoto de 1775, muitas das construções da vila sofrem danos notáveis e constata-se, igualmente, um declínio na atividade salineira.

⁴²<http://www.cm-barreiro.pt/pages/628>

É depois desta tragédia que a vila do Barreiro renasce, expandindo o seu pequeno núcleo e incorporando, mais tarde, a moagem no seu dia-a-dia. *"O crescimento pré-industrial que se faz sentir nos séculos XVII e XVIII traduziu-se num traçado urbano reticulado pombalino criando novos quarteirões das malhas"* (CMB, 2007 p.8).

A partir do século XVII, a vila assume uma expansão em direção ao rio, formando um traçado reticulado. No decurso deste século e do seguinte, surgem os primeiros registos das ruas: António Conselheiro de Aguiar; Nova da Praia; Marquês de Pombal e Almirante Reis. A primeira, de seu primeiro nome Rua Direita, continuou a marcar a zona até ao século XX e, assim como em outras zonas do país, constituía a zona mais nobre da cidade, dotada de comércio e boas habitações. Este conjunto foi construído paralelamente ao rio, sendo interetado por travessas que conduzem até ao mesmo, a partir de onde se vislumbra, a norte, a capital. *"No final do século XVIII, o Barreiro era uma pequena povoação de características ribeirinhas. O modesto núcleo habitacional não excedia 600 fogos ou 2500 habitantes. A população era constituída essencialmente por pescadores, moleiros e pequenos artífices."* (Carmona, 2009, p. 13).

Estas características ribeirinhas tornam inevitável tirar o seu proveito ao máximo, *"(...) a moagem teve um papel pivot no processo de transformação do Barreiro. Pode talvez considerar-se como o 1.º surto industrialização que, se não criou uma vila industrial, pelo menos a faz entrar na era da protoindustrialização"* (Custódio, 1986, p.11). É desta forma que os moinhos do Barreiro acabam por marcar a sua paisagem e transportar a sua história, fixando-se na vila segundo uma lógica geográfica e geológica, aproveitando a abundância de linha de costa. *"(...) Naquele tempo não havia muralha nem árvores, nem avenida nem nada: era tudo praia, desde o bico do Mexilhoeiro até à Barra-a-Barra, onde a família real algumas vezes passava férias."* (Saraiva, 1993, p. 53). A implantação dos moinhos de maré remonta ao século XVI e confirma-se hoje que a existência de doze de moinhos deste género em toda a área do concelho.

“ (...) Para além do imaginário paisagístico, os moinhos encerram em si uma importante vertente da identidade cultural Barreirense, do seu passado e da memória das suas gentes e, fundamentalmente, da sua história (...)” (Leal e Viegas, 1993, p.3).

Os moinhos vigiavam a zona de Alburrica – uma praia fluvial que se desenha através das suas línguas de areia. Era nesta praia que também se desenvolvia a atividade de exploração de marinhas de sal. A subida e a descida das marés moviam as mós que moíam os cereais – o rio e os homens trabalhavam em conjunto nestes espaços. O primeiro moinho (moinho do Cabo) foi edificado em Alburrica no início do século XVI. Já em 1534 havia notícia de um moinho de quatro engenhos na Vila do Barreiro (Leal e Viegas, 1993). Este moinho, localizado na parte sul da praia possuía 8 moendas que se encarregavam da moagem de cereais e da descascação de arroz. A sua atividade extinguiu-se em 1913, e as suas instalações foram posteriormente adaptadas a uma fábrica de cortiça que sofreu um incêndio em 1933 (Padrão, 1985).

Os dois moinhos seguintes (Moinho Grande e Moinho Pequeno) entram em funcionamento apenas na segunda metade do século XVIII. O Moinho Pequeno é edificado em meados do século XVII, ou talvez antes, mas é apenas desta data que se tem confirmação. Este chamava-se Moinho de São Roque e possuiu vários donos, a sua laboração decorreu até ao primeiro quartel do século XX, destinando-se à produção de trigo e de massas. Mais tarde, chegou a ser utilizado como armazém de produtos que chegavam ao Barreiro. Esteve na posse da família Costa, uma das famílias mais influentes na Moagem do Barreiro, até 2002, ano em que foi comprado pela autarquia.

O Moinho Grande pertenceu inicialmente a Manuel da Cunha, fidalgo da Casa d’El Rei. Sabe-se da sua existência desde 1652, através de referências de arrendamentos. O seu nome passou também por Moinho da Serração, uma vez que em posse de Rui de Albuquerque d’Orey chegou a funcionar como Fábrica da Serração. Mais tarde, o moinho é concedido a Henry Burnay que trata de lá instalar uma fábrica de moagem, o que valeu ao moinho mais um nome: Moinho de Burnay. A

caldeira pertencente ao moinho era referida como Caldeira de Sangue, pela sua proximidade ao antigo matadouro (Leal e Valegas, 1993). Posteriormente, através da apropriação da CMB passaram a realizar-se, no espaço do moinho, atividades lúdicas e desportivas, como provas de natação, entre outras. Estas atividades já não tomam lugar no moinho.



Figura 41
(à esquerda) Fotografia, *Família de Pescadores na Praia de Alburrica* (...) Barreiro, João Bento Pereira dos Santos

Figura 42
Fotografia, *Bebedouro no Largo do Moinho Pequeno*, Barreiro, 1940



Figura 43
Fotografia, *Prova de Natação dos J.J.B. (...) Partida do Moinho Grande*, Barreiro, José Trindade

Nesta frente ribeirinha, no bico do Mexilhoeiro (que faz o cruzamento entre os rios Coia e Tejo), observava-se também o "*Moinho do Braamcamp*", como é vulgarmente apelidado. Este moinho data de meados do século XVIII e pertencia a Vasco Lourenço Veloso. Em 1755 o moinho é reedificado por consequência dos danos causados pelo terramoto. Posteriormente, em 1788, sob o reinado de D. Maria, a posse do moinho e do terreno envolvente é concedida a Geraldo Wencelau Braamcamp, a quem se deve a denominação. Braamcamp edifica a sua residência na propriedade, dedicando-se à produção de bichos de seda. Mais tarde, o interesse do proprietário foca-se na criação de um

estabelecimento industrial, construindo junto ao moinho um cais de embarque para trigo e farinha e também um armazém. Braamcamp morre em 1828 e a herança do terreno é transmitida ao seu filho, o magistrado e político Anselmo Braamcamp. Este último aliena a quinta em 1837, trocando-a por outra, em Lisboa, e deixando a anterior, na posse de Wheelhouse. Durante esta transição é também erguida uma fábrica de bolachas e fornos de pão, cuja produção se dotava já de máquina a vapor.

Em 1884, a herdade engloba o moinho, casas de habitação, armazéns e terras de semeadura. É neste ano que Wheelhouse vende a propriedade a Robert Reynolds, cuja família acaba por adaptar a quinta como a sua unidade industrial de cortiça (Leal e Valegas, 1993), a apropriação que faz do moinho confere-lhe dez moendas, que o transformam no maior moinho de maré da margem.

Ao longo da margem foram construídos outros moinhos, os da Verderena, já no rio Coina, que se avistam a partir da atual estação fluvial. Na antiga praia da Telha, existiam ainda os moinhos do Maricote e do Duque, dos quais restam apenas ruínas. Em Palhais resistem os vestígios do moinho d'el Rei – no Vale do Zebro, e o moinho de Palhais. Em Coina, ergue-se ainda o moinho do Olival, o único que resta numa freguesia que conta terem havido outros mais.

Além dos moinhos de maré, também os de vento marcam a paisagem ribeirinha do Barreiro. O barulho das velas e dos seus trabalhadores fazia-se distinguir na vila. Os moinhos de vento surgem inicialmente na antiga praia do Rosário (onde é hoje a Avenida Bento Gonçalves), no contexto do crescimento e renovação da indústria da moagem que se verificava em todo o país (Custódio, 1986). A sua origem data maioritariamente do século XIX, altura em que começam a surgir os pequenos fabricos de cortiça. Estes moinhos são edificados devido a uma maior procura do consumo de farinhas, aproveitando o facto da economia de construção que estes possibilitavam, ao contrário dos moinhos de maré cuja implantação estava dificultada pela localização geográfica (Leal e Valegas, 1993).

Os moinhos são então construídos aproveitando os ventos marítimos para o seu funcionamento. Sabe-se da existência de seis moinhos na zona de Alburrica, na ponta do Mexilhoeiro e na Praia Norte. A construção dos moinhos estendeu-se para fora do centro do Barreiro, até às praias do Lavradio e da Recosta, mas muitos destes já desapareceram (Leal e Valegas, 1993).

Em 1826 é construído o moinho de Jim e, posteriormente, são edificados os últimos três na praia de Alburrica (Moinhos Gigante, Nascente e Poente), pela família Costa, a mesma família que então possuía o moinho de maré Pequeno. *"Em 1850 começa a sobressair no Barreiro a família Costa como especialmente vocacionada e interessada na indústria da moagem (...) Em 1884 a família "dispunha de 6 dos oito moinhos do local"* (Custódio, 1986, p.12). O desenvolvimento da indústria da moagem culmina em 1899 com o aparecimento da Companhia de Moagem do Barreiro (Custódio, 1986). Hoje, todos os moinhos pertencem ao município.

O conjunto edificado que constituía a vila começa a modificar-se com o desenvolvimento da industrialização, que assinala o seu início com a implantação das oficinas dos Caminhos de Ferro Sul e Sueste, passando pela indústria corticeira e reforçando-se através da Companhia União Fabril (CUF) que distinguiu fortemente a Vila até aos anos 60 do século XX. A expansão urbana dirige-se para além dos limites do bairro, em função dos paradigmas urbanos da cidade moderna (CMB, 2007).

*"Os antigos itinerários medievais, terrestres e marítimos, que ligavam o Sul do País a Lisboa, perderam importância face à revolução provocada pela introdução do transporte ferroviário. O Barreiro torna-se, então, o nó estratégico na ligação Norte/Sul."*⁴³

O desenvolvimento industrial tem início com a instalação do terminal ferroviário em 1861. O Barreiro era a escolha ideal pela fácil acessibilidade marítima e proximidade com Lisboa, proximidade que se traduz também nas instituições comerciais, financeiras e políticas.

⁴³ <http://www.cm-barreiro.pt/pages/851>

A 26 de agosto de 1854 é aprovada a construção de uma linha férrea do sul do tejo, desde o Barreiro até Vendas Novas, criando uma estação *términus* na vila. A linha de 56 Km é aberta ao público a 1 de fevereiro de 1861, apesar de já ter sido realizada, numa fase anterior, a sua viagem inaugural, com a presença do Rei D. Pedro V. Nessa altura, já tinha sido aprovado o seu prolongamento até às cidades de Évora e de Beja. Mais tarde, a linha estendeu-se até ao Algarve (Nunes, 1987).

A chegada do caminho-de-ferro ao Barreiro proporcionou a instalação de uma nova comunidade – a ferroviária. A sua história é indissociável da história da cidade e vice-versa. A ferrovia traz novos conhecimentos ao Barreiro, através da instalação de um conjunto pessoas letradas e especializadas na construção. Os trabalhadores, que se deslocavam maioritariamente do sul do país, fixavam-se no Barreiro, onde criavam as suas famílias e desenvolviam as suas vidas. A comunidade ferroviária marcou a vida Barreirense, que se caracterizava cada vez mais pela sua vertente industrial e menos pela piscatória e moageira. A vila transformava-se ao mesmo tempo que uma nova classe, conhecedora e instruída, emergia "*Competências avançadas, cultura tecnológica e mão-de-obra altamente capacitada, formada na sua Escola de Aprendizizes que durante décadas constituiu uma referência nacional, foram o que, ao longo de mais 150 anos, assegurou ao Barreiro trabalho e futuro*" (AAVV, 2015, p.6).

A primeira estação da linha do Barreiro é construída a sul da vila. Trata-se de uma das primeiras estações ferroviárias a ser construída de raiz em Portugal. A localização do edifício não seria a melhor, uma vez que era sentido pelos passageiros o incómodo de, ao desembarcarem, terem de caminhar cerca de dois quilómetros até ao bico do Mexilhoeiro, de onde partia a ligação fluvial a Lisboa. Chegou a ser construída uma ponte de madeira que unia o cais fluvial à estação ferroviária, por forma a amenizar as contestações.

"Até então o trânsito de pessoas e mercadorias, ligando o comboio ao vapor fazia-se penosamente, num transbordo de quase dois quilómetros pela Estrada do Rosário (R. Miguel Pais) até à ponte do Mexilhoeiro, local de embarque para Lisboa." (AAVV, 2015, p.13).

A estação era constituída pela sua gare, armazéns e oficinas. Em 1884 é inaugurada a nova Estação Ferro Fluvial do Barreiro e a primeira estação passa a destinar-se exclusivamente aos trabalhos de oficina dos Caminhos de Portugal (CP). Nessa altura as oficinas empregavam quinhentos operários, um número elevado para a época.

A construção desta nova estação terminal deve-se, portanto, a vários fatores, nomeadamente, o incómodo acima referido, mas também pela necessidade de acompanhar o crescimento das atividades comerciais que se apoiavam da ligação fluvial Lisboa-Barreiro. Estes fatores tornaram pertinente a construção de uma estação que combinasse as duas funções – ferroviária e fluvial.

"Enquanto o vapor não chega detenho-me a abranger amorosamente, dos terraços da estação do Barreiro, a marinha plácida que a meus olhos de desenrola. (...)"

(Fialho de Almeida, 1988, p.183)



Figura 44
(à esquerda) Fotografia, *Balbino Martins Jr.-Maquinista dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, Barreiro*

Figura 45
Fotografia, *Estação Ferroviária Sul e Sueste, Barreiro, Augusto Cabrita*

Nesta altura era chefe de tração e conservação de via e obras dos caminhos-de-ferro sul e sueste, o engenheiro Miguel Pais. Este projetou a nova estação estudando a fundo a possibilidade de a erguer junto ao rio. Após a validação do projeto, deu-se início às obras que se serviram de uma gare com oitenta por quinze metros. A estação foi graciosamente erguida sobre o rio no ano 1884, depois de algumas desavenças financeiras. A sua inauguração foi festivamente celebrada pelo seu povo e representantes. Foi concedido a Miguel Pais o nome de uma das principais ruas da vila – correspondente à antiga estrada nacional.

"Arte e Indústria conjugam-se nos elementos arquitetónicos do edifício. Na fachada Poente de estilo Neomanuelino, destacam-se elementos decorativos de temática marítima e vegetalista. Na fachada Este, de carácter mecanista e funcional, é utilizado o ferro e o vidro transparente e colorido, materiais construtivos inovadores naquela época" (Carmona e Borracha, 1999, p.52). Mais tarde a estação sofreu algumas alterações e ampliações, das quais se sublinham, obras de ampliação e abertura de vãos no muro de suporte da cobertura das linhas e plataformas, cujas obras são realizadas entre 1933 e 1937.



Figura 46
Cabeçalho de Jornal, O
Sul e Sueste

O caminho-de-ferro diversifica e reforça as acessibilidades fluviais, potenciando a ligação ao sul do Tejo e conferindo uma nova centralidade ao concelho (Santos e Encarnação, 2016). Assim, nasce uma cultura ferroviária, que se corporiza essencialmente através do associativismo Ferroviário. "Enquadra-se no conceito de cultura ferroviária o aparecimento de um conjunto de associações, que (...) Partindo de grupos espontâneos tinham por objetivo a entreaajuda e socorro, nos problemas resultantes do exercício da profissão" (Carmona, 2011, p. 3).

Pode afirmar-se que o associativismo ferroviário nasce da necessidade. A primeira associação - a Humanitária do Pessoal do Caminho de Ferro ao sul do Tejo -, surge em 1872 e encarregava-se de oferecer um seguro às vítimas de doenças e acidentes de trabalho, assistindo também os familiares em caso de morte. Em 1883, esta associação converte-se na Caixa de Socorros dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste. Em 1894 é criada a Associação Humanitária dos Bombeiros do Sul e Sueste⁴⁴, que nasce devido à frequência com que ocorriam incêndios, entre outros acidentes. Em 1903 surge a primeira organização sindical ferroviária, constituída pelos operários das oficinas gerais. Denominava-se Associação da Classe Metalúrgica e Artes Anexas. Mais tarde, é fundada a Associação de Classe dos Ferroviários do sul e sueste, promovendo a união de todos os trabalhadores que se relacionassem com a ferrovia. Esta associação passa a intitular-se Sindicato dos Ferroviários do Sul e Sueste, a partir de 1917 e até 1933 (Carmona, 2011).

⁴⁴ Existente até à data.

A 7 de Setembro de 1919 é lançado o *Sul e Sueste* – um jornal quinzenal de e para a classe ferroviária. Neste jornal expunham-se os problemas da classe e transmitiam-se notícias que com ela se relacionavam. Nas suas edições encontrava-se uma secção destinada à vida Associativa, na qual se descreviam as assembleias gerais realizadas e se apresentavam informação acerca das comissões administrativas de que se encarregavam assim como do Cofre de Amparo às viúvas e órfãos, além de outros organismos criados (AAVV, 1987, p. 19). O Pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste ganha uma casa, através da apropriação, em 1922, do “Teatro da República”, que passa a nomear-se a Casa dos Ferroviários.

"A aguda consciência política e social tornou os ferroviários actores de lutas e protestos ao longo do último século. Entre 1919 e 1925, o jornal O sul e o Sueste divulga listas em que contam, pelo menos, 95 presos políticos (...)" (Carmona, 2011, p. 5).

O instituto ferroviário é inaugurado no dia 1 de Janeiro de 1927. Derivado do Cofre de Amparo às Viúvas e Órfãos dos Ferroviários do Sul e Sueste, criado em 1912, o instituto prestava auxílio a viúvas e órfãos de vítimas de trabalho cuja sustentação era feita através do pagamento de pensões e facilidades básicas, assim como alimentação e vestuário. A partir de 1923 o cofre transforma-se em Instituto dos Ferroviários Sul e Sueste e, com esta mudança, passa a ser possível apoiar a educação literária e profissional aos filhos dos ferroviários (Carmona, 2011).

O Grupo Desportivo dos Ferroviários do Barreiro é criado em 1930, destinado à classe operária ferroviária que mostrasse interesse pela atividade desportiva. A associação é criada por um engenheiro das oficinas gerais do Barreiro e marca o Barreiro a nível nacional, em várias modalidades. Dois anos depois, as associações são destituídas e dissolvidas, e o sindicalismo é ilegalizado. *"Com a fascização dos sindicatos a partir de 1933, as associações de classe são extintas e criados os sindicatos corporativos, expurgados de todos os elementos democráticos e republicanos. Muitos ferroviários conhecerão o despedimento, a prisão, a deportação e os campos de concentração em África, vítimas do próprio apoio que haviam concedido ao golpe de 28 de*

maio de 1926 que instaurou a ditadura fascista.” (AAVV, 2015, p.8). A repressão provoca a resistência por parte dos ferroviários, através de greves e protestos. São, entre outras ações, perseguidos pelo novo regime e condenados por militância no Partido Comunista Português (Carmona, 2010).

"A abertura do caminho de ferro do Sul e Sueste em 1861 veio abrir novos horizontes ao Barreiro pré-industrial e, conseqüentemente, proporcionou a mutação da paisagem rural para uma paisagem tipicamente industrial onde dominam as indústrias de transporte e da cortiça" (Custódio, 1986, p.11). A indústria corticeira apoia-se no arranque industrial, provocado pelo caminho-de-ferro, assente num contexto de crescimento do concelho a nível económico que se enquadrava no âmbito nacional. Sabe-se que existem pequenas corticeiras no Barreiro desde 1865. Nas décadas seguintes verifica-se uma expansão significativa desta indústria.

Na década de 80 do século XIX, começam a aparecer os primeiros fabricos de preparação de cortiça, assim como produção de prancha e rolhas para exportação. Em 1886 existem já quatro estabelecimentos a produzir em grande escala. Nesta época, a atividade corticeira é a principal atividade económica no Barreiro, convivendo em paralelo com outras atividades como a moagem, o fabrico da cal, a produção de massas alimentícias e a serralharia (Almeida, 1993). As maiores fábricas de cortiça estavam localizadas na faixa da rua Miguel Pais e da recosta, junto ao rio (Pais, 1971).

Em 1890 regista-se a existência de duas companhias de transformação de cortiça: a Garrelon e C^a, na rua Miguel Pais, e a de João Reynolds, nas lezírias. Ambas, em conjunto com as oficinas de construção do material do caminho-de-ferro, agregam a maior mão-de-obra da vila, contando-se 127 operários nas oficinas e 68 nas fábricas de cortiça. Sete anos mais tarde, a cortiça é considerada o ramo mais forte da indústria, empregando mais de 1000 operários, o que constituía a classe operária mais numerosa do Barreiro. Desta classe faziam parte, maioritariamente, operários não originários do concelho (Almeida, 1993).

Vítor Garrelon, proprietário da Garrelon e C^a, muda mais tarde, as instalações da sua fábrica para Braço de Prata, em Lisboa. Nos seus terrenos, outras fábricas tomam o seu lugar, é o caso da Gaziba, também corticeira, e mais tarde a Grancor. Quando esta última deixa de desenvolver funções industriais na área, esta passa a ser utilizada para construções urbanas, destino semelhante da maioria das restantes corticeiras, após a falência (Pais, 1971).

Na última década do século XIX, implantam-se, no Barreiro, um conjunto de outras corticeiras: em 1893, O. Herold & C^a; em 1895, a The Cork Company Limited; em 1897, a Sociedade Nacional de Cortiças e, em 1898, a Lane & Santos.⁴⁵ A casa Herold & C^a⁴⁶ constitui, à época, a fábrica de cortiça mais relevante, focando-se no fabrico de cortiça em prancha, destinada à exportação. Estabelece-se, como já referido, em 1893, na zona da recosta e resulta de um investimento de capital alemão, possibilitando a projeção da vida económica local. Em 1910, a casa Herold contava já com oficinas mecânicas e possuía também um corpo de bombeiros – A associação dos Bombeiros Voluntários Herold (Almeida, 1993).

"A cortiça é hoje o producto mais rico da agricultura portugueza, e os proprietarios que tenham a felicidade de possuir um sobreiral, consideram a sua fortuna feita" (Valegas, 1987, p. 24).



Figura 47
(à esquerda) Fotografia,
Transportando cortiça na Sociedade
Granuladora de Cortiça, Barreiro,
Arnaldo Madureira 1940

Figura 48
Fotografia, Operárias nas instalações
da Sociedade Granuladora de
Cortiça, Barreiro, Arnaldo
Madureira 1940

⁴⁵ <https://reservasmuseologicascmb.wordpress.com/02/a-industria-corticeira>

⁴⁶ muda de nome após a grande guerra para Estabelecimentos Herold, LDA- Silva Pais.

Ao mesmo nível da Casa Herold, estava a Sociedade Nacional de Cortiça, cuja atividade se centrava na compra e exportação de cortiça em bruto (Almeida, 1993). A fábrica ocupa, em 1885, o espaço da herdade de Braamcamp: a mesma onde se encontrava o moinho de maré. Quando adquirem a quinta, os irmãos Reynolds detinham já fabricos de cortiça no Alentejo e em Espanha (Almeida, 1993). É em 1897 que se instala na quinta, a fábrica dos irmãos Reynolds – A Sociedade Nacional de Cortiças, cuja instalação obrigou a algumas transformações como a instalação de armazéns de depósito e uma fábrica de preparação de cortiça em bruto. Nos anos 20 do século XX, a fábrica contava com 260 operários e a sua produção evoluiu, anos mais tarde, para o fabrico de discos, palmilhas e chapéus. Em 1998, com 100 operários, era a única fábrica de cortiça ainda a funcionar no Barreiro, especializada em granulados e aglutinados de cortiça.

Além das grandes fábricas, a presença da atividade corticeira na vila caracterizava-se pela persistência de pequenos fabricos. A título de exemplo, refira-se a fábrica Henrique José Lobo, a laborar na estrada do Rosário desde 1875 e que trouxe operários corticeiros desde Silves até ao Barreiro. Também pelas ruas do Barreiro Velho se estabelecem um conjunto de fabricos (Almeida, 1993). A confirmação destes fabricos no Barreiro Velho pode documentar-se a partir da observação de cartões de empresa. Assim, há provas da sua implantação nas ruas Almirante Reis e Marquês de Pombal. "(...) Recorda (...) Joaquim Ferrão, um antigo corticeiro: *"Onde é o instituto dos ferroviários, aqueles barracões grandes que lá estão, aquilo era tudo fábricas. Esses grandes aqui em frente ao Barreirense e ao Luso era fábricas. Aqui na Escola Alfredo da Silva foi uma. Na rua Miguel Pais a mesma coisa, fábricas de cortiça, toda a rua. Isto era tudo fábricas de cortiça!"* (Almeida, 1993, p. 83).

A expansão da cortiça dura até ao início do século XX, trazendo para o Barreiro famílias vindas do Sul para se estabelecerem como operários corticeiros, à imagem do que sucedeu com o caminho-de-ferro. A comunidade corticeira representa, nos anos vinte, um terço da população ativa do Barreiro.

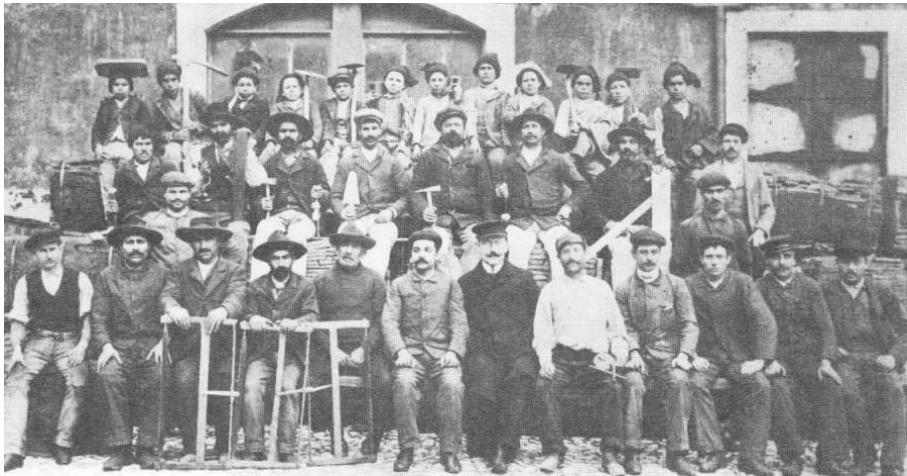


Figura 49
Fotografia, *Fábrica de Cortiça O. Herrold, Lda*, Barreiro, Início do Século XX, José Fragoso

"Foi o da guerra e do pós-guerra de 1939-45 o melhor período para a maioria das fábricas. Logo depois de 1950, começou gradualmente o declínio." (Pais, 1971, p.16). Em 1928 o Barreiro conta com mais de 40 fábricas de cortiça. Em 1950, existiam 27 unidades corticeiras, empregando 1253 operários. Este número diminuiu até 1971 para 275 (Almeida, 1993).

A comunidade corticeira dá origem a um conjunto de organizações que pretendiam combater discriminações a que são sujeitos. Entre as demais do género, a Associação dos Corticeiros foi a primeira a estabelecer-se, dando início a uma longa história de associações de classe. Estes trabalhadores contavam com a "estudantina", caracterizada pelo espírito reivindicativo e de iniciativa, era um típico grupo musical e recreativo, focado na informação e formação profissional. Os corticeiros e os ferroviários constituem os grupos reivindicativos mais fortes (Gautier e Reis, 2005).

Os corticeiros estão organizados desde 1890, ano em que criam um sindicato nacional, formado por militantes anarquistas. Em 1901, a Associação dos Operários Corticeiros contava com 200 sócios. A associação centra-se na organização de conferências e de debates, assim como na promoção de aulas noturnas de instrução para os operários (Almeida, 1993). As revoltas destes trabalhadores manifestavam-se através de movimentos grevistas. Lutam por maiores salários e para que estes acompanhem o aumento do custo de vida, mostram também a sua

preocupação face à exploração do trabalho infantil e defendem a redução do horário laboral de 12 para 8 horas. As condições de higiene e salubridade também fazem parte das suas inquietações. Focam-se, assim, no combate à precariedade do trabalho.⁴⁷ O aumento do valor da matéria-prima e a mecanização dos processos de trabalho são outros fatores que fomentam a luta da classe operária corticeira.

Os corticeiros ficam conhecidos no Barreiro como os mais aguerridos e corajosos grevistas. Nos anos vinte prevaleciam, na classe, os ideais anarquistas. Em 1924, prolongam uma greve por cinco semanas. "O mesmo confirma Daniel Torres "Greves naquele tempo, era dos corticeiros. Que era malta danada. A malta era revolucionária ao máximo." (Almeida, 1993, p.85).

"A indústria da cortiça terá sido uma das mais penalizadas no país, não só por se tratar de uma indústria de exportação, mas porque se viu privada dos seus mais importantes mercados, Rússia Alemanha e Áustria" (Almeida, 1993, p.84). O clima de instabilidade confrontava-se com uma crise financeira nos mercados internacionais, marcada pelo pós-guerra (Almeida, 1993). A atividade corticeira e a sua exploração no concelho iniciam o seu declínio com a perda dos mercados Europeus. Mais tarde, com a progressiva introdução do plástico no mercado, a cortiça é substituída por este material de baixo custo. Pouco a pouco, a indústria corticeira perde importância no Barreiro, tendo como a sua última resistente a Sociedade Nacional de Cortiças.

Figura 50
Fotografia, Sociedade Nacional
de Cortiça, Barreiro, Arnaldo
Madureira, 1940

Figura 51
(à direita) Fotografia, Depósito
da Sociedade Nacional de
Cortiça, Barreiro, Arnaldo
Madureira, 1940



⁴⁷ <https://reservasmuseologicascmb.wordpress.com/02/a-industria-corticeira/>

A implantação da indústria no Barreiro teve uma enorme importância na sua história, uma vez que foi a alavanca do seu crescimento. A CUF nasce da fusão de duas companhias, cuja situação financeira revelava dificuldades, e é implantada no Barreiro em 1907 por Alfredo da Silva⁴⁸, como complemento das unidades fabris já existentes em Alcântara.

O Barreiro é eleito para a implantação do complexo fabril pela proximidade ao norte de África e ao Alentejo – regiões de onde provinham as duas matérias-primas essenciais para o fabrico do adubo, no qual a CUF se especializou. Outro elemento determinante foi a existência da rede de caminhos de ferro que, por um lado, facilitava a chegada de trabalhadores oriundos de todo o país e, por outro, era um ponto-chave para a distribuição dos produtos. As instalações da fábrica na vila são construídas em dois anos, representando uma velocidade extraordinária para a altura.

O aglomerado instala-se de forma desenfreada, dominando todo o lado este da vila, seguindo o seu próprio planeamento e sem grandes preocupações a nível de economia de espaço. Por sua vez, a zona oeste ainda ostentava marcas do seu carácter ribeirinho, piscatório e corticeiro, tal como descrito anteriormente. Era maioritariamente nesta zona que residiam os operários. Nos primeiros 10 anos do seu funcionamento, a CUF foi responsável pela construção de docas, armazéns, fábricas, bairros operários, um quartel de bombeiros e uma estação ferroviária dentro do complexo. Constituindo um grande polo atrativo, no decurso da sua existência, o gigante industrial provoca um afluxo desmedido de pessoas que emigram dos vários pontos do país até ao Barreiro. Famílias inteiras viajavam, gastando todos os recursos que possuíam, em busca de melhores condições de vida. Iludiam-se com uma verdade ou, nas palavras de Carlos Faria, com a ideia de uma "Terra Prometida", bastante aquém da realidade. Esta ilusão terminava assim que chegavam à vila, onde se vivia um ambiente de miséria, resultante dos rendimentos

⁴⁸ Nascido em 1871, na cidade de Lisboa, Alfredo da Silva provém de uma família abastada. A riqueza da família possibilitou-lhe acesso aos melhores colégios, garantindo-lhe uma educação exemplar. Aos vinte anos inicia a sua carreira na indústria química e na produção fabril.

baixíssimos usufruídos pelos operários. Além disso, muitos dos migrantes que chegavam e não encontravam vagas na fábrica deixavam-se ficar pela cidade, "na esperança e ilusão" de que, num futuro próximo, houvesse trabalho. Assim, "A par da população trabalhadora há, no Barreiro, um considerável número de desempregados, que procuram trabalho, que buscam o pão de cada dia. Vêm de todos os pontos do país, atraídos pela miragem de uma colocação, que raros conseguem." (Almeida, 1993, p.85)



Figura 52

Fotografia aérea, Zona Industrial CUF, Barreiro, Augusto Cabrita



Figura 53

Fotografia aérea, Zona Industrial CUF, Barreiro, Augusto Cabrita

A quantidade de pessoas que chega à vila gera um problema dramático, devido à falta de alojamentos capazes de albergar a população. E os poucos alojamentos existentes sofriam de uma grande falta de condições e salubridade, sendo este ambiente favorável à propagação de surtos como a pneumónica, ainda no final do século XIX.

O crescimento de habitantes na vila é perceptível através da observação dos seguintes números: em 1878, a vila possuía 3.288 habitantes, que passam para 4.000, em 1886, e, mais tarde, em 1908, para 5.281. Continuou a verificar-se um crescimento constante, quebrado apenas em 1940, quando o Barreiro se deparava já com uma população de 30.000 habitantes, maioritariamente operários da CUF, trabalhadores da CP e corticeiros. Geravam-se, então, dois problemas: a falta de habitação e a baixa qualidade da existente. Apesar da falta de qualidade, os proprietários das habitações viram-se perante uma grande oportunidade, uma vez que, face à elevada procura, sobem as rendas para valores exorbitantes. Em 1910, o Jornal *Avante* documenta a falta de condições

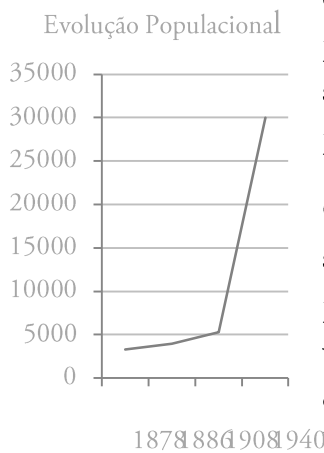


Figura 54

Gráfico, Evolução Populacional do ano 1878 ao ano 1940, 2017

de habitabilidade das casas, que contrasta com o elevado valor da renda que lhes é atribuído. A população, cujos rendimentos eram insuficientes, não tinha capacidade para as pagar, e muitas vezes resolvia o problema dividindo a casa com outras famílias. A situação era tão grave que há registos de famílias de cinco pessoas a partilhar um quarto e até a mesma cama. Nestas habitações era notável a falta de luz, tanto natural como elétrica, o que resultava em condições de higiene e conforto longe de ser as mínimas. Face à falta de espaço, os residentes que não conseguiam pagar casa eram forçados a viver na rua, sendo que muitos chegaram a construir as próprias barracas, enquanto outros viviam da mendigagem. Ao todo, viviam 153 pessoas em barracas, maioritariamente operários da CUF.

É como resposta à crise habitacional que surge a ideia de criar bairros operários que proporcionassem condições mínimas de higiene. Alfredo da Silva assume-se defensor do modelo paternalista, que muitos viam como forma de amenizar as revoltas levadas a cabo pelos seus trabalhadores. *"Em tempo de industrialização, a fábrica tenta aproximar-se das famílias, instalando-se perto dos recursos humanos, atraindo a si o maior número de elementos dos mesmos. O patrão também procura morar perto, exercendo um certo paternalismo como fator de estabilização. É esse o caso de Alfredo da Silva."* (Gonçalves, 2013, p.36). Assim, a produtividade dos funcionários derivava de um modelo económico em que os operários viviam dos serviços do trabalho, sendo-lhes oferecidos, casa, jardim-de-infância e férias em colónias junto ao mar para as crianças, cuidados médicos, farmácias, etc. Acreditava-se que, zelando pelo bem-estar dos operários, a produtividade aumentava. Deste modo, inteiras gerações de barreirenses nasciam, cresciam, trabalhavam e morriam aos cuidados da empresa. Contudo, os operários a quem era garantida residência, constituíam uma pequena porção do número total de trabalhadores, sendo que o número de habitações oferecidas pela companhia encontrava-se longe de cobrir o número de efetivos. A atribuição de habitação estava dependente de várias condições de admissão, tais como: o estatuto na companhia, o casamento legal e, em alguns casos, o casamento pela igreja (Carmona, 2010).

Assim, o problema relativo à crise habitacional persiste, e apenas é resolvido de forma parcial, uma vez que na vila residiam, além dos operários, os ferroviários e os corticeiros. Para a classe ferroviária foi apenas fornecido pela CP um conjunto de vinte habitações, a classe corticeira não teve acesso a nenhum tipo de residência. *"O Barreiro desenvolvia-se e progredia tão rapidamente que os seus problemas e necessidades multiplicavam-se a um ritmo vertiginoso"* (Gonçalves, 2013, p. 37).

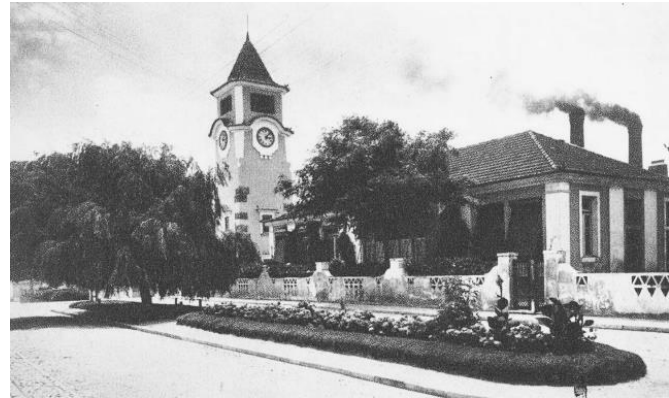


Figura 55

Fotografia, Supermercado CUF

Figura 56

Fotografia, Bairro de Santa Bárbara



O primeiro bairro da CUF, o Bairro de Santa Bárbara (figura 55), é construído em 1909 e ocupa lugar junto às fábricas. Este caracteriza-se pela peculiar toponímia das suas ruas, das quais fazem parte: a rua dos Óleos, a rua do Ácido Sulfúrico, a rua dos Superfosfatos, a rua do Dinheiro, a rua da Jutas, entre outras. No bairro edificam-se vários serviços como um lavadouro, balneários, mercearia e, mais tarde, uma escola primária para ambos os géneros, que é inaugurada em 1927. Em 1932, o bairro é ampliado de forma a abrigar mais habitações, passando assim a dispor de 312 moradias. As residências são feitas em bandas e organizadas por quarteirões, não possuindo mais do que dois pisos. Posteriormente, na década de 50, e contando já com cerca de 8.000 operários, é construído o segundo bairro, o Bairro Novo da CUF, albergando também equipamentos culturais e desportivos. Estas obras são já feitas sob a chefia de Manuel de Mello, uma vez que Alfredo da Silva morre em 1942, passando a herança industrial para o seu genro. Este último modernizou-a e, em 1961, a companhia, que empregava mais de 12.000 trabalhadores, era já o maior conglomerado industrial da

península, fabricando carpetes, sabão, metais, sacos, etc. Os produtos com maior procura continuaram a ser os adubos, feitos a partir da pirite alentejana e do fosfato africano. A companhia foi nacionalizada em outubro de 1975 e, em 1977, pelo governo do General Vasco Gonçalves, foi convertida na Quimigal. O polo industrial uniu as várias adobeiras, mas foi fortemente prejudicada pela nova consciência ambiental, que se começava a insurgir contra a desmesurada quantidade de químicos usados em todas as fábricas. *"Nos anos 70 as recessões económicas internacionais, com as crises petrolíferas em pano de fundo, ditaram o colapso do modelo económico da CUF (...)"*⁴⁹

Voltando um pouco atrás, importa referir que a vida da companhia foi sendo marcada pelas lutas operárias, provocadas pelo descontentamento perante os baixos salários, que era transversal a todos os operários. Assim, um ano antes da construção do primeiro bairro operário, em 1908, assinala-se a primeira luta dos trabalhadores da CUF que resulta no despedimento dos revoltosos. A primeira greve, em 1910, surge após a instalação da República, reclamando pelo reconhecimento da Associação de Classe dos Operários da União Fabril. *"Esta greve insere-se num contexto mais alargado, de um renascimento do movimento sindical"* (Almeida, 2008, p.1).



Figura 57
(à esquerda) Fotografia, Greve dos operários da Companhia União Fabril, Alcântara, 1911

Figura 58
Fotografia, 1º de Maio, Avenida Alfredo da Silva, Barreiro, 1974

⁴⁹ <http://www.cm-barreiro.pt/pages/851>

Em 1919, a Associação de Classe do Pessoal da CUF é fundada, aderindo à União Operária Nacional. Neste contexto, Alfredo da Silva procede "*ao despedimento sistemático de centenas de trabalhadores*" (Almeida, 2008, p. 3). Durante a greve de 1919, a vila encontra-se sob ocupação de forças policiais e da GNR. Cerca de vinte anos depois, em 1943, regista-se a maior greve da história da CUF. Esta greve assentava em várias questões, como a falta de matérias-primas e o congelamento dos salários. Gerou-se na vila um clima de agitação social, que se sentia também ao longo do país. A 21 de julho, o Partido Comunista Português lança o manifesto "*À greve! Pelo Aumento de salários*", ao qual aderem 5.000 operários da CUF, cumprindo o segundo dia de greve com o apoio das classes dos ferroviários e dos corticeiros. São efetuadas centenas de despedimentos e prisões a todos os grevistas. As fábricas ficam sob comando militar (Almeida, 2008, p.4).

Nos anos 50, a zona têxtil, formada essencialmente por mão-de-obra feminina, toma-se como a mais reivindicativa. As mulheres trabalhadoras revoltam-se contra o número de teares por operária, opondo-se à campanha de produtividade e lutando pelo aumento de salários. As lutas da fábrica continuam até 1974, sempre motivadas pelos apelos ao aumento salarial, pela segurança do trabalho pela consciência ambiental. É apenas nesse ano que os salários mais baixos são finalmente aumentados.

Industrialização versus Urbanização "*Segundo um estudo da câmara municipal datado de 1948, estimava-se que naquela década a população tivera um aumento aproximado de 40% sem que o ritmo da construção acompanhasse o processo demográfico*" (Carmona, 2010, p.235). Como já referido, a vila não conseguiu responder às necessidades construtivas impostas pela quantidade de habitantes que tinha ganho nas primeiras décadas do século XX. Em 1930, o Barreiro possuía uma população muito superior a outras regiões da margem sul (Gonçalves, 2013). No final da década de 40, a CUF empregava 10.000 trabalhadores. Gera-se então, como já afirmado, um grave problema habitacional, uma vez que por esta altura não havia ainda

indícios de algum tipo de plano de urbanização que compreendesse a gestão e organização do território, premente nesta época.

Sendo urgente a construção de mais habitações, em 1945 é entregue a Paulo Cunha, especialista em urbanismo das frentes ribeirinhas, e ao Engenheiro Santos e Silva, o Antepiano *do Barreiro*. Alia-se a esta necessidade a nova política urbanística implementada por Duarte Pacheco, durante o Estado Novo. No decreto de 1934, determina-se que as câmaras municipais não podem proceder a qualquer trabalho de urbanização sem um plano delineado e aprovado (Faria, 2010, p.85).

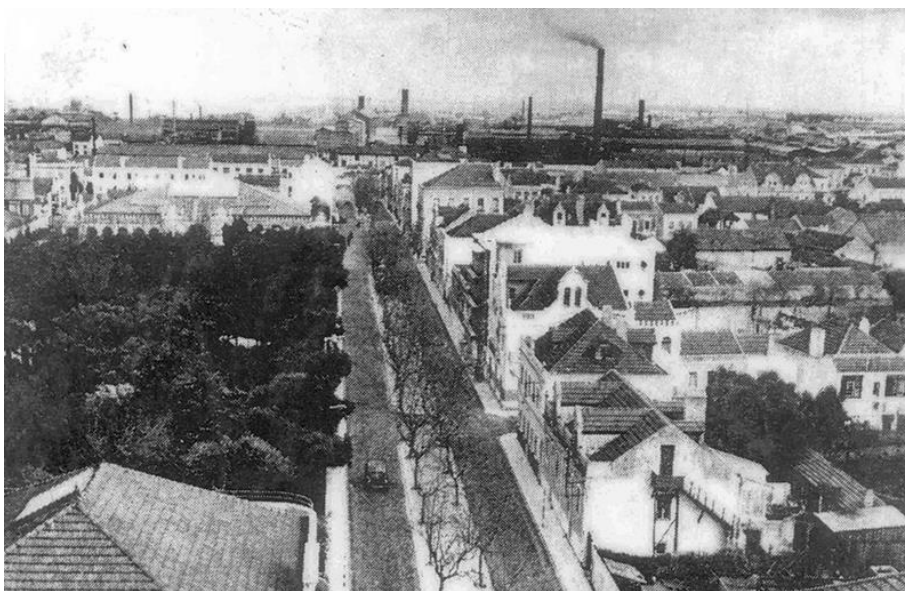


Figura 59
Fotografia, Avenida da Bélgica,
1940

É neste contexto que decorre a delimitação do plano, sendo num primeiro momento realizado um inquérito (1948), no qual se concluí a necessidade de construir 100 habitações para a classe média, 300 para os mais pobres e 250 para operários. O plano urbano é finalizado em 1951 e apenas aprovado em 1957, contando assim com uma demora de dez anos até que fosse totalmente aceite (Gonçalves, 2013, p.49). Este atraso teve como consequência um espaço urbano desorganizado, que ainda hoje se faz sentir. "*De facto, apenas em 1957 o município passou então a dispor de um Plano de ordenação e gestão urbanas. Poder-se-á objetar que também em países como a Inglaterra, França, Alemanha ou Bélgica, se verificou situação idêntica ao Barreiro, onde também houve dissociação entre industrialização e urbanização.*" (Faria, 2010, p.83).

O plano divide a vila em duas grandes áreas atravessadas pela linha férrea do sul e sueste. Esta divisão mantém-se ainda hoje, ainda que tenham melhorado as acessibilidades entre o “para cá da linha” e o “para lá da linha”. Nas duas zonas eram necessárias obras marginais e o aumento da largura das estradas. Para resolver o problema da habitação, que, em 1940, assentava num maior número de famílias do que de fogos, fixou-se um número perto dos 40.000 habitantes. Estes iriam residir em novos núcleos habitacionais com melhores níveis de salubridade e mais zonas arborizadas. Os blocos de edifícios propostos situar-se-iam na direção norte-sul, de forma a cortar os ventos dominantes, que expunham os gases da CUF.

Para a realização do plano, Paulo Cunha baseia-se no movimento arquitetónico de Le Corbusier⁵⁰, muito criticado por alguns autores por originar a uma série de demolições. (Faria, 2010). De forma a aumentar e prolongar os limites da vila, Cunha propõe a destruição dos moinhos e respetivas caldeiras, para transformar toda a zona de Alburrica num aterro. O aterro estendia-se até ao bico do Mexilhoeiro, onde se situaria uma nova Estação Ferro-Fluvial Sul e Sueste, visando a aproximação à margem norte. Seria necessária a construção de um cais de embarque e linhas complementares. A antiga estação, cuja atividade fluvial tinha já perdido importância em 1966 com a inauguração da Ponte Oliveira Salazar (hoje 25 de Abril), passaria a dedicar-se exclusivamente a serviços das oficinas adjacentes.

Esta expansão residia essencialmente no facto de ser necessário criar terreno para um grande número de novas construções. Por outro lado, o arquiteto preserva o núcleo histórico, intitulando-o de "*O Velho Burgo do Barreiro*". A administração geral do porto de Lisboa questiona o prolongamento da vila para poente, pondo em dúvida a sua exequibilidade, uma vez que o aterramento das faixas marginais e as demolições teriam um custo elevado. Assim, o aterramento da área ribeirinha acaba por não acontecer.

⁵⁰ Já revisto no capítulo *Acerca de Ruínas e Vazios*.

Os novos sete núcleos residenciais criados eram, então, os seguintes: A- localizado a poente, destinado a núcleos residenciais e protegido dos gases tóxicos da CUF, que se faziam transportar pelos ventos a norte; B- seria o novo centro cívico e comercial da cidade, beneficiando, tal como a zona A, da frente ribeirinha a norte; C, D, E, F, G –onde se iriam localizar habitações destinadas à classe económica e operária; e H- consagrada à população que ainda vivia da exploração agrícola. De uma forma geral, os objetivos do plano podem resumir-se nas seguintes palavras: *"Apostava-se na construção de infraestruturas urbanas, de espaços públicos, de novos arruamentos, de vias de comunicação, de zonas verdes, de equipamentos educativos, culturais e desportivos, necessários para melhorar a qualidade de vida dos habitantes, desidentificando as zonas mais antigas e mais povoadas e articulando as periferias com o centro, num conjunto de equipamentos adequados à função industrial da cidade."* (Gonçalves, 2013, p.78). As zonas verdes que existiam até à data localizavam-se apenas no parque Municipal⁵¹, construído em 1930, de forma a constituir o pulmão dos habitantes da vila.

É entregue ao Arquiteto Cabeça Padrão o desenvolvimento do plano de pormenor para o novo estádio do Futebol Clube Barreirense, que estava previsto para o extremo poente da Avenida da Bélgica. Padrão, descontente com muitos aspetos do Anteplano, sugere que este se localize ao invés, numa das caldeiras, libertando a zona proposta pelo anteplano para dar lugar ao mercado municipal e possibilitando assim, o alargamento do Parque Municipal. O novo local do estádio faria frente com a Escola Alfredo da Silva, criando um novo núcleo desportivo que desse uma nova vitalidade a toda aquela zona.

Padrão expressa em 1985 o valor patrimonial de toda a zona de Alburrica e bico do Mexilhoeiro, referindo que em qualquer intervenção urbanística na zona (que era urgente), deve prevalecer o casamento entre natureza e arquitetura, em que o rio tem um papel determinante (Padrão, 1985). Ao contrário das várias propostas dos autores do Anteplano, se focarem na demolição de certas áreas, a visão de Cabeça Padrão incidiam

⁵¹ Parque Oliveira Salazar e mais tarde parque Catarina Eufémia.

preservação do património. Embora as suas ideias não tenham sido todas tidas em conta, encontrou-se um meio-termo entre as duas visões e as obras do antepiano não levam a cabo a construção dos aterros.

Apesar da falta de sucesso que tiveram as visões urbanísticas de Cabeça Padrão, o arquiteto foi autor de vários projetos no Barreiro, entre os quais são de referir: a nova igreja Paroquial; o plano parcial de urbanização da CUF, o Mercado Municipal, o salão de festas dos Penicheiros, o prédio dos Cavalinhos e o estádio Alfredo da Silva. Cabeça Padrão publicou também vários artigos sobre urbanismo, património e conservação/revitalização de edifícios e núcleos urbanos.

Seguindo as linhas diretoras do antepiano, *"A partir de 1958, a vila do Barreiro começou a crescer em altura. (...) Entendera-se chegado o momento de rasgar novos aspetos à topografia local, de abrir mais perspectivas à vila, de lhe oferecer outros panoramas do alto das novas construções, fomentando-lhe uma autêntica revolução urbanística."* (Pais, 1965, p.338). O desenvolvimento em altura marca-se inicialmente nas Avenidas Alfredo da Silva, Marechal Carmona e Rua Dr. Antunes Varela. Em 1964 existiam já cinco edifícios de oito e nove pisos. O primeiro exemplar toma lugar numa antiga fábrica de cortiça, no centro da Avenida Alfredo da Silva, junto ao parque municipal (Pais, 1965, p.339). Os terrenos das antigas fábricas de cortiça vão dando lugar à urbanização da vila, que cresce tridimensionalmente.

A vila continua a crescer e o Barreiro apenas ganha o estatuto de cidade em 1984, quase um século após a implantação da CUF. A companhia apropriou-se de uma vasta área, tendo deixado muitas marcas do seu funcionamento na zona este da cidade. Hoje em dia, alguns dos armazéns estão arrendados, poucas fábricas se mantêm em funcionamento e o cais foi concessionado. Sobram, então, quilómetros de terra por usar de uma cidade dentro de uma cidade – pós-industrial e deserta.

3. Análise Populacional

Na mesma década em que se torna cidade, a evolução populacional que se foi verificando sofre uma quebra. Em 1981 o Barreiro atinge os 88,052 habitantes, e desde então os números foram estagnando. *"Entre 1991 e 2011, a tendência de crescimento inverteu-se e passou-se a registar uma dinâmica de perda populacional"* (CEDRU, p. 22). Assim, entre 1991 e 2011, regista-se uma perda de 8% dos habitantes, contrariando as tendências regionais e nacionais, nas quais se constata um aumento de habitantes (inclusive na AML e península de Setúbal). A diminuição populacional do concelho acentua-se entre 2001 (79.012 residentes) e 2011 (78.764).

A estrutura etária acompanha a desvitalização do concelho, evidenciando sinais de envelhecimento demográfico (CEDRU, 2016). Em 2001 o número de residentes com mais de 67 anos era de 12.484, aumentando para 17.011 em 2011, verificando-se assim um aumento de 5.527 residentes idosos. O grupo etário mais jovem (0-14 anos) não acompanha de forma proporcional o crescimento do primeiro. Este grupo era constituído por 10.184 indivíduos em 2001, e passou a ser de 11.221 em 2011. Estes resultados evidenciam que entre 2001 e 2011, na freguesia do Barreiro, a faixa etária mais jovem teve um aumento de apenas 1.037. Entre 2001 e 2011, constata-se um decréscimo de 3.418 no número de habitantes que se encontram entre os 15 e 24 anos. A faixa etária dominante continua a ser a que se encontra entre os 25 e 64 anos. Assim, na última década, a população idosa é a que constitui a maior percentagem de crescimento, em relação à população total. A população muito idosa (75 anos ou mais) representa 9% dos residentes. Os valores enunciados diferem nas freguesias vizinhas. Apesar do envelhecimento da população, mais notório nas freguesias do Barreiro e Lavradio, apenas 3% da população idosa apresenta dificuldades de mobilidade, e 2% desta exerce uma atividade.

A população residente economicamente ativa constitui 39% da população residente do concelho. Em relação à sua taxa de analfabetismo, esta equivale a 3,7%.

A perda populacional sofrida, atinge maioritariamente a faixa etária de idade ativa, o que se deve principalmente à desvitalização industrial que abalou o concelho. Esta provoca um efeito que se sente a vários níveis, causando assim a desvitalização sociodemográfica, urbanística e económica da cidade (CMB, 2007). *"Em consequência, existem hoje malhas urbanas da cidade que apresentam elevadas percentagens de fogos vagos, designadamente nas zonas da freguesia do Barreiro e Lavradio."* (CMB, 2007, p.131).

Apesar de ser a segunda freguesia do concelho com o maior número de edifícios⁵², o Barreiro sofreu, entre 1991 e 2001, um decréscimo na construção, assim como o Alto do Seixalinho e Coima, ao contrário das restantes freguesias do concelho, que apresentam um aumento no seu número de construções. O Alto do Seixalinho e o Lavradio lideram a percentagem do número de alojamentos no concelho. As duas freguesias constituem também as que mais alta percentagem de famílias residentes possui.

Assim, verifica-se que a distribuição de população residente no concelho é maior nas freguesias periféricas ao Barreiro. Na freguesia existe um elevado número de construções anteriores a 1919, correspondendo a cerca de 25% das construções totais, o mesmo valor que representa a quantidade de alojamentos vagos.

⁵² Santo António da Charneca é a freguesia que possui o número de edifícios mais elevado.

4. Vida Cultural e Associativa

Pode-se encontrar no Barreiro dois tipos de associativismo⁵³: o Associativismo de Classe e o Associativismo Cultural e Recreativo. Por vezes, a segunda nasce no seio da primeira. O associativismo de classe subdivide-se ainda no tipo de classe social que o representa: *associativismo ferroviário*, *associativismo corticeiro* e *associativismo operário*. O seu desenvolvimento no Barreiro foi já referido no subcapítulo *Caracterização Histórica*, e por essa razão, a sua descrição não será alongada no estudo que se segue. Aqui, pretende-se uma compreensão do associativismo recreativo e da cultura na vida Barreirense. Contando com vários anos de existência, é através das associações que tem sido possível a dinamização de vários e diferentes eventos na cidade. "*O movimento associativista é, até á data, uma realidade e mais do que isso, uma característica da vila do Barreiro.*" (Barata e Gautier, 2005, p.28).



Figura 60
Fotografia, *Baile nos Penicheiros*,
Augusto Cabrita, Barreiro

⁵³ Tendência ou movimento dos trabalhadores de se congregarem em associações representativas (órgãos de classe, sindicatos, etc.), para defesa dos seus interesses.

Antes do período da Monarquia Constitucional, que tem início em 1822, a organização social e a cidadania desenvolviam-se essencialmente em torno das Paróquias. Por esta altura, a vida cultural era marcada pelas Bandas Filarmónicas, que, de acordo com António Sousa Pereira (diretor do jornal "Rostos"), eram o futebol daquele tempo. No Barreiro, a Sociedade Filarmónica Barreirense (SFB), é fundada em 1848, sendo apoiante do partido progressista/histórico.

A sociedade Filarmónica extingue-se em 1870, e dá origem a duas sociedades cujas ideologias diferiam. A SIRB- Sociedade Instrução e Recreio Barreirense, ou "*Os Penicheiros*", assumidamente apoiante do Partido Progressista, que mais tarde se aproxima do ideário socialista. Por outro lado, e a SDUB- Sociedade Democrática União Barreirense, conhecida por "*Os Franceses*", apoiava o Partido Regenerador que se aproxima do ideal republicano.⁵⁴

A SDUB teve a sua primeira sede na Almirante Reis, junto à Igreja Nossa Senhora do Rosário, as suas instalações vão-se apropriando de vários locais mas, devido ao espaço insuficiente para a realização de todas as suas atividades, é construído um edifício de raiz. O edifício é construído em 1930 por José Pedro Campos, como oferta à associação que pertencia. A sua caracterização assenta numa linguagem clássica e revivalista "*ao nível dos arcos plenos, das pilastras que conferem muito ritmo à fachada, dos florões e pendões, tudo em estuque relevado. Em coroamento uma platibanda em balaustrada.*" O edifício do ginásio é construído mais tarde por Ezequiel da Costa Cavaco. Uma vez nascida da dissolução da SFB, esta sociedade herda os instrumentos musicais e no primeiro mês de existência contava já com 98 sócios. Entre as atividades que nesta se realizavam contavam-se atividades nos âmbitos: social, cultural, artístico, teatral, desportivo e de lazer. Promoviam-se também eventos como festas, exposições e bailes (Barata e Gautier, 2005).

⁵⁴ <http://fazerassociativismohoje.blogs.sapo.pt/o-associativismo-no-barreiro-no-6470>

m relação à SIRB, esta detinha-se de uma filarmónica para a qual os instrumentos foram oferecidos por sócios e outros amigos e conhecidos. Além de concertos, promoviam bailes e celebrações populares e religiosas. O edifício da sede faz frente ao largo Gago Coutinho e Sacadura Cabral e constitui uma reconstrução que termina em 1926, com influência de diversos estilos arquitetónicos. Possui um salão de festas que é acrescentado ao edifício original em 1950, pelo arquiteto Joaquim Cabeça Padrão, sócio da coletividade.

O associativismo Barreirense é fortemente marcado pela sua intervenção cívica e política, cuja ação se foca nas organizações de classes, sindicatos, associações e cooperativas. A sua força é demonstrada essencialmente no século XX uma vez que é neste que se desencadeia em força o desenvolvimento industrial do concelho. Uma vez diferentes nas suas ideologias políticas, as sociedades viviam em fortes rivalidades entre si. Esta rivalidade acaba por funcionar como estímulo ao desenvolvimento de ambas, contribuindo para melhorar a qualidade dos eventos da vila.



Figura 61
Fotografia, *Edifício dos Franceses*

Figura 62
Fotografia, *Futebol Clube Barreirense- Entrada no campo de jogos, Barreiro, Artur João Goulart, 1962*

Entre as últimas décadas do século XIX e o início do século XX o futebol é introduzido em Portugal. Assim, na vila do Barreiro, são criados vários clubes, dos quais alguns são já centenários, como o Futebol Clube Barreirense. Além deste, surgem também, o Sport Recreativo Operário Barreirense, o Lusitano Futebol Clube Barreirense e União Futebol Clube Barreirense (figura 60).



Figura 63
Fotografia, CineClube, Barreiro,
2009

Até 1910, o poder municipal é maioritariamente influenciado pelos associados regeneradores, cujos locais de convívio eram nos Franceses ou na Farmácia Pimenta. Após a implantação da república, no mesmo ano, a CMB marca-se pela sua influência maçónica. Na vila existiam centros Republicanos e espaços de intervenção cívica e de "instrução". As associações e coletividades começam a aparecer junto aos bairros operários. Por vezes estes grupos funcionam como núcleos de sociabilização de integração na comunidade, uma vez que se deslocavam muitas pessoas para trabalhar nas fábricas. *"As associações são espaços de vivência da democracia. Com a ditadura Salazarista tornam-se polos de resistência. Promovem cultura e desporto. As direções são "controladas" pela Policia Politica."*⁵⁵ Um dos melhores exemplos disto foi o CineClube, cujo objetivo se focava em desenvolver interesse dos associados pela arte cinematográfica, tanto pelos seus aspetos técnicos como históricos (Pais, 1968).

(...)A toda a parte chegam os vampiros

Poisam nos prédios poisam nas calçadas

*Trazem no ventre despojos antigos
Mas nada os prende às vidas acabadas*

*São os mordomos do universo todo
Senhores à força mandadores sem lei
Enchem as tulhas bebem vinho novo
Dançam a ronda no pinhal do rei*

*Eles comem tudo eles comem tudo
Eles comem tudo e não deixam nada(...)
Zeca Afonso*

A sessão inaugural do Cineclube data de 29 de Janeiro de 1960, sendo esta a primeira sessão de 35mm. Porém, a data da sua fundação é anterior, remetendo para 1958. Até 1975, viveu debaixo da ocupação militar, tendo o seu conteúdo que passar pela aprovação da Inspeção Geral de Espetáculos. Uma vez que as sessões eram apenas para sócios a presença da GNR conseguiu ser dispensada das sessões, mas todas as palestras teriam que passar pela Censura. Em 1967 a direção do Cineclube do Barreiro é presa pela PIDE por ter usado num sarau a música "OS VAMPIROS" de Zeca Afonso. Houve tentativas pela parte da PIDE para fechar o cineclube, mas o mesmo se manteve resistente por trás dos sócios que o representavam, a sua programação continuou a ser exibida.

O Cineclube organizava as suas programações em ciclos de cinema, e dispunha também de atividades educativas como cursos de cinema. O primeiro curso realizou-se em 1966 sendo dos primeiros cursos do género no país. Em 1967, a vontade cultural expande-se dentro do clube, abrindo uma biblioteca através de doações pela parte dos seus sócios.

⁵⁵ <http://fazerassociativismohoje.blogspot.pt/o-associativismo-no-barreiro-no-6470>

O espaço do cineclube era também utilizado para vários tipos de espetáculos de vários campos, como teatro, ginástica, música e poesia. Representando-se na cidade, como o seu divulgador de todas as manifestações artísticas. Após esta época, com a explosão demográfica dos anos 70 nasce um conjunto de novas associações, das quais, assim como o cineclube, algumas perduram até aos dias de hoje.

Para António Sousa Pereira, o associativismo deve assentar em cinco pilares: Liberdade, Democracia, Criatividade, Solidariedade e Humanismo. As associações têm o papel de promover a participação e a cultura. Defende também que estas devem ser pensadas: *"(...) como "nichos de ação cívica", como "parceiros sociais"- holdings de cidadania ativa, com um papel único no desenvolvimento local, pela diversidade, pluralidade e riqueza do associativismo. (...) Já temos exemplos, embrionários, desta realidade no Barreiro - a ADAO ou a Escola Conde Ferreira."* Hoje o Barreiro conta com cerca de 60 associações, sendo que algumas tomam ainda lugar em edifícios de valor histórico, arquitetónico e de memória. É importante sublinhar, como António Sousa Pereira destaca, a importância do património edificado relativo ao movimento associativo ser pensado de acordo com estratégias de regeneração urbana, *"valorizando e renovando para abrir portas ao futuro e as novas vertentes-tecnológicas e de qualidade nas instalações, pensadas como " espaços públicos"*.

Lista de Associações ativas na freguesia do Barreiro

- 1- Associação Guineenses da Margem Sul
- 2- Clube Desportivo "Os Trovões"
- 3- Associação dos Inquilinos Lisbonenses
- 4- Centro Jovem Tejo
- 5- Espaço Chapelaria
- 6- SOS Bicharada - Associação de Defesa do Animal Barreiro
- 7- Instituto dos Ferroviários do Sul e Sueste
- 8- Cooperativa Cultural Popular Barreirense
- 9- Cooperativa Cultural Operária Barreirense
- 10- Associação de Proprietários do Concelho do Barreiro
- 11- Associação do Comércio, Indústria e Serviços do Barreiro e Moita
- 12- Jardim de Infância D. Pedro V
- 13- Associação de Fuzileiros
- 14- Coral TAB (Trabalhadores das Autarquias do Barreiro)
- 15- Centro Social e Paroquial Padre Abílio Mendes
- 16- Associação de Karaté do Distrito de Setúbal
- 17- Associação de Ação de Reformados do Barreiro
- 18- Agrupamento Escuteiros Marítimos nº 1180
- 19- Grupo de Dadores de Sangue do Concelho do Barreiro
- 20- Teatro de Ensaio do Barreiro – TEB
- 21- Banda Municipal do Barreiro
- 22- Arteviva - Companhia de Teatro do Barreiro
- 23- Clube de Xadrez do Barreiro
- 24- Clube Náutico do Barreiro
- 25- União Futebol Barreirense
- 26- Sociedade Democrática União Barreirense "Os Franceses"
- 27- Sociedade de Instrução e Recreio Barreirense "Os Penicheiros"
- 28- Moto Clube do Barreiro
- 29- Luso Futebol Clube
- 30- Grupo Desportivo dos Ferroviários do Barreiro
- 31- Grupo Desportivo do Barreiro " O Ciclismo"
- 32- Grupo Carnavalesco do Barreiro
- 33- Futebol Clube Barreirense
- 34- Clube Naval Barreirense
- 35- Clube de Vela do Barreiro
- 36- Clube de Campismo do Barreiro
- 37- Cineclube do Barreiro
- 38- Associação Desportiva e Cultural "O Praiense"
- 39- Agrupamento 690 do Corpo Nacional de Escutas



Figura 64
Fotografia aérea, Localização das Associações no Barreiro, da autora, 2017,

Associações Dinamizadoras e Eventos

ADAO - Associação de Artes e Ofícios

Ao longo da linha do comboio em desuso é sempre visível a frente ribeirinha, utilizada hoje como estacionamento para os utentes da nova estação ferroviária e do terminal de barcos da Soflusa, que se encontra um pouco antes. No fim deste troço, pode ser observada a ADAO (Associação de Desenvolvimento de Artes e Ofícios) que servirá, também, como caso de referência para esta investigação.



Figura 65
Logotipo, ADAO



Figura 66
(à esquerda) Fotografia, Outfest na ADAO, Barreiro, Vírgilio Santos, 2017

Figura 67
Fotografia, ADAO, Barreiro, 2016

A ADAO é uma associação que defende a colaboração entre artistas independentes. O espaço predispõe de vários espaços e oficinas, oferecendo-os a quem queira desenvolver os seus projetos. Instalou-se no espaço físico no Antigo Quartel dos Bombeiros do Sul e Sueste e tem como objetivos o desenvolvimento de um centro cultural e urbano de oficina das artes, e a promoção de diversas atividades no âmbito das artes, oferecendo espaços de oficina para artistas. A ADAO visa oferecer também formações artísticas, técnico-profissionais e para Desenvolvimento Cultura e Ocupação de Tempos Livres. Trata-se de um espaço artístico de aprendizagem, divulgação e partilha de espaço, de conhecimentos e de experiências. Os trabalhos desenvolvidos no local podem ser vistos nos vários *Open Days*, realizados várias vezes durante o ano – os artistas abrem as portas dos seus ateliês, promovem exposições, performances e concertos... Além de proporcionar a divulgação do trabalho dos artistas, residentes e não só, esta iniciativa é também um

momento de contacto com o resto da cidade, já que ao longo do dia e da noite os residentes do Barreiro deslocam-se ao local, tornando-se assim num promotor cultural. Além do espaço interior da ADAO, no seu processo de reabilitação - tudo na ADAO está a ser feito gradualmente, dependendo das capacidades e oportunidades, financeiras e não só, que se vão manifestando. Por isso, a cada Open Day pode ver-se mais uma sala reabilitada ou ocupada por novos arrendatários. Trata-se de um processo de transformação constante. Cada sala é uma surpresa, sendo o movimento uma das palavras-chave para entender o seu conceito. Além do espaço por si só ter esta constante agitação, são também colocadas várias instalações no seu exterior, para que haja uma maior interação entre o público residente e a associação. Estas instalações são materializadas de diferentes maneiras- esculturas, mobiliário urbano, arte urbana (pela qual todo o edifício é revestido), etc.

Hey! Patchuco



Figura 68

Logotipo, Hey! Patchuco Records

A associação nasce em 2000 e está sediada no concelho do Barreiro. O seu principal objetivo é a promoção da música em Portugal e na Europa. As suas atividades passam pela edição, divulgação e promoção musical através da edição de discos, produção de eventos- concertos etc. Nos últimos anos a associação tem reforçado a promoção do trabalho dos seus artistas e também da cidade, no estrangeiro.

Além da sua atividade principal promotora, a associação, com o apoio financeiro da Baía do Tejo, criou o programa jovens músicos, que pretende estimular a criação musical no concelho do Barreiro, dando aos jovens uma sala de ensaios equipada, onde podem ensaiar gratuitamente, pretendendo assim dinamizar e explorar a potencialidade criativa musical da região. Desta forma, a associação garante uma maior educação cultural para os jovens da cidade. Esta sala tem lugar no Estúdio King (na antiga zona industrial) onde são produzidos os projetos da Hey! Patchuco. À frente da associação está Nick Nicotine (Carlos Ramos), também ele músico e reconhecido a nível nacional.

A associação procura apoiar artistas, proporcionando as condições certas para o seu desenvolvimento e autenticação. Em segundo plano a associação visa promover atividades culturais, sendo a mais aclamada o Barreiro Rocks (BRR Rocks) , tendo vindo a crescer nos últimos anos, é atualmente considerado um festival de referencia para alguns, puxando habitantes de Lisboa, e não só, até à cidade do Barreiro.

"O ambiente vivido numa edição do BRR ROCKS é singular: a descoberta de novas bandas, a festa constante, os happenings bizarros, bem como a proximidade e interação entre os artistas e o público, que por vezes se fundem, fazem deste festival algo inimitável."

O festival tem tido lugar nos últimos anos no ginásio dos ferroviários, uma associação desportiva que se localiza no centro do Barreiro, banhada pela frente Ribeirinha e no lado oposto da linha do comboio, fazendo frente à ADAO. Recentemente o Café/Bar do ginásio está sob a gerência dos responsáveis pela Hey! Patchuco, tendo sido assim criado mais um sitio de estar e divulgação nesta zona do Barreiro.

OUT.RA – Associação Cultural

A OUT.RA, fundada em 2009 é uma associação sem fins lucrativos que procura levar música ao Barreiro. É produtora do Out.Fest (começou em 2004)- Festival Internacional de Música Exploratória do Barreiro. Os eventos que produz estão normalmente relacionados com a divulgação de música, mas também podem ser materializados em sessões de cinema ou ações de formação, é exemplo disto a relação da associação com o CineClub do Barreiro, que recomeçou de vez em vez a transmitir filmes, muitos deles disponibilizados pela OUT.RA, e de seu conteúdo documental musical. A associação procura promover a cultura (alternativa) na cidade. Com sede no Barreiro, a associação *"esforça por contribuir, seja pela programação em si, seja pelos locais que procura abrir à cidade por via da cultura, com especial ênfase nas coletividades de*

OUT.RA

Figura 69
Logotipo, Out.ra

*boa memória existentes no Concelho e nos espaços de valor patrimonial (histórico, arquitetónico) nem sempre conhecidos do público em geral.*⁵⁶

Outros Espaços Culturais:

1. Convento Da Madre De Deus Da Verderena
2. Espaço Memória
3. Espaço J
4. Varino Pestarola
5. Anfiteatro Parque Amizade
6. Teatro Municipal
7. Oficina De Teatro Mário Pereira
8. Centro De Convívio Dos Moradores Da Quinta Marques Da Costa
9. Cooperativa Cultural Operária Barreirense “Os Corticeiros”
10. Cooperativa Cultural Popular Barreirense
11. Cine Clube Do Barreiro
12. Casa Da Cultura

⁵⁶ <http://www.outra.pt/pt/a-associacao/>

5. Património Histórico e Associativo

A classificação do património em Portugal, é da responsabilidade da Direção-Geral do Património Cultural (DGPC). Na lista do património referente do concelho do Barreiro distribuem-se os edifícios que já estão classificados, os que estão em vias de o ser, e aqueles cujo processo foi encerrado. Do património concelhio classificado como Imóvel de Interesse Público (IIP) fazem parte: o Pórtico da antiga igreja de Palhais, na categoria de Arquitetura Religiosa e a Real Fábrica de Vidros de Coina, na categoria de Arquitetura Civil.

Em termos de Imóvel de Interesse Municipal (IMM), descobre-se o edifício do Convento Madre Deus da Verderena, na categoria de Arquitetura Religiosa. Os restantes são classificados como Monumentos de Interesse Municipal (MIM), dos quais fazem parte: o Portal Manuelino da Ermida de São Sebastião; o Edifício dos Paços do Concelho do Barreiro; A Igreja da Misericórdia do Barreiro; e a Igreja de Santa Maria, assim como o adro envolvente e o antigo edifício dos paroquiais.

De acordo com as transformações que a cidade foi sofrendo ao longo do tempo, o património memorial pode ser dividido da mesma forma que a sua história: Moageiro, Ferroviário, Corticeiro, Industrial e Associativo. Desta forma, serão enumerados, de seguida os seus constituintes, assim como o seu estado de conservação ou consideração patrimonial.

Património Moageiro

Apesar dos notáveis vestígios do tempo que recaem sobre todos os moinhos, estes ainda se avistam sobre o rio. Os de vento, de construção ulterior, encontram-se num estado de degradação menor aos de maré, cuja força da água e falta de uso foram desgastando. O moinho do Cabo apresenta-se em completa ruína, e na charneira da deterioração encontram-se atrás deste, os moinhos: Grande, Pequeno e Braamcamp. O último teve uma queda desmedida em relação ao seu estado conservação na última década. Assim, erguem-se na cidade quatro moinhos de vento e quatro moinhos de maré (ou vestígios deles). 8. Moinho do Braamcamp. Em 2008, teve início o processo de vias de classificação patrimonial na DRC, de toda a área de Alburrica, ponta do Mexilhoeiro e património Moageiro, como património ambiental e paisagístico.

Moinhos de Maré

1. Moinho Pequeno
2. Moinho Braamcamp
3. Moinho Grande
4. Moinho do Cabo

Moinhos de Vento

1. Moinho de Jim
2. Moinho Poente
3. Moinho Nascente



Figura 70
(à direita) Planta, *Localização do Património Moageiro do Barreiro*, 2017



Figura 71
Fotografia, *Moinho Pequeno, Barreiro*, 2016



Figura 72
Fotografia, *Moinho do Cabo, Barreiro*, 2016



Figura 73
Fotografia, *Moinho Grande Barreiro*, da autora, 2016

Figura 74
(à direita) Fotografia, *Moinhos de Vento de Alburrica, Barreiro*



Património Ferroviário

A perda de importância da ferrovia lança o Barreiro num caminho de abandono em relação ao seu património ferroviário. É de sublinhar a importância que teve a inauguração da ponte 25 de Abril sobre o tejo em 1966, uma vez que esta faz, numa primeira fase, suspender o transporte fluvial de mercadorias Lisboa-Barreiro.

Os movimentos pendulares que se faziam sentir entre o Barreiro e Lisboa, impelem à existência de um terminal fluvial de maiores dimensões. No fim da década de 80, o uso de automóvel era já elevado, e o espaço dedicado a estacionamento no terminal ferro-fluvial existente era desqualificado. Desta forma, são feitos aterros de forma a ampliar o espaço. O novo terminal fluvial é inaugurado em 1996, servindo-se de dois pontões que substituem o antigo. Deixando a antiga estação destinada apenas à ferrovia.

Em 2004, a ponte volta a retirar importância à ferrovia do Barreiro, acrescentando o transporte ferroviário à sua travessia. Deste modo os comboios que outrora ligavam o Barreiro ao Algarve e Alentejo, passam a circular de Lisboa diretamente para o sul, retirando ao Barreiro a ligação Norte-Sul. Em conversa com José Encarnação (maquinista), este acrescenta ainda que o depósito de máquinas e de mercadorias é transferido para o Poceirão, e metade dos trabalhadores são transferidos do Barreiro para outros sítios. No Barreiro ficam apenas a circular os comboios suburbanos cuja manutenção e infraestrutura são mínimas. Por esta razão as oficinas têm hoje mais de metade dos trabalhadores.

A estação ferroviária Sul e Sueste e respetivo troço de linha são desativados em 2008, ano em que é inaugurada a nova estação, construída a cerca de 100 metros da antiga e um pouco mais próxima do terminal fluvial. Esta obra foi posta em prática no âmbito de um projeto de modernização de toda a linha do sado e dá início ao abandono da antiga estação uma vez que encerra todas as funções a que se destinava.

"O património ferroviário, presença incontornável no urbanismo da cidade, é constituído por numerosos edifícios (...), onde trabalharam,

viveram e conviveram sucessivas gerações de ferroviários. Pela sua qualidade e imponência, alguns destes equipamentos merecem ser preservados, como memória e testemunho da história ferroviária do Barreiro." (Carmona, 2011, p.11).

Destaca-se o peso físico que deixa a ferrovia na cidade. O comboio une cidades, mas a sua linha divide-as. Para o quebrar foram necessárias duas obras, uma passagem de nível na Rua Miguel Bombarda e um viaduto de ligação ao terminal fluvial. Ambos salientam a importância que teve o caminho de ferro. Do restante património edificado constam os edifícios abaixo assinalados:

- | | |
|---|----------------------------|
| 1. Oficinas Gerais | 5. Rotunda das Locomotivas |
| 2. Palácio Coimbra | 6. Ramal Industrial da CUF |
| 3. Estação Ferro-fluvial | 7. Bairro Ferroviário |
| 4. Armazém dos Despachos, Telheiro de Mercadorias e Cais da Cortiça | 8. Armazém Regional |
| | 9. Barreiro A |

Figura 75
(à direita) Planta, *Localização do Património Ferroviário do Barreiro*, 2017



Figura 76
Fotografia, *Rotunda das Máquinas*, Barreiro, Nuno Marques, 2013



Figura 77
Fotografia, *Armazém dos Despachos*, Barreiro, 2016

Figura 78
Fotografia, *Estação Ferro-Fluvial*, Barreiro, da autora, 2016



Figura 79
Fotografia, *Oficinas Gerais Sul e Sueste*, Barreiro, 2016



Património Corticeiro

Os terrenos das fábricas de cortiça são, na sua grande maioria, ocupados pela nova urbanização da segunda metade do século XX. Por esta razão, não são muitos os vestígios desta indústria no Barreiro. No entanto, através da análise de documentos é possível reconstituir o peso que teve na mancha da cidade, assinalando os espaços que por este negócio eram tomados. Na freguesia do Barreiro, apenas resta edificada a Quinta Braamcamp, onde tomou lugar a Sociedade Nacional de Cortiça, inculcando-lhe a responsabilidade de proteger este património quase esquecido.



Figura 80
Fotografia, Quinta Braamcamp-
Sociedade Nacional de Cortiça,



Figura 81
Fotografia, Maquinaria Quinta
Braamcamp-Sociedade Nacional
de Cortica

Figura 82
Fotografia, Maquinaria Quinta
Braamcamp-Sociedade Nacional
de Cortiça

Património Industrial

Nos anos 70 o modelo económico da CUF começa a colapsar, num contexto de recessões económicas e crises petrolíferas- a grande concentração industrial estava ultrapassada. A CUF é nacionalizada após o 25 de Abril e dois anos depois transforma-se na Quimigal, que autonomiza vários setores produtivos, privatizando alguns. Hoje não existe CUF, e o terreno da Quimigal está maioritariamente abandonado, as fábricas em ruína e as estradas inutilizadas. Sobram apenas vestígios, marcados pelos bairros sociais e por alguns dos edifícios mais icónicos. Este património encontra-se ainda em vias de classificação, contemplando um conjunto de imóveis que representam a atividade industrial e a obra social da companhia, cuja área se expandia por 300 hectares. Destes fazem parte:

1. Casa-Museu Alfredo da Silva (em vias de classificação)
2. Antigo posto da GNR (em vias de classificação)
3. Edifícios da primeira geração Stinville (em vias de classificação)
4. Edifícios da antiga central a vapor (em vias de classificação)
5. Armazém de Descarga e Moagem de Pirites
6. Bairro Operário de Santa Bárbara
7. Mausoléu de Alfredo da Silva
8. Silo de Sulfato de Amónio (1952)
9. Silo de Enxofre (1960)
10. Museu Industrial e Centro de Documentação (antiga Central Diesel)
11. Teatro-Cine Barreirense (procedimento para classificação encerrado)

Figura 83

Fotografia, Silo Sulfato de Amónio, Barreiro

Figura 84

(no centro) Fotografia, Bairro Operário Santa Bárbara, Barreiro



Figura 85

Fotografia, Teatro-Cine Barreirense

Figura 86

(à direita) Fotografia, Mausoléu Alfredo da Silva



Património Associativo

No decorrer da sua história o tecido associativo foi deixando as suas pegadas na cidade, ocupando diferentes espaços na cidade, que acabam por se tornar ícones da associação que os representa. As associações que se representam na página seguinte são apenas as que se concentram no centro.

1. Franceses
2. Penicheiros
3. Cineclube
4. Barreirense
5. Clube Naval
6. Ferroviários
7. Praiense



Figura 87
(à direita) Planta,
*Localização do Património
Associativo do Barreiro,*
2017



Figura 88
Fotografia, *Edifício dos
Franceses*

Figura 89
Fotografia, *Praiense,*
Barreiro, 2015



Figura 90
(à direita) Fotografia,
Fachada Penicheiros,
Barreiro



6. Instrumentos de Planeamento e Projetos

Depois desta breve passagem por alguns elementos marcantes da história do Barreiro, analisar-se-ão alguns dos instrumentos de planeamento e projetos em vigor cuja seleção passou pela influência que têm na área de intervenção. Este estudo compreenderá um entendimento acerca do que foi já pensado e/ou executado, para os diversos locais da cidade, assimilando igualmente os que sempre se mantiveram no campo hipotético e de especulação através de ideias e conceitos. Desta forma, foram divididos e organizados segundo a própria escala: da mais abrangente à mais particular; como também de acordo com a localização: área industrial, área ribeirinha e núcleo antigo. Posteriormente foram também analisados alguns planos que não se inserem na área de intervenção, mas cuja elaboração, de certa forma, a influenciou, a níveis social, económico, etc. A recolha de informação passou por dois métodos para os planos que contam com mais anos, foram analisados os documentos existentes em referência aos mesmos. Em relação aqueles cuja cenarização ainda não foi cumprida, referem-se dois debates públicos.

Aclarar-se-á a ordem sucessiva dos planos, uma vez que as seguintes páginas não seguem uma ordem cronológica. Encontra-se hoje em vigor o PDM de 1993, sendo esse o instrumento de planeamento influente mais antigo. Algumas das zonas da área de intervenção que contemplam são: a zona industrial da CUF (que inclui a Estação Ferro-Fluvial), e a área da quinta Braamcamp. Em 2006, é assinado um protocolo com o município de forma a iniciar o projeto para a área da CUF e zonas envolventes, que conta com um diagnóstico primordial e um Plano de Urbanização (PU). Um ano depois, surge o Programa de Reabilitação Urbana do Barreiro Antigo (PROURB), que prevê a revitalização do antigo núcleo da cidade. A regeneração da zona nobre da cidade- o eixo Alfredo da Silva e quarteirões anexos, pressupõe a criação de um Fórum e a reabilitação do mercado 1º de Maio e o parque Catarina Eufémia, estas intervenções datam de 2008. Mais tarde, em 2012, emerge a preocupação pela frente ribeirinha, que leva ao desenvolvimento de um

workshop, ESTEJO, como forma de pensar em formas de reanimar esta zona da cidade, assim como ao desenvolvimento de um projeto de reabilitação de Alburrica que considera também a construção de acessos e percursos pedonais como unificadores da zona patrimonial dos moinhos. Estes projetos inserem-se no programa REPARA, um programa de 2010, destinado à “Regeneração Programada da Área Ribeirinha de Alburrica”. Ainda em 2012, é desenvolvida uma ideia de projeto para a Quinta Braamcamp, que ainda estava embargada pelo BPI. No ano de 2015 são desenvolvidos os projetos do European que antevem a reabilitação da antiga estação ferro-fluvial e parte do corredor ferroviário, dando visibilidade à emergência de reabilitação deste edifício. Em 2016 é elaborado um estudo de cenarização de desenvolvimento para a cidade até 2030, assumindo algumas estratégias a tomar. Por fim, em 2017 começa a ser elaborado o projeto do atelier de arquitetura ARX, no âmbito do PARU (Plano de Ação de Regeneração Urbana) para a Quinta Braamcamp, que está já na posse do município. Neste ano, é também organizado um debate, cuja realização se fez em nome da autora em conjunto com Tiago Mealha, em relação aos usos futuros que pode tomar a antiga estação ferro-fluvial, como forma de complemento de auscultação da população.

Projetos que Abarcam a Área de Intervenção

- Barreiro 2030
- Plano de Urbanização do Território da Quimiparque e Zonas Envolventes
- European
 - Between The Lines
 - Insert Coina
 - Sweing Spaces in Between
- Conferência Entre-Estações
- Projeto Reabilitação e Requalificação do Território de Alburrica
- Reabilitação do Moinho Pequeno
- Quinta Braamcamp Arquitetos Promontório
- Workshop Estejo
- Quinta Braamcamp ARX, conferência
- Programa de Reabilitação Urbana Barreiro Velho

Projetos Exteriores à Área de Intervenção

- Fórum Barreiro
- Mercado 1º de Maio
- Outras Iniciativas
 - Rotas
 - Barreiro Ciclável

Projetos que Abarcam a Área de Intervenção

Barreiro 2030 (2016)

O projeto Barreiro 2030, organizado pela equipa CEDRU – Centro de Estudos de Desenvolvimento Regional e Urbano, Lda, teve por objetivo a compreensão da cidade para a criação de cenários de desenvolvimento e melhoramento do Barreiro. O projeto consistiu, numa primeira fase, na recolha de informação, acerca da população, economia e também, caracterização da cidade, para possibilitar a prospeção futura de forma a situar o Barreiro no mapa de Portugal como uma cidade de qualidade a vários níveis. A proposta dividiu-se em três grandes tópicos a desenvolver: ambiental; cultural – numa ótica de enquadramento e valorização; social – visando uma melhor inclusão social dentro do concelho; e por fim, económico – de forma a posicionar o Barreiro a nível nacional. Cada um destes tópicos foi subdividido noutros que ajudam a entender como se pode atuar na zona, projetando estratégias de desenvolvimento para o horizonte temporal de 2030. As linhas propostas são criadas de modo a funcionar como referenciais orientadores do processo de revisão do PDM assim como outros instrumentos de planeamento, enquanto se articulam com os estudos e documentos já em vigor.

Estratégia Geral

Numa primeira fase foram avaliadas e caracterizadas as dinâmicas do concelho a nível de desenvolvimento económico, social, ambiental e cultural, de modo a que todos façam parte integrante da estratégia. Num contexto de estagnação económica e enfraquecimento do mercado de trabalho desde 2011 devido à crise económica, a cidade do Barreiro e por consequente, o plano para 2030, enfrentaram um quadro de problemas que ajudaram na definição de novas linhas estratégicas de forma a recuperar o protagonismo económico do concelho assim como um conjunto de fatores que promovam uma nova vida sustentável a diversos níveis.

Esta estratégia tem como plano de fundo o Plano de Ação Regional de Lisboa (2014-2020), que pressupõe uma afirmação internacional de toda a região e se compromete com as prioridades europeias de crescimento:

visões que assentam numa região cosmopolita e competitiva no sistema das regiões europeias, qualidade ambiental e patrimonial, e modernização de toda a administração.

Na fase de diagnóstico concluem-se pontos-chave que orientaram a estratégia, assentes numa ótica de análise SWOT, respetivamente dividida em quatro pontos de cenarização: pontos fortes, oportunidades, pontos fracos e ameaças. Sinteticamente, serão enunciadas algumas das conclusões:

A atividade industrial em declínio e o encerramento das empresas (que geraram um aumento do desemprego), mantêm a estrutura e infraestrutura disponível a gerar uma nova atividade. Sendo que, existe a possibilidade de reaproveitamento do legado patrimonial, industrial e ferroviário, para novos usos, como atividades portuárias, logísticas e turísticas, impulsionando a regeneração de todo o território.

A densidade populacional é elevada, apesar do decréscimo populacional que se sentiu nas últimas décadas a par do envelhecimento da população. Existe também uma boa qualificação da população, sendo que a maior parte trabalha no sector terciário.

Existe uma vasta diversidade de espaços verdes de diferentes características, assentes numa estrutura ecológica municipal de valor paisagístico, mas estes encontram-se desaproveitados. Desta forma é necessário apostar em espaços multifuncionais, de recreio e lazer, como forma da requalificação ambiental, beneficiando também da proximidade das frentes ribeirinhas: que pode fomentar a atividade turística, beneficiando a ligação ao estuário e a todo o seu património.

O concelho beneficia de uma boa rede de equipamentos desportivos, de saúde e culturais, e também de um tecido associativo e coletivo bem consolidado. *"Importância do associativismo e coletivismo local na esfera social concelhia e em vários domínios socialmente relevantes (...)"* (CEDRU, 2016, p.97).

As acessibilidades e mobilidades são uma mais-valia, assente nos transportes públicos e nos percursos pedonais, apesar do crescimento que tem tido o uso do automóvel como meio de transporte para cumprir os movimentos pendulares. Existe também um elevado potencial ciclável, sendo que o existente tem pouca expressão e é descontínuo.

Com base nas conclusões acima, foram construídos os cenários prospetivos de desenvolvimento para a cidade, que se baseiam na identificação de variáveis motoras da mudança e na organização de um conjunto de possibilidades plausíveis da sua evolução até 2030. Para isto foram identificados os projetos impactantes no território até 2030, tais como: a terceira travessia do Tejo, cuja construção se pressupõe em 2021; o terminal de contentores; a travessia rodoviária Barreiro-Montijo; a travessia rodoviária Barreiro-Seixal; e a realização de investimentos condutores ao desenvolvimento da Quimiparque, previstos pela Baía Tejo. A cenarização estipula quatro níveis de estratégia: ambiental, cultural, económico e social, para os quais foram definidos uma série de objetivos prioritários, dos quais alguns serão brevemente descritos.

Integrar o Barreiro na visitação turística da Área Metropolitana de Lisboa, apoiada em fatores como a paisagem e cultura industrial e operária que criam um novo pólo de lazer regional associado ao Tejo.

Valorizar a diversidade cultural e étnica como um património comunitário, para o qual é necessário reabilitar as áreas urbanas desfavorecidas de forma a criar condições socio-urbanísticas de inclusão social, e também promotoras do bem-estar e envelhecimento ativo e participativo da população mais idosa.

O estado de conservação do edificado privado, assim como do público, deve ser melhorado, de maneira que possa nascer uma cultura de reabilitação, renovação e conservação regular dos imóveis particulares. Estas ações são emergentes nas zonas urbanas mais envelhecidas, "*Qualificar o espaço urbano central valorizando os espaços públicos, com ambientes urbanos criativos, atrativos e vibrantes (...)*" (CEDRU, 2016, p. 127).

As condições urbanísticas devem também privilegiar o exercício físico, através da melhoria da rede pedonal e ciclável, este fator é potenciado através da criação de uma estrutura verde urbana contínua de fácil acesso, que complemente e preserve a estrutura ecológica municipal. Neste contexto, devem também ser criadas *"condições favoráveis para a produção hortícola (...) utilizar a criação de hortas como um instrumento de urbanismo tático para utilização transitória de espaços desocupados ou devolutos."* (CEDRU, 2016, p.128).

O sistema urbano seria policêntrico, criando uma vida de proximidade assente da produção local a diversos níveis. *"A produção artística, o usufruto cultural e a atividade física e desportiva fortalecerão o Barreiro como polo cultural e criativo metropolitano incentivando a par de outros ativos, como a memória e o património histórico"* (CEDRU, 2016, p.129). A multifuncionalidade seria, assim, promovida como forma de valorização territorial.

De forma a pôr em prática as questões acima descritas, foi desenvolvido, por fim, um modelo territorial que se subdivide em orientações estratégicas para cada área, de acordo com a sua categorização. Assim, no espaço urbano central, seria necessário consolidar e reforçar a centralidade, aumentar a atratividade, promover a sua regeneração social e económica e reabilitar o espaço público: Barreiro centro/ Alto Seixalinho e Verderena. Na antiga zona da CUF, a acessibilidade deveria ser melhorada, criando condições para a sua renovação e qualificação, e o PU (Plano Urbano da Zona da CUF) deverá ser concretizado.

Plano de Urbanização do Território da Quimiparque e Áreas Envolventes (PU)



Figura 91
Fotografia Aérea, Localização da
Área de Intervenção do PU, da
autora, 2017

Em maio de 2006 é assinado um protocolo entre a Câmara Municipal do Barreiro e o Conselho de administração da Quimiparque. Este protocolo daria início à elaboração do Plano de Urbanização do Território da Quimiparque e áreas envolventes (PU). Para a sua realização foram inicialmente feitas análises pela sociedade de consultores Augusto Mateus, como forma de desenvolver um planeamento estratégico em que se integraria toda a cidade.

Em análise, a sociedade conclui que devido à relocalização e desativação da indústria existente, o Barreiro, ao contrário dos seus concelhos vizinhos, sente uma perda populacional na década de noventa. A degradação da área industrial é sentida até ao início deste século. É por isso um território industrial em declínio cuja indústria ainda ativa tem uma fraca expressão.

A área encontra-se numa zona privilegiada, junto à margem do sul do Tejo com uma ampla frente para Lisboa. A sua administração pertence hoje à Quimiparque, apesar de ter pertencido a várias gerências desde 1977, ano em que a CUF é nacionalizada e detida pela Quimigal (a fusão da CUF com outros dois produtores de adubos). Desde 1990 até 2006 os seus efetivos passaram de 118 a 56, evidenciando, assim, a decadência do setor secundário no território (Augusto Mateus & Associados, 2007).

Existem vários pontos a favor da reabilitação desta área. Um deles caracteriza-se pela existência de uma vasta rede rodoviária asfaltada e caminhos de ferro com ligação à rede ferroviária nacional. Também as redes de energia elétrica, gás natural, água, telecomunicações, iluminação e esgotos, estão garantidas pelas pré-existências. É uma área que beneficia também de um grande carácter histórico, industrial e ferroviário, dotando-se de património a salvaguardar. Desde património fazem parte, na CUF: o Mausoléu Alfredo da Silva (1944), a Casa Museu Alfredo da Silva (1907), o Museu Industrial e centro de documentação (1935), e os Bairros operários da ex-CUF dos quais sobressaem os edifícios da torre do relógio e a casa da cultura.

"Talvez seja hora (...) de democratizar esta parte da cidade, devolvendo-a às pessoas em geral e humanizando um espaço que tem vindo a ser desde há um século um lugar exclusivo de empresas" (Augusto Mateus & Associados, 2007, p.111).

A necessidade de criar este plano urbano é reforçada pela vontade de transformar Lisboa na cidade de duas margens, pelo projeto da terceira travessia do Tejo e pela necessidade de dar uma nova vida a esta zona da cidade, criando vários polos de interesse. Em 2008 o plano estratégico é aprovado, o que inicia o desenvolvimento do plano urbano.

A terceira travessia do Tejo é uma cenarização que poderia reverter a imagem de uma cidade fragmentada, mas a sua construção teria que ser cautelosa impedindo a criação de mais uma barreira. Assim, deveria integrar o tecido urbano promovendo a articulação entre as duas margens, uma vez que através da nova ligação seria possível encurtar o tempo que hoje demora o movimento pendular Lisboa-Barreiro. Permitiria um acesso de 10 minutos rodoviário e ferroviário entre o Lavradio e Entrecampos. Apesar da ligação fluvial ser eficiente, o Barreiro é a cidade da margem sul que mais distante se encontra das duas pontes existentes (Augusto Mateus & Associados, 2007).

O plano urbano é, então, desenvolvido pelo Atelier Risco, dando continuidade às várias linhas diretoras já sugeridas no plano estratégico.

Algumas destas linhas fazem parte de programas mais abrangentes de planeamento como o PNROT (Programa Nacional de Política do Ordenamento do Território), a reestruturação do arco ribeirinho, o PERLOVT (Plano Estratégico da Região de Lisboa, Oeste e Vale do Tejo), o PEDEPES (Plano Estratégico para o Desenvolvimento da Península de Setúbal), e o PDM do Barreiro. O PNROT prevê que se libertem espaços de unidades de indústria pesada que são excelentes oportunidades pela sua localização estratégica; que se reestruture o arco ribeirinho de forma a criar novas centralidades, através de uma melhoria nos transportes públicos; e por fim que se requalifique o estuário do Tejo e do Sado, reabilitando as frentes ribeirinhas.

O PDM do Barreiro (1993) encontrava-se em revisão na altura. Nesta revisão destacavam-se alguns pontos de interesse da autarquia, tais como a reutilização de áreas industriais e corredor ferroviário; e de forma geral, uma revitalização socio-urbana como forma de reverter a imagem de decadência económica que assolava a cidade. No plano de 1993, a área é tratada como um espaço industrial genérico, não tendo especificações próprias.

Terminando a fase de análise primordial, deu-se a fase de realização do plano, visando a criação de linhas estratégicas cujos modelos assentaram em projetos de referência cujo estudo se mostrou relevante. Estes projetos têm abordagens semelhantes a níveis administrativos, sendo que são projetos realizados a nível municipal, de forte cariz urbanístico e apontam para conceitos chave que são aplicados no PU. Estes conceitos assentam na aplicação de usos mistos, e numa aposta da melhoria das condições de vida da população, através da criação de *affordable housing*⁵⁷, comércio, serviços e *clusters*⁵⁸.

Os projetos que serviram de referência foram: o *Projeto 22* em Barcelona, o projeto *Docklands* em Dublin e o projeto *Bilbao Ria 2000*. As linhas guias dos três projetos são semelhantes, na medida em que para todos, foram criadas sociedades municipais que se encarregaram do projeto,

⁵⁷ Casas a custos razoáveis, dentro dos parâmetros dos salários mínimos.

⁵⁸ Concentração de empresas de características semelhantes num só polo.

estas funcionaram em parceria com o poder central ou mesmo com associações e fundações empresariais com interesse na zona.

Descrevendo brevemente cada um deles, o *Projeto 22*, Barcelona tem início em 2000 e propõe a requalificação de uma área onde anteriormente se desenvolviam atividades industriais. Estes espaços são convertidos em equipamentos públicos, *affordable housing* e zonas verdes, apostando também na inovação económica através da implantação de empresas tecnológicas, universidades e centros de investigação e formação. De forma a criar uma nova coesão social, são também criados projetos de cooperação económica e ação social e cívica.

O projeto Dublin Docklands assenta numa antiga área de atividades portuárias e industriais cujos conflitos sociais aumentaram desde a consequente desativação de atividades. O projeto inicia-se em 1997, e assim como o projeto 22, Barcelona, prevê que existisse um crescimento populacional e a criação de novos postos de emprego. Esta previsão assenta na criação de usos mistos e a implementação de uma mentalidade mais sustentável, de forma a melhorar as condições sociais. Com este intuito, são criados programas e estruturas de participação de forma a envolver as comunidades.

Por fim, serviu como linha conceptual o projeto Bilbao Ria 2000, que previu a requalificação de vários territórios portuários e industriais, criando um novo tecido urbano que se baseasse em novas dinâmicas económicas, apostando na cultura e nas novas indústrias sustentáveis. É uma cidade que se assemelha bastante ao Barreiro, na medida em que o projeto prevê a apropriação de antigos espaços industriais, estruturas ferroviárias e áreas históricas da cidade. À semelhança dos outros casos de estudo, em 1992, é criada uma sociedade que se encarrega do plano- a sociedade Bilbao Ria, sem fins lucrativos.

As linhas, então propostas pela sociedade de consultores e postas em prática no PU, baseiam-se nos casos de referência acima enunciados e nos novos paradigmas de vivência da sociedade contemporânea. Os pontos estratégicos serão enumerados de seguida.

1. Posicionar a península do Barreiro na AML, impulsionando a cidade das duas margens encarando o Barreiro como um pólo gerador de emprego, através da terciarização empresarial, revitalização de algumas fileiras industriais e dando dimensão a novas atividades portuárias. Sugere-se também a aposta na criação de *clusters* como fomento económico.

2. Ampliar o Barreiro para a zona da Quimiparque, quebrando a barreira que se ergue nesta zona da cidade, desfragmentando-a. Estas barreiras constituem-se maioritariamente pelo corredor ferroviário e pela Quimiparque. Estes espaços devem ser consolidados e as linhas ferroviárias devem ser aproveitadas.

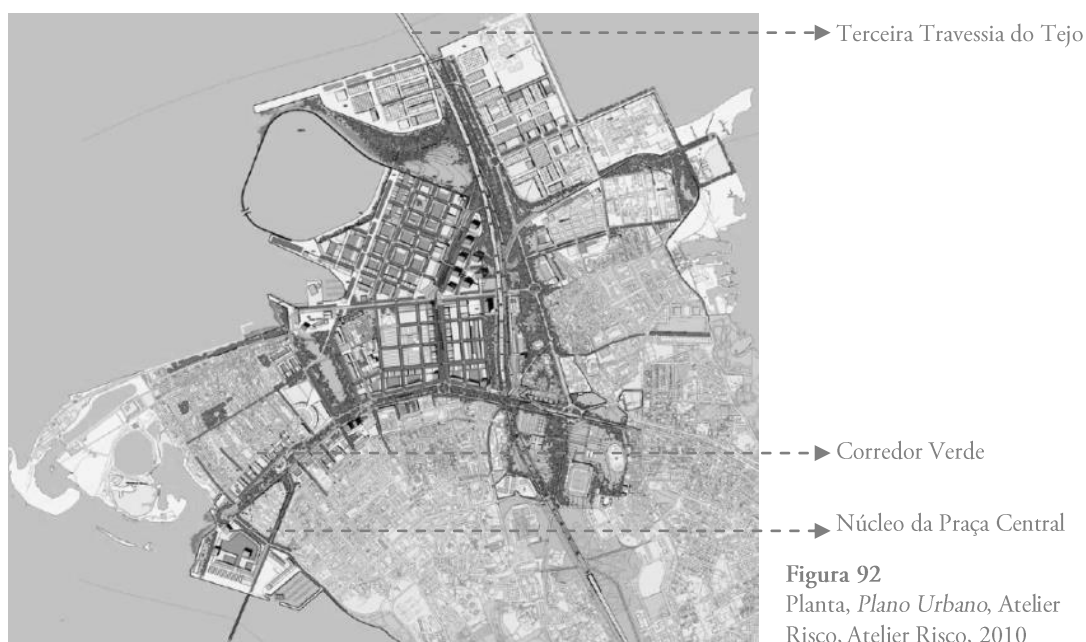
3. Promover a criação de espaços públicos qualificados e de carácter simbólico, sistemas de proximidade com base em usos mistos e implantação de equipamentos coletivos.

4. O rio deve ser valorizado, não só pela aproximação que tem a Lisboa como também para fins de aproveitamento e melhoramento da qualidade de vida urbana. O seu benefício deve resultar em atividades lúdicas.

De forma a pôr em prática as linhas estratégicas acima indicadas, a área foi dividida em três zonas. A- zona urbana do Lavradio; B- centro norte- desde o norte do corredor ferroviário até á malha urbana da cidade e C- zona histórica consolidada e frente ribeirinha. Assim, para cada uma destas zonas são criadas diretrizes próprias. Para a zona A propõe-se a concentração de atividades industriais e logística pesada. Na zona B libertar-se-ia o espaço ocupado pela Sovena, Atlanpor e Quimitécnica, de forma a dar lugar à nova estação fluvial de passageiros. Junto a esta localizar-se-ia a nova praça central à semelhança da Praça do Comércio, circundada por zonas de habitação a preços controlados e serviços e comércio que lhe são inerentes. Ainda nesta zona se propôs a criação de uma *boulevard* que cruzasse a Avenida Alfredo da Silva na zona do fórum Barreiro; novos equipamentos coletivos de qualificação urbana, dos quais fariam parte uma Biblioteca, um edifício administrativo, uma escola preparatória, um centro cívico, um auditório e uma nova escola

secundária de ensino profissional. Seria também contemplada a valorização cultural do Bairro Operário e todo o património existente.

Por fim, as linhas propostas para a zona C focar-se-iam num investimento nas frentes de rio, de forma a potenciar a qualidade da vida urbana, devolvendo os elementos naturais ao usufruto público. A requalificação desta zona assenta então, na qualificação paisagística do passeio Augusto Cabrita; na deslocação do terminal fluvial atual de forma a instalar nesta zona um porto de recreio e espaço cultural e de lazer nas atuais oficinas ferroviárias; na criação de espaços de lazer no rio coina - projeto programa POLIS; na passagem fluvial do metro do sul do tejo que vem do Seixal; e por fim, sustenta-se pela requalificação urbana do corredor ferroviário, criando ciclovias e um parque urbano em longa linearidade, dotado de esplanadas e outros espaços de usufruto público. Desta forma, o plano urbano proposto foca-se em três elementos centrais.



O núcleo da gare do sul: Estação de comboio do Lavradio que faria a ligação a Lisboa; o núcleo da praça central, onde se instalaria, no local do atual terminal fluvial, uma praça, e edifícios culturais de comércio e lazer, e cuja ligação daria a um novo parque urbano e percurso de passeio ribeirinho; e o núcleo do porto de recreio da Verderena - o programa POLIS.

Foi aplicada uma estrutura ecológica em todo o plano, conferindo uma dimensão de sustentabilidade e características de continuidade. Esta estrutura seria materializada em jardins e arborização urbana que se aproximaria das habitações, constituindo alamedas com arbóreos.

A alameda central aproveitaria a desativação do corredor ferroviário, transformando-o num corredor arbóreo contínuo, que funcionaria simultaneamente como espaço pedonal e pulmão da cidade. O parque central, seria um lugar de utilização coletiva, criando uma nova configuração urbana, seria dotado de equipamentos desportivos, parques infantis, núcleos agrícolas, pracetas e jardins de pequena dimensão.

A salvaguarda do património seria contemplada, e deste fazem parte: a chaminé da CUF, a Casa museu Alfredo da Silva, a chaminé central termoelétrica, a chaminé de amoníaco, o bairro operário Santa Barbara, o Mausoléu Alfredo da Silva, a rotunda das máquinas, as oficinas gerais CP, Estação sul e sueste. A rotunda, integra o projeto da alameda central, ligando à estação através de um ramal que encaminha para um museu ferroviário.

Os equipamentos propostos localizam-se nos três pontos centrais, constituindo espaços âncora e promovendo funções mistas, de forma a articular a zona de intervenção com a restante cidade.

Para terminar, no plano são referidas as maiores condicionantes à realização do PU, sendo que a primeira se constitui pelas áreas ainda poluídas que necessitariam de uma distância de segurança. As restantes restrições focam-se em aspetos burocráticos, tais como a realocação de algumas indústrias e a transferência do terminal fluvial. O PU teria ainda que passar pela aprovação do projeto do arco ribeirinho sul, sendo este o responsável pelo faseamento e investimento do programa. A maior condicionante seria a construção da TTT, uma vez que esta é da responsabilidade do Estado e é uma grande componente deste projeto, da qual o mesmo se encontrava dependente.

Dez anos após a realização, em 2017, a continuação do projeto do Atelier Risco ficou ao encargo da Baía do Tejo, cuja prossecução será feita pela

NPK. O que até agora está definido que siga de acordo com o plano original define-se pela Alameda Urbana I, na rua da União, a criação de residências de estudantes no Bairro de Santa Bárbara, e a renovação da Casa Museu Alfredo da Silva.

European



Figura 93
Fotografia Aérea, Área de
Intervenção do European, 2017

European é um concurso bienal destinado a jovens arquitetos que visa a resposta arquitetónica programática em várias cidades na Europa. "A European é uma federação europeia que se dedica às questões urbanas e arquitetónicas, na perspetiva do intercâmbio para jovens profissionais na Europa. Os concursos European mobilizam em cada edição mais de 70 cidades europeias e mais de 2000 equipas de jovens arquitetos e outros profissionais, proporcionando contactos internacionais e a realização de operações inovadoras, de qualidade."⁵⁹

Em 2015 realizou-se o European 13, cujo tema principal se focava na *Cidade Adaptável*. Nesta edição, o Barreiro foi uma das cidades nomeadas para o desenvolvimento dos projetos sendo que o seu município elegeu a antiga estação ferro-fluvial e a sua envolvente como um ponto de interesse. O programa sugeria um projeto misto de arquitetura e paisagismo, tendo como principal objetivo a integração dos espaços vazios no planeamento urbano.

O projeto vencedor foi o *Between the lines*, e aproximaram-se do pódio outros dois projetos. Um deles em menção honrosa: *Insert Coina*, e outro como citação especial: *Sweing Spaces in Between*. Os três serão brevemente relatados de seguida.

⁵⁹ <http://www.europeanportugal.pt>

Between the Lines

O projeto assentou numa premissa de usos mistos, privilegiando das ligações metropolitanas ligeiras (com o Seixal) de forma a fortalecer e dinamizar esta zona da cidade. Desta forma seriam desenvolvidos caminhos pedonais e cicláveis de modo a usufruir do rio Coina. As frentes ribeirinhas que circundam a estação, seriam devolvidas à sua população e transformadas num espaço de restauração, lazer, desporto e hortas urbanas.

O atual estacionamento seria reorganizado de maneira a que a frente de rio fosse liberta, neste seriam acrescentadas também árvores que permitissem sombreamento.

O edifício da estação seria mantido, com alterações de uso e com uma nova estrutura de forma a tornar-se permeável e versátil para albergar novas atividades interiores e exteriores- quebrando assim esta barreira.

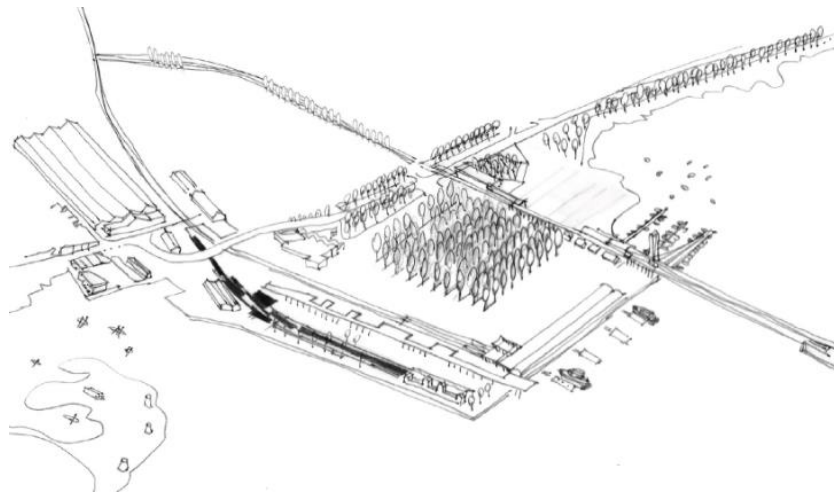


Figura 94
Esboço, Programa *Between the Lines*, 2015

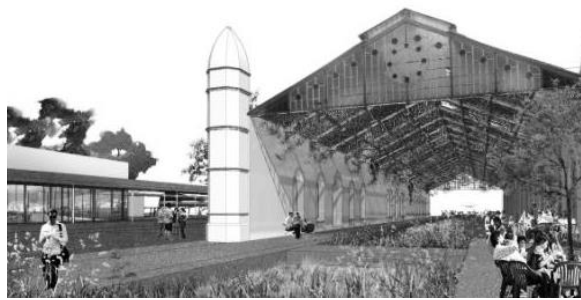


Figura 95 (à esquerda)
Fotomontagem, *Between the Lines*, 2015

Figura 96
Fotomontagem, *Between the Lines*, 2015

Insert Coina

A frente ribeirinha é pensada como o ponto principal do projeto, esta seria repensada de forma a melhorar o estilo de vida dos barreirenses. Junto ao terminal ferro-fluvial seriam criadas casas destinadas a pescadores para que estes pudessem ter uma participação mais ativa na vivência da cidade, contribuindo com os seus conhecimentos.

De forma a fomentar o lazer, seria criado um parque urbano e um corredor verde por cima dos antigos carris; assim como um *skate park* junto ao atual parque de estacionamento.

A ideia de reaver a ponte para o Seixal é algo que, assim como no projeto anterior, se encontra aqui presente.

Um novo pólo seria criado em torno da estação, e esta teria o papel dinamizador principal. Seria um *atelier* e museu, cuja proporção de cada um destes usos seria determinada pela população, reforçando assim o poder de escolha que a mesma teria em todo o processo.

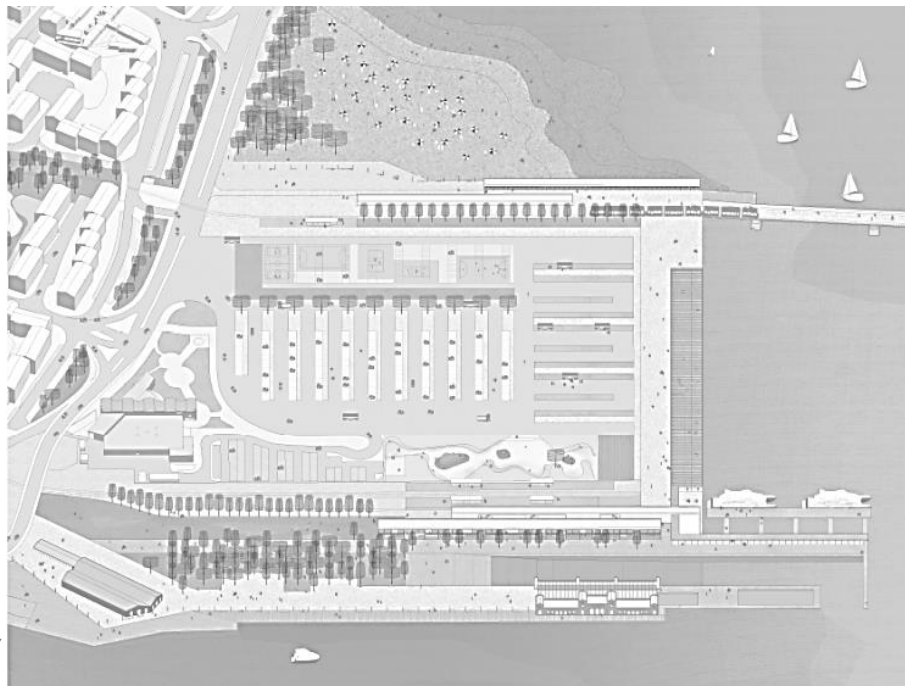


Figura 97
Axonometria, *Insert Coina*, 2015

Sweing Spaces in Between

Este projeto faseia as várias etapas de intervenção, programando o desenvolvimento que teria cada uma delas. A primeira seria entre em 2015, pressupondo a reabilitação e conexão desta zona da cidade através de 9 pontos-chave. São eles: uma plataforma urbana que cria um parque baseado na memória das antigas linhas férreas, de forma a reutilizar os espaços; a criação de um mercado aberto que dinamize o comércio do Barreiro de maneira a que a população habite de novo este espaço; criar um "open-space" na antiga estação, que se adapta a novos usos, seria um espaço multifuncional e cultural que pode receber concertos e *performances*, enquanto preserva a estrutura e atmosfera do edifício: os antigos escritórios seriam transformados em lojas que fizessem a transição entre a gare e a frente ribeirinha; a água perfuraria nesta paisagem através de um passeio público, próprio para peões e ciclistas; criar-se-iam espaços de *coworking* e *startups* utilizando as antigas carruagens, estas podem também ser utilizadas como escritórios ou lojas, recuperando a sua memória; os edifícios exteriores (ex: edifício do Pingo Doce) seriam incorporados no projeto, expandido as zonas verdes para o seu contorno; a instalação de um museu no antigo armazém, de forma a representar a memória ferroviária, este seria um ponto de ligação entre a herança natural e o património construído. Por fim, seriam demolidos alguns elementos como o antigo terminal fluvial e o centro comercial.



Figura 98
Fotomontagem, Sewing Spaces
in Between, 2015

Síntese dos Pontos-chave das Propostas European

PROPOSTAS/PLANOS	Between The Lines	Insert Coina	Sewing Spaces In Between
Novo uso na estação: Atelier e Museu. (1)		X	
Estação transformada em <i>open space</i> com multiusos. (1)			X
Antigos escritórios da estação transformados em espaços para comércio. (1)			X
Zona dos antigos carris transformada num parque urbano e corredor verde. (5)		X	X
Demolição do antigo centro comercial. (2)			X
Criação de espaços de lazer, restauração e hortas urbanas na frente ribeirinha. (4)	X		
Criação de casas para pescadores, que são integrados na vivência da cidade. (8)		X	
Recriar a antiga ponte para o Seixal. (7)	X	X	
Reorganizar o espaço de estacionamento e completa-lo com arborização. (3)	X		
Instalação de um museu no antigo Armazém. (6)			X
Integrar edifícios exteriores ao projeto. (9)			X

Conferência Entre-Estações

A conferência Entre-Estações, realizada pela autora em conjunto com Tiago Mealha em Março de 2017, visou maioritariamente perceber quais as opiniões da população em relação a que uso dar à antiga estação ferroviária. Na conferência os intervenientes foram convidados a participar de forma livre, apenas com moderação por parte da mesa. Algumas das sugestões dadas serão brevemente descritas.

Aceitando hipoteticamente uma parceria público-privada, na grande maioria, os participantes concordaram na aplicação de uma estratégia de usos múltiplos, divergindo no entanto em relação aos vários tipos de uso.

Um dos usos mais referidos foi o museu, e que este pudesse, também, albergar uma sala de estudo (ao qual alguns membros se opuseram pelo facto das bibliotecas junto ao rio ganharem muita humidade).

O museu poderia ser do género Nacional Ferroviário, como complemento à sede no Entroncamento que se detém de muitas locomotivas pertencentes ao Barreiro. No entanto, um dos intervenientes relembra que existem muitos museus vazios, ou seja, o museu só por si não traz automaticamente uma melhoria do espaço urbano. Também o turismo tem vindo a crescer numa ótica de valorização do património mas acaba por causar um esvaziamento das populações locais.

De acordo com os presentes, é imprescindível que não se percam as marcas patrimoniais que transporta a estação, e isto pode ser resolvido através de um uso que não o comprometa, como por exemplo um *hostel*. A localização de um *hostel* na entrada do Barreiro beneficiária da rede de transportes (que de forma geral, são o ponto de partida para o desenvolvimento da cidade), maioritariamente da ligação com Lisboa - poderia atrair os turistas pelos preços reduzidos. Tendo também outros sistemas de apoio como restauração e atividades náuticas, podendo este novo uso tornar-se economicamente sustentável.

É num tom derrotista que um dos intervenientes afirma que o futuro do Barreiro se representa, lamentavelmente, pelos moinhos de maré, ou seja,

que o caminho é a degradação- exemplificando com a estação, constituindo esta atualmente um local de passagem. A sua reabilitação não pode ainda ser confirmada por não ser um edifício classificado, e é necessária a intervenção participativa e ativa dos cidadãos para que os edifícios não sejam abandonados.

Além da discussão realizada ao longo da sessão, foi também realizado um inquérito⁶⁰ (respostas em anexo), do qual se retiraram algumas conclusões. De seguida, resumir-se-ão algumas das conclusões face às questões apresentadas. Os questionamentos continham perguntas fechadas e perguntas abertas. Desta forma, tendo em conta a falta de representatividade que teria uma análise de dados quantitativos (atentando o número de participantes), apenas se tiveram em conta as respostas de ordem qualitativa.

Em relação à primeira pergunta aberta: "Gosta de viver no Barreiro? Porquê?" Dois responderam de forma negativa, um deles porque preferiria viver em Lisboa e outro porque refere a cidade como "Imóvel e parada no tempo". As restantes respostas foram positivas apresentando os inquiridos as seguintes razões: por terem nascido cá e ser a cidade das suas vidas, onde criaram laços; pelas boas acessibilidades e proximidade com Lisboa; pelo marco histórico e qualidade de vida cultural e social; pelo brilho do rio; pela tranquilidade; e por fim, de forma geral, pelo amor à terra.

Relativamente à pergunta: "Há algum tipo de atividade/comércio em falta? Qual?", 18 dos participantes responderam que sim, 10 responderam que não e 6 não responderam. Daqueles cuja resposta foi afirmativa, evidencia-se o cinema como uma das atividades que mais marca pela ausência, e que, apesar de existir um, é referida a falta de qualidade do mesmo. Também foi mencionada a escassez de: comércio de rua, pequeno comércio local, atividade turística e zonas de lazer e desportivas. De forma semelhante, questionou-se também a falta de algum tipo de serviço. Esta não se sente tão fortemente como a falta de

⁶⁰ Responderam ao inquérito 34 cidadãos, 17 do género feminino e 17 do género masculino.

comércio, uma vez que a maioria, representada por 14 pessoas, respondeu que não, dos restantes 12 responderam que sim e 8 não responderam. Dos serviços considerados em falta destacam-se: um centro de saúde; uma rede de metropolitano de superfície; uma loja do cidadão; uma faculdade; um museu; espaços de cultura e turismo.

A última pergunta semiaberta do questionário consistia em perceber qual a preferência de um novo uso para a estação. Assim, existia a hipótese de selecionar três opções pré-determinadas ou de sugerir uma outra. Por ordem das mais votadas às menos votadas, as opções eram: Café/Restaurante (23); Museu (17); Eventos musicais (15); Cais Fluvial-rotas turísticas (14); Hotel/Hostel (11); Atelier (10); Livraria (7); Núcleo associativo (5); Arquivo/Biblioteca (5); Mercado (4); Discoteca (2); Habitação (0). Concluindo, muitos dos participantes observaram ainda que o ideal seria uma plataforma de usos mistos, conjugando vários dos acima enumerados.

Projeto de reabilitação e qualificação do território de Alburrica e ponta do Mexilhoeiro

Figura 99
Fotografia Aérea, Área de
Alburrica e Ponta do
Mexilhoeiro, 2017



Em cima encontra-se a delimitação do plano de requalificação do território de Alburrica, que engloba também a ponta do Mexilhoeiro, onde toma lugar a Quinta Braamcamp. A quinta qualifica-se com um edifício de habitação, moinho de maré e respetiva caldeira, e uma unidade industrial pertencente à Sociedade Nacional Corticeira.

Dentro do limite localizam-se mais dois pontos importantes. O primeiro é a Escola Alfredo da Silva que faz fronteira com a Praça Jesus Caraça e o Largo Nossa Senhora do Rosário. Estes espaços assumem um papel de espaço charneira entre duas realidades: Barreiro Velho e Zona de Alburrica.

O terceiro e último espaço de relevância é a Rua Miguel Pais, cuja ocupação de edifícios data da década de 70 e posteriormente são construídos os edifícios Grancor. É uma rua que se caracteriza por uma frente ribeirinha pouco cuidada, uma vez que os edifícios apresentam as suas traseiras para o rio. Para esta zona foi também realizado um estudo de pormenor.

O projeto de reabilitação teve como objetivos a requalificação e qualificação do espaço público, revitalizando a frente de rio e promover a coesão territorial e social. Pretendeu-se também valorizar as atividades balneares e piscatórias. Para isto foram criados novos percursos pedonais, e introduzido mobiliário urbano, entre outros elementos a descrever.

Nesta zona, foram realizados alguns projetos paralelos, nomeadamente o da requalificação da Avenida Bento Gonçalves, onde foi pretendido privilegiar a circulação pedonal, uma vez que a avenida vai culminando em travessas que se abrem para a zona do Barreiro Velho.

"Pretende-se, também, que o investimento a realizar nesta área possa servir de valorização da frente urbana do Barreiro antigo e assim alavancar potenciais investimentos da renovação do edificado e transformação do tecido económico e social" (DPGU, 2012, p.11).

Na Praça Bento Jesus Caraça e Largo de Nossa Senhora do Rosário, pretendeu-se potenciar o espaço como espaço de transição e átrio de receção do núcleo urbano. Isto foi materializado através da construção de espaços de convívio, mobiliário urbano e mais lugares de estacionamento.

Os objetivos para a Rua Miguel Pais assentaram na repavimentação dos passeios, ordenamento do estacionamento e melhoramento da iluminação pública.

As operações estabelecidas foram então, a construção de apoios de pesca e abrigos; A construção de um circuito de manutenção e implantação de mobiliário desportivo e infantil; A criação de um complexo desportivo agregado às instalações da Escola Alfredo da Silva, dentro da Quinta Braamcamp; Construção de percursos pedonais de penetração no território de Alburrica e de ligação com o tecido urbano.

Outras obras a realizar de forma a complementar o programa descrito acima foram: a realização uma biblioteca estival e ateliers de verão na praia e nos moinhos, de forma a promover a atividade balnear; a recuperação dos motes das caldeiras dos moinhos, obra que tem que ser realizada pela APL assim como o reforço areal e limpeza das margens; e a recuperação do moinho de maré pequeno para implementação de atividade económica e do moinho grande para a implementação de restaurante *gourmet*.

Por último sugeria-se também que se instalasse no Barreiro uma sociedade local para exploração de aquacultura e Bivalves em Alburrica

como forma de gerar emprego. A sede da sociedade teria lugar no antigo matadouro e atual moto clube, que teria que sofrer obras de reabilitação para este fim.

A estimativa de custos total era de 1,564,862 euros. Após o desenvolvimento da fase preliminar foi desenvolvido um projeto, que se subdivide em três fases, no âmbito da reabilitação ribeirinha de forma a materializar as estratégias acima descritas. Toda a regeneração programada para a área ribeirinha de Alburrica ficou albergada pelo programa REPARA (Regeneração Programada da Área Ribeirinha de Alburrica), que incluía também a construção dos percursos pedonais de ligação e interpretação.

Para a definição dos percursos pedonais a área ribeirinha foi dividida em quatro zonas. A primeira que cria uma charneira entre a zona urbana e Alburrica, fronteira à escola Alfredo da Silva, onde se criaram melhores sistemas rodoviários de forma a facilitar o acesso. Na segunda zona optou-se por uma intervenção mista: pedonal, ciclável e motorizada, nesta zona encontram-se pontuais estações de ginástica de manutenção que integram os percursos. Na margem das caldeiras a intervenção foi um pouco mais recatada de forma aproveitar a paisagem. Em relação à terceira zona, correspondente à área do Bar do Bento, foi colocado um novo sistema de *deck* e mobiliário de banhos, assim como um brinquedo infantil. Para a última zona, que se refere à zona que dá acesso aos moinhos, criou-se uma nova altimetria, e espaços em terra batida compactada com várias estações em betão que servem simultaneamente como contenção e zona de estadia e contemplação.

Figura 100
Esboço, *Passadiços de Alburrica*,
Manuel Alves, 2012

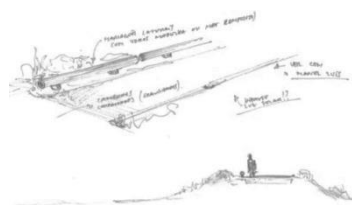
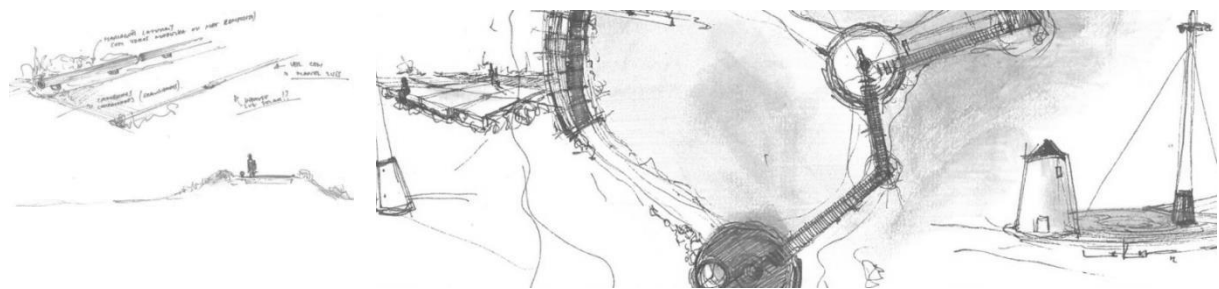


Figura 101
(à direita) Esboço, *Passadiços de Alburrica*,
Manuel Alves, 2012



Reabilitação Moinho Pequeno

O moinho pequeno constitui um imóvel de interesse municipal que se encontra hoje em ruína. O moinho possui três bocas e construções anexas: A casa do moleiro e armazém de farinhas. A sua caldeira tem cerca de 10.800 m² de área e o seu programa ainda não está definido. Desta forma o projeto que existe para o moinho é apenas um estudo.

Um dos objetivos principais é transformar o moinho num objeto arquitetónico que contribua para o desenvolvimento turístico de Alburrica. Será um projeto de recuperação, reconstrução e remodelação, e por isso a área de implantação será a mesma da ruína.

O moinho trabalhou até ao primeiro quartel do século XX, destinando-se à produção de trigo e massas. Mais tarde, chegou a ser utilizado como armazém de produtos que chegavam ao Barreiro. Uma vez que a sua tipologia é moinho de maré, o seu tamanho está intrinsecamente ligado ao número de moendas.

De forma a tornar a reconstrução possível foi necessário um levantamento da sua materialidade, no qual se concluiu que o embasamento é feito de pedra regular, as paredes, quase todas em ruína, são de Alvenaria e as suas fundações supõe-se que sejam de estacas de madeira.

O projeto serviu-se de três casos de estudo, o moinho de maré no Montijo, o moinho de maré em Alhos Vedros e o moinho de maré em Corroios.

Dado que o programa funcional ainda não está totalmente definido, o programa proposto admitiu-se flexível. No piso 0 existiria uma sala polivalente, duas instalações sanitárias e um gabinete e no piso superior apenas uma sala de arquivo.

Quinta Braamcamp, Arquitetos Promontório (2012)

Encontra-se hoje em vigor o PDM de 1993, que rege as linhas diretrizes para várias zonas da cidade. Para a Quinta Braamcamp, que na altura do plano estava ocupada com as instalações da sociedade nacional de cortiças, estava previsto que o uso dominante fosse habitação, complementado através de comércio e serviços. Calculou-se um número de 185 fogos, contrastando com o valor nulo de fogos que lá existiam em 1991. O plano defendia também a valorização arquitetónica e ambiental, de forma a valorizar a estrutura natural existente e salvaguardando as estruturas da antiga quinta inclusive o moinho de maré.

Em 2012, realiza-se o projeto dos Arquitetos Promontório que se resume numa folha síntese, uma vez que o projeto não chegou a ser desenvolvido. Na altura, a quinta estava na posse do BPI. No plano, os arquitetos sugerem um programa duplo, predominantemente residencial, servindo-se também de comércio e serviços. Seriam criadas 118 habitações dotadas de largas vistas sobre o rio Tejo, com edifícios em banda que se posicionavam perpendicularmente à água. As zonas verdes não são esquecidas sendo também proposto um parque urbano "*capaz de restaurar a história do sítio e restabelecer uma relação sentimental do mesmo com a população*" (Arquitetos Promontório, 2012). Desta forma, o projeto sugere a recuperação dos moinhos de maré e respetivas caldeiras, assim como um novo cais de serviço para os pescadores. Toda a zona seria conectada através de uma rede ciclável e pedonal.

Workshop Estejo (2012)

O Workshop Estejo constituiu-se por uma equipa de 8 elementos, em parceria entre a Câmara Municipal do Barreiro e a Universidade Lusíada. Tomou como área de intervenção a zona de Alburrica, com o intuito de lhe dar uma nova leitura a nível académico. A área de estudo pressupõe diferentes paisagens de forma a ocupar as áreas ribeirinhas do estuário e promovendo a integração identitária, seguindo o planeamento municipal. O *workshop* pretendeu contribuir com soluções programáticas para esta zona e numa primeira fase, passou por um ciclo de palestras e várias visitas ao local de forma a fazer uma leitura do território e compreender as suas potencialidades e ameaças. Em segundo lugar, desenvolveu-se a elaboração de um programa seguido de uma proposta arquitetónica plausível.

Este programa teve em conta as pré-existências, assegurando funções que lhes permitam durar ao invés de destruir o legado histórico. Uma das maiores fraquezas do território é a falta de um elemento unificador, razão pela qual a equipa desenhou um percurso com o intuito de fazer a união de todos os espaços. Este percurso tem início na estação fluvial que tem continuidade com a frente ribeirinha do Barreiro. A estratégia ambicionou assentar numa premissa de baixos custos, retirando o máximo proveito do local através de gestos simples como o aumento da iluminação noturna, o redesenho do passeio marginal e arborização. O objetivo programático foca-se essencialmente num espaço público de contemplação, em que vários espaços evocam as memórias do passado. Toda a zona de Alburrica se considera um Eco Museu, de forma a valorizar o património para que este seja vivenciado.

O projeto toma a cultura como um catalisador e motor da regeneração urbana. *"A reconversão de usos é uma resposta de reabilitação e conservação do património, adaptando a arquitetura existente às necessidades de uso contemporâneo. (...) O objeto histórico deixa de ser uma mera estrutura parada no tempo para voltar a ser reativada"* (Estejo, 2012, p.140). Assim sendo, os locais são imortalizados e valorizados, assentando o projeto nas especificidades do local.

Outro ponto de referência foi a subida do nível das águas que futuramente pode provocar inundações e tempestades mais frequentes. As alterações climáticas tomaram-se como um desafio para o qual foi necessário pensar em soluções, como por exemplo a elevação de novas construções.



Figura 102
Fotomontagem, *Projeto para a Avenida Miguel Pais*, 2012



Figura 103
Esboço, Fotomontagem, *Projeto para a Avenida de Sapadores*, 2012



Figura 104
Fotomontagem, *Moinho Braamcamp*, 2012

A frente ribeirinha necessita de regeneração, uma vez que esta parece desvalorizada em relação à restante cidade, é evidente o descontrolo que existiu relativamente ao património construído e natural que se comprova pelas construções ilegais e ruínas. Consequentemente, o espaço é lido de forma desforme e a área está parcelada entre terrenos privados e públicos. Dos seus pontos fracos destacam-se: uma frente urbana virada de costas para a zona ribeirinha; a existência de barreiras físicas constrangedoras; o abandono do património; uma zona balnear pouco cuidada; e a falta de espaços públicos de qualidade. Por oposição, os seus pontos fortes marcam-se pela diversidade natural, património histórico a valorizar e a proximidade às zonas ribeirinhas e estuarinas.

A proposta divide-se em três pontos centrais. O primeiro constitui-se pela nova praça e reconversão do espaço da Quinta Braamcamp numa quinta-hotel Braamcamp para que esta assuma o papel desbloqueador entre o território e a cidade. A entrada far-se-ia pela escola Alfredo da Silva, transformando este espaço numa ampla praça, disposta a receber eventos ou mercados levantes, etc. Dentro do espaço da quinta seria criado um museu da tecelagem com um intuito pedagógico de recuperação dos antigos saberes. A caldeira receberia aulas de canoagem e provas e o restante terreno completar-se-ia através de alojamentos *eco-lodges* de forma a pontuar os campos agrícolas. Este espaço criaria uma nova dinâmica populacional uma vez que serviria para atrair e fixar população. A zona do clube náutico encarregar-se-ia de atividades recreativas, onde se encontraria uma nova torre de observação, espaço de restauração e novos alojamentos para os pescadores. Por fim, a Quinta Braamcamp-hotel, reabilitaria os edifícios da quinta (inclusive o moinho de maré e corticeira), reconvertendo os seus usos de modo a servir a unidade hoteleira.

A água acaba por ser o elemento unificador da proposta, dando continuidade ao espaço público à margem do rio. O percurso de ação, que tem início na estação ferro-fluvial, uniria também o antigo estaleiro naval que se reabilitaria em nova Casa da Muleta- centro cultural e escola naval, e o antigo moinho de maré que se reconverteria num café. *"No percurso deste caminho marginal do estuário requalificam-se assim os*

edifícios existentes mais significativos do local, onde estes novos usos, mantem a sua integração através de um equilíbrio perfeito com a área da paisagem circundante." (Estejo, 2012, p. 129). As questões programáticas são então sustentadas por vários caminhos, sobre os quais surgem espaços de estadia, sombra e descanso.

Quinta Braamcamp ARX 2017

O projeto de intervenção na área da Quinta Braamcamp ficou, em 2017, ao encargo do gabinete de arquitetura ARX, cuja escolha passou pela pesquisa de arquitetos com projetos semelhantes a este, beneficiando também da relação já estabelecida entre o atelier e a câmara, uma vez que já tinham colaborado na realização da Escola Politécnica na Quinta dos Fidalguinhos.

A informação acerca do projeto foi recolhida através do debate "Quinta Braamcamp - Refletir sobre o Território" promovido pela autarquia, no qual se juntou um conjunto de responsáveis de modo a recolher opiniões da população acerca das linhas orientadoras do futuro daquele espaço. O debate foi sintetizado e será descrito de seguida.

O vereador responsável pelo Planeamento, Ambiente, Mobilidade, Gestão e Regeneração Urbana, Rui Lopo dá início ao seu discurso defendendo que o processo de participação não se justifica para uma *checklist*, mas sim, para recolher o máximo de informação sobre os meios de intervenção preferíveis em relação ao território, justificando a importância que tem o processo.

Numa primeira fase do projeto Braamcamp, é importante ter em conta o enquadramento que esta tem em Alburrica, sendo esta uma área com capacidade para ter dinâmicas de carácter rural e urbano- dentro da AML.

O arquiteto do município que faz a comunicação entre as decisões da câmara e o *atelier* é Luís Araújo, que considera de extrema importância a ligação da Braamcamp ao canal ferroviário e ao centro da cidade, lamentando a falta de coesão, uma vez que existem constrangimentos de propriedade ou burocráticos como por exemplo a zona do terreno

pertencente à Administração do Porto de Lisboa, como: o Clube Naval, a caldeira do moinho pequeno e toda a frente ribeirinha.

De uma forma geral, sentiu-se por parte da população uma enorme preocupação face a novas construções, especialmente junto ao rio. Defendem que não querem que lhes seja retirado este espaço a que sempre tiveram direito, muito menos para a construção de habitações, assim como se ouviu constantemente: "*Não devem pôr lá casas*". No entanto, sentem a necessidade de mudança como forma de melhorar este espaço que se encontra ao abandono.

A água foi o elemento mais referido, pela sua importância paisagística e memorial. Foram várias as ideias apresentadas sobre como intervir nesta área. Numa ótica mais prática, sente-se a urgência da limpeza das caldeiras, e que nestas se possa criar uma piscina natural como polo atrativo. em que a água fosse o mote principal do turismo.

Questionou-se também a possibilidade do uso dos moinhos de maré ser reconvertido, e que estes pudessem, até, produzir energia. Esta ideia foi contestada uma vez que as caldeiras não podem voltar a funcionar como barragens porque os passadiços existentes deixam passar a água, em vez de a reterem.

Foi sugerida a criação de uma ponte pedonal, à semelhança dos passadiços existentes, desde os moinhos até à zona da estação. E que a estação se tornasse no posto de turismo da cidade, funcionando como a sua porta de entrada. A questão da reabilitação da estação foi frequentemente levantada, apelando à alteração do seu uso para um hotel- assente na ligação que o Barreiro tem com a AML.

A musealização da zona foi também referida, uma vez que se considera ter um grande potencial a nível cultural e patrimonial. Foram enumerados vários tipos de museus plausíveis, tais como: um museu de fotografia em honra de Augusto Cabrita; um museu da CP; ou um museu da Pesca. O uso que foi mais sugerido foi de facto o de restauração, como já assinalado pelo arquiteto Mateus. Este elemento iria fomentar o turismo, tornando a quinta Braamcamp num espaço âncora.

Além da musealização, a outros termos foi referida a preservação do património, foram dados exemplos como o restabelecimento das velas dos moinhos de vento, ou a recriação do chafariz junto ao moinho pequeno. Os moinhos, além de reabilitados, podem dotar-se de um carácter pedagógico, representando como funcionariam no passado ambos os de maré e de vento.

Outra questão de referência é a proximidade da quinta à Escola Alfredo da Silva, e as várias intervenções sugeriram que esta pode e deve usufruir da caldeira e do moinho Braamcamp como espaço lúdico, e que a caldeira desta se conecte aos desportos náuticos, transformando-se num espaço pedagógico e de lazer.

Por fim, existe uma preocupação em relação à localização do clube naval e da sua envolvente, que não deve ser cortada do cenário da reabilitação da Quinta Braamcamp. Neste caso, um dos intervenientes lança as questões: "O que se faz aos pontões dos pescadores? As barracas? E o que se faz com o baldio?"

Em última instância, e de forma mais concetual, mencionou-se a conservação do nome Quinta Braamcamp, de forma a preservar a memória daqueles que lá trabalharam ou viveram.

Em resposta às questões da população, o arquiteto Luís Mateus e os restantes representantes da mesa, esclareceram alguns problemas, e avançaram com soluções já pensadas. Um dos primeiros pontos a aclarar foi a dificuldade em voltar a pôr um moinho de maré a funcionar, uma vez que se trata de um grande investimento, ultrapassando a capacidade de orçamento.

Luís Mateus refere também que o desejado é que o turismo no Barreiro seja de visitação, por oposição a uma estadia longa, como uma espécie de prolongamento do turismo existente em Lisboa. O arquiteto considera a área de intervenção vantajosa na sua distância à cidade, e defende que deva ser um espaço essencialmente público, uma vez que notou uma grande afetividade por parte da população local. Neste contexto salienta que a câmara não fez pressão nem para que houvesse construção nem

para o inverso, mas que não se põe a questão de criar "*condomínios e construções elitistas*". Está, no entanto, contemplada a ideia de criar um espaço de caráter museológico com uma zona de cafeteria.

Os restantes membros da mesa sublinharam que os fundos comunitários que foram atribuídos para este projeto apenas consideraram a intervenção paisagística e do Moinho (um milhão para cada). Não visam outros edifícios como por exemplo a Estação Ferro-Fluvial (cuja referência durante a conferência foi frequente), em relação à qual a IP já tentou dinamizar a re-habitação mas sem nunca dar frutos.

Por fim, o presidente da câmara intervém, avançando alguns projetos que serão feitos que possam esclarecer algumas das questões levantadas. A primeira destas é a intervenção do moinho pequeno, que visa a consolidação das comportas e servirá como porta de entrada para o complexo moageiro de Alburrica. Esta intervenção pressupõe também o prolongamento até ao parque Catarina Eufémia de forma a criar uma reabilitação coesa do tecido urbano para o rural. Neste âmbito será também intervencionado o moinho grande de forma a ser reabilitado, enquanto que o moinho do cabo será apenas consolidado. Não é possível a musealização de todos os moinhos, mas considerar-se-lhe-á apenas um. A questão da colocação de velas nos moinhos é algo que já está pensado e terá início ainda em 2017.

Programa de Reabilitação Urbana do Barreiro

O Programa de Reabilitação Urbana do Barreiro antigo (PROURB), tem início em 2007 e consiste num projeto municipal. O programa toma lugar no núcleo antigo da cidade propondo uma solução à sua degradação. Toma como base várias análises, inquéritos e projetos já realizados mas nunca postos em prática.

Através de um diagnóstico, foram levantados os maiores problemas, seguidos da sua solução. Os problemas são encontrados a cinco níveis: no Edificado, no espaço público, na circulação e mobilidade, nas dinâmicas sociais e nas atividades económicas. Por esta ordem serão de seguida descritas as medidas que se pretendiam tomar em cada um dos campos.

Edificado

O edificado constitui uma estrutura urbana que conserva a sua identidade e forma homogénea, possuindo também património arquitetónico religioso e civil de interesse.

Porém, o edificado encontra-se obsoleto, e a sua degradação acentuada coloca em risco a sua preservação. São poucos os edifícios que foram alvo de conservação e reabilitação, e os que persistem não oferecem condições de habitabilidade, sendo a sua posição no mercado inviável.

Pelas razões assinaladas acima foi necessário criar algumas medidas que passem numa primeira fase por operações de higiene e segurança urbanas, nomeadamente aos edifícios que se encontram em ruína e acumulam lixo no espaço público. Dois edifícios emblemáticos são referidos no diagnóstico como alvos a reabilitar, são estes: o Café Barreiro e a Casa da Cerca.

Espaço Público

O espaço público que o bairro apresenta-se possui qualidade espacial, fazendo parte da memória coletiva dos seus habitantes, que, assim como os seus visitantes, se apropriam fortemente do espaço. A proximidade ao rio constitui também uma vantagem para este local. É um espaço que carece de cuidado e limpeza, que tem uma imagem decadente, reforçado pela deficiente iluminação e falta de mobiliário urbano qualificado, cujo melhoramento é urgente, constituindo uma das medidas a tomar.

Circulação e mobilidade

A proximidade aos transportes públicos facilitam a circulação do bairro para outras zonas da cidade, também a estrutura ferroviária e pedonal permite um fácil acesso ao centro da cidade. No entanto, existe uma falta de lugares de estacionamento assim como algumas barreiras arquitetónicas que tornam a circulação fraca. A hierarquização de vias carece de reformulação e o trânsito deve ser desviado do atravessamento do interior de forma a priorizar os moradores.

Dinâmicas Sociais

No bairro encontram-se fortes relações de vizinhança entre os habitantes de longa data, estas relações são fomentadas através da marcante presença do associativismo e pela dinâmica de algumas coletividades. Os moradores transmitem um elevado sentido de identidade com o local.

A população residente está a envelhecer, e a pobreza e má qualidade de vida perseveram no local, deixando uma população residente com baixas aptidões literárias e com sentimentos de marginalidade. Um dos fatores que potencia este fenómeno é a falta de equipamentos de apoio social, contribuem também para uma insegurança tanto da parte dos residentes como da população exterior.

O associativismo existente deve ser fortalecido, de forma a consolidar espaços de convivência entre classes e inter-relacionais. A maior aposta deve ser feita de forma a fomentar o regresso de famílias jovens ao bairro.

Atividades económicas

A PSP e alguns serviços municipais tomam local no Barreiro antigo, o que contribui para a travagem no agravamento do sentido de segurança. Também as atividades de diversão e convívio noturno lucram, sendo utilizadas pela população mais jovem do concelho, a malha urbana possibilita a utilização do espaço público para diferentes atividades.

Em contrapartida existe um elevado número de encerramento de atividades de apoio à vivência quotidiana, que se traduzem em perda de emprego e abandono da zona.

Projetos Exteriores à Área de Intervenção

Fórum Barreiro

O Fórum Barreiro foi inaugurado a 5 de Novembro de 2008, no âmbito do programa de revitalização do centro urbano do Barreiro, no mesmo contexto em que foi também reabilitado o Mercado Municipal 1º de Maio. Predispunha inicialmente de 108 lojas (sendo uma delas um supermercado), 12 restaurantes, cinema e parque de estacionamento subterrâneo. A sua intenção era a de fazer renascer da cidade através de uma grande superfície inexistente até à data, que permitisse aos seus habitantes fazerem compras no seu concelho ao invés de se deslocarem para outros, transformando assim o Barreiro num concelho para se viver e trabalhar. O fórum seria então um centro de encontro e convívio da cidade.

De acordo com a atual vereadora Sofia Martins, as dimensões deste foram mal calculadas, uma vez que nos encontramos numa cidade de pequenas dimensões e o edifício ficou num intermédio entre a grande e a pequena escala. Sendo que, as lojas que apresenta são destinadas a um público jovem, enquanto que a população maioritária é a idosa, que se queixa da falta de comércio. Aquele que se direcionava para este torço populacional localizava-se na principal avenida da cidade, a Avenida Alfredo da Silva, mas, passando por um período de estagnação económica, muitas delas acabaram por encerrar.



Figura 105
Fotografia, Fórum Barreiro,
2008

Mercado 1º de Maio e Parque Catarina Eufémia

Na Avenida Alfredo da Silva encontramos, também, uma série de comércio, serviços e habitação, de especial interesse o Mercado Municipal 1º de Maio, que foi reabilitado em 2008, como acima enunciado. Esta reabilitação não teve custos para a autarquia, uma vez que foi realizada através da parceria entre a mesma com a empresa que investiu no fórum, a MultiMall.

O mercado servia-se de uma praça na qual se inseria uma fonte com a estátua de Alfredo da Silva. Este marco era um dos pontos de encontro mais importantes da cidade. Após a remodelação do mercado, mantiveram-se: a fachada sul, norte e oeste, tendo sido destruída a fachada este que faz frente com a praça. Esta nova fachada passou então a servir um conjunto de comércio de restauração e esplanadas, e também um espaço de estudo- O espaço J. A estátua de Alfredo da Silva também se manteve mas foi retirada do pedestal da fonte, uma vez que esta foi destruída.

Inseriu-se também no mesmo contexto reabilitador, a reestruturação do Parque Catarina Eufémia, construído em 1939 sob o nome de parque Oliveira Salazar. O parque não sofreu grandes alterações na obra, à exceção da remoção de grades e alteração do mobiliário urbano. Este parque remata a praça, na frente contrária à do mercado.



Figura 106
Fotografia, Mercado 1º de Maio,
2008

Outras Iniciativas

Rotas

Referir-se-ão de seguida algumas iniciativas do município cujo enfoque é sobre a memória da cidade. A primeira destas nasceu em 2015 com um projeto intitulado "Rotas". Esta iniciativa consagra vários pontos relevantes da cidade unindo-os através de percursos, conforme o contexto dos edifícios. É um projeto que pretende enaltecer a memória coletiva da sua população e também possibilitar a sua descoberta a futuros visitantes.

Os edifícios estão assinalados através de um sistema de sinalética vertical, no qual se insere uma pequena história de cada um. As várias rotas estão então distribuídas da seguinte forma: o *circuito da resistência*- que visa conectar os edifícios e espaços que afirmam e relembram o movimento operário e sindicalista do século XIX e XX , como a luta da oposição ao regime de Salazar e Caetano.

*"Entre 28 de Maio de 1926 e 25 de Abril de 1974, centenas de barreirenses resistiram, realizando quotidianamente pequenos e grandes atos de coragem revolucionária e suportando a perseguição, a prisão, a tortura, a deportação e até a morte, que quase sempre se lhe seguiam."*⁶¹

Locais: Praça Gago Coutinho e Sacadura Cabral, Rua da Bandeira, Praça de Santa Cruz, oficinas dos caminhos-de-ferro sul e sueste, Largo Alexandre Herculano, Pensão Barreiro, Parque Catarina Eufémia, sede do luso futebol clube, Rua dos Combatentes da Grande Guerra, nº34, Rua Dr. António José de Almeida, nº 1, Largo 3 de Maio, Teatro-Cine Barreirense, Espaço Memória.

O segundo é o circuito ribeirinho, que tem como objetivo a união dos vários marcos da frente ribeirinha do Barreiro. Estes marcos incluem: os moinhos de maré e de vento; os complexos industriais de secagem do bacalhau e outros objetos de interesse patrimonial. É um percurso que visa a conexão da cidade ao seu rio.

⁶¹ Folheto da Rota da Resistência, Câmara Municipal do Barreiro

Locais: praia fluvial de Copacabana, parque recreativo da cidade do Barreiro, Avenida da Liberdade, praia fluvial de Alburrica, praia fluvial da Ponta do Mexilhoeiro.

Por último, foi criado o circuito industrial, no qual se encontra uma enorme diversidade de edifícios, desde fábricas, a caminhos-de-ferro, e edifícios de construção naval. O percurso passa então pela área da CUF, bairros operários a esta correspondentes- nos quais se encontram o cinema, antigas creche escola e cantina etc. Através deste percurso é atingida a percepção da ocupação do gigante industrial no Barreiro, e as marcas que deixou.

Locais: espaço memória, museu industrial da baía do tejo, mausoléu de Alfredo da Silva, bairro operário de Santa Bárbara, torre do relógio, cinema ginásio, casa- museu Alfredo da Silva, posto municipal de turismo.

Espaço Memória

No mesmo âmbito foi construído o espaço memória, inaugurado em 28 de Junho de 2014, é referido como "*a casa da memória comum*". Este espaço integra a antiga zona do polo industrial da CUF, e foi renovado de forma a abrigar um espaço expositivo e museológico, e também, o arquivo municipal. Este espaço pode ser frequentado pelos mais curiosos e interessados habitantes da cidade e impulsiona a divulgação do património histórico-cultural. Esta componente tem como base uma série de espólios arqueológicos e legados oferecidos, constituindo um acervo municipal que desenvolve uma investigação constante e continua que ajuda a compreender o passado da cidade do Barreiro correspondendo aos vários setores produtivos que por ela passaram. Faz também parte do espaço, além da zona de arquivo e exposição, existe também uma sala de consulta disponível ao usufruto público.

Rede Barreiro Ciclável



Figura 107
Logotipo, Rede Ciclável,
Barreiro, 2015

Previendo uma melhor vivência urbana e redução da emissão de gases com efeito estufa, em outubro de 2015 foi aprovada uma nova rede ciclável do Barreiro. Esta, íntegra uma série de documentos estratégicos e iniciativas de nacionais, regionais e locais, tais como a rede ciclável intermunicipal; o ciclo 7 e Hub 10; a European Cycling Challenge 2015; os Autocarros TCB "amigos das bicicletas" e o serviço de bicicletas do posto de turismo, que funciona com dois postos: um junto ao parque Catarina Eufémia, e outro no terminal fluvial. Todas as diligências pressupõem uma mudança nos paradigmas das vivências urbanas, assente num incremento da prática de hábitos saudáveis, o que irá também alterar a forma como se projetam as cidades. *“A sua expetável massificação nas próximas décadas obrigará a uma reconfiguração das nossas cidades e hábitos quotidianos.”*⁶²



Figura 108
Esquema, Proposta de Troços
Cicláveis, Câmara Municipal do
Barreiro, 2015

⁶²http://www.cm-barreiro.pt/frontoffice/pages/792?news_id=5328

7. Síntese Conclusiva

Habitado por 78.764 habitantes, o Barreiro toma-se hoje como uma cidade pós-industrial, banhada pelos rios Tejo e Coia. A água é um elemento constante e marcante da sua paisagem, tendo fomentado a instalação de diversas atividades, como a pesca a moagem, e pela sua localização, a própria indústria. Elevado a vila em 1787, a povoação de pescadores e moleiros não podia adivinhar as mudanças que se revelariam após a instalação da Estação Ferro-Fluvial em 1884. Nasce a cultura ferroviária, erguendo os vários estatutos da cidade e abrindo novos horizontes – rumo à indústria corticeira, cuja expansão durou até ao início do século XX.

Em 1907 dá-se a implantação do complexo fabril CUF, cujo desenfreamento levou a um grande conjunto de transformações e impulsionou de forma significativa o aumento populacional que então se notara. Foi rumo à terra prometida que se deslocaram centenas de operários de todos os cantos do país. Contudo, longe de responder às condições e necessidades da população, tanto a CUF como a indústria corticeira foram constantemente alvos de movimentos grevistas e manifestações, que se agravaram debaixo do regime salazarista.

Em 1958 a vila segue rumo à sua modernização e urbanização, a fim de responder à crise habitacional que então se dava. O crescimento continuou até 1984, ano em que o Barreiro passou a considerar-se cidade. Uma cidade que sofre um bruto decréscimo populacional, que se acentua até 2011. Contando com uma população maioritariamente envelhecida, a cidade desvitalizada tem hoje 25% de edifícios vazios. Face à desativação da indústria e da ferrovia, hoje o Barreiro fala através dos seus fantasmas, materializados nas ruínas de edifícios outrora representantes das demais atividades: os moinhos, as corticeiras e as fábricas; e nos vazios: que surgem por falta de planeamento ou por ausência de ruína. As iniciativas que têm emergido a fim de colmatar estes fenómenos descreveram-se através da compreensão geral em relação ao que tem sido realizado a nível de arquitetura e essencialmente do

urbanismo, a fim de melhorar a vida da cidade. À exceção da projeção futura do plano para Barreiro 2030 que refere o urbanismo tático como estratégia de recuperação dos vazios, quase todos os planos assentavam em médias ou grandes mudanças, face à desfragmentação da cidade.

Tendo em consideração que existe uma vasta rede de edifícios patrimoniais no concelho do Barreiro, conclui-se que a sua preservação não tem sido contemplada, sendo que muitos deles correm o risco de ser demolidos, não tendo valorização patrimonial oficial. O caso mais recente – a demolição do antigo centro de Saúde do Barreiro, o qual fazia parte da memória industrial. Representante das qualidades arquitetónicas da época, e apesar do esforço da população a fim de o impedir, o edifício foi destruído, em nome da construção de outro de iniciativa privada. Tendo em conta o tempo burocrático que levaria a sua proteção patrimonial, talvez a sua reutilização tivesse sido capaz de travar a sua demolição.

A Re-habitação pode ser um meio para a preservação patrimonial, e pode começar com simples gestos (como se verá no último capítulo). A apropriação de um pequeno espaço exterior, tem nela a capacidade de, aos poucos, ir dando lugar a uma reabilitação mais integrada, num processo contínuo e não repentino. No caso do edifício do Braço de Prata, ou Lx Factory, foi precisamente este aspeto que fez com que se tornassem ícones da vida criativa e cultural de Lisboa. Deste modo, resta compreender como se pode dar a Re-Habitação destes espaços no Barreiro, e para tal partiu-se da cultura de associativismo do Barreiro, como evidência da existência de vida da cidade, capaz de a revitalizar. Tendo tido início no movimento operário e cooperativo, a cultura associativista contínua perseverante. Hoje, representada por algumas das associações que ainda perduram, como o Futebol Clube Barreirense, os Franceses e os Penicheiros, cujas iniciativas são em torno de práticas desportivas e recreativas, têm vindo a juntar-se outras, de forma a responder às necessidades da população mais jovem, como é o caso da Associação de Desenvolvimento de Artes e Ofícios (ADAO), da Out.ra e da Hey! Patchuco, que fazem com que a cidade renasça de ano para ano. A fim de traduzir uma estratégia plausível para a cidade, numa ótica de

mudança, defendemos nesta dissertação que estas associações devem participar nela, conjugando em si, o poder mediador entre população e arquitetura. Esta ligação é notável através dos eventos que vão sendo realizados em espaços desabitados, ou através de apropriação totais, como foi o caso da ADAO. Nesta ótica, serão explorados, no seguinte capítulo, métodos alternativos de intervenção nas cidades, procurando contemplar uma atuação mais rápida, efêmera e de baixos custos, a fim de possibilitar uma revitalização urbana contínua.

IV. Propostas de Estratégias de Intervenção no Barreiro

*"Apesar das ruínas e da morte,
Onde sempre acabou cada ilusão,
A força dos meus sonhos é tão forte,
Que de tudo renasce a exaltação
E nunca as minhas mãos ficam vazias."*

(Sophia de Mello Breyner Andresen, 2010, p.13)

Introdução

Após um entendimento teórico de algumas componentes estruturais do Barreiro, assim como uma apreensão histórica e atual da cidade, procurar-se-á formular uma proposta que busca responder aos problemas encontrados. Visando a fragmentação dos espaços como uma problemática fundamental, foram estudadas estratégias que se focassem na resolução da desfragmentação, nomeadamente do espaço público. Deste modo, as estratégias desenvolvidas combinam a valorização dos aspetos sociais, e não só arquitetónicos e urbanísticos. Assim, reúnem-se estratégias em duas escalas: à escala da cidade e à escala do edifício. Numa maior escala, contemplou-se o entendimento da estratégia de Acupuntura Urbana, lançada pelos arquitetos Jaime Lerner e Manuel de Solà-Morales e a Re-Habitação – tendo em conta que um dos objetivos deste trabalho assenta na Re-Habitação do Barreiro. A nível mais pontual, estudou-se a estratégia de Urbanismo Tático, que visa a introdução de novas dinâmicas a fim de revitalizar o espaço.

Estas estratégias promovem uma solução projetual contínua e flexível, ao invés da promoção de uma lógica urbanística assente no planeamento tradicional. Deste modo, as "agulhas" da Acupuntura Urbana atuam sobre os espaços em que as ameaças se conjugam com as oportunidades. Estes pontos-chave foram determinados através de observação e análise documental, usufruindo das pré-existências projetuais em relação aos demais temas. As Ruínas e os Vazios, que surgem como pedaços de história da cidade e serão retratados aqui, num primeiro momento, através de uma narrativa, que visa a compreensão do espaço urbano do Barreiro. Numa última fase, tendo em conta a importância simbólica que acarretam estes espaços, propõe-se um percurso que tem como ponto de partida da solução concetual, ao qual chamaremos de: *O Percurso da Memória*.



Figura 109
Fotografia, Cais das Colunas,
Lisboa, 2014



Figura 110
Fotografia, *Chegada ao Cais
Fluvial do Barreiro*, Barreiro, da
autora, 2016



Figura 111
Fotografia, Cais Fluvial Barreiro,
2013

1. Observação: uma viagem sensitiva

O dia vai a meio e a capital descansa o pouco que pode das horas de ponta que a apressaram. Pela margem chega-se à Praça do Comércio, o barulho agitado na cidade vai-se dissipando e substitui-se pelo barulho das ondas que embatem no cais das colunas, onde a vista se alarga pelo Tejo. A música de rua que alegra a frente ribeirinha que fica para trás à medida que se caminha até à nova estação fluvial do Terreiro do Paço. Aqui, encontra-se a quietude das horas que antecedem o almoço, as horas que pertencem aos que não se ocupam da rotina habitual. Relembra-se os momentos do início e fim de dia em que o furor e a pressa prevalecem sobre a estação, pela qual se passam os pés à velocidade da luz.

As portas pesadas que se abrem para o embarque deslizam sobre o chão enquanto assobiam um apito agudo e repetido que relembra o recolher obrigatório. Com calma desce-se o cais, não antes de lançar um olhar de despedida a Lisboa, um breve até já. As portas fecham-se brutas, e o aviso de saída do catamarã ecoa, forte, na água. Segue-se viagem, sobre as curvas desenhadas pelo vento na água em que se inscreve a luz alta e cintilante do sol. Parece um dia sem fim, a serenidade prepondera. Simultaneamente as gaivotas esvoaçam sobre o rio, seguidas pelo barco em direção a sul. O tempo marca-se pelo que se vê: a ponte 25 de Abril e o Cristo Rei. Já no fim da viagem, avistam-se os moinhos de Alburrica, nos quais se idealizam as velas que já lhes pertenceram, a soprarem as boas-vindas. Por vezes, o sol esconde-se enquanto se chega a este lado, ficando preso nas colinas de Lisboa, deixa esta margem esquecida, adotada pelas nuvens. Ao chegar ao Barreiro ouvem-se as cordas a apertar o cais, ancorando sobre o mesmo, e atraca-se. Sai-se do barco e espreitam-se, entre vidros, aqueles que seguem em rumo ao outro lado, desassossegados enquanto pensam no dia de trabalho que lhes espera, igual ao de tantos que já passaram.

Ao sair, descobre-se um parque de estacionamento de escala abismal, composto por linhas infindas de carros- um parque que foi roubado ao rio. No fundo deste, avistam-se os primeiros indícios de cidade: edifícios

fotocopiados entre si, um supermercado e um viaduto que esvoaça sobre a linha do comboio. Porém, o Barreiro saudosista não se faz por aqui, este caminho pertence aos movimentos pendulares de quem persiste na jornada trabalhadora. Os sonhadores viram à esquerda, seguindo as pegadas do passado, paralelamente ao rio enquanto se deixa para trás o cheiro a combustível. Uma calçada extensa prolonga-se até à antiga Estação Ferro-fluvial. À volta, nada: apenas um vazio do qual a selvagem natureza se apoderou, esquecido entre estações (a nova e a velha). A estação aproxima-se e aqui marca-se o início de uma jornada por aquilo que poderia ter sido e não foi, a expectativa e a esperança assinalam-se nas *ruínas e nos vazios*.

Longo túnel perfurado, antiga gare de máquinas, por onde passaram gerações e gerações de jovens, rumo a sul, em direção ao sol. Eterno local de passagem onde ainda se sentem os fantasmas, falam-nos em passos e sons rápidos e suspiram-nos palavras do seu quotidiano: "*Atenção, senhores passageiros, informamos que o comboio estacionado na linha nº2, é o interregional com destino ao Algarve, sai às 13 horas e 55 minutos (...)*". O comboio lança o seu som e parte daqui, desta vez para sempre. Ainda se avista pelo carril, no qual desaparece em nostalgia escondido no próprio fumo, persegue-se o seu caminho debaixo de estruturas vazadas de telhados que já não são. A estação continua em movimento, metáfora das viagens que presenciou, caminhando hoje em direção à *ruína*.

Sai-se dela sem a dignidade que merece, através dum estreito caminho que se desdobra em pedras grossas, pelas quais os carros tremem: chega-se à Avenida de Sapadores. Aqui, os olhos retornam a estender-se perante a vista sobre o rio, que esteve sempre aqui, ao lado da estação. Percorre-se o caminho que se desenha, inevitavelmente, pelo intrincado de carros que se amontoam pela estrada. Cheira-se o rio: A maré está a vazar...avistam-se pescadores e vêem-se miúdos na água...a vida ribeirinha permanece, resistente. Encontra-se o antigo armazém da CP, erguido junto à linha, cuja falta de uso perpetuou a degradação. Nunca derrotados, os artistas desenham sobre ele um pequeno grafiti onde se vê um possível futuro, junto das palavras: *Isto podia ser assim!* Os idílicos aproximam-se

enquanto se antevê a ADAO, uma associação de sonhos e antigo quartel dos bombeiros, onde cada canto é transformado pelo tempo e a arte toma o seu lugar.

O caminho termina e chega-se à vida urbana, aqui começa o viaduto que se via de longe, à direita, e a Rua Miguel Pais à esquerda. Segue-se a rua, vêem-se habitações, comércio e maioritariamente serviços; trabalhadores da CP saem para a hora de almoço, distinguem-se na cidade pelos seus fatos-macaco azuis. Quer-se mais rio, e ele subsiste, representado pelo Coína, mesmo aqui à esquerda, após o contorno das imponentes torres trigémeas "*Grancor*". Encontra-se mais um estacionamento informal, com vista privilegiada sobre o rio. É por aqui que continua o sonho, despovoado de gente, onde se descobrem novamente os moinhos, entre arbustos altos e toscos. Não se vê viva alma junto à frente ribeirinha, está-se nas traseiras da cidade- **num vazio**. O sentimento não perdura enquanto a segunda ruína do percurso pinta uma antiga fotografia de Augusto Cabrita, o seu interior representa-se por uma mera garagem privada. O edifício marca uma nova fase: A transição do informal para o formal: Uma frente ribeirinha reabilitada. Vida, Encontra-se vida! Numa esplanada junto ao rio, descontrai-se e conversa-se, bebe-se café e refrescos. Alguns contentam-se com a estadia na muralha, junto à água, onde pousam os barcos dos pescadores e os seus reflexos, no sossego que se forma pelo híbrido de caldeiras e rio. À direita, avista-se a zona nobre da cidade: a Avenida Alfredo da Silva, que se alinha com o olhar. A muralha guia o caminho até ao **Moinho Pequeno**, onde se pode optar por percorrer as linhas enviesadas do percurso dos passadiços. Segue-se em frente e passa-se por cima do antigo *Largo do Moinho Pequeno*, onde existia um bebedouro. Perfura-se mais uma **ruína**, representada pelos armazéns que serviram o moinho.

Um túnel de árvores lidera o trilho, que se desenrola sobre a Escola Alfredo Da Silva- distinguida pelos traços nacionalistas do estado novo. A contemplação faz-se em meia-lua, à esquerda: a antiga caldeira de sangue e o antigo matadouro (hoje moto clube); ao lado desta, avista-se o fim da perspetiva, quebrada no horizonte pela praia que se remata através do Bar do Bento. O urbano transforma-se no rural, e segue-se em direção ao

velho portão que se avista na mesma linha. Os instantes prolongam-se e enquanto se chega, a tarde comprova que vai a meio, ofegando a sua brisa pelo ar. O portão remete ao encantamento gótico, destruído pelas gerações que o transgrediram. Atravessamo-lo e enfrenta-se o longo caminho de terra batida gravado sobre a areia, por pés e carros, paralelamente ao percurso que guia até à praia.

O corpo sente-se infinito, como o caminho que parece alongar-se à medida que se anda sobre o trilho. O verde, até aqui marcado por relva curta, começa a impor-se e a natureza reina neste pequeno mundo. Respira-se fundo antes de continuar, está-se na terra de ninguém, ruínosa por já ter existido. Os mosquitos sussurram para que se volte costas, mas é tarde demais, a curiosidade já acordou e o desejo pela descoberta fala mais alto.

Ao caminhar partem-se ramos caídos, o barulho rachado faz-se soar contra as paredes que ainda restam de pé. À esquerda, uma antiga casa para animais, que se marca ainda pelas divisões de cada um. Uma árvore cresce num antigo vão de escadas, transformando-se este num vaso que a emoldura na perfeição. Um paraíso abandonado dentro da cidade, condenado aos espíritos do passado...o **complexo de ruínas** que se desenha entre as árvores não deixa adivinhar o que foi. Apenas se desflora um conjunto híbrido entre a realidade construída e a realidade natural, transformando-se num cenário único. Cores de barro e terra, aguareladas pelos tijolos que se empinam, esvoaçam contra o céu enquanto se segue para norte, pelas sombras laranjas que se emaranham. Montanhas de cortiça e madeira nascem entre os pés, na entrada do antigo moinho de marés, onde ainda se ouve a água a invadir, esbatendo contra a pedra firme que segura as comportas. Alongado sobre o rio, atravessado por vãos de cinzas que transportam para o idílico- a grandiosa caldeira que se estende para *norte*. No fim, avistam-se os estorvos e vestígios da antiga fábrica corticeira, inimaginável, perante o megalómano **vazio**.

Volta-se para trás, evitando o anoitecer deserto. Junto à linha de água da caldeira e por entre o labirinto de árvores chega-se ao que foi uma das estâncias da quinta. É através de soalhos semi-inteiros que se atravessam

as antigas divisões e se retorna à entrada. Termina-se a jornada melancólica, contemplando uma vez mais o espetáculo luminoso, já dominado pelas cores roxas e azuis-noite que antecedem a supremacia da lua.

Figura 112
Fotografia, *Estação Ferro-Fluvial Sul e Sueste*, Barreiro, da autora, 2016



Figura 113
(no centro) Fotografia, *Vazio na Avenida de Sapadores*, Barreiro, da autora, 2016



Figura 114
(à direita) Fotografia, *Cais na Avenida de Sapadores*, Barreiro, da autora, 2016

Figura 115
Fotografia, *Armazém dos Despachos*, Barreiro, da autora, 2016



Figura 116
(no centro) Fotografia, *Doca da Reparação*, Barreiro, da autora, 2016

Figura 117
(à direita) Fotografia, *Vazio Miguel Pais*, Barreiro, da autora, 2016

Figura 118
Fotografia, *Vazio Miguel Pais*, Barreiro, da autora, 2016



Figura 119
(no centro) Fotografia, *Muralha Miguel Pais*, Barreiro, da autora, 2016

Figura 120
(à direita) Fotografia, *Ruína Moinho Pequeno*, Barreiro, da autora, 2016

Figura 121
Fotografia, *Ruínas Armazém do Moinhos*, Barreiro, da autora, 2016



Figura 122
(no centro) Fotografia, *Ruínas Armazém do Moinhos*, Barreiro, da autora, 2016

Figura 123
(à direita) Fotografia, *Vazio Miguel Pais*, Barreiro, da autora, 2016

Figura 124
Fotografia, *Entrada na Quinta Braamcamp*, Barreiro, da autora, 2016



Figura 125
(no centro) Fotografia, *Entrada na Quinta Braamcamp*, Barreiro, da autora, 2016

Figura 126
(à direita) Fotografia, *Ruínas Quinta Braamcamp*, Barreiro, da autora, 2016

"Mas a cidade não conta o seu passado, contém-no como as linhas da mão, escrito nas esquinas das ruas, nas grades das janelas, nos corrimões das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos postes das bandeiras, cada segmento marcado por sua vez de arranhões, riscos, cortes e entalhes."

(Italo Calvino, 1990, p.15)

2. Duas estratégias: Acupuntura Urbana e Re-habitar

No decorrer do século XX, o planeamento urbano tem vindo a ser dominado por *masterplans*: “Desde o início do século XX, que o urbanismo tem evoluído em grande parte como uma disciplina técnica em que os dados quantificáveis têm prioridade sobre as qualidades espaciais(...)”⁶³ (Belings, 2008, p.10). Começando pelo movimento moderno que se focava primariamente na funcionalidade da cidade e edifícios, transformando-os em “máquinas para viver”. As ideias modernistas focavam-se frequentemente em utopias, o que impossibilitava muitas vezes a sua finalidade de sucesso. Hoje, é já consensual para um número crescente de autores que se assiste à formação de um novo tipo de cidade que, na falta de melhor expressão, se designa de “pós-moderna”, “pós-industrial, ou “pós-fordista”. A cidade moderna, cuja influência ainda subsiste, destacava-se pela compactação, de zonamento social estanque e de limites precisos, que hoje dão lugar a um conjunto de fragmentos sem efeitos de continuidade e legibilidade urbanística, correspondendo a áreas territoriais descontínuas e complexas (Mendes, 2011).

A cidade pós-moderna revela uma condição de incertezas acerca de uma modernidade inacabada, assim como uma resposta à mesma. As novas cidades marcam-se pela globalização e pela procura de novos tipos de produtividade, de flexibilidade, de polivalência, de procura sistemática da velocidade, da experimentação de novos modos de organização económica, e do desenvolvimento dos transportes e das telecomunicações. Assim, numa cidade que representa um sistema complexo, deve ser concebida como uma realidade flexível que se pode adaptar e modificar ao longo do tempo, ao contrário da produção massificada dos grandes conjuntos habitacionais que ilustraram a rigidez do movimento moderno. O urbanismo deve ser ágil e realizar-se mais a

⁶³ Tradução livre da autora do original: “Desde comienzos del siglo xx, el urbanismo há evolucionado en gran medida hacia unadisciplinatécnicaen laque, amenudo, los dados cuantificables tienen prioridade sobre las cualidades espaciales (...)”

partir de projetos urbanos estratégicos, do que de planos diretores. Assim, deve ser promovido um planejamento urbano mais pragmático, participativo e flexível (Mendes, 2011).

No século XX, o espaço público era planejado para a permanência, no entanto as várias mudanças que ocorreram a nível de fluxos, fazem com que a permanência não seja um fator desejável (Hoogduyn, 2014). *“Numa época em que o desenho da cidade está, antes de tudo, nas mãos da economia e do marketing urbano, da gestão de tráfego, do layout e dos transportes e estacionamento, ou da engenharia dos sistemas (...) é essencial resgatar, de novo, o papel da arquitetura na compreensão da verdadeira materialidade da cidade- a sua forma.”* (Grande, 2005, cit. Sá, 2013, p.1).

Vários teóricos ocidentais como Lewis Mumford, Jane Jacobs, Paul Davidoff, E.F. Shumaca, Christopher Alexander, Allen Jacobs ou Donald Appleyard abordaram a importância do espaço público (Shidan e Qian, 2011, cit. Hoogduyn, 2014). Estes autores concluíram que o espaço público contribui para a qualidade de vida, possibilitando um leque de oportunidades recreativas, enquanto traz benefícios económicos para o desenvolvimento da cidade.

O espaço público da cidade funciona como lugar, local de encontro –a arquitetura começa por dar um lugar, começa por construir um espaço como espaço propriamente urbano (Sennett,2005). Na era moderna e com a figura do arquiteto artista, nasceu a cultura da destruição e da folha branca, espaço para a construção nova, criatividade e liberdade artística: *“O desejo de criar está carregado da certeza que para criar é preciso negar”* (Sennett, 2005, p.211, cit. Sá, 2013, p.2).

Todavia, esta ideia deve ser conjugada com as restantes e diferentes disciplinas que estão em jogo quando se fala em cidade, sublinhando as questões socioeconómicas e éticas. As cidades precisam, com premência, de ser devolvidas às pessoas, papel esse que está nas mãos dos arquitetos e urbanistas, dado que são estes os intervenientes da cidade, além dos que se encarregam dos poderes geoestratégicos e políticos. Tudo isto implica

uma colaboração entre o meio arquitetónico e o social, num contexto em que o último tem vindo a ser cada vez mais desprezado pelo primeiro. Com a criação de zonas na cidade, criam-se inevitáveis barreiras, destinadas a demarcar a perceção dos limites. Mesmo envidraçadas, estas ténues fronteiras atentam-se como um limite bem definido entre a esfera pública e privada. Ou seja: por mais que fossem defendidas as tentativas de permeabilidade e porosidade, estas não eram, no fundo, concretizadas. Foi nesta cidade racionalizada que o contexto social urbano começou a desligar-se do planeamento e desenho arquitetónicos. Contudo, é, sem dúvida, para os habitantes que se projeta, são estes que têm o poder de fazer resultar, ou não, a apropriação do espaço. Este fator torna pertinente a sintonia e harmonia entre a população local e o arquiteto, a perceção das formas de vida, e dos fluxos da cidade.

Os zonamentos vieram então tomar a distinção entre: grandes complexos industriais e comerciais, em oposição ao negócio local; assim como zonas residenciais com comércio e serviços dedicados aos residentes, mas completamente fabricados de raiz através de normas numéricas e com intuítos meramente funcionais. Descendentes da *tábua rasa*, ou da folha branca, estes espaços são criados sem raízes e sem alma, predestinados ao destino fragmentário e marginalizado.

Richard Sennett defende que estes limites devem ser apagados, que a cidade se deve viver como um espaço narrativo, onde as coisas vão acontecendo. Para este autor o tempo começa a dar carácter a um lugar quando esse lugar já não é utilizado como foi inicialmente previsto, é nessa utilização imprevista que qualquer coisa «começa» no sentido narrativo. Para permitir ao espaço ficar carregado de tempo, o urbanista deve conceber fronteiras fracas em vez de muros sólidos (Sennett, cit. Sá, 2013, p.4). Um bom espaço público deve ser, acima de tudo, um espaço de encontro e interação entre pessoas díspares. Um local livre de encontro, um local onde de forma comunitária se zela pelo bem comum: a vida pública da cidade. Este lugar deve proporcionar fisicamente a ocorrência destes encontros. Largas praças sem elementos secundários,

não permitem o cruzamento de fluxos, potenciam, pelo contrário, o fenómeno individualista que se tem vindo a demarcar. Desta forma, a solução passa, entre outras coisas, por um forte enraizamento nos hábitos e costumes da população.

Antes de qualquer revitalização⁶⁴ espacial, importa repensar na forma de a pôr em prática. É exigida a necessidade de uma nova consciência coletiva, assente no combate ao individualismo criado pelas máquinas de consumismo e da informação que se propaga à velocidade da luz. Hoje, o património é destruído de forma a dar lugar a novos complexos habitacionais, frequentemente descaracterizadores de tradições e onde a casa e o indivíduo/família, prevalecem sobre o espaço público e o coletivo. Para Marc Augé (2005), a barreira entre público e privado tem vindo a diluir-se, e de certa forma criou-se uma inversão dos dois sentidos: é dentro de portas fechadas que concebemos a nossa vida social através dos computadores, telemóveis e televisão. O autor releva ainda que o espaço exterior está condenado a um espaço de poupança de tempo, cuja paragem não se aconselha. O lugar de encontro desaparece assim que se traçam as autoestradas cujo objetivo é encurtar o tempo: nascem os supermercados nos quais se circula entre prateleiras e se dialoga com as etiquetas (Augé, 2005).

Richard Sennett lembra que para os gregos, público- *synoikismos*, significava também fazer cidade, além de reunir um conjunto de pessoas no mesmo sítio. O coletivo, na cidade ocidental tem que conseguir responder às necessidades de toda a comunidade, através da criação de condições harmoniosas que possibilitem a troca e partilha de interesses, mesmo quando esses interesses diferem. Uma cidade não se deve restringir à ideia de que é apenas um sítio para viver, fazer compras, sair e ter crianças a brincar. Deve, por sua vez, ver-se como um sítio que implica o relacionamento de éticas individuais, com o desenvolvimento de sentido de justiça e acima de tudo, um local de aprendizagem com o outro. É assim que um ser humano se torna humano (Sennet, 2005).

⁶⁴ Conceito a ser aferido posteriormente.

Contemplando intervenções e construções em narrativa: à imagem da ideia que se defende na presente investigação em relação à cidade; o espaço público deve ser um espaço possibilitador de ajustes, flexível o suficiente para se adaptar às necessidades e capacidades dos seus utentes. A cidade não é uma folha de papel em branco, mas sim um esboço em desenho contínuo, a sua forma nunca se finaliza, o novo e o antigo partilham o mesmo espaço, criando uma heterogeneidade consonante.

Em Barcelona foi notável a aposta na intervenção do espaço público após a desativação da indústria. Foram privilegiados os âmbitos culturais e sociais de forma a renovar os antigos polos de produção. Mari Paz Balibrea descreve a cultura como o âmago de consumo da cidade: museus, comida, música, espetáculos, centros comerciais, atmosfera de rua, etc., são contributos essenciais para o negócio da cultura. Desde 1977, através de iniciativas políticas, a cultura é utilizada na cidade catalã como catalisador da regeneração do espaço público. Foram injetados investimentos a fim de restaurar edifícios, e limpezas necessárias, aos quais se juntaram também várias intervenções de arquitetos de renome a fim de potenciar uma nova vida cidadina. Contudo, segundo Balibrea, os interesses sociais foram deixados na periferia desse contexto. Estas intervenções são um exemplo da antítese daquilo que defende Sennett, e no qual assentam as visões que se descreverão de seguida acerca de intervenção no meio urbano.

A vida gera-se da escala pequena à grande escala. Começa no edifício, gera-se para a rua e mais tarde desenrola-se pela cidade. A vida urbana vem de dentro para fora, a rua precisa de ser domesticada e é necessário conservar as já pouco existentes relações de vizinhança. A partir do momento em que a rua passa a ser parte integrante do sítio onde se vive, o espaço público renasce. É nesta linha pensamento que se inserem dois conceitos chave de intervenção urbana e arquitetónica que se defenderão: *Re-Habitar e Acupuntura Urbana*.

Re-Habitar

Em finais da década de sessenta, verifica-se uma significativa mudança nos conceitos e formas de atuação perante a cidade, nomeadamente no contexto europeu. Houve, para isto, duas condicionantes que influenciaram a prática: o facto da intervenção no património se ter passado a considerar mais abrangente, ou seja da escala do edifício à escala da cidade; e a integração das dimensões sociais para além das físicas (Menezes, 2009). Assim, novas abordagens perante a cidade passaram a ser tomadas, num contexto de resgate do passado. “*Ao conjunto de programas e projetos de intervenção urbana associaram-se noções – reabilitar, revitalizar, reconverter, regenerar – que, começadas por re, expressam aquilo que se considera importante fazer pelo património urbano: capacitar a cidade existente.*” (Menezes, 2009, p.2.). O “re” insinua, portanto, um fenómeno de revisitação e reencontro com o passado. (Menezes,

Os termos requalificar e regenerar, surgem no final dos anos 80, derivados de termos ingleses que se podem traduzir por: *revitalization, rehabilitation* e *renovation* (Moreira, 2007). De forma semelhante, surge anexada a Reabilitação Urbana, que contempla “*(...) todo o processo de transformação do espaço urbano, compreendendo a execução de obras de conservação, recuperação e readaptação de edifícios e de espaços urbanos, com o objetivo de melhorar as suas condições de uso e habitabilidade conservando porém o seu carácter fundamental*” (DGOTDU, 1998, cit. Moreira, 2007, p.2). Assim a reabilitação urbana constitui um processo integrado sobre uma área que se pretende salvaguardar e que acaba por revitalizar e dinamizar o tecido económico e social. (Moreira, 2007). O tecido é habilitado e readaptado às novas situações funcionais urbanas, numa ação que readequa o tecido urbano e pode ou não incluir demolições. Frequentemente a paisagem urbana é modificada a fim de melhorar e revitalizar o espaço público (Moura *et al.*, 2005). Em Portugal, a criação de gabinetes técnicos locais destinados à reabilitação deu um importante contributo no desencadeamento de operações planeadas de intervenção no espaço construído de natureza histórico-

patrimonial. No entanto faltou muitas vezes um investimento continuado nas experiências de reabilitação e sobretudo o balanço da sustentabilidade das intervenções e o seu contributo efetivo para o desenvolvimento local nos contextos onde ocorreram (Moura *et al.*, 2005). Muitas vezes estas intervenções dedicam-se exclusivamente à dimensão física da reabilitação, dissociando intervenções no tecido económico e social dos contextos de intervenção, contudo, o conceito de requalificação urbana, constitui-se um instrumento de melhoria das condições de vida das populações, que promova a construção e recuperação de equipamentos e infraestruturas, assim como do espaço público (Moura *et al.*, 2005).

O termo reabilitação urbana é frequentemente confundido com ações de Renovação Urbana, no entanto, a renovação não contempla ações de respeito perante o carácter arquitetónico em questão (DGOTDU, 1998, cit. Moreira, 2007). Estas ações envolvem frequentemente operações urbanísticas de demolição de edifícios de forma a dar lugar a novos imóveis. São comumente operacionalizadas em áreas urbanas subocupadas ou degradadas que são vistas sem valor patrimonial. A necessidade de renovar a cidade, colocou-se com mais insistência no final do século XX, com o envelhecimento de zonas de construção massiva no pós-guerra ou com o declínio das velhas zonas industriais e portuárias características das fases de industrialização pesada (Moura *et al.*, 2005). As implicações que as ações de renovação tiveram nos locais em que foram postas em prática, passaram por uma reocupação da zona central das cidades por atividades económicas e a consecutiva expulsão de funções residenciais, fomentando uma progressiva periferização das classes médias (Moura *et al.*, 2005). Em Portugal estas intervenções foram aplicadas extensivamente na época do Estado Novo, que propunha a demolição ou renovação do tecido “*sem valor patrimonial e impeditivo da modernização, hoje, a ideia de renovação atinge essencialmente intervenções de larga escala, e transformações integrais de dimensões morfológica, funcional e social*” (Moura *et al.*, 2005, p.6).

Já o termo Revitalização Urbana tem enfoque num conjunto de operações destinadas a articular as intervenções pontuais de recuperação

dos edifícios existentes em áreas degradadas, com as intervenções mais gerais de apoio à reabilitação das estruturas sociais, económicas e culturais locais, visando a consequente melhoria da qualidade de vida nessas áreas ou conjuntos urbanos degradados (CCRN, 1998, cit. Moreira, 2007). Assim, as operações de Revitalização assentam no desenvolvimento de estratégias capazes de promover um processo de carácter inclusivo e integrador, a par de iniciativas, projetos e atuações de carácter transversal constituindo um instrumento de gestão coletiva do território (Moura *et al.*, 2005).

De certo modo, a revitalização integra as ações de reabilitação, tomando-se por um conceito mais alargado assente na implementação de um processo de planeamento estratégico capaz de reconhecer, manter e introduzir valores de forma cumulativa e sinérgica, promovendo o vínculo entre territórios, atividades e pessoas (Moura *et al.*, 2005). Assim, as dimensões de intervenção da Revitalização Urbana são: o território, ambiente e mobilidade; a qualidade de vida, coesão social e bem-estar; a competitividade conhecimento e inovação; e por fim a cultura e o lazer. A sua atuação não é rígida, adapta-se às realidades territoriais, nas quais intervém pretendendo coordenar e adaptar os recursos existentes, a lógica da revitalização deve assentar na identidade específica do lugar. O processo assenta num renascer, podendo optar por trazer de novo dinâmicas perdidas, tratando-se de um conceito complexo sendo que as metodologias e os instrumentos usados podem abranger muitas vertentes (Moura *et al.*, 2005). Um dos principais objetivos das estratégias de revitalização aponta para um aumento da qualidade de vida das populações, através da promoção da diversidade de esferas de desenvolvimento.

Enquadra-se nos conceitos de Revitalização e Reabilitação, o termo que define a finalidade do presente estudo: o conceito de Re-Habitar – emprestado de um conjunto de publicações de título homónimo (*Re-Habitar en Nueve Episodios*). O conceito, em conformidade com outros do mesmo prefixo, entende a repetição de algo – a repetição do habitar, associada a um novo uso. O termo em questão difere dos restantes na medida em que não é necessária uma intervenção material, arquitetónica:

o poder essencial está em quem habita, o utente, o morador ou o visitante. Pressupõe regularmente, a mudança do seu uso, implicando assim um repensar da arquitetura já existente de forma a alterar a função original com a finalidade de obter um espaço habitado: *"Habitar de novo, voltar a habitar, voltar a usar de maneira mais simples, desinibida e verdadeira, com a certeza de que os espaços que habitamos, mais que se submeterem a reformas, devem reformar o seu uso. Considerar habitar como um gesto amplo que contem todos os usos da arquitetura"*⁶⁵(Monteys et al., 2011, p.1, vol.1). Já o dizia Viollet-le-duc (cit. Choay, 2000), que o melhor meio de conservar um edifício é o de lhe encontrar um emprego.

O termo Re-habitar encontra-se englobado por um maior: o de Revitalização, mas presume algo de menor escala: uma reapropriação do espaço. Esta forma de fazer arquitetura nasce num contexto em que são construídos cada vez mais imóveis ao invés de aproveitar e recuperar os existentes. Num cenário de crise económica, foi emergente a necessidade de reformas no pensamento acerca da arquitetura, urbanismo e construção. O que isto implica é, antes de mais, pensar na maneira como têm sido utilizados os edifícios já existente e pensar em formas de o adequar à sociedade em que se insere. Re-habitar considera, além de questões de ordem sustentáveis, a oportunidade de Re-habitar uma vasta quantidade de imóveis, edifícios industriais e residenciais e de valor patrimonial que se encontram ao abandono, devolutos, em ruínas ou vazios. Para Monteys (2011), é necessário haver uma mudança generalizada, na carga negativa imposta sobre o que é antigo, muitas vezes tido como inútil, e na opção pelo novo, apesar de não subsistirem garantias de que o novo se sobrepõe ao envelhecido.

Re-habitar traduz-se numa intervenção mínima que tem repercussões importantes sobre o edifício, e por consequência, na cidade, com enfoque

⁶⁵ Tradução livre da autora do original: *"Habitar de nuevo, volver a habitar, volver a usar de la manera más simple, desinhibida y verdadera, com la seguridad de que los espácios que habitamos, más que someterse a reformas, deben reformar el modo de usarse. Considerar habitar como un gesto amplio que contiene todos los usos de la arquitectura."*

essencial na sua reapropriação. Em suma, um edifício consegue consagrar nele a possibilidade de se tornar um catalisador de revitalização urbana. Dar um novo uso, traz experimentação à arquitetura, potenciando a criatividade do arquiteto que *Rehabita*. Um dos primeiros exemplos de Re-Habitação, destacado por Monteys (2011), é a reapropriação dos pisos térreos, uma estratégia que visa a revitalização das ruas através do prolongamento das atividades interiores para o espaço público circundante, obtendo uma diluição do limite público-privado, cuja rigidez é referida por Sennett (2006). Estes espaços têm-se como desabitados, frequentemente em nome das grandes empresas comerciais e da deslocação de grandes superfícies para as cidades. Este afastamento da população do comércio local provoca transformações no espaço físico, entre elas o desaparecimento da luz fornecida até aí, muitas vezes, pelos próprios estabelecimentos, transformando a rua num vazio, e tornando cada vez mais difícil o encontro com o outro. Tudo isto provoca um aumento de desconforto e insegurança no ambiente urbano, associado muitas a processos de marginalização.

A desertificação das ruas, consequência do fenómeno de zonamento faz com que as antigas residências percam o seu valor, uma vez que dentro da sua proximidade deixa de haver comércio e serviços. É um facto que se pretende abater com a *Re-ocupação* dos pisos térreos, que pode ser feita de diversas formas: casa-escritório; casa-comércio, etc. Neste processo pretende-se uma nova ligação da população às suas cidades, através da criação de uma união entre o público e o privado em que a rua passa a ser vista como um prolongamento da habitação: "*A contemplação da ação é um incentivo para a ação. Quando é possível ver o interior dos espaços a partir da rua, o mundo das pessoas amplia-se e enriquece-se, havendo mais entendimento. Nasce a possibilidade da comunicação, da aprendizagem*"⁶⁶ (Ishikawa, Silverstein, cit. Monteys et al., 2011, p.8, vol. 4).

⁶⁶ Tradução livre da autora, do original: "*la contemplación de la acción es un incentivo para la acción. Cuando es posible ver el interior de los espacios desde la calle, el mundo de las personas se amplía y enriquece y hay más entendimiento. Nace la posibilidad de la comunicación, del aprendizaje.*"

Lisboa começa já a dar sinais de iniciativas que vão ao encontro deste conceito, como é exemplo *rés-do-chão*, na rua poço dos negros, uma associação que se dedica exclusivamente à procura de soluções de adequação dos pisos térreos desocupados em Lisboa. O projeto conta com premissas de reabilitação e regeneração urbana, tendo como objetivo a dinamização desta zona da cidade. Este projeto, premiado pela *Fundação Calouste Gulbenkian*, identifica um problema persistente nos contextos urbanos portugueses: a desocupação dos pisos térreos de antigas funções comerciais. A situação em que se encontram muitos deles conduz à degradação do património edificado, bem como do espaço público, fomentando a desertificação de ruas e perda de dinâmicas urbanas. Assim, a iniciativa *rés-do-chão*, assenta em objetivos como a criação de diversidade funcional das ruas, desenvolvimento da economia local, ocupação dos centros urbanos e (re) construção de relações de proximidade. Propõe assim a criação de uma rede de proprietários de pisos térreos, composta por associações locais. Monteys (2011) retrata ainda o fenómeno “*abandono e oportunidade*” (algo presente de forma intrínseca nas ruínas e nos vazios), como uma forma de revitalizar a cidade a partir do interior, aproveitando o abandono para criar algo novo, dando como exemplo vários complexos industriais que têm sido frequentemente ocupados para fins culturais. Existem vários casos paradigmáticos deste fenómeno, como o *LX Factory*, a Fábrica de Braço de Prata, o *Village Underground*, o *Pop-Brixton*, a *Tate Modern*, o *Museu Guggenheim*, o *Matadero* em Madrid, a velha fábrica *Téxtil Fabra i Coats*, e no Barreiro, a *ADAO*, entre outros. No entanto, revela-se fundamental um entendimento acerca do que a cidade precisa e de que novo uso beneficiaria. Serão, de seguida, brevemente descritos alguns dos casos de referência previamente apresentados.

Casos de referência

1. *Oliva Creative Factory*

Numa ótica de desenvolvimento económico, a *Oliva Creative Factory* nasce da vontade de melhorar o município, assentando na inovação e criatividade. Assim, é nas antigas instalações metalúrgicas de S. João da Madeira que se implanta um novo espaço: "(...)uma enorme oportunidade de desenvolvimento nesse espaço em ruína que, então, constituía um problema por resolver no centro da cidade"⁶⁷. A reabilitação do edifício, acabou por promover a valorização da sua envolvente. A vertente cultural do equipamento propõe a instalação de empresas criativas, nas áreas do *design*, de produto, de interiores e mobiliário, calçado, consultadoria, artes plásticas, entre outras. O desenvolvimento do projeto assentou na fomentação da economia através de um encontro entre tecnologia, arte e criatividade, apostando, também, na recuperação de tradições e saberes. O edifício conta com serviços para as várias empresas que se distribuem pelo espaço, tais como zona de estar, salas de formação e uma cafetaria. Tendo em conta que se toma como um espaço polivalente, tem desde 2012, recebido vários eventos como concertos e instalações artísticas. Numa ala dedicada às artes disponibiliza-se uma escola de dança e as oficinas de restauro da Fundação Ricardo Espírito Santo. A Re-habitação do espaço é feita através da atribuição de novas funções, assim como pela realização de eventos culturais.



Figura 127
(à esquerda) Fotografia, *Evento Oliva Sessions*, Oliva Creative Factory, 2012

Figura 128
Fotografia, *Exterior da Oliva Creative Factory*, 2012

⁶⁷ <http://olivacreativefactory.com/wp/>

2. GNRation

O processo de re-habitação do centro cultural *GNRation* assumiu também a sua reabilitação (a segunda não é negada pela primeira, apenas se defende que é importante conjugar a arquitetura com uma nova forma de habitar a cidade), tratando-se de um antigo quartel da GNR transformado agora um espaço cultural –a re-habitação através da mudança do uso. O espaço situa-se em Braga, e foi recuperado pelo atelier de arquitetos Carvalho Araújo. Nesta obra é de salientar a forma como a repavimentação da rua quebra os limites entre o público e o privado, dando continuidade ao espaço exterior e interior (para o pátio do edifício), tentando conciliar a recuperação de um edifício com a revitalização urbana.

*"O GNRATION é um espaço orientado para a promoção de atividades artísticas e para a exploração e disseminação das artes digitais. Através uma estratégia sustentada e de permanente abertura à comunidade pretende afirmar-se como polo aglutinador de dinâmicas culturais e criativas, assumindo-se como um espaço orientado para a sensibilização e formação de novos públicos, expondo-os a práticas artísticas relevantes à luz de uma perspetiva contemporânea e cosmopolita."*⁶⁸



Figura 129
Fotografia, Exterior do
GNRation, Braga, Hugo Carvalho



Figura 130
Fotografia, Exterior do GNRation,
Braga, 2015

⁶⁸ <http://www.gnracion.pt/>

3. LX Factory

O LX Factory instalou-se na antiga Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense, em Alcântara. Esta área de 23.000m², é devolvida à cidade, através da criação de uma ilha criativa que se encarrega de albergar empresas e profissionais da indústria. O espaço tem sido igualmente alvo de diversos eventos, nas áreas da moda, publicidade, comunicação, multimédia, arte, arquitetura, musica, entre outros. A nova dinâmica do espaço permitiu que esta zona de Alcântara fosse redescoberta: re-habitada, através de um espaço heterogéneo e diverso, onde é possível intervir pensar e produzir; “num lugar que é de todos para todos”.⁶⁹



Figura 131
Fotografia, LX Factory, Lisboa



Figura 132
(à esquerda) Fotografia, LX
Factory
Figura 133
Fotografia, Livraria Ler Devagar
no LX Factory, Lisboa

⁶⁹<http://www.lxfactory.com/PT/lxfactory/>

4. *El Matadero*⁷⁰

O *Matadero* é um projeto de reutilização em Madrid, que assenta na recuperação de um conjunto de pavilhões cujo uso se destinava a um matadouro e mercado. As várias intervenções reúnem um conjunto de arquitetos representantes da arquitetura contemporânea madrilense, transformando o antigo matadero e mercado num campo de experimentação arquitetónica, no qual imperam como premissas: a preservação da envolvente das naves, mantendo as características do passado e a possibilidade de reversibilidade das intervenções. Dos vários espaços construídos destacam-se, o *Intermediae y Vestíbulo*, um projeto realizado por Arturo Franco, no qual o autor explora as possibilidades da reabilitação da ruína, reduzindo a intervenção ao mínimo necessário. Os novos elementos são incorporados apenas para permitir a reconversão do uso. O espaço *Abierto X Obras*, reconvertido por *Espacio Sin Intervir*, toma lugar na antiga câmara frigorífica do antigo matadouro, acolhendo o programa de exposições de género *site specific*⁷¹, o que vem fomentar o diálogo do artista convidado com o próprio espaço. Contando com 881 m², o projeto conserva o pavimento e arcos originais, inclusive as marcas de um incêndio. O espaço *Naves del Espanhol*, cuja intervenção foi feita por Emilio Esteras e Justo Berito, conta com um complexo cénico dedicado ao teatro contemporâneo. A intervenção dos arquitetos dotou o espaço de justaposições entre as pré-existências e os novos elementos. Um dos maiores espaços crê-se ser a *Nave 16*, cujo projeto se realizou por Alejandro Vriseda. É um espaço versátil e capaz de acolher eventos multidisciplinares, usando uma estrutura modular (composta por portas giratórias em aço), o projeto transforma a nave num grande espaço expositivo e polivalente, capaz de receber exposições, concertos, *workshops*, conferências, etc. Também uma cinemateca, uma nave de música, uma casa de leitura e um espaço para *ateliers*, compõem o projeto geral, que se vai compondo de forma faseada, sendo que a



Figura 134
Logotipo, *Matadero*
Madrid

⁷⁰ <http://www.mataderomadrid.org/v2/prensa/d/1/la-arquitectura-matadero2.pdf>

⁷¹ *Site Specific* é um termo que se refere à criação de obras de arte, maioritariamente escultura, instalações ou arte urbana, destinadas a um determinado sítio e concebidas para o efeito.

intervenção dos espaços ocorre em diferentes datas. Por fim, o espaço público também foi alvo de interesse, numa intervenção dos arquitetos Ginés Gardo, Carlos Rubio e Fernando Portas. A praça e rua do *Matadero* tornaram-se num ponto de encontro e interação, aptas a receber grandes eventos ao ar livre. A intervenção foi a mínima possível, sendo que não existem nem árvores nem equipamentos, sendo estes inseridos de forma efêmera, por artistas e arquitetos convidados, como foi o caso da estrutura “Escravox”, pelos arquitetos André Jaques. Esta estrutura compõe-se por duas unidades móveis, que albergam áreas de jogo e descanso, assim como um sistema de som e ecrã de projeções, possibilitando uma multiplicidade de configurações.



Figura 135
Fotografia, Exterior *Matadero*,
Madrid



Figura 136
Fotografia, *Matadero*, Madrid, 2009

5. Fábrica Braço de Prata

O projeto da fábrica Braço de Prata surge com a possibilidade de criação de uma cooperativa, a Eterno Retorno, de se instalar e ocupar o antigo edifício da fábrica e o terreno circundante. Foi dos primeiros projetos a “reciclar” edifícios esquecidos, como modelo a reproduzir, desde 2007, abrindo um plano de recuperação temporária de edifícios desativados. Antes da instalação da Eterno Retorno na fábrica o edifício não tinha qualquer tipo de classificação, contudo, em 2008, em contexto de Assembleia Municipal, o edifício da Fábrica de Braço de Prata foi declarado como equipamento cultural da cidade. O edifício compõe-se de muitas divisões, estando algumas a necessitar de obras, e por outras quatro salas que foram adaptadas a uma livraria (cujos livros se inscrevem sobretudo às áreas de Filosofia, Sociologia, Antropologia e Psicologia), através de parcerias estabelecidas com editoras. Nas restantes salas recebem também concertos e exposições, bem como ciclos de conferências ou seminários.



Figura 137
Fotografia, Fachada da Fábrica
Braço de Prata, Lisboa

6. Pop Brixton⁷² e Village Underground⁷³

Estes dois projetos foram agrupados num só tópico pela semelhança de conceito. Embora em localizações distintas: Londres e Lisboa, as premissas que defendem aproximam-se. O Village Underground é um espaço de comunidade em Lisboa que funciona à base de *Coworking* e se destina à realização de eventos. A sua estrutura é feita através de contentores e cabines de autocarros, reciclando estas estruturas a fim de obterem um novo uso, uma nova forma de habitar. Neste espaço encontram-se escritórios, uma zona de cafetaria e uma sala de conferências. Em Londres, o espaço Pop Brixton, dá suporte a projetos locais, através de iniciativas da comunidade. Neste espaço, os habitantes trocam ideias e podem abrir o seu próprio negócio. Apesar de se tratar de um projeto temporário, está previsto que dure até 2018, e talvez tenha a oportunidade de perdurar.



Figura 138
(à esquerda) Fotografia, *Exterior da Village Underground*, Lisboa

Figura 139
Fotografia, *Pop Brixton*, Londres

⁷² <http://www.ct-architects.co.uk/about/>

⁷³ <http://vulisboa.com/>

Uma grande parte dos casos de referência estudados para exemplificar operações de Re-Habitação centra-se na reapropriação e reutilização dos espaços para fins artísticos. Foi já revista a importância que as Ruínas e Vazios foram tendo no contexto artístico, pela atmosfera crua que proporcionam. A apropriação dos espaços em nome da arte tem vindo a ter lugar desde que Andy Wharol adaptou a Factory em Manhattan, Nova Iorque (1962), a fim de criar um pólo de arte urbano (impulsionador de vários movimentos), assim como está, aos poucos, a suceder na ADAO —o caso paradigmático do Barreiro. Nos casos enunciados, a população é convidada a participar de forma ativa na construção de novos espaços, novos lugares que passam a ser representantes das artes e saberes locais, sendo que são os habitantes que fazem com que os projetos avancem. O fenómeno da participação enquanto meio para a intervenção arquitetónica é abordado de forma mais notável pelos conceitos que se seguem: Acupuntura Urbana, e consequente Urbanismo Tático.



Figura 140
Fotografia, The Silver Factory,
Andy Wharol Studio

Acupuntura Urbana

A par do conceito de Re-Habitar foi também estudado o conceito de Acupuntura Urbana, a fim de aprofundar termos alternativos aos convencionais, cujo enfoque gira em torno da população local, investindo em intervenções de pequena escala, que proporcionem uma mudança na qualidade da vivência dos habitantes da cidade e do seu espaço público.

Em 1999, Jeneth Frampton (cit. Hoogduyn, 2014) alimentou a necessidade de uma nova visão das cidades e do planejamento urbano, na Conferência UIA em Beijing. Nesta conferência o autor refere sete pontos da arquitetura, dos quais o sexto se intitulava: *Megaform as Urban Acupuncture*. É nesta conferência que se junta o nome de Manuel de Solà-Morales ao conjunto de arquitetos que começavam já a explorar a acupuntura urbana como estratégia arquitetônica e urbanística. Hoje, é ainda visível um grande conjunto de planos urbanos de grande escala que tomam como objetivo o da revitalização de bairros, apesar de em certos casos, embora o largo investimento, o resultado não se traduza numa visível melhoria dos espaços. No Barreiro, são vários os casos paradigmáticos deste fenómeno, como por exemplo a construção do Fórum Barreiro, que visando a revitalização do centro, resultou no seu oposto: rapidamente esgotou o comércio local ainda existente para dar lugar a um espaço no qual mais de metade das lojas encerrou, fazendo com que a população deixasse de frequentar o local e gerando consequentemente um esvaziamento do centro da cidade.

Embora não esteja claro qual dos autores foi o pioneiro do conceito de acupuntura urbana, a última década contou com um estado de alerta para estas preocupações, sendo que existem três figuras chave que abordam esta teoria: o já referido Manuel Solà-Morales, Jaime Lerner e Marco Casagrande. Para Solà-Morales, a cidade considera-se o território essencial da arquitetura, como lugar no espaço e no tempo, o seu enfoque gira em torno da estimulação do urbanismo de forma a alcançar o máximo efeito mediante a mínima intervenção. Para o autor, uma boa acupuntura urbana é uma intervenção capaz de aumentar o tecido da cidade de maneira a que sirva ao mesmo tempo como instrumento

estruturador, enriquecedor do contexto imediato e que potencie um conjunto de repercussões parcialmente previstas (Frampton, 2008, cit. Hoogduyn, 2014).

Marco Casagrande foca-se essencialmente na conceção entre natureza e natureza humana, vendo a cidade como um organismo complexo na qual existem camadas sobrepostas de fluxos de energia que determinam o desenvolvimento da cidade. Considera que o próximo modelo de cidade será um híbrido entre natureza e arquitetura, como uma máquina orgânica. Em termos práticos, este é o autor cuja aplicabilidade no objeto empírico mais se afasta do nosso, e por essa razão, a sua visão não será desenvolvida neste trabalho. No entanto, comparativamente aos outros autores, os três mantêm uma linha em comum: a melhoria da habitabilidade através de intervenções de pequena escala em zonas estrategicamente escolhidas. Para este efeito, os autores relacionam a acupuntura urbana medicinal com a urbana. A analogia da acupuntura através de agulhas e pontos pode fazer-se a operações menores de costura local de tecidos ou reformas de mínimo custo. (Hoogduyn, 2014)

A acupuntura medicinal, como na antiga técnica chinesa, reside no equilíbrio das energias corporais através de fluxos de energia. A acupuntura tradicional chinesa reconhece assim 361 pontos acupunturais (Kaptchuk, 2002, cit. Hoogduyn, 2014). As agulhas transformam energia negativa em positiva. De forma análoga, os teóricos da acupuntura urbana vêem a possibilidade da regeneração do tecido urbano, como se este fosse a pele humana. As falhas no tecido urbano representam o local onde as intervenções devem tomar lugar. É a partir deste conceito que se definiram as *ruínas* e os *vazios* do Barreiro como os pontos acupunturais. Todavia, a diferença conceptual das duas acupunturas jaz no facto da “agulha urbana” intervir exatamente no sítio que carece de energia, e não noutra parte da cidade. Nos projetos de Solà-Morales, estas intervenções produzem algo, enquanto deixam possibilidades abertas, a serem definidas pelo tempo.

Segundo a medicina tradicional, a acupuntura entende a pele do corpo como o principal portador de energia (Solà-Morales, 2008). Assim, o primeiro passo para o tratamento estratégico da “pele” urbana, depende do sucesso da identificação do ponto sensível, sendo este o primeiro momento da tática. As picadas da acupuntura atuam de forma a reduzir o desconforto ou dor. Na acupuntura urbana, as “picadas” são intervenções de desenho urbano levadas a cabo em localizações específicas da cidade de forma a melhorar as suas condições. Jaime Lerner assenta nesta tese, ao explicar que o princípio para recuperar a energia de um ponto doente por meio de um simples toque tem a ver com a revitalização do ponto e da área em seu redor (Lerner, 2011). Lerner considera que a acupuntura urbana pode “curar”, melhorar e criar reações positivas em cadeia a partir de um ponto específico, e que muitas das transformações importantes das cidades se deram porque nelas se propiciou um início, um despertar que fez a cidade reagir. Este conceito zela por um planeamento urbano que é visto como um processo, por oposição aos planos urbanísticos formais, que mesmo na sua melhor qualidade, não conseguem gerar transformações imediatas.

Estas acupunturas podem não significar obras por si, mas sim a introdução de um novo costume ou hábito, de forma a promover a manutenção ou o resgate da identidade cultural de um local ou de uma comunidade. É desta forma que a memória da cidade funciona como um retrato de família, a ser preservado e emoldurado mas não destruído. No Barreiro, a memória da cidade marca-se em vários pontos, sendo que a definição das *ruínas* e *vazios* como pontos acupunturais passou pelo resgate da história da cidade, em que cada um deles conta um pedaço dela, numa narrativa aberta que promove a continuidade.

Embora Parsons (2011, cit. Hoogduyn, 2014) admita não existirem regras para a acupuntura urbana, há no seu lugar um conjunto de princípios⁷⁴. Ainda que estes princípios difiram consoante os autores

⁷⁴ Hoogduyn (2016) destaca, também os seguintes princípios: Escala Pequena, Cénarização, Educação, Participação, Atuação Rápida, Abordagem Holística e Criação de Lugares.

existe um ponto de partida defendido por Lerner e Solà-Morales: a determinação do ponto sensível. Este, para Solà-Morales, deve ser um ponto com pouca energia ou nenhuma de todo. Este ponto será revelado e identificado após uma observação detalhada da malha urbana, podendo posteriormente ser discutido em relação ao que precisa de ser adicionado, removido ou modificado. Para Lerner, os espaços escolhidos consistem em zonas doentes ou dolorosas, onde a atuação deve ser rápida e indolor, assim como na acupuntura medicinal. Solà-Morales refere ainda a importância de agir em locais que despertem os sentidos, de forma a aumentar o significado do local. Estas intervenções têm como início a utilização dos espaços para que se mantenham disponíveis para novos usos. É um método que se afasta da permanência do planeamento urbano normativo. Apesar de se seguir por algumas diretrizes, a acupuntura é essencialmente um processo social que permite a (Re)Habitação dos espaços, uma vez que são estas os portadores de energia.

“Cada cidade tem uma história, seus pontos de referência (...) Refiro-me principalmente aos locais que pertencem à memória da cidade e que são pontos fundamentais de identidade do sentimento de pertencer a uma cidade.” (Lerner, 2011 p.41).

O autor defende que muitos dos grandes problemas urbanos ocorrem precisamente pela falta de continuidade: *“A mistura de funções é importante. E a continuidade do processo é fundamental. Continuidade é vida.”* (Lerner, 2011, p.38). Assim, este problema pode ser resolvido através da procura de novos usos e novas atividades que tragam de novo vida às cidades. Estruturas provisórias ou portáteis que podem garantir vida e gerar uma função urbana em falta, algo defendido por outra corrente emergente que se intitula: *Urbanismo Tático*. Pfeifer (cit. Isidoro, 2016) enumera as condições que contribuem para o crescente interesse neste tipo de urbanismo, que sintetizadas, se resumem no seguinte: a) incerteza política, económica e ambiental; desindustrialização das cidades, que leva ao aumento de espaços abandonados; aumento da mobilidade dos trabalhadores o que leva a uma mudança na adaptação de usos adaptáveis e flexíveis; b) a partilha de novas ideias de recursos por meio das redes sociais: que vem gerar uma nova consciencialização em

relação à participação ativa nas cidades; c) a falta de adaptabilidade dos processos tradicionais de planeamento. O último ponto é também sublinhado pela visão de Silva (2016, cit. Isidoro, 2016, p.17) que defende que estas iniciativas têm sido interpretadas como uma alternativa às respostas fornecidas pelas ferramentas formais de planeamento do território. Ferramentas cuja preocupação se prende frequentemente a operações de grande escala destinadas à alteração de espaços, mas cuja viabilidade económica e social, a longo prazo, não se pode garantir (Lydon *et al*, 2015).

As abordagens de pequena escala permitem a um conjunto de atores locais testarem novos conceitos antes de grandes compromissos políticos e financeiros. O urbanismo tático caracteriza-se por uma abordagem faseada disputadora de mudanças; soluções locais para planeamento local; compromissos a curto prazo e expectativas realistas; baixo risco com a possibilidade de um alto retorno (Lydon *et al*, 2015). Nas propriedades descritas, é indubitável a paridade entre este conceito e o de acupuntura urbana. A visão dos dois, assenta num conceito de experimentação prática em relação aos possíveis caminhos futuros de intervenção no desenho urbano, incluindo uma nova forma de apropriação, por parte dos habitantes ou utentes dos espaços (Brenner, 2016, p.7). Contudo, não existe um único método unificado, sendo que existe uma ampla gama de projetos emergentes e provisórios que se encaixam na condição de Urbanismo Tático ou mesmo Acupuntura Urbana. As intervenções do Urbanismo Tático criam um laboratório para a experimentação, sendo que os processos de sucesso a longo prazo frequentemente se iniciam pela tentativa de algo mais pequeno (Lydon *et al*, 2015). Os primeiros autores a referenciar o conceito de Urbanismo Tático, reúnem, também um conjunto de projetos, de atuação nos Estados Unidos da América, que apresentam qualidades deste “tipo” de urbanismo. Referenciar-se-ão em seguida aquelas que se mostraram proveitosas face à nossa proposta para a cidade do Barreiro.

1. O Movimento Global: Park(ing) Day

“(...) oferecer espaço público temporário”. É um evento global, onde os cidadãos, artistas e ativistas colaboram de forma a transformar temporariamente um espaço de loteamento. O projeto teve início em 2005, em São Francisco. O movimento global tem seguido em frente através de organizações ou indivíduos independentes, de forma a criar novas formas de apropriação do espaço, nos diversos contextos urbanos. A missão é chamar a atenção para a necessidade de mais espaços abertos de qualidade, e para a forma como o espaço público é criado. Um leque de opções experimentais tem sido criado desde clinics, a pequenas hortas, instalações artísticas ou oficinas de reparação, tudo à escala dos limites de um lugar de estacionamento. As ações tomam como fim comum, o aumento da consciência de que a população local pode mudar o espaço urbano em que vive, de modo a corresponder às suas necessidades, adaptando a paisagem urbana em que se insere.⁷⁵



Figura 141
Fotografia, Park(ing) a Day



Figura 142
(à direita) Fotografia, Park(ing) a Day



Figura 143
Fotografia, Park(ing) a Day

⁷⁵ <http://parkingday.org/about-parking-day/>

2. Pavement to Parks

O projeto teve início em São Francisco onde várias ruas são demasiado largas e contêm uma grande área subutilizada. O programa tenta testar as possibilidades destas áreas através de conversões rápidas e baratas, de forma a transforma-las em novos espaços pedonais. Cada projeto é um laboratório de experiências para a cidade, visando a parceria com as comunidades locais de forma a tentar novas ideias para o espaço público que habitam. Depois desta experiência, alguns dos espaços são convertidos permanentemente em espaços públicos abertos, dotados de equipamentos de estadia, pequenas hortas, entre outros.



Figura 144
Fotografia, *Pavement to Parks*,
São Francisco, 2012

Popup Shop: lojas temporárias que abrem portas em lugares estratégicos e desaparecem. O objetivo é despertar e ativar a curiosidade do público e da população, as lojas podem tomar comércio de todo tipo, e descomprometido, mas no entanto, inovador.

Build a Better Block é um projeto que teve início em Abril de 2010, em que um grupo de vários atores se juntou para revitalizar um quarteirão em desuso. Na área distribuía-se espaços vazios, ruas largas e poucos serviços para os residentes. O grupo de intervenientes juntou todo o tipo de recursos de forma a transformar o quarteirão num espaço com zonas

de estar, árvores, negócios pop-up, e zonas cicláveis. Embora de caráter temporário, a intervenção serviu para mostrar a toda a cidade como se poderia reviver aquela zona. Deste então, têm-se multiplicado projetos desde âmbito, nos quais muitos deles passam do temporário ao permanente.⁷⁶

Os casos acima descritos, embora inseridos em diferentes contextos, reúnem um conjunto de características semelhantes: a implementação a curto prazo, a abordagem gradual, o envolvimento dos cidadãos, e a possibilidade de ocorrência a diferentes escalas, podendo também contemplar a ocupação e revitalização temporária de espaços abandonados. Estes processos opõem-se ao que tradicionalmente tem vindo a ser feito: “(...) os cidadãos são frequentemente convidados a um processo que está fundamentalmente errado: em vez de lhes ser pedido para participar e contribuir com mudança, são convidados a reagir a propostas que são feitas por interesses que não são os deles e a uma escala sob a qual eles não têm controlo”⁷⁷ (Lydon et al, 2015, p.7).

Estas iniciativas promovem a reunião de diferentes partes interessadas como, organizações comunitárias, criativos, *startups*, artistas, empreendedores, artesãos e os proprietários dos espaços. O essencial é que um projeto, mesmo que temporário, possa ajudar a mudar a forma como o lugar é percebido e a sua própria vivência. As intervenções do Urbanismo Tático permitem desta forma a criação de um laboratório de experimentação que, quando bem-sucedidas, possibilitam ser o primeiro passo para uma mudança mais duradoura. No caso do Barreiro, estes atores passariam pelas associações, proprietários dos diferentes espaços, pela Junta de Freguesia e pela Câmara Municipal. A melhoria de

⁷⁶ <https://www.teambetterblock.com/how-to-build-a-better-block/>

⁷⁷ Tradução livre da autora do original: “(...) citizens are typically invited to engage in a process that is fundamentally broken: rather than being asked to contribute to incremental change at the neighborhood or block level, residents are asked to react to proposals that are often conceived for interests disconnected from their own, and at a scale for which they have little control.”

habitabilidade a curto prazo demonstra que é possível a melhoria do ambiente construído. Quando bem executados, os esforços ajudam a gerar mais procura por melhores condições de habitabilidade (Lydon et al, 2015).

Jaime Lerner refere que para manter vivo o sentimento de pertença, é essencial encontrar novos usos e novas atividades, que tragam de novo vida às cidades. Estes usos podem ancorar-se nas antigas tradições, mas de forma adaptada às novas condições de vida. Os projetos de Urbanismo Tático anteriormente descritos comprovam que *“são principalmente as pessoas que atraem as pessoas, o homem é ator e espetador desse espetáculo diário que é a cidade”* (Lerner, 2011, p.45). Assim, uma boa acupuntura consiste em fazer algo que ative um espaço de forma a resgatar energia perdida, a trazer de novo a população à rua, através da criação de espaços de encontro: uma estrutura de vida e trabalho, juntos numa integração de funções (Lerner, 2011). Esta noção é enaltecida por Lynch (2009, p.95) quando refere: *“uma cidade é uma organização mutável com fins variados, um conjunto com muitas funções, criado por muitos, de um modo relativamente rápido (...) A forma tem, de certo modo, que não ser comprometedora, moldável aos propósitos e às percepções dos cidadãos”*.

Os pontos de referência de uma cidade criam-se através das escolhas da população. Os indivíduos têm de sentir autoestima, sentimento de pertença e identidade em relação às suas cidades, de forma a poder fazer com que ela avance (Lerner, 2011). Franco La Cecla (2011) sustenta esta afirmação, afirmando que são as pessoas a dar alma às cidades, a conferir-lhes o carácter inconfundível, a encher de energia e de vozes as ruas. Da mesma forma, o mesmo se comprova ao inverso, a cidade influencia as pessoas que a habitam, provocando um efeito sobre a maneira como as pessoas vivem. Assim, em conceitos como Acupuntura Urbana ou Urbanismo Tático, a energia depositada pela população é o seu elemento basilar. Ambas as teorias pressupõem uma reapropriação do espaço urbano ou público: uma Re-Habitação.

3. Re-Habitar as Ruínas e os Vazios do Barreiro

“Que tal se cada agulhada de acupuntura for um gesto de amor à sua cidade?”

(Lerner, 2011, p.119)

As soluções que se apresentarão foram adaptadas ao objeto empírico –a cidade do Barreiro, embora assentes no quadro teórico previamente delineado. La Cecla (2011) defende, na sequência de uma investigação num bairro de Barcelona, que de todas as ocorrências da cidade, os lugares que acabam por funcionar como pontos de agregação, são aqueles nos quais os arquitetos ou administradores atribuíram funções menos definidas, tais como praças, praças, passeios, parques ou zonas de *terrain vague*. *“A vida social constitui-se exatamente onde a criatividade dos habitantes não é demasiado vinculada nem pelas arquiteturas nem pelas normas.”* (La Cecla, 2011, p.97). O mesmo pode dizer-se das Ruínas e dos Vazios, como espaços que despertam o subconsciente romântico que ainda se inscreve nas sociedades contemporâneas, trazendo com ele, a nostalgia e a saudade por outro tempo, assim como esperanças por um tempo futuro. No Barreiro, as ruínas e os vazios têm sido entregues à força do tempo, o seu estado de degradação perdura, e a natureza está a começar a apoderar-se do que era seu⁷⁸. Foi na tentativa de encontrar um balanço entre as ideias de Ruskin, que defendia a intocabilidade das ruínas a fim de permitir que as suas vozes falassem connosco, e na tentativa de voltar a habitar os espaços, que se concetualizou uma estratégia de Re-Habitação: uma estratégia que liberta a construção de intervenções maciças, fazendo o mínimo necessário para trazer de novo a população aos locais esquecidos.

Embora tenham existido ao longo do tempo esforços da parte da autarquia para reavivar este património, estas estratégias inserem-se frequentemente em projetos de grande escala: o Plano Urbano da CUF e Zonas Envolventes, que prevê a recuperação da Ruína da Estação Ferro-

⁷⁸ à semelhança do que refere Simmel no primeiro capítulo do trabalho.

Fluvial e do vazio correspondente à antiga linha férrea; O Programa REPARA que enfrentou a reabilitação de toda a frente Ribeirinha, desde a zona de Alburrica até à Ponta do Mexilhoeiro; e o Programa de Reabilitação do Barreiro Velho. Embora a preservação patrimonial seja uma preocupação transversal a todos estes planos, o facto de estes dependerem de grandes investimentos (o Plano Urbano da Cuf estava dependente da Terceira Travessia do Tejo), faz com que intervenções mais minuciosas e pontuais não cheguem a ser cumpridas. Quando chegam a alcançar o seu fim, prendem-se num processo moroso, em oposição ao que Lerner defende, quando refere a importância da rapidez da atuação, em casos de Acupuntura Urbana.

O cenário que hoje se encontra na cidade foi sendo descrito ao longo do trabalho, através de relatos históricos e dos instrumentos de planeamento. No entanto, recapitular-se-á brevemente de seguida qual é a paisagem urbana atual. Primeiro, importa sublinhar a falta de emprego que se gerou devido à desativação da indústria. Este dado, faz com que a maioria da população residente procure emprego em Lisboa, e more no Barreiro. Além deste efeito social, esta desativação veio provocar a degradação de quase todo o conjunto patrimonial industrial, que continua à espera de mudança (uma vez que o PU não tem avançado). Contudo, a zona de intervenção do presente trabalho não se insere sobre a antiga CUF, contemplando apenas o centro do Barreiro, a área delimitada é a seguinte:

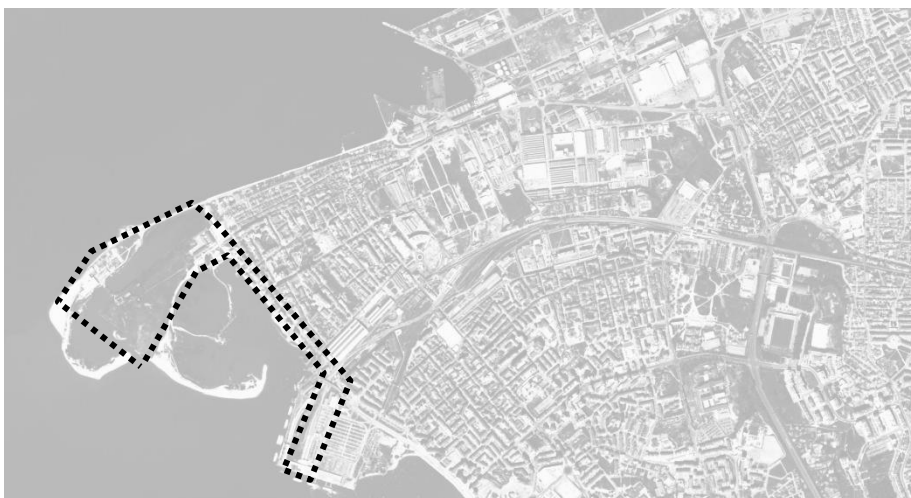


Figura 145
Fotografia Aérea, Demarcação da
Área de Estudo, Barreiro, da
autora, 2017

A escolha desta área passou pela ligação com a água. Dado que o projeto visa a recuperação da memória coletiva, a água revelou-se um dos fatores unificadores da estratégia, pela sua história, património de proximidade e presença. Além disto, a estratégia, embora pontual, seria visível a partir de todos os pontos: das Ruínas e dos Vazios. Assim, são estes os pontos sensíveis da estratégia acupuntural a aplicar no Barreiro, representantes da sua história e unidos por um percurso ao qual se chamará: o *Passeio da Memória*.

A ideia de um percurso unificador foi fomentada pelo projeto realizado pela faculdade Lusíada, no âmbito do Workshop Estejo, e dá, de certa forma, continuidade à Iniciativa Rotas e ao programa dos Passadiços de Alburrica. No projeto do Workshop, as áreas ribeirinhas do estuário são ocupadas de forma a promover a integração identitária, assegurando funções que permitissem aos edifícios a sua durabilidade. Assente numa proposta que se assemelha aos dois conceitos: Acupuntura e Re-habitar, o projeto do Workshop também se fixa numa premissa de baixos custos para o desenho do passeio marginal e de espaços públicos de contemplação. Também na estratégia do presente estudo se levaram a cabo os espaços memoriais como espaços públicos de contemplação, como foi dito ao longo de todo o processo, representados então pelas ruínas e pelos vazios, em todos coincidem com vestígios do património já abordado, e cuja localização se pode observar na seguinte imagem:

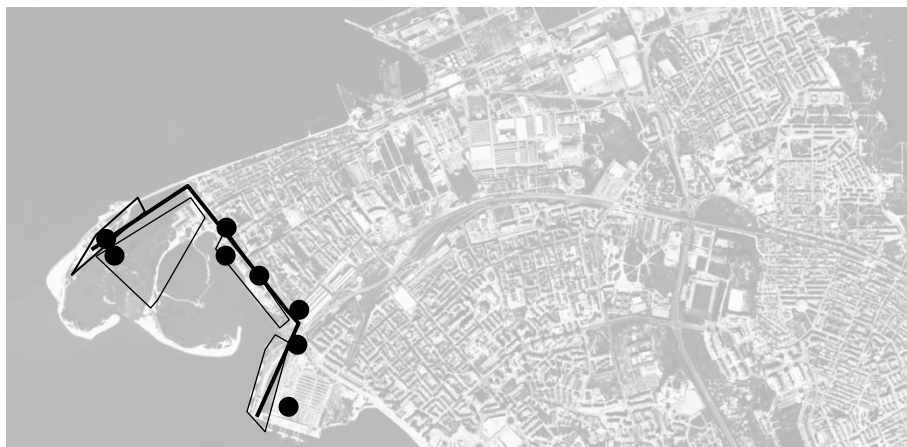


Figura 146
Fotografia Aérea, Demarcação do
Percurso da Memória, das Ruínas
e dos Vazios, Barreiro, da autora,
2017

Uma Proposta Conceptual: o Passeio da Memória

Após a demarcação das ruínas e vazios que serviram como caso de estudo, é então necessário pensar que novo uso se pode atribuir a estes espaços, a fim de os Re-Habitar. Através da pesquisa realizada foi possível a concluir a ausência e necessidade de alguns usos. Assim, delineou-se o Passeio da Memória, partindo da base narrativa criada no primeiro momento deste capítulo: uma Viagem Sensitiva. Este passeio divide-se em três eixos, unidos pelas Ruínas e Vazios que se mostraram significativas no processo de observação e investigação. Deste modo, têm-se os eixos: I. Avenida de Sapadores; II. Avenida Miguel Pais; III. Avenida Bento Gonçalves. Importa sublinhar que esta proposta é meramente conceptual, uma vez que a fim de desenvolver uma proposta fidedigna ao âmbito desta investigação, seria necessário um estudo aprofundado das necessidades da população. No entanto, é com base numa cenarização que serão descritas algumas intervenções pontuais, que se mostraram pertinentes face ao Barreiro e assentam nas estratégias estudadas anteriormente (Acupuntura Urbana, Urbanismo Tático e Re-Habitação).

Deste modo, o percurso toma início no Eixo I. Avenida de Sapadores, em relação ao qual se propõem as seguintes intervenções: para a transformação da Estação Ferro-Fluvial, poderia propor-se, no âmbito de uma intervenção tática, uma “pop-up” shop, em formato de livraria comunitária, para que os utentes do terminal fluvial pudessem usufruir, trocando livros. Este espaço chamar-se-ia “Ler nas Entrelinhas”, uma vez que se localizaria junto ao vazio Entrelinhas que seria aberto ao público através da colocação de pequenos acessos pedonais em madeira que permitissem a deslocação sobre o vazio, de forma livre e sem restrições, os “passadiços” seriam completamente reversíveis, uma vez que o espaço poderia ter diferentes utilizações⁷⁹. Assim, diferentes artistas poderiam ser convidados, através de parcerias com a associação ADAO, a intervir no espaço entrelinhas, de forma a criar instalações de sombreamento efêmeras⁸⁰, tornando este espaço dinâmico, em constante processo

⁷⁹ À semelhança da praça do caso de Referência El Matadero.

⁸⁰ Semelhantes às criadas no caso de referência Matadero, já abordado neste capítulo.

criativo.

Eixo I. Avenida de Sapadores-Estação Ferro-Fluvial, Vazio Entre Estações, Vazio da Ferrovia, Armazém dos Despachos, Doca da Reparação



Figura 148
Fotografia, *Interior da Nave Da Estação Ferro-Fluvia*, Barreiro, da autora, 2016

Figura 149
(à direita) Fotografia, *Pormenor da Estação Ferro-Fluvial*, Barreiro, da autora, 2016



Figura 150
Fotografia, *Pormenor da Estação Ferro-Fluvial*, Barreiro, da autora, 2016

Figura 151
(à direita) Fotografia, *Fachada Oeste da Estação Ferro-Fluvial*, Barreiro, da autora, 2016



Figura 152
Fotografia, *Estação Ferro-Fluvial e Vazio*, Barreiro, da autora, 2016

Figura 153
(à direita) Fotografia, *Vazio Entre Estações e Armazém dos Despachos* Barreiro, da autora, 2016



Figura 154
Fotografia, *Vazio Entre Estações e Armazém dos Despachos*, Barreiro, da autora, 2016

Paulatinamente a estação desenvolveria eventos no seu interior, para os quais seria apenas necessária uma permissão pela parte da IP e Câmara Municipal do Barreiro. Ao longo do tempo perceber-se-ia se os novos eventos criariam novas dinâmicas: mercados semanais em segunda mão, pequenos concertos, entre outros. O novo polo chamar-se-ia “Sul e Sueste”, e passaria a albergar uma zona de cafetaria, com zona de miradouro sobre o rio (já existente na estrutura da estação). Especialmente aos fins de semana, notou-se uma grande falta de movimento e atividade nesta zona, uma vez que é apenas utilizada para movimentos pendulares Barreiro-Lisboa. Desta forma, a inserção de atividades lúdicas, inverteria este fenómeno, e reforçaria, também, a vivência semanal. Além destas funções, o polo Sul e Sueste, encarregar-se-ia, a par da Câmara Municipal do Barreiro, de receber os visitantes que viriam de Lisboa, tornando-se numa nova entrada da cidade. Dentro deste pequeno posto de turismo estaria um núcleo museológico, representativo dos vários pedaços de história do Barreiro.⁸¹

Seguindo pelo percurso memorial, e após se validar as estruturas efêmeras de sombreamento como um método funcional para este espaço, poderia começar-se a sua reconversão em corredor ferroviário verde, à semelhança da *High Line* em Nova York. O plano de requalificação da antiga zona industrial também o refere, e alguns conceitos foram adotados: ao longo do novo corredor verde, iriam aparecendo esplanadas e zonas de estar pontuais.

O antigo armazém dos despachos faria parte do polo Sul e Sueste (à semelhança da LX Factory, que se detém entre vários edifícios), este poderia ser um complemento formal da ADAO, de forma a receber *ateliers* e espaços de criação musical (como o GNRation), assim como um espaço de cantina para os trabalhadores do novo polo, da CP e da Soflusa. Toda a Avenida de Sapadores constitui um miradouro natural sobre Alburrica, de maneira que, após se verificar um aumento de

⁸¹ A conversão do uso de estação para Museu foi a mais selecionada na conferência Entre-Estações, realizada no âmbito desta investigação e descrita no capítulo anterior.

vivência neste primeiro eixo, seria proveitoso repensar a organização do estacionamento.

Já no segundo Eixo, na Avenida Miguel Pais, seriam criadas entradas sobre o rio Coina, que fomentassem o passeio da Memória, direcionando o olhar sobre a Estação Ferro-fluvial e sobre os moinhos. A Doca de Reparação seria um bom ponto de partida, uma vez que não envolveria construção inicial. Em relação ao Moinho Pequeno, este considerar-se-ia o ponto de boas-vindas a toda a zona de Alburrica, constituindo um pequeno polo associativo, com um espaço informativo em relação à história do lugar. Numa primeira fase, a estrutura poderia ser consolidada, uma vez que é o que se encontra num maior estado de ruína, e criada uma estrutura reversível que possibilitasse o novo uso (assim como no Matadero em Madrid).

Eixo II. Avenida Miguel Pais: Ruína da Doca da Reparação, Vazio Expectante das Torres Grancor, Ruína dos Armazéns da Cortiça, Ruína do Moinho Pequeno, Ruína dos Armazéns do Moinho Pequeno, Vazio sobrance da Caldeira



Figura 155
(à esquerda) Fotografia, *Vazio Miguel Pais*, da autora, 2016

Figura 156
Fotografia, *Ruína Miguel Pais*, Barreiro, da autora, 2016



Figura 157
(à esquerda) Fotografia, *Ruína Miguel Pais*, Barreiro, da autora, 2016

Figura 158
Fotografia, *Ruína Miguel Pais*, Barreiro, da autora, 2016

Por fim, no Terceiro Eixo, o complexo Braamcamp seria um espaço de reunião com a natureza, que se chamaria Parque Braamcamp (na antiga Quinta) e Parque da Cortiça (na antiga Fábrica da Cortiça). Nesta zona poder-se-ia apostar na inserção de hortas urbanas, fazendo com que a população se deslocasse ao local. Na zona das ruínas, estas seriam mantidas ao máximo, no que constituiria o Jardim das Ruínas, sendo apenas necessária a consolidação da estrutura (por questões de segurança).

Eixo III. Eixo Rua Bento Jesus Caraça: Ruínas e Vazio do Complexo Braamcamp

Figura 159

Fotografia, Ruínas Quinta Braamcamp, Barreiro, da autora, 2016



Figura 160

(à direita) Fotografia, Ruínas Quinta Braamcamp, Barreiro, da autora, 2016



Figura 161

Fotografia, Ruínas Quinta Braamcamp, Barreiro, da autora, 2016



Figura 162

(à direita) Fotografia, Caldeira Quinta Braamcamp, Barreiro, da autora, 2016



Figura 163

Fotografia, Entrada do Moinho Quinta Braamcamp, Barreiro, da autora, 2016



Figura 164

(à direita) Fotografia, Caldeira Quinta Braamcamp pelo vão do Moinho, Barreiro, da autora, 2016



Figura 165

Fotografia, Moinho Quinta Braamcamp, Barreiro, da autora, 2016



V. Conclusão e Considerações Finais

No âmbito desta investigação, procurou-se reunir um conjunto de pesquisas, teóricas e históricas, a fim de desenvolver uma reflexão acerca da Re-Habitação das cidades, neste caso, do Barreiro. Nos conceitos de Acupuntura Urbana e Urbanismo Tático, encontraram-se instrumentos de planeamento, que vão ao encontro de uma estratégia mais pontual, flexível, e que envolva os habitantes, em oposição a uma estratégia meramente arquitetónica ou urbanística.

No decurso do trabalho foi aprofundado um conhecimento acerca do desenvolvimento da cidade do Barreiro desde o período Industrial, tendo em conta a sua história e o seu associativismo. Estudaram-se, também, intensamente, dois grandes temas: os Vazios Urbanos e as Ruínas. Foi após o entendimento da importância das Ruínas e dos Vazios na cidade contemporânea que se procurou perceber como estes poderiam ser Re-habitados na cidade do Barreiro. Através de técnicas de Acupuntura e Urbanismo Tático lançaram-se algumas propostas que resultaram de todo o trabalho realizado ao longo da dissertação: desde a observação do local, que teve uma enorme importância na elaboração da proposta, até à investigação teórica e histórica, assim como o contacto com a população e, sobretudo, com algumas associações existentes no Barreiro. No entanto, segundo o ângulo ao qual se tentou manter fiel este trabalho, todas as intervenções propostas, teriam antes de passar por uma auscultação profunda da população, a fim de perceber quais as suas expectativas, os seus desejos, mas não deixando nunca de defender uma abordagem que tem como grande princípio de ação dar uma nova vida ao espaço público, permitindo que todos dele usufruam.

É assente numa viagem sensitiva, que se dá início ao capítulo Estratégias de Propostas de Intervenção no Barreiro, e se partiu para a delimitação de uma possível solução perante a necessidade de Re-Habitar o Barreiro. Este percurso começa em Lisboa, descrevendo a viagem de barco que se vai desdobrando para o Barreiro, onde se descobrem, em forma narrativa, algumas das Ruínas e Vazios do centro da cidade, cuja união determina,

posteriormente, a determinação dos eixos estratégicos da intervenção. Estes eixos marcam-se pela forte existência de Ruínas e Vazios, dois elementos de forte importância simbólica e memorial, que nos fazem lembrar o tempo passado, cuja voz é descrita sob a forma fantasmas.

Os eixos de intervenção reúnem três margens próximas do rio Coína, combinando as Avenidas: de Sapadores, Miguel Pais e Bento Jesus Caraça. É nestes espaços que se propõe a Re-Habitação, através de estratégias de Acupuntura e Urbanismo Tático. Embora o aspeto cinematográfico que possuem as Ruínas e Vazios no Barreiro seja cativante, procurou-se responder à inércia perante estes elementos, contemplando estratégias que visam a revitalização dos espaços, de forma a preservar a sua memória e atmosfera. Assim, defende-se um planeamento urbano mais pragmático, participativo e flexível, contrariando a permanência que ditava as cidades modernas e a sobreposição dos seus fluxos. Foi neste contexto que se privilegiou o espaço público como fator basilar na revitalização das cidades, entendendo a Re-Habitação, através de uma consciência interdisciplinar que conjugue as áreas das ciências sociais, uma vez que os habitantes são os atores centrais das cidades.

Numa procura da criação de uma sintonia entre a população e o arquiteto, procurou-se entender o que determina um “bom” espaço público, concluindo que este deve estar enraizado nos costumes e hábitos na população, sendo nesta premissa que assentou a breve proposta que se apresentou: uma proposta capaz de se adaptar às diversas necessidades da população, tentando colmatar a falta de espaços de encontro.

A revitalização nas cidades, cujo paradigma se começou a alterar desde a década de 1960, toma-se como o fim longínquo a alcançar através da intervenção: possível através da Acupuntura e Urbanismo Tático, uma vez que estes se inserem no contexto de intervenção de áreas degradadas e contemplam intervenções de carácter mais pontual, assim como se defende nesta dissertação. O meio para atingir a concretização das estratégias, e a Revitalização, passa primeiramente, pela sua Re-Habitação, que no caso do Barreiro contempla uma revisitação ao passado, através da atribuição de novos usos às Ruínas e Vazios.

Tendo em vista a melhoria de uma nova qualidade de vida das populações, o ato de Re-Habitar dá ênfase a quem habita, criando estes novos usos com base nas necessidades da população, presumindo a apropriação destes espaços abandonados (Ruínas e Vazios), uma vez que se constituem significativos para a população. As estratégias estudadas focaram-se em intervenções de experimentação, que têm como mote a contemplação da ação como incentivo para a ação – através de pontuais intervenções, a cidade vai continuamente sendo Re-Habitada. É neste âmbito que se inserem os casos de referência abordados, nos quais se optou por um novo uso heterogéneo para os espaços, capaz de criar novas dinâmicas urbanas, e flexível face às necessidades atuais. Embora nem todas as intervenções sejam de carácter construtivo, a Re-Habitação pode passar pelo resgate de algumas tradições associadas às Ruínas e Vazios do Barreiro, promovendo a ativação do habitante local, num processo contínuo.

Hoje, são cada vez mais as técnicas de urbanismo e arquitetura, que retratam abordagens diferentes de intervenção no espaço urbano, muitas vezes reforçando a importância do espaço público e a forma como este é vivido. Estas formas podem escapar à rigidez e solidez de novas arquiteturas, através da inserção de uma mudança de hábitos, que põem, de certo modo, em causa um passado assente no arquiteto como “estrela” ou um planeamento assente num excesso de racionalidade. Esta dissertação procurou encontrar nestas novas “maneiras de fazer” e nas ideias que lhe estão subjacentes, uma forma diferente de fazer cidade.

A cidade deve ser lida como um todo, uma simbiose entre: arquitetura, urbanismo, e população. Tornando o seu espaço público como o lugar onde todas estas vertentes se cruzam. Assim como na linha temporal que demarca os seus vestígios nas ruínas e nos vazios, também o espaço deve ser pensado cronologicamente, um contínuo de surpresas e espaços inesperados, erguidos, sob a vontade dos seus habitantes.

Por último, sugere-se que numa continuidade ao presente estudo, a investigação aprofunde mais a componente prática. Partindo dos conceitos analisados: Re-Habitação, Acupuntura Urbana e Urbanismo Tático, seria necessário um trabalho de investigação-acção que não é compatível com as limitações de tempo e meios duma dissertação de mestrado.

Bibliografia

AAVV. (1987) O Instituto dos Ferro-Viários do Barreiro é uma Admirável Afirmação de Solidariedade, Dedicção e Iniciativa Daqueles Trabalhadores. *Um Olhar Sobre o Barreiro*, Agosto, pp.37-44

Aguiar, J. e Calado, G. (1999) *Augusto Cabrita - Na Outra Margem - O Barreiro anos 40-60*. CUF- Companhia União Fabril, SGPS, S.A. Grupo José de Mello

Almeida, A.N. (1993) *A Fábrica e a Família-Famílias Operárias no Barreiro*, Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro

Almeida, M.C. *Uma cidade com apetência para andar à frente do seu tempo*. [Internet] Disponível em <http://olivacreativefactory.com/wp/?page_id=73> [Consult. 31 de Janeiro 2017]

Almeida, V. [s.d.] *Lutas operárias na CUF Barreiro* [Internet] Disponível em <<https://patrimoniobarreiro.wordpress.com/publicacoes/artigos/lutas-operarias-na-cuf-barreiro/>> [Consult. 31 de Janeiro 2017].

Alves, J.M. (2007) Projeto e Cidade. David, A. *Vazios Urbanos, Trienal de Arquitetura de Lisboa*, Lisboa, Caleidoscópio, pp.290-1291

Amanda Burden: *How Public Spaces Make Cities Work* [Consult. 07 de Setembro 2016]

Arquitetos Promontório (2012) *Quinta do Braamcamp* [internet] disponível em: http://www.promontorio.net/userfiles/projects_more/pdf/quinta_braamcamp.pdf [Consult. 12 de Maio 2017]

Atelier Risco (2010) *Plano de Urbanização do Território da QUIMIPARQUE e Áreas Envolventes*. Disponível em <http://www.cm-barreiro.pt/uploads/writer_file/document/6548/RelatoriodaPropostadePU12.pdf> [Consult. 12 de Maio 2017]

Augusto Mateus & Associados. (2007) *Estratégia de Desenvolvimento Empresarial e Urbano do Barreiro: Diagnóstico de Partida* [internet]

Disponível em <https://www.cm-barreiro.pt/uploads/writer_file/document/6551/PUdiagnostico1.pdf> [Consult. 12 de Maio 2017]

Augusto Mateus & Associados. (2007) *Desenvolvimento Empresarial e Urbano do Barreiro: Estratégia e Plano de Acção* [internet] Disponível em <http://www.cm-barreiro.pt/uploads/writer_file/document/6556/PUestrategia1.pdf> [Consult. 12 de Maio 2017]

Augé, M. (2003) *El Tiempo en Ruinas*. Barcelona, Editorial Gedisa

Augé, M. (2005) *Não-Lugares*. Lisboa, 90º Editor

Baía do Tejo (2015) *Plataforma Multimodal do Barreiro* [Internet] Disponível em <https://www.baiadotejo.pt/sites/default/files/newsletter/pdf/newsletter_bt_15.pdf> [Consult. 31 de Janeiro 2017].

Ballard, J.G. (2011) A Handful of Dust. Dillon, B. *Ruins-Documents of Contemporary Art*, Londres, Whitechapel Gallery, pp. 102-105

Balibrea, M.P. (2003) Memória e espaço público na Barcelona pós-industrial. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Dezembro, pp.31-54

Baptista, L.S. (2014) Ruínas Habitadas – Atravessamentos Entre A Contemplação Poética E A Intervenção Crítica. *ARQA*. nº112, Março-Abril, pp. 22-23

Baptista, L.S. (2007) Vazios Urbanos – Desafios do Terrain Vague à Arquitetura Contemporânea. *ARQA*. Nº47-48, Julho-Agosto, pp.8-11

Barata, A.R; Gautier, R. (2005) *O Barreiro na Transição do Século XIX para o Século XX*, Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro

Beltrame, G. (2013) Vazios Urbanos: Notas Sobre a Escassez Social do imóvel. *Interseções*, Rio de Janeiro, pp.113-138

Benevolo, L. (2011) *A Cidade e o Arquiteto*. Lisboa, Edições 70

Borde, A. (2003) *Percorrendo os Vazios Urbanos*, Encontro Nacional da ANPUR, Belo Horizonte

- Boym S. (2001) *The Future of Nostalgia*, Nova Iorque, Basic Books
- Brener, N. (2016) Seria o “Urbanismo Tático” uma Alternativa ao Urbanismo Neoliberal?. *E-metropolis*, nº27, Dezembro, pp.6-18
- Bruno, G. (2011) Modernist Ruins, *Filmic Archaeologies*. Dillon, B. *Ruins-Documents of Contemporary Art*, Londres, Whitechapel Gallery, pp. 76-81
- Busquets, J. (1996) Nuevos Fenómenos Urbanos y Nuevo Tipo de Proyecto Urbanístico. Delgado, M., et al. (1996) *Presente y Futuro, Arquitectura en las Ciudades*, Barcelona, pp.280-287
- Câmara Municipal do Barreiro (CMB) (1993) *Plano Diretor Municipal*, Arquivo Municipal do Barreiro
- Câmara Municipal do Barreiro (CMB) (2007) *Diagnóstico Urbano do Barreiro Antigo, PROURB- Programa de Reabilitação Urbana Barreiro Antigo- Diagnóstico Urbano*, Projeto Municipal para a Reabilitação de Áreas Urbanas, Barreiro [Internet] Disponível em http://www.cm-barreiro.pt/uploads/writer_file/document/5921/ANEXO1DIAGNOSTICOURBANODOBARREIROANTIGO_2007.pdf [Consult. 31 de Janeiro 2017].
- Câmara Municipal do Barreiro (CMB) (2010) *Rota da Indústria do Barreiro- Levantamento Fotográfico*, Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro
- Câmara Municipal do Barreiro (CMB) [s.d.] *Património Industrial* [Internet] Disponível em <<http://www.cm-barreiro.pt/pages/851>> [Consult. 19 de Fevereiro 2017].
- Canogar, D. (2006) El Placer de la Ruina. *EXIT-Ruínas*, nº24, pp.24-34
- Carmona, R. (2009) *Barreiro o lugar e a história- século XIV a XVIII*, Barreiro, Junta de Freguesia do Barreiro
- Carmona, R. (2010) *O Barreiro operário, anos 30/50. Um retrato social* [Internet] Disponível em <<http://memoriaefuturo.cmbarreiro.pt/arq/fich>>

/O_Barreiro_Oper_rio_anos_30-50__Um_retrato_social.pdf> [Consult. 31 de Janeiro 2017].

Carmona, R. (2001) *A Cultura Ferroviária no Barreiro* [Internet] Disponível em <http://memoriaefuturo.cm-barreiro.pt/arq/fich/comunic.Cultura_Ferrovi_ria.pdf> [Consult. 19 de Fevereiro 2017].

Carmona, R.; Borracha, A. (1999) *Inventário do Património Imóvel do Concelho do Barreiro*, Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro

Cavaco, C.S. (2007) *Os Espaçamentos Ilegítimos ou a Condição Suburbana do Vazio*, Faculdade de Arquitetura- Universidade Técnica de Lisboa, (Internet) Disponível em <https://www.academia.edu/5803613/Espa%C3%A7amentos_Ileg%C3%ADtimos._A_Condi%C3%A7%C3%A3o_Suburbana_do_Vazio> [Consult. 22 de Agosto de 2017]

Instituto Nacional de Estatística (INE) *Censos* <Disponível em http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos2011_apresentacao&xpid=CENSOS> [Consult. 12 de Setembro 2016].

Centro de Estudos de Desenvolvimento Regional e Urbano (CEDRU), LDA (2016) *Estratégia de Desenvolvimento Barreiro 2030*, Lisboa

Centro de Estudos de Desenvolvimento Regional e Urbano (CEDRU), LDA (2016) *Estratégia de Desenvolvimento Barreiro 2030 –Referencial*

Choay, F. (1992) *O Urbanismo*. São Paulo, Editora Perspetiva

Choay, F. (2000) *A Alegoria do Património*. Lisboa, Edições 70

Choay, F. (2015) *As Questões do Património*. Lisboa, Edições 70

Conferius, G. (2007) Alemanha. David, A. *Vazios Urbanos, Trienal de Arquitetura de Lisboa*, Lisboa, Caleidoscópio, pp. 170-171

Costa, P. *Saudades da Fábrica- Centenário da Fábrica CUF* (2008), (Documentário) RTP1

Cullen, G. (2015) *Paisagem Urbana*. Lisboa, Edições 70

Custódio, J. (1986) As questões da moagem no Barreiro na 1ª metade do séc. XIX e o moinho gigante do Barão do Sobral. *Um Olhar Sobre o Barreiro*, nº4, Outubro, pp.7-15

Custódio, J. (1989) Apontamentos sobre os Moinhos de Maré do Esteiro de Coina e sobre o Moinho Pequeno da família Costa. *Um Olhar Sobre o Barreiro- Barreiro e os descobrimentos, Recuperação do Moinho Pequeno, Município Barreirense (séc.XVI), XXV Aniversário dos J.J.B.* nº1, II série, Junho, pp. 25-28

Departamento de Gestão da Cidade (DGC): Divisão de Intervenção no Espaço Público e Equipamentos Municipais (2016) *Moinho Pequeno Remodelação/Memória Descritiva*, Câmara Municipal do Barreiro

Departamento de Planeamento e Gestão Urbana (DPGU) (2012) *Projecto De Reabilitação E Qualificação Do Território De Alburrica 1.ªfase (Acessos E Percursos Pedonais), Projecto De Execução- Memória Descritiva E Justificativa*, Câmara Municipal do Barreiro

Derrida, J. (2011) *Memoirs of the Blind*. Dillon, B. *Ruins-Documents of Contemporary Art*, Londres, Whitechapel Gallery, pp. 42-44

Divisão Geral do Património Cultural (DGPC), [s.d.] *Património Classificado ou em vias de Classificação* [Internet] Disponível em <<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/result/?name=&situation=&catprot=&invtema=&type=&concelho=2817&records=10>>

Damenti, A. (2015) *O imaginário do lugar- intervenção na Fortaleza de Juromenha como contributo para a sua regeneração*. Tese de mestrado, Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa

Diderot, D. (2011) *The Salon of 1767*. Dillon, B. *Ruins-Documents of Contemporary Art*, Londres, Whitechapel Gallery, pp. 22

Dillon, B. (2011) *A Short History of Decay*. *Ruins-Documents of Contemporary Art*, Londres, Whitechapel Gallery, pp. 10-19

Diniz, L.N. (2014) *Projetos Contemporâneos em Ruínas: o Passado Compartilhado no Presente*, III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo- Arquitetura Cidade e Projeto: Uma Construção Coletiva. São Paulo

Domingues, A. (2014) Ruinofilia. *ARQA*, Março-Abril, pp.112-117

Estejo (2012) *Workshop Estejo Alburrica* Universidade Lusíada Editora Disponível em <<http://repositorio.ulusiada.pt/handle/11067/440?locale=pt>>

European (2016) *European 13 Results* [Internet] Disponível em <https://www.european-europe.eu/en/publications/european-13-results>

Faria, C. (2010) Industrialização e Urbanização em Portugal: que relações? - O Caso do Antepiano de Urbanização da Vila do Barreiro de 1957, *Malha urbana*, nº9, pp.79-101

Gautier, R.; Barata, A. (2005) *O Barreiro na Transição do Século XIX para o Século XX*, Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro

Goitia, F.C. (2010) *Breve História Do Urbanismo*. 8ªed. Lisboa, Editorial Presença

Gonçalves, N. (2013) *O Primeiro Plano de Urbanização do Barreiro (1948-1957)* Tese de Mestrado, ISCTE-IUL

Hoogduyn, R. (2014) *Urban Acupuncture, Revitalizing Urban Areas by Small Scale Interventions*, Tese, Faculty of Spatial planning, Blekinge Tekniska Högskola, Estolcomo

Huyssen, A. (2006) Nostalgia for Ruins. *Grey Room*. nº23, pp.6-21

Isidoro, C. (2016) *Urbanismo Tático: Desafios ao Planeamento*. Tese de Mestrado, Departamento de Ciências Sociais, Políticas e do Território, Universidade de Aveiro

Jürgens, S.V. (2014) Usos e Recursos da Arte Contemporânea-Instalações Fabris, Economia e Estética do Abandono na Era Pós-industrial. *ARQA*. nº112, Março-Abril, pp. 118-119

La Cecla, F. (2011) *Contra a Arquitetura*. Cidade, Caleidoscópio

Leal, A.S.; Viegas, A.P. (1993) Abordagens Documentais para a História dos Moinhos do Barreiro. *Um Olhar Sobre o Barreiro- Número Especial História dos Moinhos do Barreiro*, nº2 III série, Novembro pp.3-4

Leal, A.S.; Viegas, A.P. (1993) Moinhos de Maré. *Um Olhar Sobre o Barreiro- Número Especial História dos Moinhos do Barreiro*, nº2 III série, Novembro pp. 5-33

Leal, A.S.; Viegas, A.P. (1993) Moinhos de Vento. *Um olhar sobre o Barreiro- Número Especial História dos Moinhos do Barreiro*, nº2 III série, Novembro pp. 38-48

Lerner, J. (2011) *Acupuntura Urbana*. Rio De Janeiro, Editora Record

Liberal, J. (1985) *Quadros-Memórias da Minha Infância*. Gráfica Progressiva de Cacilhas, Limitada.

Lévesque, L. (2002) *The 'Terrain Vague' as Material –Some Observations* (Internet) Disponível em: <http://www.amarrages.com/textes_terrain.html> [Consult.20/10/2017]

Lingwood, J. (2011) The Weight of Time. Dillon, B. *Ruins-Documents of Contemporary Art*, Londres, Whitechapel Gallery, pp. 109-117

Lydon, M.; Bartman, D.; Woudstra, R.; Khawarзад, A. (2015) *Tactical Urbanism. Short Term Action, Long Term Change*. (Beta)

Lynch, K. (2009) *A Imagem da Cidade*. Lisboa, Edições 70

Macaulay, R. (2011) A Note on New Ruins. Dillon, B. *Ruins-Documents of Contemporary Art*, Londres, Whitechapel Gallery, pp. 27-28

- Madeira, H. (1986) Passagem desnivelada da Rua Miguel Bombarda. *Um olhar sobre o Barreiro*, nº4, Outubro, pp.21-24
- Manegelo, C. (2009) Espaços e Vazios Urbanos. Fortuna, C., Leite, R.P. *Plural da Cidade: Novos Léxicos Urbanos*, Coimbra, Almedina, CES, pp.127-138
- Marchand, Y. e Meffre, R. (2014) The Ruins of Detroit. *ARQA*. nº112, Março-Abril, pp. 24-25
- Mateus, J. (2007) Spreebogen 33-91-07. *Vazios Urbanos, Trienal de Arquitetura de Lisboa*, Lisboa, Caleidoscópio, pp. 13-15
- Mendes, L. (2011) Cidade Pós-moderna e a Produção Social do Espaço Fragmentado. *Cad. Metrop.*, julho-dezembro, pp.473-495
- Menezes, M. (2012) O “Re” em Questão: as Contradições Socioculturais da Reabilitação Urbana, Jornadas LNEC
- Mendonça. A.M. (2001) *Vazios e Ruínas Industriais, Ensaio sobre Fiches Urbaines*. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.014/869>> [Consul. 18 de Agosto 2017]
- Monteys, X.; Mària, M.; Fuertes, P.; Sauguet, R.; Marcos, C.; Callís, E.; Fernández, C.(2012) *Rehabitar en Nueve Episodios*. Barcelona, Lampreave
- Moreira, I. (2014) Após a Fábrica- novas abordagens à ruína e aos fragmentos pós-industriais. *ARQA*. nº112, Março-Abril, pp. 118-119
- Moreira, G. (2007) Requalificação Urbana –Alguns Conceitos Básicos. *Art Textos*, Dezembro, pp.117-129
- Morgado, S. (2005) *Protagonismo de la Ausencia: Interpretación Urbanística de la Formación Metropolitana de Lisboa desde lo Desocupado*, Tese de Doutoramento, Universitat Politècnica de Catalunya. Departament d'Urbanisme i Ordenació del Territori

Morgado, S. (2002) Vazio. AAVV. (2002) *Jornal Arquitectos*, nº206, pp.125-128

Morris, R. C. (2016) *O Louvre Imaginado em Ruínas* disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/04/27/arts/international/hubert-robert-and-the-beautiful-ravages-of-time.html>>

Moura, D.; Guerra, I.; Seixas, J.; Freitas, M.J. (2005) A Revitalização Urbana. ISCTE/ CET, *Contributos para a Definição de um Conceito Operativo. Políticas Publicas de Revitalização: Reflexão para Formulação Estratégica e Operacional das Actuações a Concretizar no QREN*

Movimento Cívico de Salvaguarda do Património (MCSP), (2015) *Rota do Património Ferroviário do Barreiro*

Nemer, L. (2014) Projetos Contemporâneos em Ruínas: o Passado Compartilhado no Presente. *Arquitetura, Cidade e Projeto: uma Construção Coletiva*, Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, São Paulo

Norberto, D.; Torrão, M.; Nunes, E. (1987) *Um olhar sobre o Barreiro-Final do século XIX-princípios do século XX*, 2ª edição, Dezembro.

Nunes, J.; Ribas, C. (2007) Vazio. David, A. *Vazios Urbanos, Trienal de Arquitetura de Lisboa*, Lisboa, Caleidoscópio, pp.144-145

Pais, A.S. (1965) *O Barreiro Contemporâneo- A Grande e Progressiva Vila Industrial- I Volume*, Câmara Municipal do Barreiro

Pais, A.S. (1971) *O Barreiro Contemporâneo- a grande e progressiva vila industrial- III Volume e Miscelânea (factos e figuras do Barreiro e de várias épocas)*, Câmara Municipal do Barreiro

Pais, M. (1985) Gare Marítima do Barreiro Miguel Paes, 1884 no seu 1º Centenário. *Um Olhar Sobre o Barreiro* nº3, Dezembro, pp.7-18

Padrão, C. (1985) Os moinhos de Alburrica, pequeno contributo para o seu conhecimento. *Um Olhar sobre o Barreiro* nº3, Dezembro, pp.7-18

- Peixoto, N.B. (2010) *Cenários em Ruínas, A Realidade Imaginária Contemporânea*. Lisboa, CIAC –Centro de Investigação em Artes e Comunicação/ Gravidia Publicações, S.A.
- Pereira, P. (2001) Interpretação de Monumentos e Sítios. *Património estudos*, pp. 6-16
- Portas, N. (2007) Utopia da Realidade. David, A. *Vazios Urbanos, Trienal de Arquitetura de Lisboa*, Lisboa, Caleidoscópio, pp. 142-143
- Rosa, I. (2008) Vazios Urbanos como Vazios de Preservação: Franco da Rocha nas Terras de Junquery. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, *Pós nº23*, pp.120-139
- Sá, T. (2013) Antropologia do Espaço ou Espaço da Arquitetura. Jorge, J.G. (coord.) *Para uma Ética do Território*, Lisboa, CIAUD, (pp.185-193)
- Salgueiro, T.B. (1998) Cidade Pós-Moderna: Espaço Fragmentado. *Revista Território*, nº4, pp.39-53
- Santos, C.M. (1989) De Alburrica à Ponta do Mexilhoeiro, sem esquecer a Quinta Braamcamp. *Revista Fundição nº3*, Setembro, pp. 6-7
- Santos, C.M.; Encarnação, J. (1989) Barreiro a Cidade do Comboio. *Revista Fundição nº3*, Setembro, pp. 12-18
- Saraiva, D. (1993) Os Sons da Praia. *Um Olhar Sobre o Barreiro-Número Especial História dos Moinhos do Barreiro*, nº2 III série, Novembro pp. 53-55
- Schwab, E.; Beshty, W. (2011) Stumped. Dillon, B. *Ruins-Documents of Contemporary Art*, , Londres, Whitechapel Gallery, pp. 141-145
- Sennett, R. (2006) The Open City. *Urban Age*, Novembro, pp.1-5
- Sennett, R. (s.d.) The Civitas Of Seeing. *Places*, Volume 5, nº4, pp.82-84

Sevilha, A.R. (2017) *ARX Portugal Coordena Projecto em Quinta e Moinho no Barreiro* [Internet] Disponível em <<http://www.construir.pt/2017/02/02/arx-portugal-coordena-projecto-em-quinta-e-moinho-no-barreiro/>> [Consult. 5 de Março 2016]

Silvano, F. (2010) *Antropologia do Espaço*. Assírio e Alvim

Solà-Morales, I. (1995) *Terrain Vague. Anyplace*, Cambridge: MIT/Any, pp. 118-123

Solà-Morales, M. (2008) *De Cosas Urbanas*. Barcelona, Editora Gustavo Gili

Solnit, R. (2011) *The Ruins of Memory*. Dillon, B. *Ruins-Documents of Contemporary Art*, Londres, Whitechapel Gallery, pp. 150-152

Smithson, R. (2011) *A Tour of the Monuments of Passaic, New Jersey*. Dillon, B. *Ruins-Documents of Contemporary Art*, Londres, Whitechapel Gallery, pp. 46-51

Simmel, G. (2003) *Two Essays: the Handle and the Ruin*. *The Hudson Review*, pp. 371-385

Verrísimo, C., Burnay, D. (2007) *Áreas Metropolitanas – Século XX*. David, A. *Vazios Urbanos, Trienal de Arquitetura de Lisboa*, Lisboa, Caleidoscópio, pp. pp.238-239

Williams, G. (2011) *It Was What It Was: Modern Ruins*. Dillon, B. *Ruins-Documents of Contemporary Art*, , Londres, Whitechapel Gallery, pp. 94-99

Anexos

I. Entrevista José Barbosa (Arquiteto da Câmara)

A primeira fase é o abandono, o vazio, a perda da função que o edifício tinha, depois normalmente se não surge nada pode passar á ruína, e depois da ruína, dependendo da importância que o edifício teve: por exemplo num castelo ninguém pensa duas vezes em refazer o castelo nem em deita-lo abaixo, por isso aí o tratar a ruína bem é o objetivo da intervenção. O problema é que nessa fase, quando é nessa fase, podemos estar a tratar ruínas que têm décadas ou centenas de anos e depois sucede-se o escombros, e o escombros normalmente é irrecuperável e perante o escombros mais vale ter a coragem de limpar o terreno porque é uma coisa que manter-se lá envergonha-nos não é...

Mariana: Ao nível do Barreiro o que considera escombros por exemplo?

Há muitos escombros de arquitetura civil por exemplo, basta olhar aqui para a zona velha. Há muitas habitações aqui que não vale a pena recuperar e que a recuperação é uma perspectiva errada (estou a falar agora de recuperação arquitetónica, construtiva), e isso dava depois uma discussão teórica muito grande.

Mariana: Porquê? Porque já não serviria...

Porque já não tem condições para isso. Não tem condições físicas, materiais, quer dizer... Há leis da física, a gente por muito boas intenções que tenha e por mais afetos que tenha pela construção. Há edifícios que não têm condições para a reconstrução. Porque (a construção) não é para a fotografia, é para as pessoas viverem, e portanto têm que responder depois a questões, e já nem falo das questões regulamentares, falo em condições de habitabilidade e de conforto etc. E depois a questão que se põe é, e os próprios instrumentos de ordenamento da câmara refletem às vezes algumas contradições e sobre os quais não há opinião unânime é: ok deita-se abaixo. Faz-se igual? Faz-se parecido? Faz-se diferente com

outras regras? Pronto, eu acho que não há uma resposta a estas coisas, acho que em cada situação se vê, perante o que lá está e perante a evolvente que se deve decidir o que se deve fazer, mesmo que aquilo que se possa fazer a termos apriorísticos possa parecer criticável como por exemplo é o, não digo o pastiche mas o, o deitar abaixo e fazer igual..

Ninguém gosta de o fazer, mas às vezes...Para mim a questão fundamental é uma questão de natureza cultural, é perceber as coisas. (um professor meu) Existe aquela pergunta celebre do que é a cultura e toda a gente responde e etc. Disse uma coisa que nunca mais me esqueci: cultura é compreensão; isto pode ser estranho mas no fim de contas é muito verdade, porque nós podemos ter os instrumentos suficientes e possíveis para compreender as coisas, e as vezes até os outros, e portanto eu acho que é dessa compreensão, perante a análise que se vai fazer que mesmo que se chegue a opções que do ponto de vista abstrato são criticáveis, que não se deve cair, quanto a mim, em posições apriorísticas: isto é bom, isto é mau etc, não. Isto não, podem ser exceções mas acho que há soluções...Olha eu vou-te dizer um dos exemplos que me marcou, hoje provavelmente não se faria assim até por razões económicas. Eu era chavalito, andava na faculdade, talvez já tivesse acabado o curso.. e andei aí pela europa a ver coisas que estavam a aparecer nos anos 70 de intervenções de reabilitação urbana, que foi quando a reabilitação urbana se afirmou.. pá e nunca mais me esqueço em Bolonha, eu vi coisas espantosas, em países que pareciam menos desenvolvidos que nós, a antiga Jugoslávia, a zona onde é hoje Croácia, uma antiga intervenção em que no núcleo medieval, de impressionante qualidade construtiva: pedra, aquilo estava tudo bom independentemente das casas lá dentro serem frias ou não, mas pronto, a estrutura. As ruas eram todas em lajeado, e eles levantaram as ruas todas e numeraram as lajes das ruas para pôr as lajes no mesmo sítio. E outro: Bolonha tem uma parte medieval de construção de estrutura de madeira em que o piso de cima é um pouco mais balançado para funcionar como contrapeso á estrutura, portanto aquele balanço funciona como que previne que a estrutura colapse para dentro, por isso cada piso é um pouco mais saliente. Eram vários quarteirões medievais assim, e havia dois quarteirões vazios, e na altura

discutia-se muito se aqueles quarteirões tinham chegado a ser construídos, aquilo era uma malha tipo, mal comparado, Bairro Alto, ortogonal. E não se tinha a certeza se tinham sido construídos ou ardido, porque aquelas construções ardiam muito, porque era madeira, ou se nunca tinham sido sequer preenchidos, portanto eles estavam a construir esses quarteirões, exatamente com as mesmas técnicas construtivas do que os edifícios que estavam feitos, portanto estavam a completar aquilo, naquela altura aquilo era uma coisa que toda a gente queria fazer epa... quem nos dera também ter estes meios e tal, curiosamente mais tarde, do ponto de vista académico e teórico e disciplinar, este tipo de intervenções viria a ser questionado. Fazemos igual? mas não somos os mesmos etc. etc.. esta discussão não tem fim, e mais uma vez digo que de uma forma quase caricata, digo que o que separa, olha como o António Vitorino de Almeida, o que separa a música é a boa da má e o que separa as intervenções é as boas intervenções das más, sendo que se tem que saber argumentar e justificar porque é que em determinadas circunstâncias se fez essa opção.

Portanto, aqui na zona velha, voltando á zona velha, eu acho que temos de tudo... Até porque já está lá tudo. A gente as vezes tem tendência a olhar para a zona velha como algo que tem ali uma matriz do século passado, princípio do século XX, mas há aqui há coisas de arquitetura modernista, e que convivem, com a dominante mais pombalina e mais tradicional, mais vernácula da nossa arquitetura. Agora, há edifícios que inclusivamente até do ponto de vista regulamentar, porque os regulamentos a isso obrigam e a lei, a câmara teve que demolir... por razões até de segurança e salubridade e etc. E esses estavam claramente em escombros, portanto eram irrecuperáveis, por exemplo ali o praiense, o praiense estava a atingir...

Mariana: o Praiense é aquele para onde vai a PSP?

Epá sim... Fiquei tão desgostoso... Porque é importante por aqui a PSP, entre as várias coisas, mas aquele edifício pá.. é uma má noiva, é uma infelicidade casar com um homem fardado.. o romantismo daquele edifício, a história dele.. fiquei assim um bocadinho..

Mariana: Mas aquilo vai mesmo para a frente? Vi uma notícia a dizer que agora é que ia mesmo

Porque aquilo não depende da câmara, as verbas são da administração central portanto aquilo é tutelado pela a administração central, o ministério da administração interna, são verbas do orçamento geral do estado, depois a câmara tem que entrar no protocolo a cedência essas coisas...Mas por acaso fiquei um bocadinho.. depois é aquela velha questão: então mas é preferível cair? Ninguém diz que é preferível cair claro...

Mariana: Mas há outras soluções.

Eu tenho pena que não se tenha encontrado outro edifício, e aqui mais uma vez a falar das ruínas e dos escombros, os escombros, na minha opinião não tem possibilidade de intervenção e o melhor é limpar, o melhor é tirar aquilo da vista, as ruínas, se têm uma dimensão histórica, têm que ser conservadas como uma memória dessa história, se são só edifícios desses, quer dizer, todas as coisas tem dimensão histórica, é evidente que para as pessoas do Barreiro aquele edifício para onde vai a policia tem uma dimensão histórica, mas a dimensão histórica não é uma dimensão histórica, há várias... Mas não há dimensão histórica sem as pessoas, mas é preciso perceber o que é que se relaciona com o que e se tem essa dimensão acho que tem de haver... o que a camara tentou fazer há uns anos que é: suster a degradação, fazer todas as obras que garantem que o edifício não continua numa degradação progressiva, e depois procurar as melhores soluções, isto para os edifícios que são propriedade pública...

Mariana: Que eu não sei quais são... há muitos que pertencem á camara?

Há mas não há muitos. Isto de facto pode ser uma primeira conversa porque aqui o meu vizinho do lado é especialista no Barreiro Velho, o Mário Nunes.

Edifício das obras, no início foi construído para habitação mas nunca foi usado para habitação, começou por abrigar os serviços da CUF. À medida que as fábricas faliram o edifício foi ficando devoluto, foi alugado e depois o próprio senhorio facilitou e a câmara comprou... O edifício estava incorporado num plano antigo que previa que a zona tivesse uma cerca de quatro pisos, ele até tinha uma empena cega porque previa o encosto com outro. O plano é dos anos 40 - o antepiano do Carlos Cunha.

A ruína é a Braamcamp. a câmara contactou várias estrelas do nosso firmamento para abordarem isto e verem se estavam interessados no trabalho. Isto é uma coisa que nunca se faz. Das duas uma, ou se faz um concurso ou se convida uma estrela, os estrelas quando foram convidados e souberam que não eram a única estrela recusam.

Mariana: Mas não devia ser um arquiteto da câmara a fazer o projeto?

Devia...mas eu distanciei-me muito porque precisamente acho que estou a milhas dos conceitos de gestão, repara não são os conceitos políticos mais pura e duras. É mesmo a gestão, a maneira como se operacionaliza as coisas, e eu distancio-me muito das prestativas atuais e acho que a câmara tem quadros suficientemente bons, que já deram provas: nas polis, no plano da zona velha - que está na gaveta. Muitas vezes eu não retiro o mérito e os créditos a essas estrelas, o problema é primeiro as razões pelas quais isso é feito, que é um mecanismo de defesa. Se a câmara aparecer a dizer que isto foi feito pelo fulano tal, não aparecem sequer uma data de pessoas a criticar, por ser um novo conceituado, imagina: "foi o Siza que fez isto.." A malta aí mesmo que comente baixa a bolinha e sente-se menos á vontade para mandar bitaites, se forem os técnicos da câmara é toda a gente a reclamar. Então a câmara como mecanismo de defesa a critica que muitas vezes podem até não ser justas acaba por seguir este caminho. Estou apenas a explicar estas razões, não estou a defende-las nem nada do género...Eu acho que por exemplo quando foi aqui o plano da Quimiparque, que é um plano fantástico e

foi metido na gaveta ingloriamente porque entretanto surgiu a ideia de que vinha para aqui o porto dos contentores.

O plano da Quimiparque era um plano um bocado fora do tempo. Na Europa os chamados *Brownfields*, que são os terrenos que têm que ser reconvertidos em função de zonas industriais que ficaram desativadas, em que temos mais perto de nós o exemplo de Barcelona. Aconteceram 15 20 anos antes, com o nosso atraso, na altura em que se põe este problema neste território, apanhamos com a crise em cima, e é evidente que essas reconversões precisam de uma dinâmica económica, não só de dinheiro no sentido puro, de tecido económico. E isto parou tudo, não só a construção como a economia que está muito estagnada, e portanto o plano ficou um bocado em standby. Até porque a câmara se deixou aliciar por

O plano era um *mix*, não era imobiliário, era indústria, serviços habitação, zonas de lazer e etc. E entretanto começou a perceber-se que havia o problema da economia a parar e uma das grandes ancoras do plano que era a terceira travessia também estava no mínimo em standby, pelo menos por uns anos. E portanto, o plano assim ficou, e o que eu critico é que a camara devia ter continuado a lutar pelo plano, e não é a questão dele depois ser concretizável ou não, é a questão de marcar uma posição. O Barreiro já foi várias vezes alvo de tentativas de porem aqui o que o resto da área metropolitana não quer, porque é evidente que ninguém vai ali para o guincho fazer uma estação de tratamento etc.. O Barreiro tem má fama, está escondido, é as traseiras pronto. E o aprovar aquele plano bloqueava isso, e bloqueava também outra coisa. Aquela área é território público, e com um plano daqueles não haveria nenhum governo que tivesse a tentação de alienar aquilo por truta e meia porque o plano conferia-lhe uma determinada valorização não havendo plano, o instituto que tutela aquilo, ou seja o acionista do estado, pode aparecer aí um sobrinho ou um afilhado dos melo, que acharam sempre que lhes tinham roubado aquilo, e voltavam a comprar aquilo por truta e meia. Porque se se for ver a avaliação do que está previsto e o que lá está aquilo pode ser comprado por truta e meia, se houver um plano de urbanização, já não é tão barato. Por isso, a câmara deixou cair isto, em nome de um

cais de contentores que ninguém nunca percebeu muito bem o que era, foi uma invenção que do ponto de vista técnico levanta muitas dúvidas, que do ponto de vista das estratégias nacionais dos portos toda a gente diz que não vem a ser necessário, inclusivamente, mesmo que Lisboa desative o de alcântara provavelmente Setúbal e Sines a sul garantem essa apropriação, e já têm essas condições. Os contentores não qualificam nada esta zona.

Em Almada a presidente disse logo que nem por cima do cadáver dela. Porque o plano para os contentores alberga a área á qual agora se chama "Lisbon South Bay", que engloba a antiga Lisnave, a antiga Siderurgia e a antiga CUF, e para os quais, quando se fez este plano havia pensada uma estrutura que ia ao encontro daquilo que Lisboa também defende que é a cidade das duas margens. Eram três polos que permitiam reequilibrar a Lisboa Norte e a Lisboa Sul e os outros dois disseram logo nem pensar, e o Barreiro ofereceu-se um bocado e andou a eludir as pessoas, o PSD dizia que ia ser feito com fundos privados. Mas hoje os fundos privados só investem fora da especulação financeira se forem obrigados, porque o que eles querem é a especulação financeira para que dupliquem o ano num ano, e portanto, fundos privados? Com problemas ainda de descontaminação dos terrenos? Não estou a ver que tipo de fundos privados é que vem fazer aqui um investimento para ser recuperável a 20 anos. Conclusão, hoje acho que na prática já ninguém acredita que vem para aí o terminal, o governo, como sabe que ainda dá jeito á câmara ter as pessoas na expectativa de que vai acontecer qualquer coisa, dizem que ainda está por acontecer. Os gestores acham que é melhor as pessoas acharem que ainda há a possibilidade do que dizer que não as pessoas.

Mariana: Mas a ideia que me dá é que a câmara investe em coisas que nunca acaba por levar até ao fim, por exemplo começou o plano da CUF que pelos vistos ainda não está acabado e já foi comprada a quinta Braamcaamp...

Pois, quem ficou satisfeitiíssimo foi o BCP. Sabes a história disto? Isto era duma fábrica, a fábrica endividou-se e contraiu cerca de 7 milhões de crédito junto da banca não sei se foi logo diretamente do BCP se foi

daquelas coisas que passam de uns para os outros, mas da banca. Na altura em que nós fizemos uma proposta para o Pólis, do qual resultou aquilo a que nós chamamos o Pólis dos pequeninos, aquele em Santo André. A nossa proposta Pólis era toda a zona ribeirinha, e naquela altura dos fundos pedidos através dessa proposta Pólis, fazia parte a fábrica, que na altura ainda estava a laborar e para pagar a deslocação da fábrica, para um sítio ao encargo da fábrica, que estava de acordo com a proposta e queria sair daqui, agora precisava era de apoio financeiro porque não o tinha, nesta altura a fábrica já estava moribunda. Entretanto endividou-se, o PDM de 1993, que ainda está em vigor, prevê para esta zona cerca de 180 fogos. Quando eu estava a trabalhar na revisão do PDM a primeira coisa que disse foi que queria pôr este número a zeros, para tirar o valor de mercado daquilo. Isso ainda não foi feito porque a revisão do PDM ainda não foi concluída mas de qualquer maneira, os mercados encarregaram-se de pôr aquilo a zeros porque não estão para ai virados. Portanto, aquelas imparidades que a gente anda a pagar do nosso bolso são isso. O banco lá nas contas deles como deu 7 milhões diz que pelo menos aquilo vale 7 milhões, quando sabemos que na prática não aparece ninguém a dar um décimo daquilo. Entretanto a câmara achou que devia comprar aquilo e eu estava 100% de acordo.

Mariana: Mas enquanto era do BCP tinha um projeto dos promontórios não era?

Um projeto não, chegou a ter uma ideia, nunca chegou a ter projeto. Entretanto o banco abandonou aquilo ao ponto de chegar a arder e etc, um crime de lesa património a nível concelhio. A câmara resolveu comprar, comprou por 3 milhões e ainda pediu 2 milhões para reabilitar portanto o banco fez um excelente negócio porque viu-se livre daquilo por 3 milhões que ninguém dava, e mais os 2 milhões, ou seja ganhou 5 milhões, e estamos a pagar juros disso tudo. Eu aí, não é para ser contra a banca, mas é sobretudo por serem aqueles indivíduos que aquilo ardeu, deixaram cair os muros, deixaram aquilo ter uma ocupação daquelas clássicas ilegais, e eu fiquei transtornado quando soube que se tinha dado aquele dinheiro, dois milhões é muito pouco... Além do que se paga aos arquitetos estrelas, e normalmente estas coisas aparecem sem

envolvimento das populações, é uma maneira que eu acho que não se usa...

Mariana: Exato, o que é que nos garante que este local vai ter a apropriação correta?

Nada...

Mariana: Pois é que aquilo que se faz na biblioteca são as pessoas a queixarem-se...

Sim, só... as pessoas para participarem têm que ter informação.

Mariana: é preciso informar as pessoas e só depois ouvir e depois ir informando ao longo do processo

Claro, isso é que é participação, sem isso é uma missa...Eu já sou um bocado antigo, esses processos existem há pouco tempo, mas nos países nórdicos esses processos participativos são uma prática com décadas e bem feitas. Agora é evidente, que estamos a falar de países onde, o nível cívico e educacional no verdadeiro sentido do termo, não são as habilitações académicas, são muito mais elevados. Aqui queremos que resolvam as coisas por nós, nós até nem queremos participar, isto é uma coisa que também já vem da nossa cultura, até para depois dizermos mal do que foi feito e criticar o que foi feito. Portanto isto também não é fácil, mas não sendo fácil, os processos que se aplicam e que se adotam deviam ter essa preocupação porque é assim que as coisas se vão transformando. Portanto o que é que vai acontecer aí? eu não tenho informação e acho que não encontras aqui ninguém ao nível dos serviços ninguém sabe o que se vai passar, eu sabia que já eram os ARX. E pronto é uma maneira híbrida, porque não é por concurso, mas obviamente que as leis da adjudicação pública dos trabalhos, desde que sejam até determinados valores permitem que seja assim adjudicação direta.

Mariana: Mas, supostamente, sendo uma câmara de esquerda não deveria fazer um concurso? era mais justo..

É como eu te digo, há aqui uma defesa... Por exemplo, o plano, nós não tínhamos unhas, não tínhamos mesmo, ao nível dos serviços para fazer um plano daquela natureza, é um plano muito complexo em termos de problemas concretos que se põem, e fomos falar com o Manuel Salgado que teve uma posição muito honesta, ele disse: eu estou interessadíssimo mas não pego em nada sem vocês fazerem primeiro uma coisa, vocês têm que ter uma estratégia económica e de desenvolvimento para aquele território e a partir dessa estratégia, sim, nós materializamos o plano. E depois nós fomos falar com outra estrela, o professor Augusto Mateus, ele fez o plano de desenvolvimento estratégico pago pela Quimiparque. E tiveram todos uma atitude muito correta porque os serviços da câmara estiveram sempre envolvidos a 100% aliás eu dizia aos meus colegas mais novos que podiam não voltar a ter uma experiência da mesma natureza, pela complexidade e por ter sido sempre feita em conjunto. Agora em relação à Braamcamp? Ninguém sabe.. Convidou-se a estrela e agora apresenta. Eu acho que é básico não entender esta frente ribeirinha que como disseste tem esta propriedade única no estuário do tejo, é o nóculo de ligação entre uma frente que tem umas características e outra frente com outras características, é uma rotula. E, tudo isso devia levar a não olhar só para aquele bocado. Mas não se pode pedir a pessoas cujo valor é X que façam mais do que o proposto. No entanto, as pessoas que cá estão, têm esse *know-how*, porque trabalham nisto há anos, e eu acho que todo este território devia ser pensado precisamente como uma articulação como uma frente que tem duas características e não olhar só para aqui, de maneira que, não é estar apreensivo ou não, mas do ponto de vista metodológico eu não seguiria este caminho que a câmara seguiu. Chamar cá um arquiteto que se for preciso foi a primeira vez que pôs os pés neste território, independentemente dos meios, acho que o caminho deve ser ao contrário, acho que devem ser os serviços que já têm o conhecimento, e têm gente e gente que está a ficar desocupada porque não temos trabalho. Houve uma altura que tínhamos muitos processos para cada arquiteto, agora temos um processo para muitos arquitetos. Assim de forma caricaturada. E portanto era uma questão até de motivar as pessoas, numa altura em que tiveram cortes salariais, anda tudo em baixo. pelo menos um projeto estimulante, que se calhar não pagava a

renda, mas teriam outra experiência profissional. Mas pronto a câmara seguiu outro caminho...

Mariana: Mas não é o que a câmara sempre faz? Como é o exemplo do fórum.. Por que é que as lojas não foram colocadas na Avenida principal?

Porque as pessoas não alugavam às lojas, as pessoas não alugavam os espaços. Isto houve uma altura em que foi o grande boom da banca privada na rua Miguel Bombarda e na [Avenida] Alfredo da Silva, as lojas que vagavam ninguém as alugava, á espera que viesse uma agência bancária interessada, como aconteceu a alguns, na medida em que era a sorte grande. Então o comércio foi-se todo transformando de comércio local em agências bancárias. A velha história dos cafés que passam a bancos, tal como Lisboa desde os anos 60. Aqui foi nos anos 80, e repara, uma coisa são as intenções e a camara ter instrumentos públicos, e isto faz parte de uma intervenção desenhada pelo Busquets que vai desde o fórum até á frente Ribeirinha.

Mariana: Já me tinham falado desse plano, mas não encontrei informação nenhuma a não ser algumas notícias que ligassem o Busquets ao Barreiro...

Eu acho que ele tem um bocadinho de vergonha.. porquê? Porque aquilo que o Miguel Amado diz, e eu e ele já tivemos várias polémicas, que define a marquise aquela construção que está no meio do terreno da praça, que no projeto inicial era muito mais pequeno e tapa a praça toda. Porque havia um engraxador e um vendedor de jornais...ou seja o medo que a câmara tinha que o engraxador e o vendedor fossem dizer mal, levou a que concedessem aquele espaço e fizessem aquele aborto ali no meio...

Mariana: podiam ter mantido o quiosque...

Com certeza, havia N outras soluções. Assim como a estátua Alfredo da Silva. Das duas uma, eu defendi que ele devia sair dali e ir para a zona do Mausoléu sendo que essa zona seria a casa museu etc., seria uma zona

museológica do que foi o passado industrial, juntamente com o bairro operário etc. O embasamento é de um arquiteto e a estátua era de um escultor de renome, sobre a qual eu até fiz uma carta á camara a dizer: nem todas as obras de um grande escultor são grandes obras. Eu acho que aquela estátua é um mono, é estranhíssimo, mas curiosamente o lago, e o fundo de desenho em mosaico que aquilo tinha era uma peça que até tinha piada, era apropriada. E quando se conclui que aquilo tinha que sair dali, o que eu defendi era que fosse inteiro para aquela zona, até admitia que viesse para aqui para o largo das obras, que era difícil mas era a entrada para a zona industrial etc. A câmara teve medo de tirar de lá a estatua, porque as pessoas já estavam habituadas a encontrar-se na estátua. Conclusão: fizeram para mim o pior, é que independentemente de se gostar ou não do ponto de vista artístico, independentemente de se achar que o homem merecia ou não uma estátua, há que respeitar algumas das coisas, agora, apearam-no, o que para mim não se faz. Tire o valor, fica fora de escala, porque nem fica como o pessoa no chiado em que te sentas com ele, ou seja á escala humana. Isto para dizer que eu acho que a partir de uma certa altura, o Busquets, que estava pago pela empresa construtora do forum, mas que naturalmente quer a empresa quer ele perceberam que tinham que ter uma boa convivência com a câmara, que significava arranjar soluções que tinham que agradar ao executivo municipal, que por sua vez, em vez de ter convicções para afirmar determinadas transformações. Encolheu-se. Porque as transformações têm sempre uma fatura, causam sempre impacto, mas não há transformações sem isso, se as pessoas se acobardam e fazem só uma transformaçõzinha, é o pior que podem fazer, e foi o que a câmara fez.

O Busquets fez um plano de 6 metros para a [Avenida] Alfredo da Silva, o perfil de 6 metros era um perfil testado a nível Europeu, para redução de velocidade, para não permitir que as pessoas parem porque se uma pessoa para não se conseguem cruzar os carros, dava acalmia de trânsito mas circulação de trânsito. é um perfil que está nos manuais, está em todos os sítios, os autocarros cruzam-se etc. Aqui de repente houve uma grande polémica, alguém aqui, que ninguém sabe exatamente quem

decidiu que os autocarros iam partir os espelhos, e a partir daí o perfil foi aumentado em 50 ou 60cm e a consequência disso é que não com autocarros mas com viaturas ligeiras com aquele aumento consegue-se encostar um carro de um lado e cruzarem-se dois carros ainda, e a partir daí há pessoas a passar. Portanto, há 60 cm que fazem diferença, mas toda a gente aqui mete o bodelho e dá bitaites. Eu há uns tempos estive com um livro do Busquets na mão, e não estava lá sobre esta intervenção, e por isso dá para perceber. Aliás no fim o Busquets deixou de vir pessoalmente, eu ainda fui a muitas reuniões com ele. E isto para mim foi uma coisa gratificante porque quando eu era *chavalo* estava a acabar o curso e fui a Barcelona, na altura em que estava o PDM a ser feito, isto em 78 por aí, acabei o curso em 77, em 78 fui lá e havia uma coisa que era o centro de estudos urbanísticos municipais que era um dos grandes polos da discussão teórica do urbanismo na Europa, e eu até disse ao Busquets que passados estes anos todos era gratificante estar aqui a trabalhar com ele etc. Eu acho que a partir de uma certa altura o Busquets quando percebeu a lógica das decisões, mandou vir alguém do atelier, e pediu para ele fazer como os da câmara queriam que ele já se queria era ver livre disto.

Mariana: e tirando a marquise, e a estrada etc, que mais coisas é que ele previu que depois não seguiram?

Várias coisas, inclusivamente a inserção cá em baixo (Miguel Pais), havia aqui um conjunto de pontos, agora a questão de se inserir comércio ultrapassa o poder das câmaras, se for uma urbanização como telheiras, controlam-se as consequências da produção do solo urbano, com o estatuto privado que este solo tem genericamente, por isso é que é importante quando a câmara tem um edifício ou outro poderem servir de exemplo ou de polos indutores de uma certa transformação é esse mais o papel, agora em termos de conseguir generalizadamente. Querem as lojas fechadas. Depois há um mecanismo de indiretos como há na habitação. mas não são atuantes, no momento em que é preciso não são atuantes. E acho sempre que do ponto de vista moral e social são justos, acho que se devem fazer, não se espere é grandes consequências disso, isto é a lógica das cidades que nós temos. Os fatores fundamentais dessa lógica são

iguais aqui ou na Suécia, embora que mesmo na Suécia ou na Noruega os poderes públicos serem maiores, mas também são limitados, depois o que faz a diferença são as pessoas a nível cultural e social, a maneira como sentem a própria cidade, nós temos aquela costela árabe que é: eu tenho a minha casa e tenho o meu muro e o saco do lixo é para saltar por cima do muro. Temos um bocadinho no nosso ADN essa divisão do público privado. O estatuto que existe nos países nórdicos do semipúblico, são espaços que confinam com as edificações privadas e com o público em que são os interessados que mesmo que aquilo não seja deles tratam do espaço porque querem viver num sítio embelezado. Em Portugal, alguém que trate, querem é exigir que venham cá.. e se for meu, faço logo o muro: trato mas faço um muro. Mesmo aquelas opções que saíram na lei para as urbanizações, quando as câmaras começaram a ter muitos encargos com a explosão da urbanização, em primeiro lugar fizeram dinheiro com as taxas, numa segunda fase ficaram com os encargos da manutenção dos espaços públicos, é um presente envenenado. E então saiu uma lei que permitia, que quando se concedesse o alvará ao loteamento da urbanização, se podia negociar um estatuto, com interesse para ambas as partes, de modo a que a futura conservação ficasse entregue aos condomínios, não fechados, mas uma gestão em que os condóminos de uma urbanização se encarregavam. Obvio que ninguém fez nada. São coisas desfasadas do nosso ADN, temos que viver com isso, o que não significa conformarmo-nos com isto, mas temos que perceber isto para não nos espalharmos. A utopia é como o sal, tem que existir na medida em que tempere a realidade, se comeres só sal morres, se formos para soluções que forem demasiado utópicas e demasiado transformadoras de forma muito radical e imediata, morrem.

Os políticos têm tendência a menos para isto, têm medo de arriscar, medo da crítica, todos. Tal como dizias acerca da esquerda, há coisas que deviam separar a esquerda da direita, mas infelizmente acaba por ser tudo o mesmo. Há muito mais aspetos na gestão em que infelizmente é tudo igual.

Mariana: Em relação a este espaço da Miguel Pais, como é que ele aparece?

Essa urbanização, juntamente com outras, estava construída quando foi o 25 de Abril e, em 75 ou 76, a câmara fez uma avaliação sobre alguns fenómenos urbanísticos em curso que a câmara considerava lesivos do ponto de vista estético ambiental etc. Um foi este outro foi aquele onde agora está o campo Barreirense ao pé do continente. Por isso a câmara quer pela presença quer pela densidade e até inconveniência, considerou do ponto de vista urbanístico lesivos, e conseguiu através de processos litigiosos e complexos travar os direitos á construção. E uma delas foi esta, estavam construídas três torres e estavam previstas outras três iguais à frente, com mais um bocadinho de aterro, havia negociações com a APL que deixava aterrar mais um bocadinho e mais à frente, esses desenhos existem. E aquilo fazia ali um paredão que tapava por completo a vista.

Mariana: Sim o que se sente nestes edifícios é que se esqueceram de que o rio era uma mais-valia.

Não se esqueceram, são valores que não estavam presentes na altura, estariam muito excecionalmente nalguns países. Mas as próprias câmaras queriam construir e não estavam minimamente sensibilizados para esses valores, ou viam-nos por outro lado: o andar de cima vai valer muito, mesmo que se dê cabo do usufruto e interesse público da zona.

A câmara conseguiu, até porque não se podem tirar direitos sem indemnização. Mas como a câmara naquela altura não tinha dinheiro, entrou em processos negociais e conseguiu compensar os edifícios que tinham 8 pisos para dois edifícios de 4 pisos e deixar espaço para a vista, é uma solução que não é a melhor mas era melhor do que a alternativa, e não havia de facto a capacidade de indemnizar. O proprietário nunca aceitou na prática essa opção, e como é gente com dinheiro deixou ficar, na expectativa de um dia conseguir aquilo que queria. É obviamente que hoje, mais uma vez com a crise, nem compradores arranja para aquilo, de maneira que ficou assim.

E aquela zona pelo menos onde se estacionam os carros nos dias em que chove e querem ir para os carros é um pantanal completo e agora a câmara quer ir fazer uma intervenção que eu acho superficial, que consiste em tirar buracos e pôr um *macdam*, para pelo menos os moradores não reclamarem. Agora é evidente que aquilo tem um arranjo, que vem na continuidade deste plano mas que a câmara não tem sequer possibilidade de o fazer porque não é proprietária do terreno. O que poderia fazer era expropriar, para o fazer tem que invocar um interesse público, que não é fácil porque aquelas obras estão imputadas aos edifícios, e qualquer tribunal diria que o dinheiro público não tem que servir para isso, porque depois a pessoa que for fazer os prédios é que vai efetivamente ganhar com isso e não tem que gastar dinheiro nas infraestruturas. Por isso a câmara para fazer isso ou tinha o acordo das pessoas e mesmo assim podiam-se levantar questões.

Isto agora é complexo por várias razões. Naquela altura, quando se fazia uma urbanização e imediatamente na conservatória do registo predial, assim que a câmara emite a ordenação, é separado o terreno público do privado, e ficam logo os lotes privados e o domínio público. E a partir daí podes intervir no domínio público como quiseres. Antes era: faziam um alvará, iam com o alvará á conservatória e do terreno todo mãe, a conservatória desanexava o terreno de implantação daquele edifício. Conclusão: na conservatória do registo predial, nestes alvarás antigos, aqueles terrenos são privados porque nunca passaram ao domínio público, apesar de haver um loteamento que previa a sua integração no domínio público. Portanto, a câmara precisava pelo menos do acordo, a autorização do proprietário para intervir ali no arranque e provavelmente para fazer aquilo que lá está a fazer teve que pedir. Agora, se para além disso quiser gastar muito dinheiro, o tribunal de contas pode questionar essa questão: gastar dinheiro em terrenos privados? Ou seja, o terreno burocrático é uma coisa terrível que muitas vezes impede soluções que as pessoas de fora não compreendem. Porque isto é uma teia burocrática de tal modo complexa e estúpida: que o é em muitos aspetos, que acaba por ir ao encontro daqueles que não querem fazer grande coisa porque dá grandes problemas.

Mariana: E em relação à estação tenho várias questões. Houve sequer algum interesse em pôr a nova na antiga?

Isto foram obras que na altura a Refer a CP e etc. resolveram fazer à margem da câmara. Agora, apesar de tudo ainda há comunicação e conversas entre a administração central e a local, naquela altura os fiscais da câmara passavam por lá a fazer perguntas e nem respondiam porque os terrenos eram deles e faziam o que quisessem.

Mariana: E porque é que não aproveitaram este vazio para fazer por exemplo um estacionamento?

Porque isto na altura estava a funcionar só depois é que passou para o lado e o plano da Quimiparque previa a passagem de um cais para outro sítio para que toda esta zona se dedicasse ao lazer. A câmara já manifestou junto da Refer interesse em ficar com o edifício, numa primeira fase a Refer devia achar que aquilo lhes era importante, agora já perceberam que ninguém quer aquilo e portanto estão mais disponíveis para fazer um protocolo qualquer e passar aquilo para a câmara etc. Evidente que vão passar mais uma vez numa fase em que a reabilitação já está numa fase mais avançada. Eu sei que a câmara também tem interesse, e no plano Pólis que te falei, que o governo só aprovou aquele bocadinho, sugeríamos toda esta zona como uma zona de lazer e aquele edifício um hotel de charme. Até porque em quase todas as cidades, inclusivamente com *shuttles*. E nós devemos ser das únicas cidades com rio que não tira o mínimo partido do rio. E estamos confinados aos barcos do montijo barreiro etc. E é fácilimo haver ligações atípicas, fora das grandes carreiras de serviço público e que têm imenso interesse. Porque fazendo um hotel de charme e dizendo aos turistas que iam para o centro de Lisboa de Barco e toda a gente queria vir. Não sei se a câmara tem ideias sobre isto, porque na altura a câmara seria um parceiro desse protocolo de modo a que a própria Refer e a Invesfer eram supostas promover a transformação e rentabilizar a utilização desse edifício. Isto em 1999 ou 2000 ou seja, durante 17 anos existiu uma inércia total. Aquelas instituições estão-se nas tintas para aquilo por isso tem que haver uma grande manifestação das entidades locais e barulho etc. para aquilo avançar.

Mariana: E na zona do Barreiro velho, com quem é que posso falar para reunir pessoas para fazer entrevistas?

Eu acho que existe uma estrutura, que não tem sede. Uma estrutura associativa com representantes que comerceiam, etc. Uma associação abstrata que a câmara promove e marca reuniões da estrutura no cineclubes por exemplo.

Mariana: E quem são os representantes? Representantes ciganos etc?

Não sei como é que os representantes foram escolhidos mas há representantes da população que lá vive. Os ciganos são muito pouco dados a essas coisas, á integração e participação, eles não querem nada com ninguém. Isto está a gravar, espero não ser acusado de xenófobo ou racista. Eu pertença a uma geração que achava muita graça aos ciganos, pelo cigano nómada, havia um certo romantismo e comportamento que se associava á figura do cigano. Atualmente nas sociedades e cidades contemporâneas, verificamos que com mais ou menos problemas, quase todas as comunidades migratórias se lhes deres condições a prática delas é no sentido da integração. Existem problemas de marginalidade, com negros, eslavos, etc. ou mesmo com portugueses. Estes problemas começam com comunidades destruídas, não têm emprego, educação, e daí á marginalidade é um passo. Mas quando dás condições a essas comunidades elas integram-se e querem se integrar. Tu podes dar aos ciganos todas as condições que eles não querem, eles querem viver segundo as regras deles no território dos outros, e hoje digo isto com plena consciência. E acham que quando as outras comunidades lhes querem impor as regras que são para todos os outros cidadãos, eles agridem e espezinham-nos. E acho que eles só podem ter duas opções: ou querem viver na comunidade ou não querem viver na comunidade. Se eu quero ir visitar um doente ao hospital, não podem haver regras que eu tenho que cumprir e que eles desde acamparem nos jardins até entrarem á hora que querem nem os seguranças se metem á frente. E portanto, mais uma vez isto é um problema que os políticos se borram todos, desculpa a expressão, para lidar com eles, porque são logo acusados de xenófobos racistas etc. Isto que eu disse pode ser um bocado violento

como tudo o que é generalizado, mas há exceções, mas não se pense que se tivesse aqui uma comunidade de africanos que o problema era igual. E eu admito que se tenha que respeitar, mas se admito que se tenha que respeitar tem que se criar condições. Nós não lhes podemos dar o bairro da quinta da mina e passado 10 anos a câmara tem que gastar mais de 2.000 de euros porque dos postes de correio roubaram tudo. É esta falta de lucidez e firmeza no tratamento destes casos que por vezes justifica o populismo que depois de transforma em medidas de facto xenófobas, porque depois se dá razões aqueles que dizem: corram com eles matemos etc. Este é um problema que levava uma conversa muito grande, as a Europa devia ter uma tradição humanista e cultural em que a integração é um pilar e um valor muito importante, muitas vezes é pouco firme nas regras de integração. Integração não é dizer venham á vossa maneira, integrar pressupõe algo que parte das duas partes, e é por isso que eu sou um dos que diz que não é admissível a burka completa, com os olhos de fora apenas, como traje numa sociedade ocidental, como eles não admitem que tu vás de minissaia para a sociedade deles, só que tu ires de minissaia é um valor puramente social e religioso mas a burka já não é, eu não posso entrar num banco de mascara. Poder posso, mas não saio da mesma maneira. Por isso a integração é algo que pressupõe um caminho que se tem que fazer de encontro, tem que se abdicar de alguma coisa. E os ciganos, alguns, tentam fazer um esforço a nível das estruturas sociais para que a própria comunidade se vá integrando, mas é muito difícil portanto é preciso ter isto presente quando se lida com aquela comunidade. Sem preconceitos e sem complexos de culpa, não é exatamente a mesma coisa. E que quando se trata deste tipo de situações, em que estão todos lá ilegalmente.

Mariana: Mas que soluções se podem oferecer para este problema, sem passar pela sua realocização?

A câmara aqui não tem poder nenhum, aquilo é um problema entre o proprietário do edifício e uma ocupação ilegal. Envolve tribunal, policia etc. Mas isto é complicadíssimo por isso é que os edifícios são emparedados pelos proprietários. E há outros que ainda fazem pior, destelham a casa para aquilo apodrecer tudo, portanto há casas que inclusivamente se não fosse este medo da ocupação ilegal podiam estar melhor conservadas. Porque existem herdeiros e são centenas, não conseguem vender, não conseguem alugar e a casa está ali, e então para não terem o problema da casa estar ali e vir a ser ocupada ilegalmente, emparedam os vãos, destelham, para cair.

Mariana: Ou seja, de certa forma acaba por ser melhor que estejam a ser ocupadas ilegalmente.

É, mas se um dia quiserem vender o terreno têm que tirar dali os ciganos. O edifício que está devoluto ao pé do vazio da [Avenida] Alfredo da Silva está nas mãos da banca e fazia parte ao plano - o plano da maquete. Há coisas que ficam esquisitas, porque aparece um edifícios que parece uma aberração, mas o plano todo apesar de não ser isento de críticas, dá outro contexto ao edifícios e dá-lhe um sentido que não se percebe pelo edifícios apenas. Como do ponto de vista de renovação urbana não acontecem todas no mesmo momento, até do ponto de vista regulamentar se põem problemas quando um dos edifícios é renovado de acordo com o plano e depois fica provisoriamente a violar regras dos afastamentos e tal, porque aquele que está ao pé do que está a ser renovado não o permite, depois de estarem os dois renovados não violam nada. Mas como não acontecem os dois ao mesmo tempo, um tem um dono o outro tem outro, até do ponto de vista regulamentar e legal se põem problemas e também do ponto de vista urbanístico.

A câmara desenvolve o pormenor enquanto o largo das obras projetam. Fazem o trabalho mais conceptual e nós fazemos o resto. Mas é engraçado veres os dois lados porque são perspetivas muito diferentes às vezes, de quem trabalha no terreno. O Reis trabalha no largo das obras portanto é chamado arquiteto com vontade de transformar, e o Luís tem uma visão muito mais conceptual, é engraçado porque eles fazem um bom trabalho em conjunto, têm visões complementares e ajudam-se muito na perceção do terreno. Neste terreno (Miguel Pais), o que nós estamos a fazer neste momento é só uma melhoria para permitir ainda o mesmo uso que está a ser feito neste momento, de estacionamento. Portanto o que está projetado, e o Luís é a melhor pessoa para falar contigo sobre isso, é fazermos o prolongamento de tudo o que fizemos ao nível Ribeirinho até à doca seca da CP, portanto todo este corredor todo, esta frente ribeirinha, ser toda reabilitada de maneira a poder fazer a ligação junto do rio, até à doca seca da CP, onde se fazia a reparação dos antigos navios que faziam a travessia do mesmo. A doca seca é mesmo em frente ao rio, tem uma estrutura onde os barcos entravam e se vazava a água, portanto tinha uma comporta, e aí se vazava a água dos barcos e depois os barcos voltavam a entrar dentro da água. E tem o género de um *transfer*, para dentro das oficinas onde se fazia a reparação dos motores, que eram içados, transportados para dentro das oficinas, agora da EMEF, eram feitas todas as reparações, rebobinagem, etc. e depois voltavam a ser colocados nos barcos.

O que está neste momento estruturado é o plano de ligação de Alburrica, ou a zona do rio da frente Tejo, até esta zona da doca seca. Neste sentido, os terrenos são todos particulares, a câmara está a conversar com os proprietários, acerca da possibilidade de podermos montar este projeto de ligação, aliás, numa das nossas candidaturas já tínhamos a pretensão de fazer esta ligação, depois vamos levar até à antiga estação, Avenida de Sapadores, etc.

Mariana: Mas neste torço, estava projetado no plano Polis, não estava? No largo das obras vi inclusive uma maquete que previa a construção de mais três torres junto ao rio.

Sim, ele estava mais ou menos projetado no projeto polis, mas nesse projeto, o chamado plano de urbanização da [Avenida] Miguel Pais tinha uma visão ainda um bocadinho de costas para o rio, quer dizer, não é bem de costas para o rio porque isto também é um chavão que se usa e não é muito bonito. A urbanidade desenvolvia-se paralelamente ao rio, e o que estamos a fazer agora, no fundo é uma alteração desse plano de urbanização em que nós não queremos mais construção junto do rio, a não ser nos espaços que efetivamente estão projetados, e queremos a ocupação desse território para usufruto e lazer das populações. O que estava nesse plano de urbanização da Miguel pais e estava no primeiro concurso do polis, tinha uma visão completamente diferente, e era menos virado para o usufruto do rio. Não quer dizer que estivesse mal, eram conceitos da altura, neste momento o que nós temos em projeto, e eu posso-te arranjar o que temos em projeto, é o prolongamento da área de usufruto e recreio, desde Alburrica, ou desde o clube naval, até à estação, com náutica de recreio, com zonas balneares, com um melhor aproveitamento.

Mariana: E em relação às ruínas da Miguel Pais... há uma em frente ao moinho, podias dizer-me o que é?

Esse edifício teve uma primeira ocupação que não sei qual foi, mas depois enquanto o moinho estava em funcionamento serviu-lhe de apoio. O seu proprietário é o mesmo proprietário do moinho, durante algum tempo o moinho foi habitação de um proprietário particular e tinha estes armazéns com alguma atividade, talvez ligada à cortiça. Mas estes armazéns agora foram comprados e têm um projeto para construção de uma casa no sítio desse armazém, o projeto não tem nada a ver com esses armazéns, é uma casa modernista.

Mariana: e o projeto da Braamcamp?

Ainda está a começar, a única coisa que se está a ver é o uso do moinho, que vai ser preservado na totalidade. Algumas ruínas das quintas vão ser destruídas como as porqueiras, muretes, algumas casas sem qualificação, qualidade construtiva e muito degradadas vão ser destruídas, as fábricas maiores vão em princípio para preservar todas, pelo menos é essa a minha conceção, mas o projeto de ARX ainda está por definir. A única coisa que está agora em cima da mesa é o uso do moinho de maré que eles estavam a defender que fosse musealizado e nós temos dúvidas de que este moinho deva ser um moinho musealizado. O moinho pequeno também não vai ser musealizado, já é uma ruína que já nem é uma ruína porque teve tanta alteração que não tem nada da origem além das moendas, que vão ser mantidas, o resto vai ser um moinho do século XXI, uma espécie de *Welcome Center* para quem vai visitar Alburrica. Até porque é um edifício pequeníssimo. Estamos a pensar musealizar o moinho grande, ou o da Braamcamp. O do cabo já está em muito mau estado, vai continuar a ser ruína, o que vamos fazer é um marco histórico, uma iluminação, e falar um bocadinho do complexo moageiro. Vai ser um complexo em que no primeiro, o moinho pequeno, se está a falar da possibilidade, com o técnico, de incluir umas turbinas de forma a fabricar energia sendo um moinho autossustentável, é uma coisa mais virada para o futuro, o moinho grande seria musealizado e o moinho do cabo seria uma ruína daquilo que foi o complexo moageiro no Barreiro.

Mariana: Plano da CUF? há alguma parte dele que ainda está a ser seguida ou também foi deixado de parte?

Está tudo, tudo para ser seguido, o corredor verde, etc. O que está previsto é: assim que houver uma dinâmica portuária nesta zona (CUF), o terminal vai ser transferido para esta zona, e o troço de linha vai ser desativado para se ligar à CUF. Tem duas condicionantes muito grandes: a primeira é que não pode deixar morrer a EMEF. Portanto este polo de trabalho tem também de ser movido para a CUF, e temos de ter condições para que a mobilidade dos barcos se faça pelos mesmos critérios com que se faz agora. Nessa altura, esta zona será um corredor

verde de ligação à cidade, e o antigo terminal vai ser toda zona de náutica, toda. Do princípio ao fim, é tudo área náutica de recreio. A pista natural de remo passa a ter início aqui (ciclovía ao pé do terminal) porque é onde está o espelho de água mais tranquilo e permite 2 km de pista de remo, a seguir vai existir a ponte de ligação ao seixal, onde vai ser possível passar a pé, e depois vai existir uma zona de terminal para barcos de recreio, não uma marina, apenas um terminal que permita a entrada na cidade, pela estação.

Em relação à estação, ela acima de tudo é da IP, eles andavam a procurar uma concessão para a estação em termos de restauração, ou de indústria hoteleira, mas ainda não apareceu nada. O que estava pensado inicialmente, nos primeiros trabalhos que fizemos sobre a estação, era a estação ter aqui um foco ligado à restauração, até porque isto vai ser um sítio onde vão atracar barcos vindos de outros sítios e podemos ter ali um polo onde as pessoas podiam comer, estar à beira rio, etc. Mas já existiu 100 mil ideias sobre isso, desde hotéis, uma zona do género de uma doca com restauração onde a malta pudesse sair à noite até mais tardem com espaços de exposição, galerias vivas, uma coisa mais virado para a vida noturna, até porque é um sítio mais afastado e permite algum barulho. Já surgiu a hipótese de ser um núcleo ferroviário e ter uma área museológica... Já surgiram muitas ideias sobre isto, e eu acho que isto vai depender muito, também, da dinâmica de se conseguir construir à volta. Se de facto o terminal sair dali, é preciso necessariamente criar ali espaços âncora para receber as pessoas. Pode ter tudo até, pode ser um espaço de restauração que tenha uma grande dignidade com um espaço museológico junto... Mas é preciso arranjar espaços âncora que é uma coisa que o Barreiro tem pouco. Mas isto são coisas cuja previsão é impossível, na melhor das hipóteses acontecerá assim que vier o terminal portuário.

Mariana: São coisas que não dependem da câmara. E Em relação ao Barreiro Velho, Proub, etc?

Nada, o que depende da câmara é o que é nosso território. Como o Barreiro velho. No Barreiro velho a necessidade principal é habita-lo. O

que é impossível nas casas que lá se tem, porque as casas são minúsculas, e não têm condições higieno-sanitárias. Mas aqui é preciso um grande projeto, que eu um dia gostaria de ter oportunidade de fazer, que é montar uma cooperativa de habitação jovem. Ou seja, ir pegando um edifício devagar, provavelmente dois fogos dão em um, não muito grandes, que possibilitaria fogos para pessoas que estão em início de vida, permitia rejuvenescer o Barreiro Velho, ir alojando algumas pessoas enquanto vamos fazer obras noutras casas, e ir fazendo assim. Durante muitos anos achamos que ao fazer obras no espaço urbano, os proprietários privados faziam a sua parte. Mas já percebemos que não, e percebemos isto por uma série de razões, uma delas é o facto da maior parte dos proprietários não serem de cá, não têm relação nenhuma com o espaço, não lhes interessa se isto evolui ou não, às vezes são vinte herdeiros, isto para eles não conta. E por isso temos uma decadência de um espaço, motivado pela ausência de pessoas que ali habitem e tenham relação com o espaço. A grande generalidade de pessoas que vivem no Barreiro velho são arrendatárias. Se calhar conto pelos dedos da mão aqueles que são proprietários, e isto faz uma grande diferença, na relação que têm com o espaço. É preciso começar por uma ponta e ir devagarinho resolvendo problemas de habitação, ao mesmo tempo criando espaço onde se possam desenvolver também outro tipo de atividade. Se houver uma zona que comece a ter dez prédios regenerados, pode motivar os proprietários a fazer o seu trabalho, algum comércio pequeno começa a aparecer, a padaria a mercearia. Isto cria de certa forma uma evolução natural que vai ajudar à regeneração mais rápida do Barreiro Velho. Tem de ser desta forma senão, não resulta. Este ano vamos começar a recuperação da casa da cerca, que é uma casa nossa, na casa do cineclubes quando se vai para o portão. Essa casa vai ser para residência de estudantes para a EST Barreiro, vamos ver se a escola está disponível para ver se temos possibilidade de serem eles a explorar aquilo, senão quiserem ou não puderem, vamos tentar criar ali uma casa da juventude para abrigo, ou um *hostel*, uma coisa jovem para trazer público jovem. É isso que vai ter de ser feito, não tirando dali as pessoas do Barreiro Velho.

Mariana: Nesse caso como se resolveria a questão da ocupação ilegal?

O problema resolve-se ocupando o espaço, trabalhando com eles. Primeiro é necessário estancar as ocupações ilegais, depois se os espaços forem sido ocupados cria-se uma sinergia, se os espaços forem utilizados para outro tipo de ocupações as pessoas naturalmente vão encontrando menos espaço para se sentirem à vontade com esse tipo de prática e portanto isso também vai ajudando naturalmente a uma disciplina no espaço. Em relação à comunidade cigana, se as pessoas ocuparem o espaço de forma ordeira e quiserem continuar a viver no Barreiro Velho, de forma legal com respeito pela propriedade deles e dos outros por mim podem viver em todo o lado. O problema é a ocupação ilegal, o desrespeito pelo espaço público e pelo espaço dos outros, mas eu mais do que a punição ou a expulsão, que eu acho serem medidas não convidativas, nem está na nossa génese, tem que se começar por outro exemplo, multiplica-lo criando dinâmicas próprias, e as pessoas que se sentem integradas integram-se as outras acabam por procurar um outro espaço onde vão replicar aquilo que tinham. O nosso *focus* não precisa ter grandes pressões, tem que ser um trabalho que pode demorar dez ou vinte anos, a regeneração é uma coisa morosa, tem que se dar espaço e tempo, espaço para a pequena loja. Quando se reabilita um rés-do-chão tem de se ter a preocupação de deixar um pequeno espaço para uma lojinha que também traz pessoas que vêm visitar. É preciso criar uma nova dinâmica, não é perpetuar a dinâmica e não só arranjar o espaço urbano: ruas novas etc...Isto não resolve problema nenhum. Esta dinâmica precisa de um empurrãozinho.

Mariana: Gostava de acabar com duas perguntas, a primeira é em relação à estação, se foi pensada alguma ligação em passadiço com Alburrica.

Não, não foi, porque esta doca tem ainda alguma função, então esse passadiço cortaria essa ligação. É claro que se podia pensar numa solução em altura, ou numa ponte rotativa de forma a criar essa ligação, como nos países nórdicos em que têm várias ligações, têm as cidades cheias de pontes, como Copenhaga que tem pontes de cem em cem metros.

Mariana: Acabo por perguntar, o que aconteceu para dar a falência ao fórum?

Eu acho que tivemos um problema em que as lojas de origem não permitiram uma diversidade muito grande. Isso fez com que as pessoas não substituíssem os seus hábitos de ir a outros sítios, porque aqui não se completavam. Havia poucas sapatarias na altura, quando abriu só havia lingerie e casa de roupa, depois a pessoa quando vai ao Almada e ao Montijo procura complementaridade. Portanto acho que houve logo um problema de origem, depois as lojas âncora, aqui do Barreiro, não são lojas verdadeiramente âncora para o Barreiro. Porque o grande comprador das lojas no Barreiro é a população idosa, e não há lojas vocacionadas para pessoas mais idosas. O que se tem mais é lojas para população mais jovem que não tem tanta capacidade de compra, portanto isso faz logo afastar metade da população. Há aqui coisas que não foram conseguidas encontrar de forma a dar resposta às necessidades, havia também críticas em relação ao fórum ser desconfortável, ser frio, não permitir que as zonas de esplanadas fossem ocupadas. mas eu acho que esse não é o problema, eu acho que é a atratividade. Nós durante muito tempo, antes da construção do fórum, que era necessário complementar o fórum com o comércio local, como se tem no chiado. No chiado tens o polo, mas depois tens todo o comércio local que alavanca esse polo. Mas nós não conseguimos fazer isso, porque as pessoas não tiveram esse olhar abrangente. DE forma de se juntarem todos para o mesmo objetivo. O que acontece? Fecharam as lojas de comércio mais ligado às pessoas mais velhas, ainda temos uma loja ou outra, mas tinha-se a poli etc.. que foram fechando. Era preciso um trabalho conjugado entre o comércio local e o fórum, o que eu acho que não aconteceu. Há pouco tempo tive uma reunião com os comerciantes da Avenida Alfredo da Silva e existe vontade de fazer esse trabalho, embora seja tarde, de qualquer forma dá-me dó ver as coisas como estão e por isso acho que temos que tentar.

Mariana: Não tens medo que o espaço fique completamente esvaziado? Transformando-se numa ameaça?

Tenho. Mas se me disseres assim, se o espaço fosse esvaziado e viesse a ser da câmara por algum motivo, nós encontraríamos soluções para o espaço. Noutro tipo de lógicas, nunca seria uma lógica comercial, mas não é um fácil, é um edifício demasiado grande. há várias hipóteses.. já me falaram em ginásios, mini loja do Ikea etc.. mas essas lojas grandes que podiam criar aqui uma dinâmica pagam-se e pagam-se bem. Era preciso que todos os outros dessem dinheiro suficiente. Podia-se também pôr um espaço do género de uma loja do cidadão que ajudasse alguns problemas das pessoas, etc. E há um grande outro problema que precisa de ser resolvido: o problema do estacionamento. As pessoas não põem o carro no parque subterrâneo pago, dão três voltas ao quarteirão à procura de lugar no exterior, os estacionamentos estão permanentemente vazios, e como não encontram espaço na rua vão-se embora. Este é um problema, que não se percebe numa rede de transportes como a nossa em que as pessoas têm uma ligação quase porta a porta, como é que se justifica.

Mariana: Não há espaço para estacionamento entre o fórum e a bomba de gasolina?

Há, mas é terreno particular. Esse espaço era para crescer os prédios iguais aos do fórum por ali a fora. E mesmo nos que lá estão acho que já nem duas pessoas vivem. Uma das razões para a compra da Braamcamp foi nós, câmara, podermos decidir qual é a ocupação que a quinta pode ter, porque podemos modificar o PDM. E se outro proprietário comprasse, havia a possibilidade pelo atual PDM, apesar de podermos tentar impedir e negociar, da construção não ser bem aquilo que se desejava para a cidade do Barreiro. Era preciso criar espaço para que fossemos nós a definir que aquele espaço fosse menos construído, mais naturalizado. Acho que fizemos o caminho que tínhamos que fazer. E podemos ver uma estrutura de apoio ou outra, coisas pontuais, mas não vamos construir em altura etc.

Mariana: Consegues imaginar o evento do outfest na estação? Não só consigo imaginar, como há muito tempo que desejamos isso. O que eu estava a dizer-te, já para aí desde 2009 que fomos para lá olhar, com olhos de tentar perceber o que é que se podia fazer por lá, neste caso no âmbito do Outfest claro, a ideia era essa. Equivalente aquilo que são as noites de sábado ou de sexta. Só que, era o que eu estava a dizer, na altura havia problemas com o piso onde estavam os carris, na altura já não estavam estava cheio de rebites, obviamente tu olhas para aquilo e vês ali uma plateia natural tipo um palco encostado onde as máquinas encostavam lá ao fundo... é um *no-brainer* mesmo! Tu olhas para aquilo e ya é isto.

Mealha: sim, tirando aquele centro comercial que rouba a vista ao rio

Sim essa parte na verdade não tem interesse se fores pensar no futuro daquele espaço essa parte claramente não é para ficar.

Mariana: sim a câmara nas reuniões tem dito que essa parte não é para ficar...

Mealha: essa parte antigamente era um jardim

Bem, nem eu sou desse tempo, eu sou do tempo de ver *bueda* estrangeiros na estação a passar as tardes porque o pessoal antes de haver o comboio na ponte, quem quisesse ir para o Algarve tinha que passar no Barreiro... era uma cena brutal *meu*. Pra já de tinhas comboio de 15 em 15 minutos para todo o lado, depois era os avisos: *Ladies and Gentleman, Madames et Monseurs*, tipo em Inglês e Francês o dia todo meu, vocês não têm essa experiencia, eu tenho porque ia lá muitas vezes passear, tenho essa memória mesmo, *bueda* gente, na altura...isto foi o

⁸² Entrevista realizada em conjunto com Tiago Mealha.

quê? 80 e tal... 90 e tal. E os "camons" tinham um ar muita *freak*, pessoal de mochila às costas todos sujados, para ir para o Algarve, que era como se podia fazer. Lisboa ainda não era aquela cena turística louca mas havia turistas, só que tinham todos que passar o barco, tinham todos que apanhar o comboio para ir para o Algarve. E o pessoal ia para lá, era quase uma coisa cosmopolita no Barreiro tás a ver...que se cingia àquele espaço em concreto mas vias, e ouvias falar francês e inglês nos avisos, isso era *bué* fixe.

Mariana: Pois, eu disse não tenho mesmo memória, lembro-me dos barcos antigos só.

Tiago: Eu só tenho memória de andar de comboio, o meu avô trabalhou na CP e íamos de férias para o Algarve, lembro-me de me despedir dos meus pais ali, apanhava o comboio ali naquela zona. Mas nem sequer tenho memória do interior da estação, é mesmo da parte da gare a despedir-me dos meus pais para o Algarve.

Apanhar o comboio aí também o fiz *bué* vezes, mas pronto são essas as memórias que eu tenho e vocês não têm.

Mariana: E o barco apanhava-se onde?

O barco era sempre em frente, mesmo na quina da estrutura, ainda tens barcos estacionados agora, era daí que partiam mesmo ao cantinho. Havia dois sítios, um aqui e outro deste lado (aqui e aqui - apontam para planta).

Mealha: este pontão ainda está lá..

E depois os autocarros eram todos aqui [planta], vocês não estão bem haver o caos, imaginem já havia para aí até ao 15 na boa, tudo aqui, tinham que fazer marcha atrás, dar a volta, as paragens estavam todas aqui neste espacinho...era caótico meu, aquele espacinho para 15 carreiras, eu apanhei isso tudo para ai até aos meus 13, 14 anos na boa.

Mealha: Estudaste em Lisboa?

Sim

Tiago: então fizeste aquele movimento de ir e vir todos os dias, ias de comboio ou de autocarro para a estação (ou a pé)?

Bem, deixa-me ver... eu já vivi em tantos sítios aqui no Barreiro...Vivi nos casquilhos até para ai aos 15, 16 anos, depois mudei-me ali para a Verderena mesmo na esquina, naqueles arranha-céus que ali estão, aí ia a pé claro, mas nos casquilhos apanhava o 15, era o clássico. Depois quando morei aqui em baixo com os meus avós também e quando era mais novo apanhava o autocarro, já morei em tantos sítios aqui em baixo depois, mas quase sempre a pé. E para Lisboa, *ya* foi a faculdade, trabalho, depois tive 5 anos a morar em Lisboa até há 3 anos e tal atrás e aí era uma cena muito fixe que era fazer tudo ao contrário da hora de ponta. Ir para o Barreiro trabalhar, tipo apanhar o barco das 8:30 para cá, *super zen* e depois bazar às 17 ou 18 também *super zen*.. é impressionante como isso muda completamente a nossa perspetiva toda da cena do comute e do cansaço.

Mariana: fazias isso muito mais facilmente não?

Ya não sentes aquele peso, quer dizer é o peso de toda a gente no fundo, acabas por entrar ali num estado mental de pressa e de stress porque é toda a gente a andar para todo o lado e quando invertes isso tira mesmo *bué* esse peso de, *ish* tenho de ir ao outro lado, isso é *bueda fixe* uma experiência diferente, e quase ninguém vem trabalhar para o Barreiro de Lisboa.

Tiago: Eu na minha tese também vou falar da viagem de barco e de comboio, mas é mais naqueles momentos especiais do pôr-do-sol e nascer do sol. Um estudante apanha sempre o barco para aí com o nascer do sol, um estudante ou trabalhador, e depois volta com o pôr-do-sol, e eu acho que esses dois momentos com aquela envolvente são muito especiais.

Ya...mas pronto para terminar acho fixe esse inverter da rotina, saí muito peso de cima, é muito engraçado, e apanhava muitos turistas a vir de manhã, os famosos 5 ou 10 turistas que apanham o barco de manhã para cá sem saber o que é que se passa, vinham *bué* tranquilos também.

Depois chegam ali, como alguns me disseram, viram o maior parque de estacionamento que viram na vida e voltaram para trás, não sabem o que fazer.

Mariana: Pois é. Mais-valia ter algum elemento de forma a guiar as pessoas.

Epá, valia *bueda* coisas, sinalização de onde é o centro da cidade, um posto de turismo do lado de lá...

Mariana: o que é que tu vias a estação a ser, sem ser para a associação ou para eventos?

Epá, eu tive uma fase em que olhava para tudo e via um espaço para fazer concertos.

Tiago: Sim nós também ainda estamos nessa fase

Ya, ainda é um bocadinho sempre nessa perspetiva mas agora numa perspetiva mais de cidade ou o que é que podia ser interessante... eu tenho várias perspetivas para aquele sítio, não tenho nenhuma definitiva: ah isto devia ser isto! Acho por um lado, que há uma coisa que neste momento é irrealista, de alguém fazer ali um hotel, acho que era tipo hotel para ser capa de revista em todo o lado, porque vocês já imaginaram?

Mariana: já...

É uma cena... chegar de barco e ver aquilo. Mas é irrealista quer dizer não se justifica haver um hotel no Barreiro. Justifica haver um hotel mais cedo ou mais tarde, mas ali era uma cena já tão topo.

Mariana: sim um hotel talvez não, um *hostel* ou assim uma coisa mais informal.

Tiago: Porque o hotel ia privatizar aquele espaço.

Sim, há uma série de desvantagens, estava a falar numa perspetiva puramente cénica., e nesta fase da vida do Barreiro não faz sentido

nenhum haver um hotel ali.. nem um hotel a sério. No centro da cidade começa a fazer sentido haver um hostel uma coisa desse género. Por isso é que eu digo que é uma perspetiva que não é realista nem é para agora...

Mariana: Sim tu imaginares: para onde é que vou? e veres uma estação sobre o rio naquela paisagem...

Ya isso dá mesmo aquele *wow factor*...

Mariana: e podíamos ainda ter uns barcos privados, do hotel que faziam a travessia.

Exato, existe uma coisa que tem vindo a ser falada que é o táxi fluvial, que não deve ser fácil de implementar, de vez em quando alguém fala nisso, na questão de haver transportes privados para atravessar o rio, barcos para 5, 6 ou 10 pessoas...A expressão táxi fluvial existe mesmo. De vez em quando alguém manda isso para o ar mas isso é uma coisa que alguém só se pode meter se quiser fazer negócio disso, não sei se ia ter viabilidade económica. Não sei como é que essas coisas são.

Tiago: O que eu estou a pensar mais para a função do edifício seria transportar o arquivo municipal que neste momento está ali na Quimiparque.

Então mas eles acabaram de investir montes de dinheiro nisso

Mariana: Sim o espaço memória está bom, mas o espaço de arquivo mesmo é terrível, não tem luz natural, etc.

Sim ao lado é um armazém cheio de coisas...eles fizeram isso tão recentemente que dá a entender que isso seria suficiente ou que lhes bastaria mas aquilo de facto não parece ter grandes condições. Isso é mais uma daquelas coisas mas depois afinal...

Mariana: pois... parece que investiram no espaço memória mesmo e depois aquele espaço que ninguém vê ficou assim... só pode ser essa a razão... porque eles não parecem ser felizes a trabalhar ali

Ainda queres que sejam felizes! ya... não devem ser, mas é burro, se for assim é burro porque se vão fazer uma cena de raiz deveria ser feita para poder durar vários anos em condições, em teoria. A cena do espaço memória ali naquele sitio eu percebo, é uma tentativa de criar ali um polo qualquer que leve lá pessoas, mas como quase tudo o resto aqui.. A comunicação das iniciativas que são da responsabilidade da câmara deixa sempre muito a desejar não sei, as coisas ficam sempre um bocado a meio, começam uma coisa e depois não se dá continuidade, é tudo muito esporádico, não sei qual é que é a estratégia para comunicar o espaço memória à população.

Mariana: Eu acho que eles fazem coisas como inicio e incentivo ao desenvolvimento à volta desse início mas depois não o desenvolvem.

Sim, tiveste outro exemplo aqui há uns anos em que eles lançaram um logotipo da Avenida da Praia, não sei se repararam

Mariana: mas isso não foi feito pelo porto de Lisboa?

Não sei.. Alguém fez aquela noite branca

Mariana: Isso não sei o que é...

Era uma festinha assim toda...para aí há dois anos

Mariana: tipo Barreiro on the beach?

Não, não.. Mesmo noite branca...criaram um logotipo da Avenida da Praia, acho que a ideia foi juntar as pessoas que tinham ali restaurantes e bares e criar ali um conceito, uma marca vá lá, mas a única coisa que subsiste disso é um anúncio que ainda está nos autocarros, que está dessa altura, mas não há mais nada, não se fala dessa estratégia depois.

Mariana: Há um plano que está a ter continuidade, e gostava de saber a tua opinião acerca do espaço que é o espaço Alburrica que está a ser agora renovado também de uma forma mais de promoção do espaço, como isso na Avenida de Praia, também vão fazer um logotipo, vai-se chamar "os moinhos" ou uma coisa do género e vão

aproveitar o espaço Braamcamp, e era para saber se tens alguma ideia para o espaço, em termos da ruína por exemplo...

Sim. a gente pode acabar de falar da estação velha...Eu acho que vocês todos já viram aquele desenho do Miguel que foi colado na parede de certeza...aquilo para mim dá vontade de dizer não mexe mais tás a ver? Pelo menos naquela esquina, ali uma espécie de café bar...o passadiço dali para o moinho faz sentido e também foi falado naquela reunião. Faz sentido complementar aquele circuito.

Mariana: Eu perguntei a um dos arquitetos que desenhou os passadiços e ele disse-me que não tinham pensado nisso.

Sim mas faz todo o sentido fechar o círculo, lá está.. mais uma vez querem captar, eventualmente pessoas que venham do lado de lá para vir aqui, é por ali.

Mariana: pois... é que eles fragmentam muito os terrenos, quando pensam, pensam numa visão muito estratégica e política do território, e Alburrica é Alburrica, não pode jogar com os outros espaços. Pelo menos é essa a impressão que me dá...O ferroviário é o ferroviário, o Alburrica é o Alburrica... acho que separam muito mas depois não articulam os espaços, na cidade não se vive assim...

Pois se for assim não faz sentido nenhum

Tiago: o melhor é que nas reuniões da câmara a ideia é sempre da junção...

Mariana: sim, mas mesmo se olhares para os planos há um plano da CUF, um plano para a estação e um plano de Alburrica

Tiago: pois é, pois é, há sempre aqueles limites também por zonas

O que é ridículo porque só numa cidade pequena é que isso dá para separar quer dizer, a dimensão desse território se isto fosse em Lisboa tinha que ser o mesmo projeto para tudo por exemplo, mesmo que seja separado por fases, aí tudo bem mas tem que haver uma estratégia completa no início...quer dizer o discurso é esse...

Mariana: Sim, o discurso é de uma visão global. É assim, eu acho que talvez o património ferroviário não deva ter a mesma abordagem que a Braamcamp por exemplo, mas o projeto de articulação deve ser o mesmo.

Mas em termos de urbanismo tem que ser porque é a mesma zona, pode não ser a mesma funcionalidade, agora tipo acessos, ligação entre as coisas...

Mariana: Havia um plano que ligava a polis, alias, o plano da Pólis é uma versão minúscula daquilo que estava previsto...

Sim aquilo foi a mini polis

Mariana: Exato, e era para ligar até à ponta do Mexilhoeiro, passava pela estação e não sei quê. Entretanto eu não sei muito o que aconteceu a esse plano, porque já ninguém fala dele, estão a fazer planos novos...

Não recebeu financiamento completo e depois ficou dentro da gaveta e se calhar também não se quer falar muito nisso...

Mariana: Mas porque é que em vez de novos planos não se vão buscar esses e se desenvolvem, para se dar continuidade?

Não sei. Também para defesa, dentro daquilo que eu sei, às vezes...isto foi logo dito pelo Rui Lopo naquela apresentação, mas eu sei que isso é verdade. Às vezes as candidaturas que há aos fundos, são bué específicas, ou seja tipo, mesmo que haja uma prioridade que tu identifies aqui, há certas candidaturas que só permitem candidatares-te a outras coisas, pode ter sido o caso também, ou seja, aquilo que financiou o polis que foi feito se calhar neste momento não está disponível para financiar o resto, então estava disponível por exemplo para a questão de Alburrica, pode ser por aí, isso nem sempre é muito linear.

Mariana: sim não é tão linear quanto parece

Isto quando são candidaturas, se quiseres usar as verbas da câmara ou pedir empréstimos para aquilo, aí é outro filme, não é fácil. Mas pode ser

um bocado por aí também. Mas vocês têm a mesma sensação que eu tenho que às vezes as coisas ou quase todas as coisas começam e não são bem acabadas.

Mariana e Tiago: sim...

Também têm esse feeling...

Mariana: Em qualquer tipo de urbanismo é difícil dar, aliás, para mim o urbanismo nunca está terminado, ele está sempre a desenvolver-se, mas parece que ficam sempre no início, é isso

Tiago: Sim especialmente aqui no barreiro

Sim eu neste caso vou mesmo ao nível do pormenor, eu tenho sempre a sensação que as obras nunca são completamente terminadas, mesmo as pequenas coisas, ali na rua Vasco da Gama, que eu passo por essa rua para ir para casa e estava a passar à hora do almoço, tiveram a instalar aqueles contentores enterrados e fizeram um bocadinho de passeio extra e como em quase tudo, ficou *bueda* terra à volta da obra que fizeram, há uma parte do estacionamento que ficou em areia, não voltaram a asfaltar, e vai ficar assim, eu tenho a certeza que vai ficar assim para os próximos anos, e é uma cena pequeníssima! Mas é um bocado igual a quando fizeram as obras aqui na Avenida Alfredo da Silva e na estátua e no mercado... não sei se vocês têm noção, mas a poeira que ficou no chão, aquilo demorou anos até o vento levar aquilo, anos e *buéda* areia a voar na cara das pessoas durante anos e anos.

Mariana: epá mas essas obras foram uma tortura nunca mais acabavam.

Pois foi e nem ficaram bem acabadas...é sempre. *fuck* mais que não seja limpar os restos que ficam sempre lá meu.

Mariana: Acho que no terreiro do paço também ficaram imenso tempo pedras soltas...

Ya. Mas porquê isto, custou bué dinheiro e era só acabar, mas há sempre essa sensação de incompletude e depois quando vais a coisas maiores

como o polis ainda pior é...Anyway eu estava-vos a falar da cena que o Miguel Amado pôs ali para aquele bocadinho...

Mariana: Sim, isso é mesmo quase a minha tese, muitos desenhos assim, aliás até podia ser o nome dela: isto podia ser assim.

Vocês viram aqueles projetos agora que ganharam aquele concurso do European, para ali também? Eles no geral eram interessantes, ou seja aquela ideia de criar ali uma espécie de percurso pedonal, mesmo não querendo fazer algo maior do que isso, mas um percurso pedonal em que se mantivesse obviamente, pelo menos a estação remodelada e a gare, mesmo que fosse só uma zona de circulação mas como deve de ser, com enquadramento paisagístico e urbanístico, independentemente da função, só isso já podia fazer uma diferença grande não é...para já eliminar a sensação de ruína e o que é que se vai fazer daqui e aquele edifício até podia não ter já uma finalidade mas estar já preparado para vir a receber alguma coisa e estar enquadrado já ...

Mariana: Sim como vão fazer no moinho Pequeno.

Como dizem que vão fazer...

Mariana: Pelo menos já vi alguns desenhos.

Eu já vi muitos desenhos de muita coisa nesta cidade...Olha uma das coisas que eu queria fazer um dia, entretanto e já foi feito em Lisboa...Já tenho esta pancada há anos, que era uma exposição de coisas que não aconteceram no Barreiro: Maquetes, desenhos...Se quiserem fazer isso um dia bora *meu*, eu ando há anos a chatear o pessoal, temos que fazer uma exposição de como é que era...era quase o isto podia ter sido assim, o futuro que não foi, este tipo de coisas. Porque já só isso ia dar assim uma cena: aahhhh ah era?

Mariana: E era bom para informar a população

Sim, sim, e já vi muito material para isso, desde o *Masterplan* da Quimiparque a outro tipo de coisas

Mariana: O *masterplan* da quimiparque...o que é que se passa com ele? Eu vi o da baía do tejo, e a conferência acerca da casa museu Alfredo da silva. Mas eles não falam nunca desse plano, que foi feito pelo *atelier* de arquitetos Risco. Eles ainda estão a seguir, sabes?

Não, acho que não. Esse plano foi numa altura em que se pensou que ia haver dinheiro como houve antes da crise, e em que se pensou que se ia fazer uma expo do lado de cá, naqueles territórios. Não uma expo mas um parque das nações, uma coisa assim nesse nível de reabilitação, porque aquilo implicava, não era só aquela parte, vocês vêm, aquilo implicava um corredor verde pela escavadeira, uma cena pedonal à volta...Era um plano megalómano, implicava acho eu, passar a estação dos barcos para o Lavradio também, e o comboio saía de lá.

Mariana: sim, porque ia receber a terceira travessia do Tejo

Sim estava dependente de receber a ponte... mas pronto é maravilhoso olhar para aquilo. Eu cheguei a pensar que para aí aos meus quarenta anos, faltam-me tipo 3 anos e meio para isso... ya esta cidade vai ser incrível, vai tar brutal...

Mariana: E está praticamente igual?

Sim...

Mariana: Pois... eles continuam a seguir aquele plano, que acho que é só económico, da baía do tejo

Sim há aquele problema da descontaminação do solo, sobre o qual eu não sei muito mas acho que é um assunto um bocado incontornável, não podes fazer ali cidade sem aquilo estar descontaminado...agora a obra que vão começar ali finalmente... acho interessante.

Mariana: o do museu?

O da rua da união que vai implicar o museu, mas pronto é tudo um bocado aos bocadinhos e mesmo assim não faz sentido. Eu fiquei a saber, a cena da Avenida da praia quando liga ali com a rotunda do largo das obras, que há aquele estrangulamento ali, que é absurdo...Aquele prédio

devoluto, que lá tá, teve ali em leilão o ano passado, foi um daqueles lotes ali no Barreiro antigo que tiveram no leilão, houve lotes vendidos por 5 mil euros cenas assim, e aparentemente acho que havia oportunidade da câmara adquirir aquela porcaria para demolir e abrir...não foi considerado relevante acho eu, ou prioritário, e agora estão a fazer a outra obra lá e não sei quê, e aquilo vai continuar ali com uma cena assim, era uma boa oportunidade digo eu, não sei...

Mariana: eu não estou a ver como é que é o edifício, é mesmo uma ruína?

É uma casa entaipada, com mais uma parte de ruína, e se tu fores ver, eles agora fizeram uma intervençãozinha também em frente aquele edifício que é de serviços da câmara, em frente à rotunda, e então entre esse edifício e a Avenida da Praia, tens a casa transmontana, depois tens um baldio e depois tens esse edifício devoluto. Tens ali um baldio que dá para ver da Avenida da Praia para a parte nova que foi arranjada mas vai ficar ali aquele baldio.

Mariana: É onde está o grafiti da borboleta?

Ya, fica sempre aquele feeling de ya isto é novo mas está aqui uma porcaria completamente desenhada à mesma e abandonada e não se fez nada...não sei não sei... Eu não tou por dentro dessas coisas mas nós temos sempre esse feeling de que a coisa é feita mas podia ter ficado como deve de ser...

Mariana: Mudando de assunto, a vossa ideia de começar a associação, como é que surgiu? Muito resumidamente...como associação

Sim, como associação. Nós começamos a fazer o festival em 2004, informalmente, fizemos o primeiro Outfest, na altura tocávamos todos também, lançamos uma editora na altura da primeira edição do festival. E depois esporadicamente íamos fazendo uns concertos fora do festival, mesmo só assim pelo selo da editora, entretanto fizemos cinco edições de Outfest e achámos que, por uma questão de dar mais seriedade ao

trabalho, seria importante haver alguma coisa formal. No fundo, formalizar essa estrutura foi assim uma decisão assim muito prática. Porque no fundo aquilo que é a associação ou a dinâmica já tinha começado, foi mais no sentido de formaliza-la.

Mariana: Ok, e dantes era onde? Só na chapelaria? Quais foram os primeiros sítios?

Sim, ainda antes de haver associação...o Outfest já tinha passado por vários sítios nesses anos, o primeiro ano foi nos penicheiros, e foi nos penicheiros porque foi planeado originalmente para ser no antigo matadouro, porque na altura ainda havia espaço B, o Vítor estava a estagiar lá como técnico de som, havia ensaios lá também e havia concertos todos os fins de semana, aquilo foi assim um sítio *super* importante e a falta ainda não foi suprimida para começar. Porque havia uma dinâmica muito interessante que era sexta ou sábado tu ias até lá mesmo sem saber quem é que ia tocar ou não, porque havia concerto tás a ver? Isso nunca mais aconteceu aqui.

Mariana: Eu por acaso nunca tinha ouvido muito falar sobre isso. Sabia que tinha havido aí um espaço cultural...Eu lembro-me de ir lá em miúda mas não sabia que tinha sido mesmo um sitio que se frequentava.

Sim aquilo era um sítio fixe. E para mim coincidiu com os últimos anos em que também a dinâmica na noite do Barreiro velho ainda estava mais ou menos saudável, agora já está para lá de morta, já não é uma questão de não estar saudável. Mas era uma altura em que toda a gente se encontrava no largo dos penicheiros basicamente, era aquele *meeting point* em que não era preciso combinar nada e tavas nos penicheiros e depois tens N opções, tinhas a chapelaria, tinhas a vinícola, tinhas tudo aberto ainda, tinhas o portão etc, e ainda era rico e acontecia muito ir-se para o matadouro sexta ou sábado e à meia noite, baza vamos lá ver o que é que se está a passar, ia todo o tipo de bandas lá e era mesmo muito fixe haver essa sensação de saber que havia um sitio onde podias ir ver musica ao vivo percebes? Às vezes sabias quem é que ia tocar, outras vezes não

sabias, mas estavas lá à mesma, isso perdeu-se. *Anyway*, o facto de existir esse espaço também nos motivou: bora vamos fazer um festival, começou por ser uma cena de sexta sábado e domingo, lá no matadouro, e entretanto 15 dias antes do festival acontecer, o matadouro foi encerrado...15 dias ou menos até.

Mariana: ele era de quem? da câmara?

Sim sim, o que eu me lembro de ouvir falar é que tinha havido uma denuncia qualquer por causa das condições do espaço e fechou até hoje, foi assim brutal...

Mariana: E vocês não sugeriram a reabertura nestes anos todos?

Isso foi falado muitas vezes, aquilo depois rapidamente passou a ser um armazém de tralha, entretanto o moto clube foi ganhando território, lá dentro. Porque aquilo era um espaço brutal lá dentro, tinhas uma entrada muito ampla, tinhas a sala de concertos, mas depois lá para dentro ainda tinhas várias salinhas tás a ver, e nós tínhamos acesso lá porque o Vítor estagiava lá e tinha uma sala muito fixe que era quase um estúdio gigante onde também podia haver concertos e uns gabinetes etc, pronto mas isso depois foi transformado em armazém, depois o moto clube começou a ocupar esse espaço também. Basicamente o que aconteceu lá é que as obras que eram necessárias para aquilo poder abrir, nunca foram feitas, nunca se teve essa opção. Entretanto isso saiu um bocado, foram passando os anos e isso deixou de ser conversa, deixou de ser discussão. Mas isso era muito importante. Bom *anyway*, era para ser lá, foi nos penicheiros, cortamos só para sexta e sábado; no ano a seguir, ferroviários e chapelaria, depois ferroviários e chapelaria também...

Mariana: A chapelaria o que é que lhe aconteceu?

Tiago: Onde é que era a chapelaria?

Mariana: era ao pé da portuguesa não era?

Já não existe, foi demolida...

Mariana: ah já foi demolida?

Foi e já estão a construir lá casa, projetos ou alguma coisa... tinha umas escadinhas, assim três degraus de cada lado e depois uma travessa que ia para a rua da morte, e tinha traseiras para a avenida da praia.

Mariana: Qual é a rua da morte? A rua da miséria?

Sim, os sinónimos são todos mais ou menos semelhantes, ninguém sabe o nome da rua...não, sabem é a rua Aguiar. E tinha a entrada principal que passou a estar quase sempre fechada porque aquilo era só *mitragem* mesmo em frente ao “Catarina”, que agora acho que é uma igreja. O catarina era mesmo em frente à porta principal da chapelaria e era assim um sítio meio surreal como todos ali. Mas não sei, não sei porque é que fechou, não tava a dar...não sei. Também era um espaço assim já meio degradado mas foi um sítio *super importante*, mesmo, era assim um ponto de encontro. E deu para fazer concertos lá

Mariana: Vocês foram ficando sem sítios para fazer os vossos concertos...

Não sei, depois fomos fazendo no AMAC também e fora disso, fora do festival ainda antes de haver associação, que era aquilo que me tinhas perguntado, fomos bater à porta do Tab, ao pé da transmontana, um teatro que ali há, a oficina teatro Mário Pereira. Nunca tiveram lá dentro?

Tiago e Mariana: Não.

Um sítio *bueda* querido, fizemos lá vários concertos, concertos fora do festival e também do festival, uma salinha muita gira para aí para 50 pessoas, com um palco, é uma companhia de teatro daquelas do Barreiro, ainda existe, mesmo a seguir à transmontana. Está ali uma travessa e tem uma porta azul tipo porta de garagem que dá para a Avenida da praia logo ao início, não sei se tão a ver, depois entras pela outra rua.

[...]

Mariana: então agora o teatro está a ser o próximo herdeiro?

É uma das hipóteses, estávamos a desenhar a programação com base no B jazz e agora de repente temos de alterar uma série de coisas, temos a ser forçados a alterar uma série de coisas. Aquilo que programas obviamente tem de ter a ver com a sala, e isso é uma coisa que sempre fizemos, e o facto de já termos feito coisas em tantos sítios diferentes, quer no festival quer fora dele, é haver aquela ideia de que não é a mesma coisa fazer concerto de rock aqui ou um concerto de jazz aqui, e ir à procura de espaços que tenham a ver com aquilo que queres fazer. E os próprios espaços também estimularem e darem certas coisas. Sei que nós já corremos certa de 30 salas diferentes aqui no Barreiro, é assim um bocado incrível. Praticamente sem sair do centro.

Mariana: Mas o que é que achas...imagina, Lisboa está na bera, eu vou ao centro de Cacilhas e há movimento. O que é que achas que aconteceu ao Barreiro, para esses sítios, o Alburrica, o portão, a vinícola...fecharam todos. Porque é que não são reaproveitados ou porque é que não há esse interesse?

Eu não te sei dizer...estava a discutir isso com um amigo no outro dia, um gajo que é de Lisboa... Não sei, houve aqui um momento em que essa zona toda e essa dinâmica noturna teve a decair francamente, mas enquanto caía parecia-me que havia hipótese de fazer alguma coisa, mas isto já foi há muito tempo, porque agora acabou! Agora, não sei como é que se pode trazer de volta, porque acabou já não é uma questão de voltar a injetar um bocado da energia que se perdeu porque ela morreu mesmo. Acabou-se. Portanto tenho sérias dúvidas até que valha a pena, eu penso nisto porque é aquele saudosismo normal de quem viveu as coisas ou passou pelas coisas, e que achava que era mesmo muito importante, mas acho que nesta fase pensar em como é que trazemos isso outra vez, não sei se faz sentido...agora é ver o que é que se faz de novo, percebes, porque os bares fecharam... A vinícola já não existe, é uma vivenda, a

chapelaria vai ser também...já nem sequer o próprio espaço existe tás a ver...

Mariana: E a vinícola...

Ya eu ia para lá com quinze anos ao domingo à tarde, ouvir *death metal* e beber cerveja, era lindo meu...para além do que se fazia à noite...Mas era.. eu sempre cresci a ouvir esta história, epá o Barreiro à noite aquilo é que era, eu ia para lá e os meus amigos iam para lá. E isso acontecia muito mesmo, era uma cena *bueda* rica. Eu tive esta conversa sábado à noite, eu acho que a dado ponto tu podias ir para aí para quinze sítios diferentes e podias escolher não ir para outros quinze porque não eram a tua onda.. e pensares em trinta sítios abertos naquele quarteirão que é o Barreiro Velho é quase surreal hoje em dia não é...mas era assim, era mesmo assim. Desde bares para ires ouvir *heavy metal* a bares para ouvir *indie rock*, ias pa discoteca para engatar miúdas ou *whatever*...havia tudo meu. Era incrível...A própria Avenida da Praia, tou sempre a falar nisto, mas era muito engraçado porque não tinha iluminação nenhuma, tinha sebes *bueda* altas entre a muralha e a parte da relva e a muralha tipo duas da manhã a um sábado aquilo tava cheio, de uma ponta à outra cheia de grupinhos completamente no escuro, a fumarem as suas coisas com *boombox* a ouvir som de metal aqui, não sei quê lá à frente, pá e era seguro, havia aquela cena de estarmos completamente em casa, em comunidade, isso era espetacular, era absolutamente incrível.

Mariana: E agora com luz sentes-te menos seguro.

Porque havia muita gente, havia mesmo muita gente...

Mariana: pois a malta agora vai toda para Lisboa.

Eu acho que houve um gap aqui qualquer, geracional, e vocês são provavelmente uma ganda exceção a esse gap e ainda bem. Mas eu acho que provavelmente quando aquilo começou a decair um bocadinho ou a ficar mais degradado, houve uma fase de transição qualquer, e secalhar houve miudos que com 18 ou 19, 20 anos, perceberam: epá o que é isto? E se calhar começou a ser mais fácil ir para Lisboa mais cedo. Acho que

temos uma geração ou duas que fez um skip total ao Barreiro, tipo deixou de fazer parte sequer e nós não eramos assim, nós não tínhamos necessidade nenhuma de ir para o bairro ou que fosse para onde fosse para ouvir o som que queríamos ou para ver gente...não havia mesmo essa necessidade, isto tava cheio a uma sexta ou um sábado, era uma cena mesmo impressionante, e era de uma ponta à outra do Barreiro velho, desde o largo das obras que havia uma cena das tostas e não sei quê, até à igreja que havia o swing, uma cena de hamburgueres com uma jukebox que era brutal...isso existia tudo...

Mariana: era uma espécie de Bairro Alto.

Exacto, já foi, e mesmo assim tenho ideia que a malta que tem para aí mais 3/4 anos que eu ainda viveu isso mais intensamente que eu só comecei a sair lá pa 95/96, e esse pessoal então é ainda mais militante, mas eu ainda apanhei isso tudo e havia coisas muito fixes e até para aí 2003 houve coisas a acontecer. Mas era literalmente o Barreiro todo, e havia bares em todo lado, havia percursos em todo o lado e grupinhos em todo o lado. Como é que isso tudo foi daí para o zero é que eu não vos sei dizer, mas o que eu sei é que foi para o zero, não é a mesma coisa que dizer que está fraco. Não está fraco, acabou. Portanto se calhar já não faz sentido pensar como é que se vai resolver.

Mariana: Tens os penicheiros só...

Os penicheiros eram a entrada da noite, onde se ia beber café, um copo ou dois. Depois houve uma fase muito fixe em que o largo estavam literalmente centenas de pessoas e depois começava cada um a dispersar para as suas capelinhas...mas era, era incrível era mesmo muito fixe, e é uma diferença abissal, hoje já não existe portanto acho que não vale a pena, hoje é pensar no que é que se faz ali.

Mariana: É isso, e o que é que tu achas que se faria? Mesmo que seja radical

Eu por um lado, como vivi isso penso sempre um bocadinho, apesar de vos estar a dizer isto racionalmente, mas emocionalmente penso sempre

porra era tão fixe termos uma vida noturna como deve ser...mas está tão longe, eu acho que sempre tive um bocado a cena de para isso acontecer têm de vir pessoas de fora, e no geral para o Barreiro aquilo que tem que acontecer é têm que vir para cá pessoas. Seja para ali seja para onde for, tipo coisas que não impliquem mega projetos, que impliquem só pá vender um bocado a cidade de qualquer maneira...o Barreiro sabe vender-se muito mal, quem vende o Barreiro somos nós que somos barreirenses e vamos para ao pé do pessoal e dizemos: ah mas aquilo é fixe. Aquilo é fixe mas ao mesmo tempo sabemos dizer que é uma *merda*...vive-se sempre com a cena amor-ódio, isso sempre foi assim, mesmo quando era realmente muito mais fixe também havia aquela cena do buraco e não sei que, o pessoal nunca tá satisfeito. Mas sei lá mesmo a nível oficial tentar...mais não seja não ter a vergonha de dizer ao pessoal pa vir para aqui porque as rendas são baratas. *Hey* é verdade meu, Lisboa tá a ficar impossível, tá a ir *bueda* gente pa Caparica, está a ir *bué* gente para Almada, à procura de rendas mais baratas... venham para aqui também. Tentar arranjar uma cena tipo uma mini agência de promoção do Barreiro e uma parceria com as imobiliárias e com os proprietários, pá ir para as faculdades vender ao pessoal de Erasmus: olhem querem casas muito mais baratas a 20 min de Lisboa de barco e vêm conhecer uma cidade que até tem alguma dinâmica, mas vocês podem fazer coisas lá e tudo em vez de assistirem só. Porque isto é uma cidade que se alguém chegar aqui e quiser fazer alguma coisa até é bem recebida, é acolhida de braços abertos, e não há aquela competição assim brutal, não está tudo feito, ainda está muito por fazer também.

Mariana: Isso das faculdades foi uma oportunidade que o Barreiro perdeu por ter posto aquela faculdade nos fidalguinhos, porque se tivessem posto a faculdade no Barreiro velho ou na CUF tinha-se gerado uma vida completamente diferente.

Também sim, é só mais um sítio onde as pessoas vão de carro e bazam para onde quer que vivam porque não houve feita aqui a cena da cidade. Temos o espetáculo bizarro da praxe uma vez por ano...o centro conseguiu ficar com a pior parte de uma universidade, não está mau. Os velhotes, os reformados podem ficar a olhar para os jovens a fazer *merda*,

bueda fixe, uma vez por ano. Mas foi só isso, mais nada. Mas pronto isso aconteceu não há mais nada a fazer agora, mas conseguir que viesse para cá pessoal de Erasmus, conseguir que a comunidade mais artista de Lisboa que só quer é um sitio pa dormir e se calhar até arranjava aqui espaços para ensaiar ou para ter estúdios etc. que a gente sabe que isso existe, nós não conseguimos vender essa cena lá meu...Eu acho que se viesse gente nova, e pessoas que tenham algum pendor ligado à cultura ou às artes podiam ajudar a revitalizar a questão do Barreiro velho em concreto tás a ver...

Mariana: Sim, mas eu também concordo contigo, acho que tem que ser alguém que não é de cá com uma visão diferente.

E até pode ser alguém de cá, mas que seja formado ou tenha uma forma diferente de pensar e de passar a mensagem sem ser de uma forma militante, mais naquela de, olha há razões racionais para poderem vir para aqui e as emocionais vocês conhecem quando cá vierem um dia. E traze-los aqui, fazer mesmo operações de charme, no fundo o que eu tou a falar é de algumas operações de charme. Tragam-nos a uma noite de concertos, mostrem-lhes coisas.

Mariana: pois é o que fazemos com colegas nossos que depois de virem uma primeira vez voltam cá.

Ya, há sempre histórias destas. Dos mais *freaks*, a gráfica, a malta do design que tem feito o design para o Outfest nos últimos três anos, vieram cá uma vez para lhes mostrarmos a cena da cidade, para eles perceberem um bocado qual é que era o conceito do festival naquela de fazer um briefing e fazer uma visita aqui. Então...epá sim senhora isto é muito interessante. Passados três meses, ah o não sei quantos, lá o boss, faz anos, e vamos fazer um pic-nic aí em Alburrica, vieram tipo 30 manos de Lisboa, 29 nunca tinham estado cá e fizeram uma cena cigana ali em Alburrica, mesmo a tarde toda, mesmo picados pelas melgas: isto é brutal. Tá sempre a acontecer este tipo de histórias. Isso é fascinante, mas porque é que só se consegue isoladamente? Podia-se tentar transformar isso numa estratégia mesmo tás a ver...porque isso é uma coisa que não

implica grandes projetos nem grandes construções nem coisas que vão ficar dependentes de n fatores, ainda há casas para alugar meu, ou pa vender para quem quiser vender. Há espaços para quem quiser fazer escritório ou estúdio ou *whatever*. Lisboa está a ficar saturada, se bem que Lisboa ainda tem zonas, Lisboa ainda tem muitas zonas para “gentrificar”, tens Marvila agora que é para onde tá tudo a ir. Marvila é um pequeno Barreiro, eu sempre passei ali e pensei isto qualquer dia vai acontecer, isto faz-me tanto lembrar o Barreiro. E já tá a acontecer, mas não vai durar muito...Eu acho que um bocadinho de “gentrificação” no Barreiro era a melhor coisa que podia aparecer. Porque a “gentrificação” ya é muito mau: é! mas temos que perceber o contexto, cinco anos de “gentrificação” não iam estragar o Barreiro todo, iam fazer *bueda* bem, e depois arranjar uma estratégia.

Mariana: Sim, tal como andamos a estudar a partir dos anos 80 houve um declínio brutal de população. Nós precisamos de gente.

E depois há aquele gap geracional que eu digo que é dramático. Porque nós aqui o que é que nós vimos, mesmo no centro, o que é que é o grosso da população? Pessoas com mais de 60 anos e miúdos com menos de 18 que andam na escola. Em termos de percentagem, quem vive aqui o Barreiro de facto é dramático. Porque esses putos quando acabarem a idade da escola fazem o que os outros fizeram: bazam. Porque não há aqui nada...o facto de eu e muita gente da minha geração se calhar ter ficado aqui é porque vivemos com esse ambiente que era propício e era interessante, não houve propriamente aquela cena da malta nova de não há aqui nada para ir, vou embora assim que puder. Mesmo assim houve muitos da nossa idade que bazaram, mas alguns ficaram ainda. Nós chegámos a ter sete lojas de discos, para comprar discos, aqui só no centro, ao mesmo tempo. Tá bem que discos já não existem, isso não é um bom exemplo, mas para teres essa ideia meu. Sete! Eu queria comprar um cd ou um vinil e tinha sete sítios para escolher, e eu era todo Cd's, sempre fui desde puto. É só um exemplo interessante de como era...

Mariana: Era discos, roupa, clubes de vídeo...

Querias comprar “doc martens” compravas aqui também e tudo mais meu...havia aí um bocadinho disso tudo.

Mariana: Mas eu acho que essa cultura, a cultura alternativa, é o que pode voltar a erguer o Barreiro, porque Lisboa não é promovida por essa cultura...

Claro que sim, Lisboa para nós é Nova Iorque, à escala do país, tens a sensação de ser outro mundo. Vocês vão para Lisboa e pensam que estão noutra país, eu penso sempre. Mesmo tendo lá vivido, a diferença das realidades é abissal mesmo. Se nós pudéssemos ser Brooklyn para Lisboa era muito bom...

Mariana: Ainda tamos um bocadinho longe...Mas acho que temos essa capacidade

Claro que temos, mas Lisboa tem essa cultura toda, tanto que é uma cidade gigante, à nossa escala então, à escala de Portugal, pronto é o que é. Só que é isso, dilui-se, porque depois há muitas outras coisas que vais falar em Lisboa, não é só por aí (por essa cultura) que vão falar. Se tu conseguisses que 5% dessa cultura, transitasse para o Barreiro de alguma maneira, se calhar já era um assunto, já começava a marcar a identidade do Barreiro, como somos muito mais pequenos, qualquer coisa assim já dava uma imagem muito diferente. Até porque nós acabamos, por causa daquilo que se vai fazendo, até temos uma imagem mais ou menos interessante junto de algumas pessoas que conhecem aquilo que se passa mais em termos culturais. Se com coisas esporádicas até consegues mandar essa imagem, com mais regularidade também conseguiríamos. Tem tudo a ver com o quotidiano, com a vivência habitual. Se tu conseguisses transmitir um bocado disso que se vive quando há os festivais, ou isso, para uma coisa mais regular, já estávamos num bom caminho.

Mariana: Como é que achas que isso se conseguia? Não podia ser estar sempre a fazer concertos.

Não porque é preciso pessoas também para assistir a eles, não é que não haja mas é preciso muito mais. Porque nós por exemplo, para fazer programação, fazemo-la porque, ok nós também fazemos coisas que não são comercialmente viáveis e mesmo para Lisboa são coisas que dependem de apoios do governo e tudo mais porque é musica de alguma maneira de vanguarda e nós sabemos que não é comercialmente viável, mas nós somos tão pequenos que mesmo coisas com um bocado mais de potencial para serem autossustentáveis, se bem que muito pouca coisa é em termos de musica ou arte, não temos massa critica suficiente para isso, tens aquela coisa, se tiveres por exemplo, imagina por absurdo, 3 concertos que interessam ao mesmo grupo de 200 pessoas, vá lá, algum deles vai correr muito mal. Porque esse grupo de 200 pessoas nem sequer existe, são 70 se calhar, 50. Porque aqueles podiam fazer parte desse grupo, deixar de olhar para o Barreiro... dormem cá, é a tal cena, tem tudo a ver com esse gap de gerações que eu acho que é mesmo um grande problema. Não sei como é que se resolve, tem que se trazer pessoas dessa geração de fora, e depois as pessoas do Barreiro dessa idade também começam a olhar outra vez mais para dentro. Isso é sempre assim, quando as coisas são faladas lá fora, é a velha escala...o provincianismo existe sempre, porque quando uma coisa portuguesa é falada lá fora de repente olha-se para ela em Portugal. Quando uma coisa do Barreiro é falada em Lisboa, de repente olha-se para ela no Barreiro, vais reduzindo a escala mas é sempre o mesmo processo também. Agora, eu acho que era importante e acho que é exatamente pela questão cultural e meio underground ou alternativo que isto devia ganhar um *boost* importante, sim, completamente não tenho dúvidas disso.

Tiago: Então era voltar outra vez à raiz não?

É criar outra coisa, mas que dependesse um bocado desse tipo de movimento e de geração e desse tipo de pessoas também não é.

Tiago: Porque isso também foi a prova de que resultou.

Mariana: E eu acho que isso ia funcionar porque as pessoas de Lisboa vinham cá. Ver ou comprar uma coisa que não iam ter daquele lado.

Sim sim, ou mais não seja vou ali que aquilo é fixe e lá posso respirar meu...

Mariana: Sim que é o que mais pessoas dizem porque isto é urbano mas é rural ao mesmo tempo.

Sim não é denso, percebes... conseguem movimentar-te sem aquela sensação que sentes em Lisboa. Nós não precisávamos. Íamos a Lisboa para ir ao médico ou fazer qualquer coisa especialíssima, de resto não tínhamos grande necessidade.

Mariana: pois tinham tudo aqui.

Agora estamos nessa fase... isto não está de todo melhor do que tava. Isso do fórum também foi outro drama... O fórum conseguiu matar a Avenida Alfredo da Silva e a Rua Miguel Bombarda e depois suicidou-se, e agora não temos nem um nem outro.

Mariana: sim... está muito bem resumido. Mas como é que nós até um centro comercial conseguimos falhar? Como é que não conseguimos chamar a malta da cidade sol ou do vale da amoreira...esses continuam a ir ao Almada e ao Montijo.

Há coisas que só falham aqui...é preciso ser muito especial. Mas se calhar o problema foi mesmo terem feito uma coisa á escala do Barreiro, e de uma cidade mais pequena. O que por um lado faz sentido, por outro, o que eles não perceberam foi que tirando as pessoas do centro do Barreiro, isso nunca ia interessar a quem não era do Barreiro. Porque as pessoas querem ter a experiência do centro comercial. Vão ao montijo e vão ao Almada que são gigantes e já estão habituados a ir, a maior parte não ia mudar os hábitos só por ser aqui. Porque isto não é grande o suficiente para fazer concorrência, por outro lado é grande demais então para as

peessoas que de facto podem vir aqui...e pronto, alguém não pensou bem nas coisas.

Mariana: é isso e o facto de não dar para ficar lá, porque é frio e ventoso.

Quando abriu achei fantástico: hey pode-se fumar...Depois, ok, mas com isto vêm outras coisas.

Tiago: Aquilo tem um túnel de vento.

É brutal não é? é como outras coisas. Auditórios por exemplo. Nós temos uma geração de auditórios municipais da qual o AMAC faz parte em que tens metade que são funcionais e metade que não são funcionais. O AMAC não é funcional, é giro mas não é funcional. Parece que não foi desenhado para receber espetáculos, foi desenhado para sentar lá pessoas mas não necessariamente para ter boas condições acústicas etc etc. Tu ficas: *what the fuck?* isto foi feito de raiz meu..Mas isto não é só aqui porque a gente ouve histórias da malta de empresas de som e tudo mais que epá, há uns que tu vês: isto foi bem feito, e há metade que tu vês: isto não foi bem feito.. mas porquê então? Foram todos feitos na mesma altura...toda a gente sabia o mesmo já, o conhecimento que havia é: para um auditório faz-se assim, é necessário isto e aquilo, e toda a gente sabia o que é que era necessário fazer, e metade fez metade não fez... não se pensou bem nessas cenas

Mariana: porque é para ser estético ... o pavilhão atlântico também tem uma acústica péssima.

Mas pode provocar um efeito, tem um fator qualquer ...Esse tipo de exemplos, há muitos e o fórum acho que foi mais uma coisa que, não só a parte arquitetónica como a parte do dimensionamento, ou era para rebentar a escala e fazer do tamanho dos outros e aí ancoravam as pessoas, ou então se era para ser uma escala de centro de cidade, eles mediram mal o centro desta cidade. E depois há questões de poder de compra de falta de emprego aqui também

Mariana: eu acho que isso não foi o principal, porque vou aos centros comerciais e aquilo está cheio

Sim, sim, tirando aqui. Mas eu acho que eles não perceberam bem onde é que se estavam a meter, qual é que era a realidade socioeconómica e da concorrência... não sei não perceberam bem.

Mariana: é que podia ter sido a nossa escapatória, goste-se ou não de centros comerciais...

Sim, mas o que está a acontecer é uma cena absurda, é mesmo tipo a desgraça total meu. Tudo, tudo, foi tudo embora. E o que falta há de ir também, é mesmo incrível, não podia ter corrido pior.

Tiago: Mas ao mesmo tempo, a ADAO, tenta...

Mariana: Era isso que queria perguntar também, achas que aquilo tem capacidade para continuar?

Acho que a ADAO, neste momento, é tipo o melhor paradigma do tipo de coisas que se podem fazer no Barreiro e aquilo que a gente fala quando fala no Barreiro, venham para o Barreiro, ali é *bueda* fixe, temos isto e aquilo, aquilo é tipo *showcase*. E funciona, e as pessoas entendem isso quando vêm, e é um grande cartão de visita. Agora devia haver muito mais ADAO's, para começar, porque há muitas aí à espera para poderem ser utilizadas. Se não há pessoas suficientes no Barreiro para as fazer, venham de fora meu. Voltamos à mesma conversa, os espaços estão aí. Certamente que pessoal que viesse de fora ia ter propostas para transformar determinados espaços em sítios bons também. Eu acho que a ADAO vai aguentar-se agora, também é preciso perceber o enquadramento daquilo. Acho que não é muito lógico por exemplo, pensar na ADAO como uma sala de espetáculos permanente. Porque há ali circunstâncias e condicionantes que não permitem, tens vizinhos ali para começar. Agora, um espaço de criação que vai abrindo e onde se podem fazer coisas. Mas não pensar naquilo como aquele espaço que tá sempre aberto... não sei se isso é o ideal. Acho que há outros espaços aí onde se podia fazer isso.

Mariana: Sim eu acho que quase todos de cá falam com orgulho: pelo menos temos a ADAO.

É tipo: *this is what i'm talking about*, este tipo de coisas vá. tão a ver? eles fizeram, bora. Espetacular nesse aspeto.

Tiago: E nem teve um projeto formalizado não é? Foi só um grupo de artistas e pessoas que se juntaram e fizeram alguma coisa

Isto faz-se sempre com um bocado de navegação à vista. Ninguém avança para isto com um masterplan completo quer dizer...

Mariana: é isso que eu gosto na ADAO, é que aquilo está a ser feito e vai sendo feito

Porque isto não é urbanismo, nem estas pessoas são pessoas com responsabilidades políticas ou *whatever*, nem têm que o ser. Então tu fazes as coisas por *carolisse*, porque queres fazer, porque tens um *drive*, tens um impulso mesmo de fazer. Mas ok vamos, e vamos construindo né. É um bocado diferente de fazer obras sem pensar no que se vai fazer a seguir porque aí não pode ser por esse tipo de impulsos, foi aí que começou a nossa conversa. Mas de resto, quer dizer, o Outfest a mesma coisa. Aquilo começou porque nós gostávamos *bué* de música. Porque havia bandas *bué* interessantes, porque sempre quisemos ter uma editora porque sempre quisemos fazer um festival, e bora meu, somos putos vamos fazer uma cena. E a identidade foi-se criando com o passar dos anos.

Mariana: E sendo miúdos, como é que se foram aguentando a nível financeiro?

Não nos fomos aguentando. Nós temos um apoio da câmara que é para aí quase o mesmo desde o início, que hoje em dia é manifestamente pouco, e só começou a ser mais sério porque conseguimos começar a ganhar os concursos da DGA para fazer isso. Foi, um bocado impulso, sentes-te reconhecido e ao mesmo tempo tens condições para fazer alguma coisa, só aí é que deu que podia ser um bocado mais sério e podia ser uma construção, um projeto mesmo. Quase um projeto de vida de

alguma maneira, para nós, mas foi preciso isso, e isso é sempre uma coisa meio tilintantes, nunca sabes como é que vai ser mesmo assim. É sempre a precaridade absoluta, e tás naquela fase em que já querias tar a fazer muito mais do que fazes e a tua luta é sempre manter aquilo que já tens de alguma maneira. Há sempre períodos de *bué* desencorajamento no meio disto tudo. O entusiasmo convive sempre com alguma desilusão... Na nossa cabeça o Outfest já podia ser uma coisa muito maior, podia ser a mesma coisa mas com um impacto muito muito muito mais brutal. Facilmente, esse plano tá feito, na nossa cabeça e no papel, isso existe. Mas pronto, a tua luta neste caso nem é para fazer mais, é para fazer o mesmo, de alguma maneira.

Mariana: Até porque faltam pessoas, não é?

Eu acho que hoje em dia para o festival até já não. Já são 13 anos, já conseguiste ter assim um rácio de 50-50. 50% pessoas do Barreiro e 50% pessoas de fora. E acho que as pessoas daqui já começam a perceber o que é que é e o que não é... mas podia ter muito mais impacto no fundo. Depois há uma série de questões, não temos alojamento cá por exemplo. Nós usamos a única pensão que existe, para os artistas.

Mariana: aquela à entrada da CUF?

É uma em frente ao 31 de Janeiro. Vai-se fazendo um esforço. Nós tirando aqueles artistas ou que são mais velhos ou que pedem especificamente hotéis de 4 estrelas, ficam todos aqui. Os que têm esses pedidos mais específicos ficam em lisboa habitualmente. Mas não é só para a questão dos artistas é para poderes por exemplo, vender o festival como uma cena que vale a pena vir e dormir no barreiro durante 3 dias. Até lá fora em termos de fazer marketing para os países de fora. Nos temos sempre gente de França e Inglaterra já há muitos anos. Mas geralmente são pessoas que das duas uma, ou tão em Lisboa por alguma razão e sabem que há e vêm cá, ou se vierem de propósito, que há sempre quem venha, mas fica em Lisboa e aproveita. Ok, vou ao festival mas vou aproveitar e vou até Lisboa um bocadinho. Nós sempre quisemos ter a possibilidade de trazer, num ano 10, no outro 20 no outro 50, mas que

ficassem aqui, dormissem aqui, almoçassem e jantassem aqui porque isso é que dá aquele impacto.

Mariana: sim conheciam mesmo a cidade

Mas pronto...não temos budget para isso e a cidade não tá preparada para isso, também ao mesmo tempo tás a ver. Acho que apesar de tudo teve algum valor termos ido para lá porque permitiu que aquilo agora tivesse, voltou a mostrar um bocado o caminho que podia ter. Acho que no nosso caso não conseguimos executar a visão, se calhar o Vítor e a Ana estão a executa-la, e ainda bem, e bem, e aquilo também tava...até os penicheiros estavam mortos também e acho que nesse aspeto contribuímos para ressuscita-los. Não fomos nós que depois levámos aquilo ao que devia ser, mas agora já se conseguiu, fantástico, foi importante nesse aspeto também.

Mas é fixe haver malta da vossa geração, apesar de tudo, a preocupar-se com isto não é nada mau. Alguma coisa há de acontecer, alguma coisa vai ser possível fazer. Eu também cresci numa altura...Vocês cresceram numa altura diferente nesse aspeto, mesmo em termos globais, que era um bocado aquela ideia de que o progresso é infinito, o crescimento é infinito, a ideia do individuo é infinita, toda a gente vai ter uma vida melhor que os seus pais. Era quase aquela cena de otimismo social, mas a nível global, não tem nada a ver com Barreiro nem com Portugal. É como era, tás a ver? Fixe, acabou a guerra fria, acabou a união soviética, tá tudo bem agora é tudo paz e sem guerra, agora é que é. Pá e tranquilíssimo e nós crescemos um bocado naquele feeling de isto vai ser fácil e fixe, e depois de repente aos 20 e pouco começa a perceber: pera lá, *something's wrong*, isto não tá a acontecer. E agora já toda a gente percebe que: o quê? os filhos terem uma vida melhor que os pais? Muito dificilmente, ou não puro e simples...isso não era um assunto, havia assim uma questão de as coisas acontecem, fazes o teu percurso e as coisas acontecem, depois percebeste que não é assim. Vocês já não tiveram essa ilusão enquanto cresceram. Por um lado é fixe porque nós tínhamos muita expectativa de que as coisas iam acontecer, tu vias uma maquete para o Barreiro e ya isso vai acontecer, se não porque é que tão aqui a

mostrar a *merda* da maquete, se tá aqui a maquete é porque vai ser feito. A ponte? Vai acontecer meu claro que vai. Ainda nos enganaram duas vezes com a ponte. E deixamo-nos enganar duas vezes, porque a primeira era tipo a cena da expo, vinha bué dinheiro e não sei que, os planos foram aprovados e tal, e de repente: oi pera lá, pessoal se calhar não se vai fazer nada porque o mundo tá em crise.

Tiago: Ya e com essa da ponte houve montes de empresas de construção que começaram a comprar terrenos à maluca e depois ficaram apeados.

Mariana: Mas pelo que eu percebi na biblioteca o plano dos contentores vai mesmo para a frente

Tá mesmo naquela fase: “*you grab what you can*”. Tudo o que for a tal promessa de uma cena que vai revolucionar a cidade.

Mariana: mas achas que é bom vir? nem sabes...

Mariana é aquela cena, eu cresci a ouvir cenas, lembram-se de alguma vez ouvir falar da cidade do cinema? Alguma vez ouviram essa lenda? Essa foi das primeiras, a Quimiparque ia ser comprada, vastos terrenos iam ser comprados por uma cena de Hollywood, incluindo um estúdio subaquático e tudo para filmagens. Cidade do cinema, esse projeto teve aí meu, nos noventas e tais já. Isso era uma daquelas que eu gostava de pôr na exposição também. Isso chegou a aparecer aí nos jornais e tudo, e tu tavas sempre, mais cedo ou mais tarde há de acontecer aqui alguma coisa espetacular, ou é a ponte ou a cidade do cinema, ou é tudo... E agora quando aparece um terminal de contentores tu fazes: meh... mas ao mesmo tempo epá mas era fixe! Qualquer cena neste momento. E a posição da câmara também é esta, qualquer coisa que venha aí que arranje uns jobs para o pessoal e tal...

Mariana: Mas de cidade do cinema para o terminal de contentores...

Isto ilustra *bué* a mudança de expectativas que aconteceu ao longo destes anos, ilustra bem o que aconteceu. Primeiro eram cenas fixes, agora são só cenas. Cenas *versus* ausência de coisas.

Mariana: cenas que nem são assim tão fixes

ya economicamente talvez, mas é o que dizes...estamos todos à espera que aconteça uma espécie de núcleo tecnológico que pode vir sem o porto.

Mariana: A CUF tem montes de espaços para alugar não tem?

Tiago: é gigante

E mesmo assim vocês já não fazem ideia das coisas que já não existem, cenas que foram demolidas. Mais uma vez ainda apanhei...já apanhei uma fase brutal de decadência, como toda a minha geração porque aquilo no final dos anos 80 foi sempre a descer. Mas mesmo lá dentro em termos de áreas e massa edificada lá, ainda me lembro de ver os comboios a passarem lá com *bueda* frequência.

Mariana: Sim lembro-me de ficar muito tempo à espera na entrada

E esta zona toda aqui onde estão a fazer a obra no largo das obras, não só tinha os correios a funcionar, como a seguir ao portão de entrada, no lado direito, tudo o que tá para trás do fórum, aquela zona ali, aquilo tava cheio, tinha fornos de cobre, estruturas gigantes e agora já só sobram 3 ou 4 edifícios, o resto tá terraplanado. Mas era gigante mesmo, e era só mesmo esta parte aqui da entrada tás a ver. E agora é aquela cena do posto médico que vai abaixo e o pessoal tá a fazer abaixo-assinado... aquilo tá uma ruína, eu percebo...também gostava que o posto médico voltasse ou se mantivesse, mas eles têm que escolher o que é possível em algum sitio ou não fazer nada.

Entrevista a José Encarnação (Antigo Maquinista do Barreiro)

A situação do caminho-de-ferro do barreiro teve a ver com a situação do desvio da linha que deu início em 2004 quando foi o euro, em que o arranjo da [ponte] 25 de Abril para a passagem do comboio, veio retirar a importância do Barreiro ferroviário. Em 2004 os comboios que passaram a circular de Lisboa diretamente para o Algarve e Alentejo, o papel que até 2004 que o Barreiro vinha fazendo da ligação norte-sul, termina com o funcionamento da ponte 25 de Abril. Tirando a importância a essa ligação sobretudo dos comboios intercity e regionais, o Barreiro foi aos poucos ficando só com os comboios suburbanos, portanto, o desaparecimento do depósito de máquinas, a transferência dos trabalhadores para Lisboa e a transferência do depósito de mercadorias que até então também funcionava no Barreiro e passou a trabalhar no Poceirão, portanto só aí metade dos trabalhadores e passageiros foram transferidos. Podemos dizer então que foi em 2004 a morte do Barreiro ferroviário. Ficaram então só os comboios suburbanos, que em termos de infraestruturas de linhas, oficinas, necessárias para o apoio desses comboios é uma coisa muito reduzida, só para vocês terem uma ideia, hoje, os comboios da linha do sado são reparados, nem a manutenção é feita no Barreiro. Depois, houve ainda uma tentativa antes de 2006, entre 2006 e 2008, para reduzir os comboios suburbanos, no princípio como era para ir até ao pinhal novo, mas houve uma luta das comissões de utentes, dos trabalhadores, e conseguiu-se que o comboio continuasse a ir até as praias do sado, e aí não só o comboio continua, mas houve uma eletrificação da construção das novas estações, e nessa construção foi aí que por decisão da REFER, contra algumas câmaras e posição de muita gente, aliás nem quiseram ouvir o que muita gente tinha para dizer, tomaram então a decisão de construir a nova estação, que fica a cerca de 100 metros da antiga ferroviária e que fez com que esta ficasse desativada. No dia em que terminou o último comboio, a 12 de Dezembro de 2008, no dia a seguir os trabalhadores da REFER estavam a tirar o carril, ou seja havia o objetivo de que os comboios não voltassem aquela estação. Por isso tiraram qualquer possibilidade de esta estação voltar a desenvolver a função para o qual foi construída, é um terminal

que tinha duas funções; ser porto dos barcos para Lisboa e era terminal ferroviário, portanto ficou sem estas duas funções, na altura eu fazia parte do movimento das questões do património e fizemos ver uma série de pessoas da autarquia e ainda tivemos reuniões inclusive com a REFER no sentido de que este património que está abandonado pudesse ter uma utilidade que não é aquela que tem hoje.

A estação, a nossa posição na altura é que ela continuasse a funcionar porque a estação nova não tem as mesmas condições do que tinha a antiga, nomeadamente as pessoas apanham chuva e vento etc... Enquanto que a estação antiga podia ser restaurada, podia ser construída a acantonaria para circularem os comboios elétricos e podia desempenhar a sua função, aliás que a nível Europeu em muitas cidades preservou-se as antigas estações nos centros das cidades e elas continuam a desempenhar o seu papel. Algumas foram transformadas noutras valências mas muitas continuam a desempenhar o seu papel continuando a ser estações ferroviárias. Aqui os responsáveis pela REFER na altura assim o entenderam e decidiram construir a nova estação, gastando dinheiro e a única coisa que tem é a proximidade com o novo terminal dos barcos, mas até aí, os barcos em vez de encostarem no último pontão podiam encostar no pontão mais perto da estação, havia outras soluções por exemplo a construção de um passadiço, uma passadeira rolante, se houvesse o problema de distância.

Não faz sentido nenhum, não fez na altura e não faz, que aquela estação deixasse de ter a utilidade que tinha. Neste momento as coisas estão-se a complicar bastante, porque até agora têm funcionado os serviços da linha do sado, portanto as salas dos trabalhadores, os chefes que dão apoio à linha do sado funcionavam na antiga estação e isso neste momento estamos numa fase de transição e vamos sair de lá. Por isso a estação vai ficar completamente ao abandono. E isso, quando um edifício não tem qualquer tipo de uso, nós sabemos em Portugal o que acontece, aliás já houve tentativas recentes de roubos, começaram por roubar os puxadores das portas que eram bastante antigos, já roubaram algumas portas e já tentaram roubar os fios elétricos. Portanto se não forem tomadas medidas urgentes vai ser complicado. Esta é a atual situação da antiga estação. O

engenheiro Miguel Pais neste momento deve estar a dar algumas voltas no que resta do túmulo porque de facto uma estação lindíssima construída em tempo record e com um orçamento muito pequeno, este senhor é de facto visionário, conseguiu construir uma boa estação que serviu desde 1884, fez 125 anos em 2014.

Esta estação seja agora abandonada, mas já que não possa ter o fim para o qual foi construída podia haver soluções para transformar este património numa solução que possa ter uma utilidade para as pessoas que moram no barreiro e não só. Que podia passar por vários projetos, projetos esses que tivessem em conta este edifícios. O movimento de que eu faço parte, solicitou à direção geral da cultura a classificação deste património, já em 2012 salvo erro. Apresentamos quatro requerimentos para a classificação de quatro edifícios, sendo um deles a estação, e os outros as oficinas o bairro e a rotunda, neste momento estamos a aguardar notícias e informação para que este património seja classificado. Sabemos que não é do agrado de toda a gente nomeadamente em termos de autarquia local não há a mesma perspetiva da classificação deste património, mas nós continuamos a insistir que este património faz parte da identidade do Barreiro, aquilo que o Barreiro é hoje, deve-o sobretudo ao caminho-de-ferro. Foi ele que trouxe o desenvolvimento industrial, trouxe primeiro a cortiça, chegou a ser o maior centro industrial de cortiça do país, com o deslocamento de fábricas doutros sítios para aqui, depois da cortiça veio a CUF, veio o Alfredo da Silva que instalou aqui as grandes fábricas químicas, de adubos e produtos químicos que fizeram do Barreiro aquilo que é hoje e foi o comboio que trouxe esse desenvolvimento. Além desse desenvolvimento o comboio trouxe outra coisa muito importante que foi o conhecimento, ou seja o Barreiro passou de uma terra que eram sobretudo pescadores, salineiro com as salinas de sal, pesca e agricultura, e passou a ser uma terra com conhecimentos a níveis matemáticos, de arquitetura, porque digamos com a existência de oficinas, vieram engenheiros que vieram trazer o conhecimento do comboio que foi transmitido a pessoas que ficaram cá e viveram e se desenvolveram por cá. Porque para a instalação do carril e da

linha eram necessários conhecimentos, era necessário saber ignições, geologia, esse conhecimento foi o caminho de ferro que trouxe.

E o que imagina que a estação pode ser agora?

Nós achávamos que aquela estação devia ter uma função, integrada num complexo a que nós chamamos o complexo ferroviário do barreiro que deve ser composto com vários componentes que tem a ver com o património: o bairro ferroviário, a estação, a rotunda... É um conjunto e neste conjunto deve ser valorizado inclusive as linhas, portanto aquela estação no nosso entender, tendo em conta que fica junto ao rio, o seu funcionamento durante 120 anos foi o barco e o comboio, nós achamos que ela deve ter essa componente, deve ser a porta de entrada para o visitante que vem ao Barreiro. Que vem ao Barreiro conhecer o património cultural, ligado à arquitetura industrial, este património que não é só o património ferroviário, é o património químico, moageiro, da indústria e existe outro património dos descobrimentos, os fornos da mata da machada etc. Achamos que ali deve ser a porta de entrada que deve ter varias componentes, essas que devem estar ligadas ao turismo, à hotelaria e uma parte museológica que seja como uma introdução da história do Barreiro e achamos que poderia ter coisas ligadas ao rio tejo e aos transportes de passageiros e de carga quer efetuados pelo rio. Pode ter essa componente e a componente ferroviária, mas sendo sempre a porta de entrada, pode ter alojamento, pode ter hotelaria e pode ter um posto de turismo, tudo o que tenha a ver no sentido em que o visitante que vem ao barreiro possa ser recebido e encaminhado para visitar o resto do Barreiro. A estrutura onde entravam os comboios deve ser reparada e deve ser uma zona polivalente, aquilo tem condições para espetáculos, feiras e etc. Infelizmente as coisas não estão nos interesses económicos. Porque há interesses por parte das infraestruturas de Portugal, pela parte da câmara municipal do Barreiro, e que infelizmente não estão a ir por esta perspetiva de património cultural mas sim por outros interesses económicos aos quais nos opomos.

Como por exemplo?

Por exemplo, aquilo já esteve para lá para ser uma escola, para ser o edifício de uma empresa de telecomunicações, já teve várias hipóteses de ser utilizado, não nunca numa perspetiva cultural, sempre numa perspetiva capitalista.

Mas imagine que misturava a escola com a vertente cultural?

Não porque o espaço era alugado para ser uma escola, e a escola em si não teria a função cultural porque o espaço era alugado para ser escola. E isso nós não concordamos, achamos que aquilo tem condições. Em termos de desenvolvimento local, tem um papel funcional de entrada. Por exemplo o pontão em frente, podem encostar barcos e poderiam ser usados para barcos turísticos, que podiam trazer clientes de Lisboa. Podemos captar turistas e eles vinham num barco e encostavam naquele pontão e eram encaminhados para visitar o Barreiro. Ali funcionava a porta de entrada para quem nos visitasse.

Mas diz que a câmara se opõe a essa vertente cultural. Por que é que a vertente cultural não pode dar lucro?

Porque não dá. Porque não está desenvolvida, nós achamos que pode dar, que o turismo e as questões culturais podem dar lucro, mas para isso têm que ser desenvolvidas, mas como preferem entregar a estação para outra atividade que não tenha a ver com esta vertente...

Até que ponto é que a câmara tem alguma palavra a dizer? Não é só a REFER e a CP?

A câmara neste momento gere o concelho. Embora a IP tenha a liberdade de fazer nos seus terrenos o que quiser, existe uma coisa que se chama domínio público ferroviário. Aqueles terrenos fazem parte desse domínio, e, só podem ser desanexados deste domínio. O domínio público ferroviário significa que é do estado, então aqueles terrenos são de todos. Não são da IP, a IP é a empresa que gere este património, mas o terreno não é da IP ela é apenas a concessionária do território e das infraestruturas. As infraestruturas e os terrenos são do estado. E os

terrenos do Barreiro fazem parte do domínio público ferroviário. Por isso o seu uso só pode ser ferroviário. Quando deixam de ter este uso são desanexados do domínio público ferroviário e passam a ser do domínio público privado. E aí têm que ir ao conselho de ministros e tem que se justificar porquê, portanto não é assim num estalar de dedos que se muda do domínio público ferroviário para o domínio público privado, e tendo em conta essa situação. A IP tem que ter a vertente da câmara, porque a câmara é que representa os municípios. Supondo que a IP quer transformar aquilo numa urbanização, a câmara têm que autorizar a urbanização.

A estação ao lado foi autorizada pela câmara?

Não, não foi autorizada. Mas aí continua no domínio público ferroviário, o uso é o ferroviário. Ou seja, em Portugal, a IP, antiga REFER hoje IP. É a única entidade que no território em que é concessionária pode fazer aquilo que lhe apetece sem pedir autorização a ninguém, dentro do domínio ferroviário. Ou seja, não pode agarrar num terreno ou edifício, por exemplo, o antigo terminal de mercadorias, no Barreiro A está desocupado, sem utilidade. Aquele território pertence à IP, a IP agora lembrava-se e fazia ali uma urbanização, não pode. Não tem a ver com a ferrovia, aí o terreno tem que passar para o domínio público privado e a câmara autoriza ou não a urbanização. A questão fundamental é que os terrenos são públicos, se deixaram de ter a função para o qual foram expropriados, e foram expropriados para a atividade ferroviária, para o interesse comum do país. Se deixarem de ter aquele fim não podem de um momento para o outro ter outro fim sem que ninguém autorize. Aí a câmara entra. O que existe hoje é que há interesses em que estes terrenos passem para o domínio público privado e que possam gerar mais-valias não no sentido cultural mas no sentido de criarem urbanizações.

E se se conseguir proteger como património ferroviário?

Se nós conseguirmos que este património seja classificado, a situação torna-se completamente diferente, estes edifícios não podem ser destruídos e terão que ser acompanhados e terão que se manter.

O sistema dos funcionamento dos comboios era manual, saía do Barreiro só quando o chefe da estação do Lavradio autorizava (...) Ou seja, é o avanço do comboio, e os avanços eram dados de estação a estação, para o comboio poder andar de uma estação para a outra que ter um avanço da autorização do chefe. Por exemplo podia existir aqui uma razão qualquer que o proibisse de passar. Ao contrário de hoje que está um senhor lá no braço de prata com um rádio a abrir os sinais, e eu, que sou maquinista quando tenho algum problema tenho um rádio e digo olhe passa-se isto tá o sinal fechado etc., e ele autoriza-me ou não a passar o sinal. Antigamente não. E havia cruzamentos, neste caso era via dupla mas se fosse via única o agulheiro vai a uma ponta depois tinha que ir a outra ponta faz os caminhos, demorava algum tempo. Hoje as coisas estão já todas informatizadas e há um programa que gere, não precisa de estar lá o controlador, o programa pode estar no automático ou no manual, a partir do momento em que o sinal abre os sinais vão abrir e fechando automaticamente. Só falta o comboio ir sozinha, e qualquer dia não demora muito.

Mas estava a dizer, ficam vocês convidados a vir ouvir a senhora arquiteta que está a dar o curso, e que é especialista em azulejos ferroviários e estações, vocês devem ter interesse (...)

Na hierarquia das vilas e das aldeias, o chefe da estação era o nº 2 ou nº 3, já há muitos anos, e era o senhor chefe da estação, para terem a noção da importância que tinha.

Penso a ideia de tornar a estação no complexo ferroviário do Barreiro é a coisa mais correta a fazer...

José: sim nós já tivemos três colóquios aqui, com várias pessoas a participar inclusive autarcas e temos dado os nossos contributos. Da última vez em que tentamos fazer esta classificação do património móvel, houve contactos de uma associação de Lisboa que se chama APAC- associação... e houve interesse da parte deles, porque o interesse dele tem a ver com o património das locomotivas, e surgiu uma ideia que estamos

a trabalhar no sentido de por esse projeto em pé, que consiste exatamente na transformação do complexo ferroviário do Barreiro numa área que possa ser utilizada para património e cultura e possa ter vários usos nesta componente do património. Estamos a tentar que pelo menos uma parte da oficina que está desocupada, que é a antiga manutenção que neste momento não está a ser utilizada e que possa já fazer parte de uma espécie de catedral dos comboios/catedral do *diesel*, e estamos a contactar as autarquias, o museu nacional, eles já contactaram com a CP e IP, no sentido de que se possa fazer alguma coisa.

Mas para isso já têm ideia, ou já há projeto?

Já temos projeto

Quem fez o projeto?

Foi feito pela APAC e com a contribuição das várias associações, e é um projeto que não é definitivo.

Pois era essa ideia de que nós poderíamos desenvolver a nossa tese já com este conceito de complexo industrial

Sim, posso-vos ceder essa documentação, desde que devidamente assinaladas como projeto das associações. Mas a coisa não está nada fácil...

sim mas deve passar primeiro pela classificação para que faça com que os prédios não cheguem ao seu ponto crítico, como a estação já está a chegar

sim temos trabalhado nesse sentido, mas precisamos de gente nova e eu queria-vos propor que vocês fizessem parte disto também, estão convidados e teríamos todo o gosto

Como é que a associação funciona? Reúnem-se todos os meses e onde?

Reunimos aqui, e sim todos os meses, não somos muitos sócios, a associação esteve parada uma série de anos e agora agarrei nisto outra vez,

e sou novamente o presidente e tenho andado a dinamizar as coisas a ver se conseguimos que isto vá para a frente e um dos problemas é de facto a falta de pessoas que tenham interesse nestas áreas. Porque a questão não passa só pelo património ferroviário mas sim pelo património moageiro, património industrial químico, é tudo, agora estamos mais preocupados com a questão do ferroviário porque está a haver um problema e foi necessário tomar uma atitude.

Sim pelo ponto crítico a que está a chegar a estação

José: Nós propusemos este ano uma iniciativa que tem a ver com as jornadas do património. Houve uma visita Às oficinas, um passeio que começou sexta-feira de barco em que fizemos as rotas dos moinhos, fizemos uma visita as oficinas, um colóquio no qual esteve o presidente da câmara, a presidente do museu nacional ferroviário, estiveram algumas pessoas importantes que se pode influenciar de certa forma e chamar a atenção para este problema e que se consiga ter a câmara na mão uma vez que é fundamental para esta questão. E estamos a propor que se consiga pelo menos que parte das oficinas sejam visitáveis, e possam albergar associações e ter atividades, seria o ponto de partida. Isto tem a ver com uma ideia que surgiu em França que é um depósito, uma coisa parecida ao Barreiro, o depósito de locomotivas de Paris, depois entretanto também foi desativado e eles fizeram lá um projeto em que agarraram nas antigas instalações, têm lá uma série de locomotivas, uma zona de hotelaria, cafés esplanadas, uma zona onde fazem atividades, cinema etc. E o que nós queríamos para já era fazer uma coisa do género, ou seja, não vamos fazer grandes investimentos.

O investimento é logo dos primeiros problemas, e nós queremos fazer uma coisa que não exige muito dinheiro, sobretudo vontade. Será necessário algumas reparações mínimas. Mas nós queremos começar a utilizar aquele espaço e que aquele espaço seja o pontapé de saída. E temos o caso de referência. É uma espécie de museu sem ser museu, não está tudo arranjadinho, está sujo, porque está como estava. Obviamente que limparam mas mantiveram o ambiente antigo. Se vocês forem ao museu nacional aquilo está tudo certinho e direitinho. O que queremos

não, era oficina e queremos que fique como era, queríamos manter o máximo possível, obviamente com limpeza.

Lancei o ano passado por causa das jornadas, a escada para este ano que era fazer as jornadas lá na estação. E tinha que se fazer ali duas coisas, arranjar o telhado e de uma forma provisória, que foi a mais económica que arranjei, encher aquele espaço onde circulava o comboio de areia e pôr um chão tipo calçada, uns blocos. Não leva cimento e é reversível, se fosse necessário montava-se novamente a linha ali e aquilo facilmente se retira.

Formulário do Questionário

Sexo: _____ Idade: ____ Habilitações Literárias:
_____ Profissão: _____

1.

1.1. Reside na Freguesia do Barreiro? Sim ___ Não ___

1.2. Há quanto tempo? _____ 1.2.1. Freguesia Anterior? _____

1.3. Gosta de viver no Barreiro? Sim ___ Não ___ 1.3.1. Porquê? _____

1.4. Trabalha ou estuda no Barreiro? Sim ___ Não ___ 1.5. O que o atrai no Barreiro? _____

1.6. A sua zona de residência tem novos residentes? Sim ___ Não ___

1.7. Quais os locais de convivência com os seus vizinhos? _____

1.8. Considera o seu bairro seguro? Sim ___ Não ___ 1.8.1. Porquê? _____

1.9. Gostaria de ter mais jovens na Freguesia do Barreiro? Sim ___ Não ___

1.9.1. Porquê? _____

2.

2.1. Quais os equipamentos públicos que frequenta na Freguesia? _____

2.2. Frequenta espaços verdes? Sim ___ Não ___
Quais? _____

2.3. Sente falta de espaços de estadia (praças, largos)? Sim ___ Não ___

2.4. Os acessos são fáceis? Sim ___ Não ___

2.5. Há algum tipo de atividade/comércio em falta? Sim ___ Não ___

2.5.1. Qual? _____

2.6.Sente que falta algum tipo de serviço? Sim__ Não__

2.6.1.Qual?_____

—

2.7.Quais os meios de transportes que utiliza?_____

2.8.Acha necessário mais transportes? Sim__ Não__

Quais?_____

2.9.O acesso aos transportes públicos é fácil ___ ou difícil ___ |

2.10.Considera a circulação automóvel fácil ___ ou difícil _____

2.11.Estacionamento automóvel: Suficiente__ Em falta__ Demasiado__

2.12.Considera a circulação pedonal fácil___ ou difícil _____ |

2.13.Considera a circulação de bicicleta fácil___ ou difícil _____

2.14.Os passeios estão em boas condições? Sim__ Não__

3.

3.1.Conhece a antiga estação ferro-fluvial do Barreiro? Sim__ Não__

3.2.Conhece alguém que tenha lá trabalhado? Sim__ Não__

3.3.Considera a estação em condições: Boas__ Aceitáveis __ Más__

3.4.Tem curiosidade em visitar: Sim__ Não__ 3.4.1.Quanto pagaria?_____

3.5.Qual a importância da estação para si? 1___ 2___ 3___ 4___
5___ 6___ 7___ 8___ 9___ 10___

3.6.Qual a sua memória mais antiga da estação?_____

3.7.O que gostaria de ver na estação? (selecione até 3 opções)

Hotel/Hostel___ Café/Restaurante___ Livraria___
Arquivo/Biblioteca___ Habitação___ Museu___ Discoteca___
Eventos Musicais___ Núcleo Associativo___ Cais Fluvial(rotas
turísticas)___ Mercado___ Ateliers___

Outros _____
